

Uma comédia romântica de

A. E. G A B R I E L

Gael

A REDENÇÃO DO MONSTRO

SÉRIE REDENÇÃO | LIVRO I



Gael
A REDENÇÃO DO
MONSTRO
SÉRIE REDENÇÃO

LIVRO 1

A.E. GABRIEL

Copyright © 2020 A.E. Gabriel

Capa: A. E. Gabriel

Diagramação: A. E. Gabriel

Revisão: Ádila Ferraz

1º Edição

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

GAEL

A REDENÇÃO DO MONSTRO

Livro 1 – Série Redenção

Edição digital | criado no Brasil

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação de direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

NOTA

Os eventos que envolvem essa trama são relacionados à primavera árabe, evento ocorrido em 2011 e a menção da guerra civil na Síria e na Líbia são fatos verídicos, porém os fatos que envolvem Inglaterra são totalmente produto da imaginação do autor. Se houver alguma semelhança com a realidade dos conflitos é mera coincidência.

Primeiro livro da série Redenção, alguns conflitos gerados entre personagens, vão ser resolvidos nos próximos livros da série.

AGRADECIMENTOS

À Amélia, minha mãe, àquela que me incentiva, está sempre comigo e acredita no meu dom de fazer as pessoas rirem. A ela que um dia me disse: “Seu futuro está aí menina, na escrita”.

À Ádila Ferraz que acreditou no meu talento e me incentivou a continuar em frente, sem medo de ser quem eu sou, obrigada Adi.

Dedico a todas as minhas peludinhas e aos meus peludinhos do Wattpad que torceram e enlouqueceram por esse casal desde o início, embarcando comigo nessa aventura que foi dar vida ao mais amado monstrinho peludinho do Wattpad, Gael.

Entrego-lhes hoje meu maior sucesso até hoje que conquistou milhares de leitores no Wattpad e hoje acumula quase dois milhões de leituras on-line no Wattpad.

Embarquem comigo nessa comédia romântica com uma pitadinha de hot e muito, muito amor.

Dri

SUMÁRIO

NOTA

AGRADECIMENTOS

ERA UMA VEZ ...

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34

CAPÍTULO 35

CAPÍTULO 36

CAPÍTULO 37

CAPÍTULO 38

CAPÍTULO 39

CAPÍTULO 40

CAPÍTULO 41

CAPÍTULO 42

CAPÍTULO 43

CAPÍTULO 44

CAPÍTULO 45

EPÍLOGO

BÔNUS ESPECIAL

Há uma grande lição na “Bela e a Fera”: tem coisas que precisam ser amadas antes de ser amáveis.

G. K. Chesterton.

ERA UMA VEZ ...

*"Agora, não sou muito um poeta
Mas sei que alguém me disse uma vez
Para aproveitar o momento e não o desperdiçar
Porque você nunca sabe que tudo pode acabar amanhã
Por isso continuo invocando"*

The Monster (Rihanna feat. Eminem)

Era uma vez num reino distante e... Blá blá blá.

“Às vezes os contos de fadas nos trazem uma bela inspiração ou não”.

Em um reino muito distante e todo aquele blá blá blá, vivia um homem chamado Gabriel, Gael.

São 38 anos de pura solidão, um homem marcado pela vida. Herói e veterano de guerra, um homem que parou no tempo e que mesmo após anos se sente bem com sua solidão. Um homem duro, arrogante e frio por fora, mas lá dentro há um coração falho, mas há.

E nesse reino distante, caiu lá uma donzela. Caiu não, porque veja bem, ela foi de ônibus.

Então... Enfim, uma donzela? Não! Um anjo loiro de olhos claros, com curvas que atentam o próprio diabo, bem! Essa é Annie.

Uma mulher que carrega nas costas o peso do mundo e o azar também, sem expectativas de vida e as únicas que tem, é fadada ao fracasso. E agora? Digamos que sua única saída é covil do monstro.

Uma mãe solteira e dedicada se vê sem saída e obrigada a esfregar a escadaria com uma escovinha de dentes. Ah! A maldita escovinha!

Claro, tudo isso por Holly.

Ah, a pequena Holly, um pequeno anjinho preste a completar três aninhos, muito bem vividos ao lado dos fracassos da mãe. Um serzinho brilhante...

Claro que como todo anjinho ela conquista o monstro, que no dado momento quer devorar sua mãe!

Pois bem, guardem bem o lema dessa família de dois.

“Hakuna Matata”.

Não preciso dizer mais nada ou preciso? Geralmente Annie não se esquece dos seus problemas, que no momento estão até a raiz do seu cabelo. Na verdade, ela tenta resolvê-los leram o "tenta"? Pois é, só tenta mesmo. E é numa dessas tentativas que ela descobre o anúncio no jornal local.

Posto pelo mocinho, aquele cara bonzinho que deveria ficar com a mocinha sabe? Mas que nesse romance nem tão romântico é o irmão do monstrinho.

Lembra-se que eu disse que ele era o mocinho? Pois é, um mocinho um tanto puto, com irmão que no último mês afugentou treze, sim, treze empregadas!

Sim, as afugentou, pois, a última saiu de uniforme e deixou tudo para trás, inclusive a dignidade. Esse mocinho por hora puto está cansado de ver o irmão se afundar em um mar de solidão. Já que seus pais nem se quer tentam mais, depois de muitas tentativas os Mitchell decidiram abrir mão do filho primogênito. Já que ele abriu mão deles ou não...

Eles têm um pé em Londres e outro em Hereford...

E esse pé é o antigo casal que ajudou a criar aos irmãos Mitchell, eles sabem de tudo que o jovem veterano passou ao ser rejeitado pela noiva, aquela bruxa sabe?

Aquela que dá arrepios só de ouvir o nome, mulher essa que volta ao saber que o feliz para sempre do nosso monstrinho está chegando, mesmo ele não tendo virado um príncipe.

Mas sabem o monstro? Ele tem medos, medos esse que o faram ver coisas! Não, ele não é esquizofrênico!

Bom, sabe a bruxa? Ela faz feitiços, feitiços esse que vão confundir o coração do nosso monstro. Sabe?

Nossa mocinha, depois de ver a beleza do monstro agora tem expectativas, bom lembram que eu falei do azar e das expectativas fadadas ao fracasso? Pois é... Nosso monstro agora tem que mostrar que o amor que ela sente por ele e que ela jurou que irá esquecer, não vai sumir assim.

O monstro a quer de volta, quer ouvir sua pequena pulguinha o chamar de papai "Gaeu" só que dessa vez sem se esconder do mundo.

Mas antes ele precisa encontrá-las, o plano inicial era:

Espantar e Ah... A Solidão.

Porém a sempre há o plano B.

Caçar, achar e comer. Afinal o monstro está com fome.

Mas quem sabe o monstro não vira um... Príncipe?

Não, isso nunca vai acontecer. Não nessa história!

Talvez um monstro domesticável? Só talvez!

PRÓLOGO

*“Eu não sabia pelo que você
Estava passando
Eu pensei que você estava bem
Por que você escondeu?
Eu não queria te desapontar
Mas a verdade veio à tona
Está me destruindo
Não ouvir meu coração”*

**Space Between
Dove Cameron feat. Sofia Carson
Descendentes**

ANNIE

"Era uma vez uma moça que morava em um vilarejo distante...

— Não, mamãe... uma “*plincesa*”... — Os olhinhos azuis de Holly estavam quase se fechando, ri baixinho.

— Certo... Uma princesa.

... Uma princesa que morava em um vilarejo distante... Essa princesa foi morar em um castelo. Castelo esse que era habitado por um enorme monstro.

— Papai “*Gaeu*” não é monstro mamãe... — Revirei os olhos.

Um enorme monstro que fazia a princesa esfregar e esfregar.

Limpar e limpar.

Esse monstro era grande, forte e musculoso, mas era triste.

Mas lá dentro, bem no fundo.

No fundinho, na beiradinha do precipício, esse monstro tinha um coração.

E... Ela dormiu.

Desde que nos mudamos para New York, ela me faz contar essa história e nunca houve um final, está legal?

Eu agradeço afinal o que eu posso dizer? Que Mitchell foi um desgraçado e me usou. Na pior das hipóteses sim, está legal, não vou dizer isso a minha boneca.

Dizer que ele me usou e depois soltou os cachorros em cima de mim no dia seguinte?

Eu não sou tão tapada a esse ponto.

Nesses últimos seis meses minha vida se baseada em levar minha filha à escola, escola essa que não se compara a antiga que o bastardo pagava, afinal eu moro em um bairro de classe média. O Brooklyn é um lugar pacato, eles não me expulsarão do bairro afinal quem expulsaria uma grávida mãe de uma menininha de quatros anos?

Eu não me orgulho de ter sido ludibriada pela segunda vez e o pai da criança que carrego ser um bastardo, mas eu amo essa melancia em meu estomago.

Meu pequeno homenzinho.

Essa não é a melhor forma de dizer que estou grávida, mas fazer o que? Já está feito.

Minha pequena casinha é um daquelas do Brooklyn que tem vários apartamentos em um pequeno prédio, uma vizinha rabugenta que por sinal adora cuidar da minha vida.

Melhor do que minha antiga quitinete, afinal os salários acumulados com aquele bastardo serviram de algo. Um ano e meio apenas comprando coisas apenas para minha bebê serviram de algo, afinal Holly e agora o neném sempre serão minhas prioridades.

Se eu ainda amo aquele bastardo? Amo! Amo um idiota, porém eu cansei de ter minhas tripas tiradas para fora por aquele tirano.

Passei a mão em minha barriga e me levantei da pequena cama de Holly, sai do quarto e fui em direção à sala. Não era grande coisa mais era meu. Alugado, mas meu. As paredes pintadas de branco,

Sofá pequeno cor de abóbora, e a pequena televisão no centro. Simples e charmoso.

Liguei a televisão, dando de cara com “*Quatro vidas de um cachorro*”. Minha barriga já estava enorme e linda, diga-se de passagem.

Concentrei-me no filme sentindo meus olhos se encherem de lágrimas.

O meu Deus! *Ellie levou um tiro*.

Hormônios culpem os hormônios.

Me levantei indo para a cozinha pegando um saco de pipoca e colocando no micro-ondas. Meu emprego no pequeno mercado garantia meus petiscos.

Hormônios.

Voltei para a sala. Quando me sentei à companhia tocou.

— NÃO DONA MARGARET EU NÃO TENHO AÇÚCAR. —
Gritei, eu estava perdendo a paciência com essa santa senhora que acha que tem um homem enfurnado em casa. A campainha voltou a tocar. — ISSO, ARREBENTA ESSA MERDA. — Me levantei, com dificuldades, indo até a porta. Abri disposta a jogar essa santa senhora da janela do corredor. — Não, Dona Margaret, não tem homem nem açúcar... Você?

Tentei fechar a porta, mas o enorme pé me impediu.

— Você está grávida? — Revirei os olhos vendo ele entrar em meu apartamento.

— Engoli uma melancia. — Tentei me afastar, mas ele me impediu.

— Fale direito comigo... Ou... — A voz rouca me fez estremecer.
Hormônios.

— Ou o que? Vai me fazer esfregar seu banheiro com escova de dentes? Vai me fazer limpar sua prataria com esponjas de aço? Vai me fazer provar sua comida para ver se eu não coloquei veneno? Ah... Vá à merda.

Livre! Sabe aquela sensação de liberdade? Pois é, esse bastardo me proporcionou isso agora, antes eu poderia ser despejada. Agora, ah meu bem.

— Fale direito comigo merda eu sou...

— Nada? Ah pelo amor de Deus vá ser um bastardo desgraçado com quem te atura. — Me soltei do seu aperto. E apontei para a porta. — Dá o fora.

— Meu bebê, você carrega o meu bebê, eu... Nós podemos... — Ele parecia confuso.

— Nós nada, só dá o fora daqui senhor Mitchell.

— Quero que me chame de Gael, Annie.

— Quer merda nenhuma, dá o fora antes que eu chame a polícia seu imbecil. E pare de me olhar assim, você é só a merda do meu ex-chefe que seu respirasse me ameaçava pôr na rua. Eu não estou em Hereford, não estou no preciso castelo, então dá o fora e volta para o seu calabouço.

— Você disse que me amava! — Pareceu exasperado, dando indícios do verdadeiro Mitchell, o bastardo que me fez esfregar o vaso sanitário com escova de dentes.

— Disse. Pois é eu disse. Grande erro. Você e esse maldito ego que por um ano e meio me trataram feito inseto. Sim, eu sei que você pediu a Seely para me dar as sobras que eram para os cachorros.

— Mas ela não deu. — Disse como se isso justificasse.

— Oh, grande senhor Mitchell, nós só fodemos então pare de dizer que se importa, se você não o faz. — Me irritei, tá legal já me irritei quando abri a porta.

Mas está legal.

— Chega, pare de me tratar...

— Feito a grande merda que você é? — Ironizei vendo ele fechar os olhos, sua cicatriz pulsou, ótimo.

— Cuidado com essa maldita boca suja.

— Minha casa, minha boca suja e minha vida. Já tive minha cota de homens fodidos para oitenta reencarnações, então dá o fora!

— Eu...

— Papai “*Gaeu*”? — Ouvi uma vozinha no corredor e me virei.

— Princesa? — Ela veio coçando os olhos, fui impedir e o animal do Mitchell rosnou.

— Por que o senhor demorou... — Me senti fodida, literalmente.

— Cadê o *toto*?

— Minha barba? — Merda. O maldito cortou o cabelo e a barba. Merda. Merda. Merda. Como não reparei? Passei um ano e meio imaginando como seria aquele rosto sem tanto cabelo e pelo. Merda!

— O papai cortou. Gostou? — Vi minha filha passar a mão em seu cabelo e encostar a cabecinha em seu ombro.

— Não dá pra fazer “*toto*” mais. — Bocejou.

Bom, essa malandrinha por noites escapou de mim e foi ao quarto desse bastardo, e normalmente quando ele acordava seu cabelo estava cheio de nós, e a barba também.

— O papai cortou por que a mamãe disse que...

— Chega. — Puxei Holly do seu colo.

Como explicar a sua filha de quatro anos que o bastardo do seu ex patrão fodido não é seu pai?

E que ela quer que ele vá para o raio que o parta e que arda nas labaredas do inferno? Hormônios.

CAPÍTULO 1

“FADADOS AO FRACASSO”

“Olhando para trás ontem
Eu pensei que eu dei tudo
Mas ainda há tantas vias diante de mim
Quando eu olhei para seus olhos
Acho que não reconheci
Quem somos e tudo o que podemos ser

Às vezes é difícil encontrar-se
Mas vale a pena no final
Porque em seu coração está onde tudo começa.”

You And Me
Dove Cameron
Descendentes

A N N I E

O ser humano sempre tem a mania de pender para o lado fácil, o lado escuro da força, certo. Não que eu esteja matando alguém ou colocando em prática minhas técnicas baseadas em La Casa de papel. Longe de mim, que horror! Talvez eu seja presa somente por pensar em assaltar a casa da moeda. Mas voltando ao assunto principal, minha vida não é como Kindle em que a moça é estuprada ou engravida e conhece um príncipe e se casa. Bom, vamos do começo.

Era uma vez... Uma idiota chamada Annie, idiota essa que sou eu, bom, essa idiota resolveu pela primeira vez na vida dar. Sim, perder a virgindade.

Bom, até aí tudo bem, não? Eu não engravidei na primeira transa, que por sinal foi péssima, com um carrinha do colegial. Na verdade... Bom quando se é gorda você acaba tento um tanto de restrições com homens.

Sim, eu sou daquelas que acha que a mulher deve dar se quiser a quem quiser a hora que quiser. Porém, sempre o, porém, a idiota lá do começo se apaixonou, por um carinha, carinha esse que ficou com ela por cinco anos, cinco anos esses os mais felizes de sua vida. O carinha era apaixonante, trabalhador, amável e bondoso, o cara perfeito que as histórias do Kindle não contam sabe? Falo isso, por experiência, depois do meu anjinho, Holly, o que mais amo é meu Kindle, presente da vovó. Bom, voltando ao carinha. Pai da minha filha. Ele não foi embora ou simplesmente morreu, ou era casado.

Ele simplesmente virou um vagabundo, vagabundo que eu chutei da minha vida. Bom, não chutei, afinal ele foi preso, mas isso não vem ao caso.

Minha filha, meu pequeno anjo veio na pior hora, não digo pior hora porque eu não a queria, ou porque eu era uma megera ou iria abortar, minha avó havia acabado de falecer, o carinha havia sido preso.

E eu bom, estava sozinha, atolada em contas e... Sozinha. Já não podia mais manter a casa da minha vó em Londres, por isso a vendi, me estabilizei, e bom... O carinha foi solto e roubou tudo que eu tinha em casa. E ele foi preso de novo.

Motivo? Nem quis saber afinal, só fui lá e dei deixei queixa pelos roubos aumentando a pena dele.

Quando Holly nasceu há quatro anos, ela foi a luz, o pavio na pólvora. Ela acendeu meu mundo em cores vibrantes. Sim, eu sempre fui a mãe louca, que dá tudo pela filha. Não, eu não estou reclamando, tudo que eu fiz até hoje, garçonne, bar tênder, caixa de supermercado, doméstica, minha última esperança. É somente pela malandrinha da Holly. E meus pais? Bom, eles não vão aparecer como nas histórias do meu Kindle, ricos e arrependidos. Eles morreram. Fim.

— Mama? — Olhei pra baixo e senti aquela sensação de paz, meu pequeno cisco loiro de olhos azuis, é a única coisa que me prende aqui.

— Olá, pequeno gafanhoto. — Beije a pontinha do nariz rosadinho e ela riu, sabe aquelas crianças calminhas, boazinhas que se veem feliz com pouco? Essa é Holly.

— Quero *dada*... — O nosso famoso leite quente, levantei-me do sofá cama e fui em direção a geladeira, que ficava a oito passos do sofá. Peguei o leite e coloquei no copão rosa da Marsha. Aquela garotinha chata amiga do urso, coloquei no micro-ondas. Encostei sua cabecinha em meu ombro e dei a ela o leite depois de morno.

Voltei para a sala e a coloquei no berço. Ela começou a mamar e eu voltei ao meu Kindle.

Geralmente, ela joga o copão no chão e eu cato ao amanhecer antes de sair à procura de emprego, desde que cheguei a Hereford, uma cidade parada no tempo, eu tento de tudo, mas parece que aqui todos tem tudo estabelecido.

Mas voltando ao enfadonho drama, desde que o carinha – evito falar o nome dele – foi preso eu saí de Londres, cortei qualquer contato com a família dele. Sumi, há exatos dois meses. Eu vivo do dinheiro da casa da venda da minha avó, bom vivo de um tiquinho já que o resto é para a faculdade de Holly e a outra metade pra emergências.

Nunca deixei faltar nada a Holly, sempre fiz o dinheiro ser esticado.

Porém não dá mais.

Minha última escolha e ligar para o número do anúncio de jornal que grudou em meu pé semana passada e torcer para que eu atinja as expectativas.

Lá estava eu na padaria, comprando pão, quando sai e pisei no jornal, onde havia o pequeno anúncio feito em letras miúdas.

“Procura-se moça qualificada para a vaga de ajudante geral no castelo Mitchell. Interessados ligar para:

Xxxx-xxx

Agradecemos desde já. G. M. Mitchell.”

Castelo era meio sombrio, não podia falar mansão ou casa? Era minha última opção, já que em uma cidade minúscula nossas opções ficam escassas. Bom, para quem não tem nada.

Não que eu não tenha nada, mas o dinheiro acaba, sabe como é. Me deitei ao lado da minha filha já que seu berço branco era ao lado do sofá cama. Rolei de um lado e do outro e nada.

Já era tarde, me levantei e me sentei na banqueta, e me apoiei no balcão, que eu faço de mesa. Passei a mão pelo rosto e ouvi meu bebê suspirar.

Passei a mão em meu cabelo, fazendo um coque. Foi em direção à geladeira e tirei um pote de sorvete. Me sentei na cadeira em frente a bancada.

Triste? Talvez. Mesmo tentando ao máximo parecer forte. Era difícil, já viu aquelas máscaras de palhaço, um lado feliz e outro triste? Pois é.

Chorar escondido é um consolo. Não sozinha, mas com Deus. Por vezes já ouvi seu silêncio, mas quando tomei a decisão de vir para cá, ele me guiou.

Agora é lutar e esperar a vida passar, ver meu neném crescer e se formar, ser meu orgulho. Mostrar para mim que ela pode ser forte. Quando terminei o colegial o plano era fazer medicina, um sonho que água da vida levou.

Deus que melancólica!

Sabe aquela “bad” que te arrasta para as profundezas? Pois é, eu a evito. E é em momentos como esse que eu tento não pensar.

Eu nunca tive as melhores roupas, ou sapatos. Mas sabe quando você aprende a dar valor? Pois é eu aprendi desde cedo que a roupa de brechó vai ter o mesmo efeito que a de grife sabe? Que caro ou barato vai dar para usar do mesmo jeito.

Vi o dia amanhecer e me levantei do sofá, já que em um dado momento da madrugada eu me joguei nele.

Eu me perguntava por que o caráter das pessoas é tão baseado em dinheiro?

Deixando meus pensamentos nada produtivos, fui tomar um banho, me vesti com uma calça Jens preta, uma camisa preta, e coloquei um blusão xadrez por cima, coloquei um tênis surrado, minha bebê ainda dormia.

Preparei um café bem forte e sem açúcar. Fiz o leite da minha filha e deixei esfriando. Fui até ela.

Me debrucei e comei a dar beijinhos nela.

— Não Holly, não quer. — Se escondeu debaixo das cobertas e eu ri.

— Você não me quer pequeno gafanhoto? — Fingi um soluço

— Mamãe vai embora.

— Mama, não, Holly não “que” cosquinha. Mas mamãe, a Holly quer.

Eu juro que eu tento entender essa mania que ela tem de falar em terceira pessoa, mas eu acabei me acostumando.

— Então abraça a mamãe. — A peguei no colo e abracei seu corpinho. — Mamãe ama a Holly. — Beijeí sua cabecinha e apertei.

Não me vejo sem ela. Ela é meu motivo para respirar todos os dias.
— Vamos no Tom gatinha?

— Torradinha de queijo? — Beijeí sua bochecha.

— Sim, torradinha de queijo pra Holly. — A vesti.

Como não estava frio lá fora, dando indícios de um dia quente, saímos da quitinete em direção a padaria, depois dela tomar seu leite, pediria ou Tom ou a Gisele o telefone emprestado para ligar para o número do anúncio. Pedindo para que a vaga seja minha. Afinal já estou com o rabo esticado e se

esticar mais eu arrebento.

Sim, o dinheiro reserva está acabado e eu jamais irei tocar no dinheiro da faculdade da Holly ou no dinheiro de emergências críticas e eu não quero fazer dessa situação crítica para ter que usar o dinheiro das situações críticas. Ri sozinha.

— Bom dia querida. — Holly foi direto no colo de Tom, em apenas uma visita ela conquistou todos da padaria.

— Quatro torradas de queijo, um café com creme e um leite com chocolate, Gisele. — Nos sentamos no balcão.

— Como estão as coisas meu anjo? — Colocou nosso pedido no balcão.

— Vão indo Gi, nem melhor nem pior. — Beberiquei café com creme vendo minha bebe cutucar as torradas e provar suspirando.

— Será que a senhora pode me emprestar o telefone?

— Mas é claro meu bem, mas pare de me chamar de senhora. Vamos, tome seu café e depois entre lá dentro enquanto eu mimmo essa boneca. — Tom e Gi não tem filhos, são sozinhos e bom, Holly se tornou o ponto fraco deles.

— Vai tentar o anúncio filha? — Tom se sentou ao meu lado. A padaria estava vazia. Somente um casal perto da janela. — Você pode trabalhar aqui, querida. O castelo Mitchell... — Pareceu cansado. — Não é lugar pra você.

— Mas...

— Gabriel não é mais o mesmo meu bem, a guerra o endureceu. Ele não é o ser humano mais dócil.

— Mas por que que ele colocou o anúncio no jornal? — Tentei não soar nervosa com esse dócil. Por que eu tenho a impressão que ele é azedo feito limão com uma pitada de soda cáustica?

— Não foi ele querida. Foi Gustave, seu irmão. É quase impossível manter aquele lugar sozinho. Mas infelizmente Gabriel não dá o braço a torcer.

Certo, minhas entranhas começaram a formigar, mau sinal! Mau sinal.



GUSTAVE

Desde que meu irmão voltou do conflito, ele não foi mais o mesmo, ninguém mais foi, mas vê-lo se acabar assim, mata toda a família. Eu já tentei levá-lo de volta a Londres, mas é em vão.

— Não se meta em minha vida. — Tentou tirar os fios que ligavam seu corpo a máquina.

— Quantas marcas mais você vai precisar ter pra se tornar um homem de verdade? Ver além do seu umbigo? — Vi ele se levantar, apoiei seu corpo ao vê-lo pender pro lado.

— E quantas vezes mais você vai precisar ouvir que eu não preciso de ninguém? — Mancou até a cadeira, eu sabia que sua perna direita havia sido gravemente ferida, junto com seu abdômen e costas.

— Você precisa e eu já resolvi isso. E que se foda. Se outra pneumonia te pegar você pode não resistir. E você sabe. — Me sentei em sua cama.

Vendo-o fechar os olhos, fazia alguns anos que eu não via o rosto do meu irmão sem a maldita barba e seu rosto sem tanto cabelo. Meu irmão virou um homem parado no tempo, não vê televisão, não olha a internet, fica vinte e quatro horas por dia sentado nessa maldita poltrona.

— Se você trazer outra criada, ela terá o mesmo destino que a outra. A rua.

— Não, se você fizer isso, eu saio de campo. Desisto de você.

Eu percebi uma sombra passar por seus olhos.

Seu rosto sempre foi fechado, mas a cicatriz deixava tudo pior.

— Nunca pedi pra que você ficasse. — Explodiu em uma tosse cansada.

Me levantei, eu sabia que ele tentava me tratar da melhor maneira

possível, mas as vezes a melhor maneira me machuca.

— Quando todos virarem as costas pra você, não por capricho como aquela vadia fez, você irá se arrepender, você quer a solidão Gael, mas quando ela vier em sua vida de verdade e você vai se lembrar dessa conversa... Não terá médico ou remédio que te tire desse buraco. Você já viu coisas que ninguém jamais verá e não foi isso que tornou você o que você é, e você sabe disso. Não vou desistir de você, porque você me pede. Pois não é isso que você quer. Mas quando eu desistir, perder essa guerra. Não terá nada que me prenda aqui.

— Saia. — Suspirei cansado — EU MANDEI VOCÊ SAIR PORRA!

CAPÍTULO 2

“MONSTRO”

"Porque eu preciso de um psicólogo para intervir entre mim e esse
monstro

E me salvar de mim mesmo e de todo esse conflito

Pois as coisas que mais amo estão me matando e não consigo
conquistá-lo"

The Monster - Rihanna feat. Eminem

A N N I E

Veja bem, cá estou eu sentada em frente a uma sala, não me pergunte de que, batendo freneticamente meus pés no chão, deixei minha malandrinha na padaria em segurança com Tom e Gigi e após fazer uma ligação e pegar um bonde férreo, cá estou eu olhando para uma ruiva absurdamente magra, que digita freneticamente em seu computador.

— Senhorita? — Pisquei e sorri. — O Senhor Mitchell a aguarda.
— Me mostrou uma porta exageradamente extravagante.

Bati três vezes e ouvi um sonoro, entre... Empurrei a porta escandalosa e entrei. Passei meu olhar pela sala, estilo moderno. Com uns vasos tortos e retorcidos.

— Senhorita Lavelly... É um prazer conhecer você senhorita. — Sabe aquela sensação de déjà vu? Pois é. Esse cara, loiro, alto, sorrindo grande, bem vestido. Bom sabe o capiroto? Não sei por que mais esse cara me parece um discípulo do mal. — Eu sinto muito ter feito vir em cima da hora, mas...

O bendito do mas...

— A senhorita é minha última esperança.

— Última? Quer dizer que não tem um fila esperando por essa vaga?

— Na verdade você foi a única em duas semana...

Obrigada Deus. Obrigada. Espera!

— Única?

— Sim, me perdoe... Sou Gustave Mitchell. — Estendeu a mão e eu

me dei conta de estar parada no meio da sua sala.

— Perdão... Eu... Senhor. — Me atrapalhei.

— Gustave, me chame somente de Gustave. Bom se sente. — Me sentei e ele começou a me dizer os pormenores do emprego.

— Meu irmão Gabriel é veterano no conflito armado de 2011. — Pisquei. Eu vi nos noticiários da época. E foi uma grande merda. — Meu irmão, bem... Sofreu estilhaços de uma bomba. Queimou quase setenta por cento das costas dele. Uma das suas pernas ficou retorcida entre os escombros. — Em que merda eu estou me enfiando? Pense na sua bebê. — Ele não é o homem mais fácil de se lidar. Bom... Quando ele voltou... Nada foi como antes. Ele se isolou aqui, toda nossa família se mudou. Até ele conseguir afastar a todos. Ainda resta eu. E eu estou sem alternativas. Ele ficou mais teimoso. E com isso descuidado. Recentemente pegou uma pneumonia que quase o matou. Nós temos um casal de idosos que ajudaram com nossa criação. Mas infelizmente não dão mais conta.

— Quando você diz que ele não é fácil?

— Ele tem seu altos e baixos. Dias bons e ruins. — Me olhou com olhos distantes.

Por eu tenho a impressão que isso não vai dar certo?

— Olha, eu... Senhor... Veja bem... — Cocei a garganta. Os olhos do cara pareciam duas esferas brilhantes. Cheios de esperança. — Eu não posso me comprometer tanto assim, eu tenho uma filha e...

— Filha? — Seu olhar ficou vago de novo. Ótimo.

— Minha bebê tem quatro anos senhor...

— Certo. Pare com o senhor. — Prestei mais atenção nele. Loiro, olhos claros, quase cristalinos que agora estava transbordando bondade. Bom eu sou filha de Deus e fiz uma avaliação mais crítica na armadura. Alto, bem mais que um e noventa, vestindo um terno italiano, preto sem gravata. O cara é bem alinhado por assim dizer. — Sua filha é o menor dos problemas. Seu serviço será apenas na parte da manhã e no final da tarde. A casa dos fundos e servirá para você e sua filha. Temos segurança...

— Casa? — Engasguei. Ele está me oferecendo uma casa?

— Sim, você precisará ficar por perto e da cidade até a propriedade são no mínimo uma hora de estrada. — Ok, Deus está sendo bom demais. E

quando a esmola é demais o santo desconfia.

— Olha... Sen... — Me olhou torto. — Gustave, eu...

Aceitar ou não aceitar? Eis a questão...

... Dinheiro está acabando, minha casa... Se é que aquilo pode ser chamado de casa... E nem é minha... Ah droga.

— Eu aceito. — Me levantei e estendi a mão, e ele puxou para um abraço.

Droga. Ele me apertou. Qual é a desse homem?

— Obrigado senhorita. Você... Meu Deus. Obrigado. — Sorri acanhada. Eu não o conheço faz vinte minutos. Me afastei. E ele pegou nas minhas mãos. — Sei que pode ser difícil, mas não desista, é só me ligar e eu vou correndo te socorrer. — Foi até a mesa e me deu um cartão preto dos dois lados, mas fosco de um e brilhante de outro. Seu nome estava escrito em letras adornadas. Bonitas e o número dele em baixo. — Esse é meu número pessoal. Ligue-me sem pestanejar.

Sai de lá e guardei o cartão. Ele me levou até a porta. Me dando dois dias para me organizar e fazer a mudança. Ele estaria lá no dia da mudança.

Dois dias depois aqui estava eu vestida com enorme blusão "I AM Groot" uma calça preta e um tênis surrado, como minha filha adormecida em meus braços em frente a uma casinha, que eu soube que irei dividir com um casal de senhores cujos nomes são desconhecidos.

Minhas malas no chão e uma simpática senhora me abriu os braços.

— Oh Deus, é ela? — Tentou me abraçar, mas minha bebê em meus braços a parou. — O menino Gustave, não achei que ele conseguiria.

Dizia como se eu fosse a descoberta do milênio.

— Meu nome é Seely Will...

— É um prazer sen...

— Nada de senhora meu bem, entre. Meu marido Edgar já está descendo para ajudar com elas. — Tocou o rostinho de Holly — E quem é essa princesa?

— Essa é minha bebê, eu irei achar alguém...

— Não, não... Ela será uma ótima companhia a Edgar. — Pegou Holly dos meus braços, que se aconchegou nela como se a conhecesse. —

Entre meu bem.

— Obrigada Gustave... — Agradeceu por mim, que olhava tudo abobalhada. O lugar é incrível, na frente da casinha a um enorme gramado de se perder de vista. Uma horta ao lado incontestavelmente incrível! Mas o que me chamou a atenção foi a majestosa morada atrás de tudo isso.

Era impossível uma senhorinha como ela cuidar de tudo isso. Impossível!

— Eu dava conta querida... — Pareceu ler meus pensamentos. Entrei na casinha, tudo bem charmoso e moderno nada de medieval ou estilo calabouço.

— Senhora... Ele...

— Sim, ele não saberá da pequena, não se preocupe. — Piscou. De repente um senhor entrou por uma porta atrás de nós duas.

— Deus. Dois anjos. — Ele era um senhor galante e charmoso. Um típico galã de cinema.

— Senhor...

— Edgar meu bem... Edgar, nada de senhor... Vou recolher suas bolsas e ajudar Seel a instalá-la. Temos muito que fazer, o dia será longo. — Suspirou.

— Querida, venha... — Ela me levou até um pequeno corredor e abriu uma porta de madeira. Me dando conta de que finalmente poderia descansar em paz.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas.

— Querida. — Colocou Holly na cama. — Você está segura agora. Ela pareceu me ler, tentei afugentar as lágrimas.

— Deixa a pequena dormir. — Olhou no relógio. — Ainda não são nem oito da manhã... deixa-a dormir, ela irá querer explorar quando acordar.

— Mas...

— Querida... — Pegou em minhas mãos. — Só mantenha ela longe do castelo, nós ficaremos de olho. — Piscou — Agora vamos.

Sáímos da casinha, deixando seu Edgar colocando minhas malas no quarto, ele disse que me chamaria quando Holly acorda-se.

— Você vai precisar vestir isso. — Era aquele típico uniforme de

empregada que era três vezes menor que eu.

Meu deus! Eu pareço uma atriz pornô ruim.

— Eu estou horrível. — Tentei não demonstrar minha careta de desgosto. — Não... digo...

— Só use-o quando Gael estiver por perto, caso contrário. — Piscou deixando o pensamento vago...

Putá merda. Esse lugar é incrível, um brinco enorme de diamantes. Cada detalhe, cada cor.

— As alas que são limpas diariamente e outras semanalmente. Escute-me querida... Jamais... Jamais... Vá à ala oeste. — Apontou o lado contrário ao da enorme escadaria. — Gael jamais permite que alguém vá lá além de mim. Por favor querida...

— Certo, alas semanalmente e outras diariamente, ala oeste jamais! — Fiz um joinha com o polegar.

Não sou eu que vou questionar as bizarrices desse lunático recluso. Está legal, estou com o rabicó coçando para saber o que é ala oeste. Mas...

Nem se eu vender dois rins e um pulmão eu consigo o que eles irão me pagar mensalmente então...

— Venha, vamos conhecer o Gael. Querida, ele pode ser difícil mais é um amor quando quer... Tenha paciência e não desista dele.

Do dinheiro? Jamais...

— Certo, ele não me despedindo ou tentando me matar tá beleza! — Ela riu graciosa e eu dei de ombros.

Ela parou em uma porta e deu duas batidas. Ouvi um entre rouco e baixo. Senti um frio na espinha.

Ela abriu porta e entrou.

E eu? Fui...

— Quem é essa? — Apontou pra mim, minha cabeça estava de olho no chão.

— Sou...

— Cale-se, não me dirigi a você... — Levantei meus olhos imediatamente e me arrependi.

Ele estava parado ao lado de uma tela de pintura, alto, mais alto que

Gustave, sem camisa e com umas manchinhas de tinta no peitoral, minha mãe do céu. Foi feito pelo diabo. Havia tatuagens por toda a extensão do seu dorso, linhas nos braços, uma barba e um cabelo gigante que estava preso um coque que estava soltando deixando alguns fios caírem.

— Essa é Annie Lavelly, minha mais nova ajudante. — Engoli em seco.

— Não a quero aqui. — Pegou o pincel e voltou para trás da tela. — Mande de volta, senão eu o faço.

FILHO DA PUTA!

— Gustave a mandou e...

— Ela trabalhará de graça? Aposto que não! Porque eu não vou pagar. — cuspiu as palavras. — Se eu quisesse alguém tão vulgar eu iria a um prostíbulo da cidade...

FILHO DA PUTA!

Cuspi veneno.

— A menos que Gustave me mande embora, eu não irei, afinal o salário é ele que irá pagar. Em relação a minha roupa usarei as minhas. Aliás, com toda licença senhor Mitchell, estarei na cozinha Seely.

Sai da sala cuspiendo fogo.

— Dê a ela as sobras. Não darei nada a essa insolente vulgar. — Sai dela com lágrimas nos olhos, ouvi Seely dizendo algo, provavelmente concordando.

E olha que foi só o primeiro dia. Só.

— Olha só quem veio dar um oi. — Edgar estava com minha bebê nos braços.

— Mamãe... Olha tenho vovô agora — Disse toda feliz enrolada nas palavras. A peguei e abracei. Ri de nervoso vendo o olhar do senhor Edgar brilhar de tristeza para mim.

Putá merda, onde eu fui me meter?

Vi Holly e seu Edgar sair em direção a horta, peguei e fui em direção a casinha, abri minhas malas, e coloquei uma blusa do Hellboy e uma leggings preta e um chinelo, manti meu coque e peguei meus fones.

Coloquei Dua lipa, New rules e fui seguir as ordens da Seel, comecei

pelos cômodos diários, armada com um carinho de limpeza, sai saltitando até meu trabalho. Estou na merda? Estou na merda! Mas vai adiantar chorar por um cara que eu conheço há trinta minutos? Vocês já sabem a resposta.

Dancei pelo corredor passando espanador nos quadros. Me dando conta que cinco horas depois eu havia limpado toda a ala superior e inferior.

Olhei pela janela e o sol estava no pico, corri para cozinha ajudar Seely com as batatas.

— Como pode alguém fazer tudo isso em tão pouco tempo? Olhe está tudo um brinco. — Disse depois de ver meu trabalho.

Me virei com tudo dando de cara com o inconveniente.

— Quero que limpe a escadaria central...

— Eu já o fiz e...

— Não perguntei nada! Só o faça quando eu mandar, aprenda seu lugar aqui. Tome. — me estendeu uma escovinha de dentes. — Limpe lance por lance de escada. Cada canto, cada degrau. — seus olhos correm por meu corpo e de repente uma sombra passou por seus olhos. — E se não o fizer não comerá.

PUTA MERDA! O cara me dá as sobras e ainda impõe o que eu tenho de fazer. MEU RABO SEU FILHO DA PUTA! BASTARDO, CRETINO, DOENTE, DESGRAÇADO.

Surtei.

Levantei os olhos e encarrei seu olhar esverdeado me fitando com desprezo.

— Sim senhor.

Quando ele virou de costas eu lhe dei o dedo do meio, cretino infeliz!

CAPÍTULO 3

“DESEJOS, PROBLEMAS E INSOLÊNCIAS”

*"Estou tentando, mas continuo caindo
Eu grito, mas nada vem agora
Estou dando o meu tudo e sei que a paz virá
Eu nunca quis precisar de alguém
É, eu quis jogar duro
Considerarei que poderia fazer tudo eu mesma
Mas mesmo uma Supermulher
Às vezes precisou da alma do Super-Homem*

SIA
Helium

ANNIE

Eu realmente quis afogar aquele maldito na água sanitária. Porém meu emprego depende de que eu faça tudo que o tirano fala, porém ele falar e eu refazer são coisas opostas à capacidade submissa que eu nunca vou ter.

Até parece que eu iria refazer mais de cem degraus com curvas e uma divisão dupla novamente, até parece. Continuei minha tarefa de descascar batatas.

Em minha defesa eu alego que eu já havia feito um serviço que foi elogiado e que eu passei metade do meu tempo fazendo, um serviço que é feito uma vez por semana, aliás.

— Você sempre morou aqui querida? — Seely puxou assunto. Sabe aquela sensação de que a morte está te perseguindo pois é, eu tenho ela nesse momento.

— Não, sou de Londres. Nasci no entremeio. — Sorri fraco, aquele era um assunto um tanto desagradável.

— O que te traz a terras tão longínquas? — Dei de ombros. Tentando não parecer nervosa. O que eu diria? Que eu estou fugindo da família louca do meu ex? Que por um acaso está preso? Nhá...

— A calmaria... Não sei... Ao certo.

— Você estudou? — Pareceu interessada demais em meus dotes.

— Não tive a oportunidade. Eu queria apenas ser a moça que encontrava o príncipe e esse príncipe me leva para seu castelo, mesmo ele sendo de palha. — Pisquei. Me levantei da mesa e lavei as batatas.

— São apenas vocês dois aqui no castelo, digo cuidando dele?

— Interiormente sim, as vezes ele recebe manutenção e a segurança que você viu no portão. — Segurança? Aquilo era guarda britânica armada até os dentes.

— É realmente só você que cuida disso tudo?

— Antes eu tinha cinco meninas comigo. Mas nenhuma agradava a Gael.

— Gael?

— O menino Gabriel é uma boa pessoa ele só é um tanto antissocial.

— Antissocial? O cara é um monstro... Obrigar a senhora a limpar tudo isso por puro capricho. Quer ficar sozinho? Se tranca no quarto e corta os pulsos. — ri e ela riu balançando a cabeça.

— Ele já passou por muita coisa... E...

— E eu não? Olha sem querer desmerecer ninguém aqui, mas eu tive minha casa revirada pela polícia, um desgraçado vendeu todas minhas coisas, fui morar quase na rua e quase perdi meu bem mais preciso... E... — Parei de falar quando percebi que meu olhos se encheram de água. E ela me olhava com compaixão. Espantei a tristeza, Seely me olhava profundamente veio em minha direção e me abraçou, fiquei sem reação. Parecia que ela me conhecia há anos. E que podia ver minha alma.

— Oh querida...

Ouvi uma das portas bater. Me virei com tudo sentindo uma rajada de vento.

— Credo, meu Deus tira de mim essa fumaça. — Ri e ela me olhou engraçada.



— Você é realmente incrível menina.

Já passava das sete quando o monstrinho peludo nos liberou. Eu não o vi mais. Nem ouvi um pio, a casa parecia um sepulcro. Eu terminei de arrumar tudo, separei os lençóis brancos e dobrei os pretos, sim havia lençóis pretos. Que chegavam a doer as vistas. Eles eram lindos, mas macabros demais. Havia uma enorme pilha deles.

Sai da sala de roupas de cama e voltei para a cozinha. Ajudando Seely a pôr a mesa do senhor intocável, sim ele é um puta gostoso, mas um desgraçado.

— Vamos? — Fechei as janelas quando Seely entrou na cozinha tirando o avental.

— Mas...

— Ele traz a louça toda noite na pia e lava. — Me virei chocada.

— Ele saber lavar louça?

Ela me olhou divertida.

— Sim, ele sabe querida...

Sáímos da cozinha rindo, andamos pelo caminho de pedra até chegar à casa dos empregados. Seely abriu a porta e para nossa surpresa Edgar e Holly estavam sentadinhos no chão da pequena sala entretidos com Pets “A vida secreta dos bichos”, nenhum dos dois piscava.

Descobri que Edgar é motorista e praticamente fica todo tempo aqui. Já que o monstrinho peludo vive preso nesse calabouço lindo, diga-se de passagem.

A propriedade é de se perder de vista, foi da família deles desde os tempos coloniais. São todos das forças armadas. E eu descobri que Gustave é

Cabo das forças britânicas.

— Tome um banho querida e eu irei fazer nosso jantar. — Sorriu.

— Mas o senhor Mitchell...

— Não importa o que ele disse, vamos comer massa à bolonhesa. —
Piscou. — Preciso de ajudantes.

— Mama... Eu *quelo* fica aqui. Não *quelo* volta...

Minha filha pediu chorosa. Imaginei o motivo.

A peguei no colo.

— Ei... Nós não vamos embora, moramos aqui agora.

— *Semple?*

— Pelo tempo que for necessário. — Pisquei. Não podia prometer nada a ela.



Eu sabia que seria difícil, mas por ela eu faria qualquer coisa. Inclusive aturar aquele tirano.

SEMANAS DEPOIS

Eu estava arrasada, sentada no corredor segurando o papel em minhas mãos, fui acertar meu último aluguel e o papel que o dono da quitinete me deu me fez perder o chão.

Era uma ordem judicial, que legava que minha ex sogra Tamara estava pedindo a guarda de Holly na justiça, legando que eu era incapaz de cuidar da minha filha e que ela vivia em um situação precária, o que era uma mentira e uma puta calúnia nunca faltou nada a minha bebê, nada, já deixei de ter pra dar a ela...

— Lavelly?

A voz extremamente rouca me chamou, eu afastei as lágrimas

correndo. Me levantei e dei um passo para trás percebendo o quão perto ele estava.

— Si-sim... Senhor... — Revirei fundo levantei minha camiseta do Senhor dos anéis e coloquei a ordem no cós da minha calça Legging. Senti o olhar dele queimar em meu corpo. Dei mais um passo para trás e suspirei. — Sim senhor? — Voltei a respirar mais firme.

— Está tudo bem? — Afirmei sem olhar pra ele, sem emitir qualquer som. — Senhorita?

— Sim senhor Mitchell?

Olhei para ele e ele pareceu me avaliar sem mostrar expressão alguma. Crispou os olhos, não acreditando em mim.

Não ligo.

— Quero que organize meu quarto. — Arregalei, os olhos era Seely quem fazia isso, eu era proibida de ir a outra ala. — Seely foi à cidade com Edgar... E você foi a única opção.

Eles levaram minha bebê a cidade?

Droga!

— Sim senhor...

— Venha.

Ele se virou e eu percebi que ao contrário daquele dia ele vestia uma calça social e uma blusa preta também social.

Seu corpo pendia para o lado direito, mesmo em passos largos e rápidos ele era elegante e firme.

— Quebre algo ou que suma um fio sequer você está na rua. — Fui praticamente chamada de ladra.

Dei de ombros.

Eu fui em busca do meu carrinho.

Entrei no quarto do peludinho e me deparei com uma batcaverna, fui até as cortinas e as abri. Vendo a vista mais linda que eu já vi na vida.

O quarto era todo preto em tons que pareciam o próprio cachão. Não havia nada marrom ou branco.

Cheirava a hortelã e canela fresca, havia roupas no chão, a cama estava um ninho de rato, havia garrafas de bebida espalhadas, pacotes de bala e

salgadinhos.

Um verdadeiro chiqueiro. O banheiro estava todo molhado, com uma cueca branca pendurada no espelho, sim.

O cara parecia ter sujado tudo só para ter o prazer de ver limpar.

Catei tudo, joguei o lixo fora, eu realmente limpei tudo. Entrei no closet vendo uma confusão, retirei toda roupa e dobrei, separei os ternos por cor, organizei os perfumes.

Sai do quarto cinco horas depois de ter ouvido muito Demi Lovato e estar com as colunas doendo. Como essa era minha ala proibida voltei pelo mesmo caminho que eu entrei, para não dar azar, sai saltitando afastando meu carinho.

Vi pelo espelho ele me olhando com cara de ódio, toma essa seu cretino! Rebolei mais e desci as escadas tomando cuidado com meu carinho.

Depois de ter limpado tudo, voltei para a cozinha vendo Seely com cara de paisagem. Ela sabia que ele ia aprontar comigo.

— Você sabia!

— Sim, e você foi capaz de fazer melhor que eu.

Piscou.

— Seely? – Me senti na mesa. – Onde eu posso arrumar um advogado?

— Advogado? – eu engoli em seco. – não me diga que já quer processar Gael por ter feito limpar a prataria duas vezes?

— Não é isso. – Embora essa seja à vontade. – Eu só...

— Não precisa me contar meu bem, vou ligar par meu sobrinho César. Ele vai te ajudar. – Piscou.

— Eu... Eu não sei como agradecer.



— O querida César é um amor... E solteiro.

Piscou!

G A E L

“ Ninguém me via, eu estava em todos os lugares, eu via ela me contrariar, desobedecer e saltitar por aí, a pele alva me chamava, os olhos azuis me evitavam, mas eu sabia cada passo seu.

Ela me desafiava em silêncio me fazendo deseja-la na rua e ao mesmo tempo, deseja-la nua entre meus lençóis, saciada. Ela pagaria cada insolência.”

O corpo alvo entrelaçado ao meu me permitia sonhar sem ter pesadelos. Beijei a pele alva de suas costas descendo meu olhar por suas costas formosas, as curvas me chamavam, passei meus dedos pelas marcas vermelhas em sua cintura, marcar que eu havia feito a poucas horas, quando eu possuía seu corpo com força, insano e fora de mim, ela pedia manhosa por mais... Mordi meus lábios e fitei o cabelo loiro quase branco como a neve, me chamando e implorando para ser tocado, meu corpo se esfregou no dela e ela soltou um gemidinho manhoso e baixo.

Sorri como a tempos não fazia, eu havia voltado a sonhar, mesmo que nos mais profundos sonhos que agora substituíram os pesados, ela me chamava, pedia por mim.

Ela necessitava de mim. Minha bonequinha precisava de mim, e eu precisava dela... Talvez mais do que ela imaginasse.



Mas eram apenas delírios, apenas delírios."

A N N I E

Levantei-me cedo, a manhã estava nublada, nas últimas semanas eu tinha a terrível sensação de estar sendo observada, mas o mais maluco era olhar dos lados e não ver nem o vento, não ver nada.

Minha rotina era simplesmente limpar tudo e ouvir agora uma boa música latina quente, o pior era imaginar me dançando agarrada a alguém, tudo bem que ultimamente eu danço com o rodo e o pano de chão, porém sim

eu me imagino agarrada a um homem alto, forte, carinhoso e *caliente*...

Mas o pior de toda essa parada é imaginar meu monstrinho peludinho mais conhecido como chefe insuportavelmente bizarro fazendo isso, aquele cara mal sabe respirar sem criticar e querer-me pôr na rua. Sim, eu respirei e ele disse que minha respiração era ruidosa e que queria silêncio, caso contrário eu estava na rua, sim, o cara me ameaçou pôr na rua por respirar!

Fico imaginado o fazer tomar água da privada. Privada essa que eu deixaria um mês sem lavar.

Hediondo? Não ligo, afogar esse monstro bizarro e peludo é sim uma das coisas que eu quero fazer nessa minha vida.

Radical demais? Pode até ser. Porém eu já estou fodida mesmo. Não no sentido literal da palavra, afinal eu passei os últimos anos sem sexo, e claro que a última vez que isso aconteceu meu pequeno bebê manhoso nasceu.

Mas enfim.

Minha bebê agora fazia de tudo corria pela propriedade e voltava toda suja de terra, claro sem o bizarro saber. Não sou nem louca a esse ponto né não?

— Mama? — Senti o puxão em minha blusa e olhei pra baixo e minha bebê tinha uma carinha de choro.

— O que foi? — A peguei no colo.

— “*Quelo*” ir embora... — Engoli em seco.

— O que foi? - Tornei a perguntar. Ela enfiou o rostinho no meu pescoço e começou a soluçar.

— *Monstro*... — Sai do cozinha as presas e fiz meu caminho até a casinha. Entrei e fui direto ao nosso quarto, havia duas camas.

Olhei pela janela e ela estava aberta como eu havia deixado.

— Foi só um sonho ruim. — Afaguei suas costas com carinho e me sentei na cama, com aquela sensação de estar sendo observada inferno, o cara está me deixando paranoica, Tamara está me deixando paranoica. Ah eu estou paranoica.

Meu maior medo é essa velha vadia chegar aqui e dizer que pode levar meu bebê. Meu bebê.

Vi seu Edgar entrar no quarto com uma cara de espanto e se

aproximou.

— O que foi fadinha?

— *Monstro...*

— Pesadelo. — Emendei sua fala, ele sorriu. Ela se agarrou mais a mim e eu a aninhei em meus braços. Mesmo ainda tendo toda a prataria para polir.

Ela sempre em primeiro lugar. Sempre.

Eu estava aqui para recomeçar, juntar uma boa grana e depois ir embora com ela para bem longe, New York? Canadá? Não sei, mas eu queria poder pisar em um lugar e dizer que é só meu e do meu bebê, sem ocorrer o risco de o maldito carinha sair da prisão e destruir tudo de novo.

— Não se preocupe vá antes que Gael de sua falta. — Em hipótese alguma eu poderia deixá-lo saber da minha filha.

Voltei para o castelo e fui direto para a prataria, eu estava vestindo uma enorme camisa do Scooby Doo com uma bandana prendendo meu cabelo e claro uma legging preta e um sapatinho confortável, me sentei no chão munida de um polidor e todas as peças delicadas dispostas ao meu redor.

Com cuidado poli uma a uma, olhei vendo meu reflexo, limpei meu dente no reflexo e sorri.

Tudo limpinho.

Me levantei e rebolei ao som de Anitta uma cantora brasileira e uma diva chamada Pablo Vittar.

— *Que eu vou jogar bem na sua cara!* — Joguei minha bunda fechando o enorme armário, me dando por satisfeita.

— Quero que limpe meu ateliê.

— Puta inferno!

Me virei com tudo soltando minha camisa que estava amarrada em meus seios, mostrando praticamente tudo.

— Quero que...

— Já entendi senhor. — Dei as costas sentindo meu rosto corar, esse cara é um tremendo filho da puta e que Deus me perdoe, que arda no inferno.

— Quer ficar sem comida? — Fiquei em silêncio. — Creio que não. Agora, vá fazer o que eu mandei. E se...

Sai sem esperar ele terminar, em quase um mês e meio esse cara já me chutou toda a merda fora de mim.

Entreí no ateliê do peludinho. Era único cômodo que ele não habitava que não era um *escuridel*. Até o vaso sanitário desse cara era preto. Vaso esse que eu já o visualizei sendo afogado por mim.

O lugar era espetacular, havia quadros de todos os tipos, paisagens, rostos e animais, mais alguns me chamaram atenção, eram todos escuros, em um tema destruído, como se houvesse dor neles, bizarro!

Organizei tudo, a mesa, os pincéis, tirei o pó e passei meia hora pregando preguinhos nas paredes.

Distribuí os quadros por tema e um me chamou atenção.

Estava virado de encontro à parede, peguei com cuidado, era uma ruiva linda de doer, que ofusca até o sol pela forma que os cabelos estavam pintados.

Devolvi o quadro ao chão, por algum motivo ele não está virado atoa e como eu prezo minha integridade o deixei lá, quietinho e bonitinho.

Sai devagar fechando a porta, sabe aquela sensação de ser observada pelo capeta, capiroto, tinhoso, ah sei lá... O coisa ruim. Fiz o sinal da cruz e segui meu caminho.

Já estava na hora do almoço, e pelo que vi Seely já organizará tudo, me sentei na mesinha e joguei meus braços nela.

— Está com fome querida? — Olhei pra ela. E pela primeira vez eu percebi que as ameaças do meu querido peludinho poderiam cair sobre Seely.

— Não, eu preciso ir a cidade... Seu sobrinho irá me encontrar na padaria. — Falei firme, ela me olhou desconfiada. Veio em minha direção deixando o pano de prato na mesa.

Pegou minhas mãos.

— Eu jamais vou concordar com o que que Gael faz com você, mas comer é sagrado, ele não pode...

A cortei.

— Realmente? Desse cara eu quero só o dinheiro na minha conta na próxima semana. — pisquei. — Aliás, eu preciso de um regime.

Tentei soar firme batendo na minha pança.

— Você pode ir, Edgar te levará e depois César pode te dar uma carona. Ele nos deve um jantar. — Concordei. Sabendo que seria inútil negar.

— Certo... Mas o...

— Gael? Ele está no labirinto a essas horas. Afirmar.

Eu falo que esse cara é bizarro.

Fui pelo caminho de pedras com aquela maldita sensação de ser perseguida pelo tihoso. Entrei vendo minha filha saltitar pela sala.

— Ed... Disse. Passear... — Pulou no meu colo e sorriu.

— Eu a levo conosco e a trago...

— Senhor Edgar...

Eu não podia fazê-lo de babá, precisava por Holly em uma escolinha, porém meu emprego ainda não é certo... O peludinho pode soltar os cachorros em mim a qualquer hora.

Mais do que ele já faz.

Me vesti e me sentei no sofá, soltei meus cabelos e olhei pra Holly que saltitava feito pipoca. Ela havia acostumado ao castelo e especialmente a Edgar.

Ela o passou a chamar de vovô Ed.

— Vamos?

Sáimos por trás da casa com a maldita sensação de que estava sendo vigiada.

— Tem câmeras no castelo Edgar?

— Sim. — Congelei. — Mas apenas no portão principal e na cerca viva. — Soltei o ar que nem percebi que havia prendido. — Dizem que o castelo tem passagens, que dão em todos os lugares. Mas são apenas lendas querida.

Concordei, ficando em silêncio. Depois de quase uma hora chegamos à cidade. Uma hora de muita cantoria entre Edgar e Holly. E claro risos e mais risos.

— Olha o meu menino ali!

Putá merda!

Edgar parou o carro e apontou para o outro lado da rua. Havia um

homem do outro lado alto, que meu Deus do céu afundou a minha cara na graxa.

— Ele fica mais em Londres, por isso demos sorte. — Piscou descendo. Tiramos Holly do carro e ela pediu colo com vergonha. Enfiou seu rostinho em meu ombro.

— Tio... — Eles deram aquele típico abraço de homem e o senhor César se voltou pra mim. — Você deve ser a famosa Annie que sobreviveu mais de uma semana no mausoléu.

— Sou eu senhor César. — Estendi a mão pra livre pra ele. Que pegou e ao contrário do que eu esperava deu um beijo casto no rosto. Correi.

— Senhor, no céu. — Sorriu, enquanto Edgar sorria como se tivesse ganhado na loteria. — E essa deve ser a fadinha Holly.

Cutucou minha bebê.

Ela lentamente tirou a cabecinha do meu pescoço e sondou ele.

— Moço bonito mamãe... — Disse tão baixo que eu quase nem ouvi.

— Sim, agora fale com ele. — Beije seu rostinho.

— Oi.

— Olá, pequena dama. — Sorriu galã. Fez uma reverência. — Tão linda quanto a mãe.

Correi. Não lido muito bem com elogios. Passei a mão pelo cabelinho de Holly.

— Vamos? — Apontou para uma lanchonete. — Tio, eu devolverei a dama em segurança.

— Essa mocinha. — Apontou pra Holly que ficou vermelhinha. — Merece um picolé de morango.

Holly pulou do meu colo e saltitou até Edgar.

— Vamos?

Ele saíram rindo de algo.

De repente um frio passou por minha espinha.

Me virei. Havia um motoqueiro do outro lado da rua. Ele ligou a moto e eu me virei para César.

— Sim.

Eu precisava de uma oração de descarrego. Pois a maldita sensação de

ter o tnhoso à tira colo percorria minha espinha.

Caminhei ao lado moço bonito até a lanchonete, já que a padaria está do outro lado da cidade. Ele tirou os óculos e eu perdi o fôlego.

— Então... Diga-me moça o que te traz a terras distantes.

— Problemas. — sorri fraco e ele abriu a porta e me deu passagem — Obrigada.

— Vamos nos sentar ali. — Apontou para uma mesa vazia no fundo da lanchonete antiga.

Ele pediu um almoço, arroz, batatas e bife. E eu o mesmo.

— E qual o nome do seu problema?

— Tamara. Minha ex-sogra. — Tentei não parecer desesperada de mais. — Ela quer tirar minha filha de mim.

— E você está fugindo?

Afirmei.

Nosso almoço chegou, e eu mal toquei na comida. Passamos a tarde na lanchonete. Mostrei a ele os papéis, as alegações dela. Tudo.

— Bom... Eu irei estudar com calma. — Piscou. — E depois nos sentamos e conversamos.

Sáimos da lanchonete antiga já eram quase cinco da tarde. Ele se ofereceu para pagar a comida, mas eu neguei, dando metade a ele.

— Obrigada. Eu...

— Não precisa agradecer. Mas você precisa colocar a fadinha o mais rápido possível em uma escolinha.



G A E L

"Eu a via usar roupas estranhas, cantar músicas que eu não fazia ideia que existiam. Rebolar por minha casa saltitante.

O amargo correu feito fel em minha boca. Eu preciso voltar ao controle. Precisava tirar essa maldita da minha cabeça.

Eu não consegui evitar. A seguia por todas as passagens do castelo. Via-a tocar tudo com cuidado e delicadeza. Cantar músicas que eu jamais ouvi. Às vezes olhar para os lados. Esperando ver algo. Eu me escondia.

Ela me evitava como diabo evita a igreja e depois de anos e anos eu podia rir sozinho. Ela era maluca. Falava sozinha.

Jogava a bunda enorme para os lados e depois esfregava o pano no chão. Ela parecia uma neve de tão branca. Os cabelos loiros, as coxas grossas. Seios enormes. Cintura fina. A alegria emanava dela, sem ela perceber. Ver ela reclamando dos meus gostos.



Mas vela tocar minhas pinturas. Distribuir cada uma na parede com perfeição. E deixar aquele maldito quadro lá. Respirei fundo ela precisa ir embora. "

A N N I E

César é um homem maravilhoso, desde que entramos no carro ele não para de falar. Sabe aqueles caras com conteúdo que terminam um assunto e já

sabem de outro? Sabem te fazer rir? Pois é.

— Então me fale sobre você... — tirou os olhos da estrada.

— Não tenho muito o que falar, fora o que você já sabe. Mas você parece ser um cara bem mais interessante que eu. — sorri.

— César, divorciado, 36 anos, advogado formado em Harvard.
— Arregalei os olhos. — Pois é... Sou professor de Judô nas horas vagas. E sou odiado pela minha ex-mulher. — Ele deu de ombros. Seu olhar ficou vago e distante por segundos, uma tristeza profunda passou por sua face.

— Ela...

— Ela me deixou a quase nove meses. — Deu de ombros.

— Sua tia disse que você era...

— Solteiro? Pois é o que sou agora, Hannah está seguindo sua vida.
— Engoli em seco. — Ela achou que eu a trai.

Vi ele dobrar a estrada que dava em mais uns vinte minutos no castelo.

— E você fez? — Perguntei pronta pra soltar retirar tudo de bom que pensei ao seu respeito.

— Não, mas ela não acreditou. Nosso casamento morreu por minha causa, priorizei coisas que não eram para ser priorizadas. Deixei uma mulher incrível escapar.

— Sinto muito, mas se você não tivesse dado brechas, ela não teria acreditado. Já pensou se fosse ela... Você acreditaria? — vi ele apertar o volante com força. — Pois é, se coloque no lugar dela.

Pisquei.

— Eu...

— Olha, ela não vai voltar. — Dei de ombros sendo realista. Ele me olhou chocado. — O que? Você espera que ela volte correndo? Dizendo que te ama? Ah por favor, nos poupe. — Revirei os olhos. — Ela se ama em primeiro lugar. Para ter metido o pé na sua bunda, ela se respeita e muito.

Seu silêncio se fez presente. Ele sorriu fraco.

Apertei seu ombro.

— Olha cara, não que eu tenha moral para falar, mas se ela realmente te amar um dia ela volta. Mas para isso você precisa lutar. Mostrar que ela é prioridade.

Pisquei.

Ficamos uns minutos em silêncio até ele perguntar.

— O pai da sua filha...

— A ratazana? — Riu. — Se eu amei ele? Não sei, eu me acomodei ao sentimento de segurança, hoje depois de ter passado tudo que eu já passei com Holly, percebi que talvez eu nunca tenha amado alguém além dela, incondicionalmente. Amar é isso, sabe o respeito, carinho, companheirismo. Eu realmente não consigo me imaginar apaixonada por alguém. Amor é depender. Ser dependente e ser a dependência. Me entende? Amar é um complexo de sentimentos e ações complicadas. Amar às vezes é ferir e ser ferido, e saber conviver com isso, perdoar. E eu realmente sou uma pessoa rancorosa. Tento não sugar para mim as energias negativas, mas não significa que eu não lembre.

Por algum motivo lembrei do peludinho. Meu chefe bizarramente estranho e recluso com um certo fetiche por coisas pretas. Por algum motivo a voz rouca me veio à mente, me mandando escovar a privada com escovinha de dentes. Pois é.

— Uau! Você pensa assim?

— Você não? — Sorri matreira.

Ele sorriu mesmo parecendo distante. Ainda olhando a estrada abriu a porta luvas e tirou de lá uma foto.

— Tirei na nossa última férias juntas, sem ela perceber. — Eu olhava embasbacada.

— Meu Deus ela é... Espetacular. — Segurei a foto sorrindo.

— Ela era insegura com tudo, principalmente com seu corpo, eu nunca entendi, ela sempre foi... Espetacular.

— Eu entendo. — Eu sempre tive problemas com meu peso, e eu nunca consegui emagrecer, ficar no ideal e depois da gravidez tudo dobrou de tamanho...

— Por que vocês mulheres tem a mania de se menosprezar quando são lindas? — Riu.

Dei de ombros.

Ele entrou pelo portão lateral, já estava escuro. E tudo parecia numa

penumbra.

Fomos com o carro por trás.

— Oh meus Deus olhe pra você... — Seely apertou as bochechas dele, assim que ele desceu do carro, ele resmungou.

— Mama... — Minha bebe pulou em meu colo e eu a apertei.

— Se comportou?

Ela fez que sim com a cabecinha, sorrindo faceira. Beijei seu rostinho. Olhei vendo o castelo na mesma penumbra de sempre, escuro e sem vida, me senti mal sabendo que um lugar tão lindo era morto, parado no tempo.

Ver que um homem como o Sr. Mitchell era perdido, dentro de si próprio, meu chefe peludinho. Infelizmente parecia ter criado uma casca, uma certa barreira entre ele e o mundo exterior.

Em quase um mês, nunca se quer vi esse homem pôr o pé na porta de saída, bizarro. E o pior é encontrá-lo do nada como se ele tivesse brotado da parede, parecia atrás de mim ou em minha frente, sem se quer fazer um murmúrio.

— Vamos... Fiz massa à bolonhesa. — Minha boca encheu de água.

Eu, César e Holly ficamos para trás.

— Moço vai *blincar*... Holly?

— Pode me chamar de César pequena fada. — César a tomou de meus braços e ela foi de bom grado.

Ela esfregou o rosto dele em cima da barba e riu.

— Faz cócegas? — Ri e ela ficou vermelhinha.

— Cheiro... — Ela fungou o pescoço de César fazendo ele rir. — docinhos...

É espetacular a formar como ela vê as coisas.

— E você cheira a docinhos de morango. — Ele elogiou fazendo ela ficar toda cheia de si.

Entramos como sempre a pequena casa dos funcionários estava organizada.

— Me ajuda a pôr a mesa Annie? — Corri para ajudar Seely deixando minha pequena nos braços de César que se sentou no sofá e olhava com carinho, César é um homem incrível.

— César já foi casado? — Seely me olhou triste.

— Sim, Hannah era realmente um anjo, porém a falta de confiança de ambos a afastou, César se tornou distante do casamento, ela me dizia que ele era casado com o trabalho e que ela era amante número dois já que sua outra amante era a secretária.

— E a senhora acredita nisso? — Perguntei curiosa.

— Mesmo tudo indicando que sim, eu duvido que meu menino seja assim, ele realmente merece ser feliz, porém não sei se Hannah ainda ira quere-lo, ela foi pra Milão e nunca mais deu notícias... Minha esperança é você. — Piscou malandra.

Suspirou cansada.

Me senti chateada, o cara era um puta advogado, um puta partidão... E a esposa, ex-esposa, era maravilhosa, resplandecente, um mulherão da porra.

E estavam separados.

— Gael perguntou por você. — Gelei.

— Como?

— Ele queria saber onde você estava, porque queria que você limpasse o banheiro dele. — Revirei os olhos.

— E o que a senhora disse?

— Que como você trabalhou domingo, dei a você meio período de descanso, e você aproveitou e foi na cidade com Edgar fazer compras.

— É a imundície? — Distribui os pratos na mesa.

— Disse que quando você voltasse era pra ir falar com ele. — Até parece que eu ia.

— Ele ficou muito tempo no labirinto? — o labirinto ou sepulcro, como era apelidado carinhosamente por mim, era uma enorme área cheia de paredes vivas, que segundo o Senhor Mitchell pai, fez pra a senhora Mitchell.

— Como sempre. — Cara parecia um neandertal, gostoso, mas neandertal, eu pouco sabia dele. Um comentário ou outro que eu ouvia.

Ao que parece ele não esteve com ninguém desde que voltou da Guerra. O cara se isolou, é doente.

Segundo Seely ele tem uma saúde frágil e não se cuida, odeia médicos, enfermeiros, ele odeia gente para ser mais exata. Ele odeia qualquer coisa que

respire. Se abusar ele se odeia.

Voltei para a sala chamá-los para comer, Holly tentava explicar a Cesar como montar o LEGO, mais não estava sendo fácil.

— Vamos comer. — Minha bebê pulou e veio em minha direção, passou a mão no meu rosto me olhando séria.

— Mamãe? — Continuei olhando para ela. — Deixa...

Olhei confusa. Ela pulou do meu colo e correu em direção à mesa.

— O que foi isso? — Todos rimos e fomos nos sentar.

O jantar foi animado, já passava das onze quando levei Cesar até o carro, com Holly já na cama, me encostei no carro.

— Você poderia sei lá... — Comecei como quem não quer nada. — ... Tentar falar com a Hannah.

— Ela nunca falaria comigo.

— Você... Já tentou meu chapa?

— Ela... — interrompi.

— Liga pra ela, joga um charme, pede perdão, se arrasta no chão...

— Falou a que tem uma vida social.

— Já tive um dia. — Pisquei.

— Certo, senhora já tive vida social. Eu preciso ir. — Se aproximou me abraçando. — Nos vemos semana que vem.

— Se cuida cara. — Nos separamos e ele entrou no carro.

Dei um tchauzinho e ele virou para ir embora.

Entrei em casa, indo lavar a louça. Que eu fiz questão que Seely deixasse para mim já que ela fez o jantar. Ela e Edgar já haviam se recolhido.

Coloquei Alok para tocar baixinho e comecei a lavar tudo. Deixei tudo um brinco. Guardei a louça e fui para o banheiro tirar as pulgas.

Tomei um banho demorado, vesti minha camisola e sai em direção a porta, abri vendo da porta uma luz fraca no castelo. Vi de longe a sombra pela janela e me arrepiei. Fui até Holly a verificando, cobri seu corpinho e dei um beijinho em seu rosto.

Fui em direção ao jardim, o vento balançava minha camisola. Parei na porta do labirinto olhando para os lados. Empurrei o portão e entrei segui pelo lado direito, virei na curva da frente e continuei entrando adentro cada

vez mais e mais, virei de novo vendo a fonte lá na frente, sem sequer lembrar do caminho pelo qual eu vim.

Sorri ao ver o balanço, me sentei nele e comecei a balançar. O vento parecia calmo, apenas uma pequena brisa.

Balancei meus pés indo para frente e para trás. Fechei meus olhos, e meus pés pegando cada vez mais força.

— Puta inferno. — Meu corpo foi jogado longe, meus joelhos foram ao chão, sentindo arder a palmas das minhas mãos. Você não é pombo para voar, sua retardada.

— Lately? — Sentindo minhas mãos arderem me afastei do toque.

— Desculpe senhor eu não imaginei que...

— Eu te seguiria? — Franco até demais. Sua voz saiu rouca e calma de mais, até para ele. — Eu sei de tudo que acontece no meu castelo Lately.

— Senhor...

— Não vou te demitir. — Ele sorriu e se recostou na árvore, foi bizarro pois o cara tem um puta sorriso de molhar calcinha. — Por enquanto.

Imundície.

— Eu não...

— Bela camisola Lately... — Como um passe de mágica meus seios ficaram rígidos, marcando o tecido fino e transparente. Sim, eu estava nua em frente ao meu chefe peludinho e bom... Não foi agradável.

— Eu vou me recolher... Com licença.

— Não disse que podia ir. — Ele rosnou?

— Des-desculpe... — Afirmei a voz, evitando mandar ele a puta que pariu.

Lazarento, eu ainda te afogo na água da privada seu gostoso estúpido.

— O que faz aqui? Deveria estar na casa dos funcionários.

Eu estaria se você não estivesse bloqueando a saída, imundície.

— Eu... Precisava de ar. — Me afastei, conforme ele dava os passos dele.

— Ar esse que você encontra em seu quarto, ou em qualquer lugar, por que veio bisbilhotar aqui?

— Sério? Bisbilhotar? Ah vai se F... — Fiz uma pausa, meu pensamento de morte lenta a ele foi para o ralo, junto com a minha vontade de dividir meu precioso ar com ele. — Tenha uma boa noite. — Passei pelo mesmo.

— Eu não disse que podia ir, sua audácia e petulância podem... — Ele segurou o meu braço com força.

— Custar meu emprego. Quer saber? Me põe na rua logo cara. — Tentei soltar meu braço, mas ele travou a mão. — Me solte senhor... O senhor está me machucando.

Como eu nunca vi antes, ele arregalou os olhos e se afastou, olhei meu braço e instantaneamente ele ficou roxo avermelhado. Merda.

— Annie eu... Na... não... Queria... — Ele olhava minha pele horrorizado.

— Me machucar? Não encosta mais em mim está legal? — Sai da fonte virando de um lado para o outro, não sei se foi sorte ou meu subconsciente guardou o caminho. Corri para a casa dos funcionários. Através da luz vi o quão roxo meu braço ficou.

Minha pele sempre foi branca, beirando translúcida, qualquer coisa, uma batidinha de nada parece que eu levei uma paulada.

— Mama? — Minha bebê abriu os olhinhos quando eu me deitei ao lado dela depois de fechar a janela.

— Dorme bebê, dorme. — Beije seus cachinhos loiros e eu me dei conta.



Putá que o pariu! Não, não, não. Eu me nego a ter qualquer sentimento por aquela imundície. Me nego, em menos de um mês. Me nego.

— Bom dia queri.... — Ela veio em minha direção e tocou meu braço. — Santo pai amado... Quem fez isso com você meu bem?

— Bati meu braço, não se preocupe Seely, eu fico roxa atoa. Passei

por ela, indo arrumar a biblioteca, abri a porta devagar, dando três batidinhas antes de entrar.

Estava vazia. Limpei tudo, espanei tudo ao bom som de Camila Cabello, Havana, oh... Nana...

— *Redenção do monstro.* — O livro de capa preta escrito em letras douradas, era lindo. Peguei-o de cima da mesa e o abri. — ” Redenção de feridas, redenção do passado."

— Um livro espetacular. — Soltei o livro com tudo em cima da mesa. Todo meu corpo quis gritar.

— Desculpe ... senhor eu não quis mexer em nada, eu...

— Como está seu braço. — O mal educado me cortou.

— Bem senhor.

Me virei e peguei os materiais colocando no carinho. Sem um corpo forte atrás do meu e todo meu corpo se arrepiou.

— Almoce comigo. — Me virei ficando cara a cara com ele.

— Não posso senhor...

— Almoce comigo... — Trincou os dentes rosnando.

— Eu...

— Você vai almoçar comigo. — A pressão em seu rosto era enorme. Eu dei um passo para trás com medo. — ... Por... Favor. — Disse pausadamente.

— Tudo...tudo bem... — Ele tocou em meu braço, onde a roxeado se instalou.

— Quero que me perdoe. — Seus dedos subiram e tocaram os fios do meu cabelo que escapavam do coque mal feito.

Nem para pedir perdão ele é educado.

— Não tem o que perdoar. — Ele fechou a cara. — Qualquer coisa me deixa roxa.

Ele parecia perdido me olhando, sua respiração estava irregular.

— Senhor...

— Você parece um anjo. — Suas pupilas se dilataram, observei seu rosto, haviam cicatrizes, mas mesmo assim ainda ele tinha uma beleza rústica. Uma beleza que eu nunca vi.

— Eu preciso voltar ao trabalho senhor...

Me afastei e ele pareceu acordar.

— Não me faça esperar. — Seus dedos grossos passaram pelo seu cabelo.

Em silêncio sai, deixando-o sozinho. Tentei não olhar para trás.

Fiz todo serviço, fugindo de Seely e de suas perguntas. Já passava da uma da tarde quando eu senti uma mão enorme na minha cintura, me prendendo.

— Você esqueceu. — A voz dele estava rouca denotando raiva, tentei me afastar, mas não havia pra onde correr. Tentei empurrar para trás, mas meu bumbum foi de encontro a algo grande e duro. A mão dele foi de encontro a minha intimidade, ele puxou meu corpo com força.

Santo pai.

Sua mão procurou o cóis da minha calça leggings seus lábios atacaram meu pescoço e eu simplesmente derreti em seus braços.

— Sem calcinha. — Merda, os dedos grossos e calejados tocaram meu clitóris suavemente senti, todo meu corpo pegar fogo. Molhadinha... Tudo isso para mim?

— !! — Soltei um grito mudo, quando seu enorme dedo entrou sem cerimônia... — Por... Favor...

Me esfreguei contra ele, sem pudor algum, ele agarrou meu seio e mordeu meu pescoço com força.

— Não me marque. — Tento não gemer.

— Minha... Tudo aqui... — Pressionou o dedo. — É meu.

Seus lábios chuparam meu pescoço com maestria, rebolei em seus dedos, sem perceber que ele colocou mais um.

— Goza...

....

— Menina? Annie.

— S...im.

— Tudo bem querida? Você está vermelha. — Entrei na primeira porta que eu vi, sem responder Seely.

Meu corpo suave e tremia, fechei meus olhos. E toquei entre minhas

pernas, minha calça estava toda molhada, minhas costas escorriam suor. Eu parecia uma adolescente escrevendo o primeiro *hot* de um livro para o Kindle.

Eu coração estava disparado, coloquei a mão no peito dando-me conta que quando eu abri meus olhos. Eu estava na ala proibida.

No quarto do meu patrão.

— Sonhando acordada Lately?

Put a merda fodida!

CAPÍTULO 4

“IMUNDÍCIE VULGO PELUDINHO”

*“Eu sempre tive esse sonho, como o meu pai antes de mim
Então eu comecei a escrever canções, eu comecei a escrever histórias
Algo sobre glória, sempre pareceu me aborrecer
Porque somente aqueles que eu realmente amo me conhecem
verdadeiramente”*

Lukas Graham
7 Years

A N N I E

Eu estava com uma enorme sensação de comichão, querendo enforçar meu digníssimo patrão. Me sentei na enorme mesa cheia de comidas exageradas e adornadas. Um exagero extremo, porém, quem sou eu para reclamar?

— Coma. — A puta voz rouca e grossa me fazia ter calafrios em lugares nada apropriados e estratégicos.

Coloquei em um prato uma pequena quantidade de purê e um pedaço de bife.

— Mais.

— Como? — Levantei meus olhos para ele sem estar preparada para a encontrar aqueles olhos e os lábios entre os dentes e as mandíbulas travadas.

Ele sem que eu esperasse arrancou o prato de minhas mãos, colocou o dobro de purê e um bife com tamanho digamos exagerado, colocou arroz.

— Senhor...

— Coma. — Empurrou em minha direção e encheu um copo de suco. A comida descia a pedradas.

— Por que resolveu trabalhar pra mim? — O monstrinho peludinho

quebrou o silêncio bizarro. Que, aliás, nem para ele eu trabalho e sim, para o irmão dele, já que se fosse por esse daí eu já estava morando embaixo da ponte e fazendo fogo em latas de lixo para não morrer de frio à noite.

— Última opção? — Bebi um gole de suco e cortei o bife querendo enfiar o garfo embaixo da sua unha.

Seria uma sensação prazerosa, mais do que ele me fazendo gozar, enfiar um garfo em cada unha. Delirei de vontade.

— Sua filha é encantadora.

Engasguei-me. Abre as portas do inferno porque eu estou descendo capeta, é hoje que eu acerto minhas coisas com o tihoso lá embaixo.

Dei tapinhas na minhas próprias costas. Ele me olhava como se eu tivesse duas cabeças.

— Co...mo?...

— Sei cada passo que as pessoas dão em meu castelo, sei tudo que acontece dentro e fora desse lugar. — Ele tomava o vinho dele tranquilo enquanto eu queria enfiar um garfo no rabo dele.

— Eu poss... o — Eu juro, Deus é testemunha do quanto eu estou tentando, agora eu entendia o porquê de todo esse circo. Almoço e tal. Ele só queria jogar na minha cara.

— Explicar? O quão ardilosa você foi trazendo uma criança pra minha casa sem minha permissão. E o quão baixa é por sustentar essa mentira descarada?

O fio de cabelo que me prendia nessa merda arrebitou.

— Escuta aqui seu sádico maluco, eu aguento suas bizarrices, suas escrotisses, por minha filha, porque ao contrário de você, eu olho pra algo além do meu próprio umbigo seu egoísta do caralho, nunca duvidei da sua dor, das coisas que viu Major Mitchell, mas se aquelas medalhas foram ganhadas por mérito e honra hoje você não as merece, sim eu menti, fui suja ao enganar um cara que se eu respirar me ameaça pôr na rua, me julgue, culpe, mas você nunca vai saber o que é ficar com fome pra filha comer, vê-la querer algo e não poder dar. — Eu já chorava de ódio. - Quer me pôr na rua me coloca, me demita, foda-se essa merda. — Joguei as mãos pro alto.

Eu havia chutado o pau da barraca. Sai da mesa, com a visão turva. Seely estava na porta com as mãos nos lábios.

Sai pela porta dos fundos, indo até a casa dos empregados. Minha pequena fadinha brincava sentadinha no chão com algumas bonecas que foram minhas, surradas e antigas. Me ajoelhei ao seu lado e a abracei. Ela correspondeu.

- Mamãe tá *cholano*? — Beijeí sua cabecinha e neguei.
- Foi só um cisquinho que caiu no olho da mamãe.
- Nos dois? — Sorri fraco.



- Sim querida, nos dois.

De alguma forma eu sabia que aquela imundície maldita estava me espiando pelas paredes. Agora eu leva a sério as histórias de que havia passagens por esse mausoléu.

Fiz o resto do serviço, sem reclamar, cantar ou dançar. Eu havia explodido em frente ao meu amado e venerado patrão, dado a ele munição para me humilhar e me maltratar.

Eu só ficaria mais um tempo, apenas o suficiente para conseguir me estabilizar e por fim por um rumo a minha vida.

- Eu sinto muito filha...
- E eu sinto mais por ter aceitado essa merda e mais ainda por precisar dela. — Deitei meu rosto na mesa da cozinha.
- O Gael...
- Nem defenda ele tia Seely. — Olhei pra porta e o príncipe estava parado na porta com uma pasta. — Eu consegui, sua ex-sogra terá muito que explicar as ameaças que fez a você.
- César, ah meu santo pai fodido. — Pulei nele o abraçando, comecei a chorar de novo. Dessa vez de felicidade.
- Eu sei, eu sou demais. — Me afastei dele e ele entregou os papéis, passei cada folha, dizendo que a audiência havia sido adiada por falta de provas de abandono de incapaz.

— Ahh meu Deus. — Me sentei soluçando e coloquei a mão nos lábios.

— Você me deve uma cerveja. — Piscou e abraçou Seely, que tinha lágrimas nos olhos.

— Eu... César... — Olhei pela janela e vi Holly na grama deitada, apontando para as nuvens no céu.

— Não fiz nada que não poderia ser feito, porém eu fiz com um QI a mais Lavelly. — piscou e fez cara de deboche.

Me levantei. E o abracei.

— Ela vai voltar eu garanto. — Sim, ele merecia Hannah de volta, eu como boa cupido que sou, vou dar uma mãozinha.

Depois de quase duas horas falando comigo e mais uma brincado com Holly, ele se foi. Me sentei no sofá da casa dos empregados aliviada, Holly já dormia. E Seely e Edgar estavam sentados no outro sofá sorrindo.

— Nós sabíamos que César conseguiria... — Sim, o doido do César consegui fazer o juiz se convencer que eu sou uma boa mãe e que minha digníssima ex-sogra é desequilibrada.

No outro dia levantei e fiz tudo no automático. E assim passou o mês, eu só sorria pra Seely e Edgar e principalmente Holly, nada de dançar ou cantar pelo mausoléu. O peludinho fodidamente egoísta e sádico não deu as caras, eu não o via mesmo sabendo que o doido me via. Bizarro eu sei.

César e eu conversamos por WhatsApp e nossas últimas conversas e de como ele pode se reaproximar a musa dele.

— Querida? — Seely um certo dia me apressou.

— Diga minha rainha. — Me virei e ela estava estranhamente pálida.

— Vá antes que sua folga acabe. — Eu estava de saída para a cidade, ou seja no gás. Botei um salto, fiz o cabelo e deixei os soltos, botei uma calça Jens e uma blusinha. Holly estava vestindo um vestidinho rodado toda fadinha como César a chama. Holly foi atrás de Edgar mostrar seu vestido.

E eu colocava os brincos. Em pleno sábado em meses eu poderia levar Holly a cidade e dar a ela coisas decentes.

— Atenda a porta. — Dei de ombros e entrei no castelo e fui a porta.

Me senti ofuscada pelo cabelo da ruiva que batia o pé impaciente no chão. Era a ruiva da pintura virada.

Credo.

— Posso ajudar?

— Gabriel está?

— Gabi... Quem? Ah o imundície? — Por algum motivo eu de mostrei uma intimidade que eu tenho só na minha cabeça com ele. Intimidade essa que eu uso para matá-lo de forma obscura em minha mente torpe e desequilibrada.

— E você é? — Me mediu de cima a baixo, ainda bem que eu hidratei meus loiríssimos cachos e coloquei meu Prada falsificado.

— Annie Lavelly. — Nem estendi a mão.

Coloquei minha unha pintada de preto brilhante nos lábios. E sim sou digna de Oscar. Senti como se o diabo subisse a terra, ou seja, meu chefe.

— Quem é essa mulher Gabriel?

Nem me virei, só me mantive quieta na minha. Sentia que ele estava me olhando desconfiado. Que ele não me humilhe na frente dela.

— Ninguém que você deva conhecer, o que faz aqui Julyn?

— Precisamos conversar Gael e você me deve isso...

— Não me chame de Gael, e eu não lhe devo nada, aliás devo sim... Agradecimentos à Deus por ter me livrado de você. Agora suma da minha frente.

— Escuta aqui seu deformado....

Por algum motivo que eu desconheço entrei na frente de Gael, está o cara é um fodido? Imundície? Sádico do caralho? Egoísta? Filha da puta? Bizarro... Certo chega, mas deformado é demais até para mim.

— Desculpa a fraqueza moça. — Meu chefinho colocou a mão em meu ombro. — Mas dá o fora.

— Não vale apenas Annie...

Sorri vitoriosa e claro bati a porta. Me virei pronta para sair dali. Mas o peludinho seguro meu braço, suavemente.

— Obrigado. — Engasguei, ele sabe agradecer. Quase bati palmas.

Lindo, lindo és... Glória... Glória eu te dou Jesus... É milagre que seja

visto. O cara foi um resto de bosta que entope o vaso sanitário comigo mês passado e agora está todo mansinho.

Já posso morrer em paz.

— Disponha. — Sorri debochada, ele me mediu de cima abaixo passado a língua nos lábios. E eu fiz o mesmo... E me arrependi. Me arrependi nada, mas enfim.

— Vai sair? — Perguntou se aproximando.

Não que eu deva alguma satisfação a esse bosta do que eu faço na minha folga, mas sou um amorzinho.

— Sim.

— Será que antes posso falar com a senhorita?

Já está falando.

— Sim.

— Me acompanhe...

Ele está cheirando a canela e madeira, ah cheiro de homem... Aquele cheiro que molha a zona sul. E nos faz ver estrelas.

— Vou ser direto, todos os anos meus pais dão um baile beneficente. Que será realizado daqui a dois meses e eu quero que me acompanhe.

— Isso é um convite.

— Não.

— Foi o que pensei. Dispenso.

— Eu pago.

— Estou feliz com o que eu ganho.

— Por favor. Eu sei que você não me acha ser mais agradável do mundo, mas eu quero que pense.

Pois é né.

— Está pedindo agora?

— Sim, estou.

— A Belinda vai estar lá não é?

— Belinda?

— Nome de vaca. A ruiva Belinda. — Sorri e ele me olhou depois riu.

Sim, ele riu. Está, o cara tem uma puta risada gostosa mais enfim.

— Será em Londres. — Disse e eu Suspirei.

— Olha car... Digo senhor Mitchell... Eu preciso pensar.

— A pequeninha pode ir junto, conhecer Londres. Eu posso conhecê-la?

— Minha filha? Por quê? — Desconfiada eu? Só quem já levou chumbo no rabo sabe, desse cara? Eu espero tudo! Inclusive que ele me mate e jogue meus pedaços aos cachorros.

Difícil.

— Sai daqui. — Estava bom demais pra ser verdade.

— Se ela quiser não a nada que impeça. Só não a magoe. — Dei de ombros sem me importar com a mudança repentina de humor dele.

Falei saindo da sua sala sem esperar a patada de volta. Nem sou louca.

Peguei um ônibus que ia até a cidade escondida de Edgar, me nego a usar o carro do peludinho. Duas horas depois eu desci com minha bebê adormecida em meus braços.

Do outro lado da rua um carro conhecido por mim estava parado. Tentei dar a volta, mas eu vi o cabelo castanho apontar, tentei me manter firme, me virei com tudo batendo em alguém.

Me desculpei e continuei andando, Holly acordou.

— Mama? — Entrei em uma loja de brinquedos e os olhos da minha pequena brilharam.



Ela escondeu o rosto em meu pescoço quando a vendedora veio toda feliz. Eu nunca pude dar a ela nada além de brinquedos velhos e comida. Essa era hora de eu me redimir.

Nós chegamos já eram quase oito da noite, afinal o ônibus atrasou. Mas cheias de sacolas e felizes.

— Meus Deus! Você carregou tudo isso sozinha? — Seely e Edgar

virem ao meu socorro. E eu sorri toda contente.

— Com muito orgulho.

Holly mostrava tudo enquanto eu ajeitava as sacolas. Meu rabo caiu da bunda ao perceber meu amado chefe sentado na mesa nos olhando atentamente.

— Convidei o menino Gael pra jantar conosco.

Holly correu para trás das minhas pernas quando percebeu que ele se levantou.

Ele veio até nós e me olhando se abaixou.

— Olá pequenininha...

Holly ficou vermelhinha, eu também, final era um puta cara de quase dois metros, gostoso.

— Quem é mamãe? — Me virei e peguei Holly no colo.

— Esse é o senhor Mitchell.

— Michelle? — Ela me olhou confusa.

— Mitchell amor. — Ela escondeu o rosto em meu pescoço.

— Me chame de Gael. — Ele tirou do bolso um pequeno pacotinho.

— Pra você.

— Pra mim? Posso mamãe? — Beijeí sua bochecha.

— Pode.

Ela pegou o pacotinho e me olhou sorrindo feliz. Ela puxou a cordinha e de dentro tirou uma correntinha em formato de asinhas de anjo.

— Que bonito.

— Sim é linda... Senhor Mitchell deve ter sido caro e... — Nem que eu trabalhasse a vida toda e ainda vendesse um rim, eu conseguiria dar um pingente desses a ela.

E... Ele rosnou, me calei. Ela estendeu os bracinhos para ele toda vendida. Ele me olhou acanhado.

Pegou ela e ela abraçou seu pescoço. E ele olhou constrangido quando ela do seu jeitinho meigo agradeceu.

— Vem vê os presentes que a “*mama*” deu. — Ela pulou do colo dele e o puxou até o sofá. Empolgado mostrou o boneco do Hulk e a dupla de

palhaços brasileiros Patati e Patatá.

Me afastei. Fui até Seel com uma cara confusa e desconfiada. Holly estava sentada em uma de suas pernas falando empolgada dos vestidos que ganhou. E ele sorria e concordava mesmo não entendendo quase nada, já que Holly se atrapalhava. Ele ria.

Holly enrolou os dedinhos em sua barba e eu tentei impedir.

Ele rosnou. Como o bom e velho cachorro vira lata que essa imundície é.

CAPÍTULO 5

HAKUNA MATATA E A VAGABUNDA LOIRA

*"Sentimentos são
Fáceis de mudar
Mesmo entre quem não vê que alguém
Pode ser seu par
Basta um olhar
Que o outro não espera
Para assustar e até perturbar
Mesmo a Bela e a Fera
Sentimento assim
Sempre é uma surpresa
Quando ele vem, nada o detém
É uma chama acesa
Sentimentos vem
Para nos trazer
Novas sensações, doces emoções
E um novo prazer
E numa estação, como a primavera
Sentimentos são, como uma canção
Para a Bela e a Fera
Sentimentos são
Como uma canção
Para a Bela e a Fera"*

Sentimentos

ANNIE

Não sei o que é pior minha filha ter amado o meu venerado e idolatrado chefe ou eu ter sonhos e visões molhadas com ele.

Em poucos dias vi minha filha me trocar pelo peludinho do meu chefe.

Na verdade, não tão peludo, há dois dias, eu acidentalmente. Leia-se bem acidentalmente, entrei no quarto dele enquanto ele vestia uma camisa. E meu santo pai das mãos com a menina empoeirada, pensa num tanque digno de artilharia de exército.

Tá, ele é uma puta de uma imundície, mas é um baita de um pedaço inteiro de mau caminho. Não sou cega nem burra a ponto de não achar ele um homem bem feito. Louco mais bem feito.

Achei a pintura da Belinda toda rasgada, destruidinha no lixo do ateliê, agradeço aos céus por não ser eu. Óbvio.

— Querida? Passe o terno preto do Gael e pendure atrás da porta do banheiro. — Nem questioneei. Ouvi risos da minha filha no corredor.

Bati na porta do quarto e ouvi um "entre" rouco e suave. Os dois estavam no chão, ela olhando para o teto, e ele lendo um livro que não pude ver o nome.

— Mama. — Correu para os meus braços. E eu a agarrei. — O homem de ferro. — Apontou pro livro, que na verdade era um quadrinho grosso da Marvel. — “*Gaeu*”... Tá *leno* pra eu...

— Que incrível, então não o deixei esperando. — Eu posso até sonhar que o cara me possui ardentemente, mas encarar ele é outra coisa bem diferente.

Ela pulou do meu colo e se jogou em cima dele. Ele a pegou e olhou pra mim, de forma séria. Entendi o recado, ela é bem-vinda... Eu não.

Entreí no closet milimetricamente arrumado por mim. Tirei o terno preto.

Sai do closet e meu patrãozinho querido me olhou sério e pensou em dizer algo. Mas não disse.

Minha filha entretida com ele, enrolava seus dedinhos nos cabelos dele. Ela realmente estava apaixonada por ele, ele falava manso e ria.

— Querida? — Seely tirou dos meus devaneios e eu terminei com o terno, com uma vontade insana de queimá-lo acidentalmente porém fico só na vontade mesmo.

— Sim minha rainha? — Me curvei rindo. Ela sorriu e eu lhe entreguei o terno, eu me amo demais para voltar ao quarto.

— Venha almoçar, pois o menino Gael e a pequena fadinha já estão na mesa.

Sondei pela porta e Holly estava sentadinha em seu colo toda cheia de molho no rosto.

— Venha comer Lately.



Ele mandou, neguei mesmo ele estando de costas. Fechei a porta da sala de jantar e rumei à cozinha. Não, eu não me daria ao luxo e essa confiança. Eu não iria por esse caminho sem volta.

Ao qual eu sairia machucada.

Naquele mesmo dia. Depois de dar um banho em Holly e colocá-la na cama com os olhos de águia do meu chefinho. Eu me dei ao luxo de ir ajudar Edgar com as flores.

Edgar deu um pulo com Seely na cidade enquanto eu mudo as mudas e podo as rosas. Vestida com uma jardineira curta e uma regata, cabelos presos.

Eu não estava ganhando por isso, mas sempre tive um fraco por rosas vermelhas como essas. Simplesmente lindas.

— Hakuna matata...

— Deus... — Meu dedo foi direto nos espinhos. Fechei meus olhos pro sangue... Quando fui enfiar o dedo nos lábios uma mão máscula me impediu.

— Não faça isso. — Abri meu olhos e meu chefe, vestido com o terno caríssimo estava abaixado ao meu lado, ajoelhado na calçadinha de tijolos que ficava ao redor do jardim.

Ele deitou um lenço e colocou sobre o corte.

— Acho que eu só te caso ferimentos não é? — Se referiu ao incidente do roxo em meu braço, neguei.

— Não foi nada... O senhor vai se sujar...

— Não me importo.

Claro, não é tu que lava e muito menos passa.

— Senhor...

— Uma tatuagem intrigante. — Se referiu a tatuagem em meu cóccix, já que as alças da jardineira não estava em meus ombros e sim caídas, e revelaram mais do que deviam... — O que significa?

Perguntou curioso, me olhando sério, e ainda fazendo pressão no meu dedo.

— *Seus problemas você deve esquecer... Isso é viver... Hakuna matata...* Timão e puma, rei leão.

Ele pareceu pensar. Intrigado balançou a cabeça como se fosse esquecer de algo. E me olhou, os olhos claros e revoltos terminaram de foder com meu psicológico perturbado.

— Quero que Holly vá a escola. — Olhei pra ele surpresa.

— Senhor eu...

— Já matriculei ela na Princess School. — Arregalei os olhos. É umas das escolas mais caras das redondezas.

— O senhor fez o que? — Me levantei.

Ele não podia ter feito isso não sem minha autorização.

— Eu sei que agi por impulso. E não lhe consultei, mas Holly me falou com tanto entusiasmo que eu não resisti. — Passei a mão no cabelo nervosa.

Ele parecia desarmado. Diferente do homem grosso de sempre. Suspirei. Minha filha em primeiro lugar.

Ele ajeitou o terno e me olhou intensamente. Sorri fraco, desconcertada e desarmada diante desse homem. Extremamente louco e bipolar.

— Certo. Eu... Obrigada.

Ele sem saber havia me salvado, de perder minha filha pra mim amada ex-sogra. Aquela megera mal amada e comida.

— Eu... — Ele ficou nervoso de repente. E virou as costas e saiu.

Edgar e Seely voltaram pouco tempo depois, cheios de sacolas, Holly ainda dormia, o que era um recorde, ajudei Seel a guardar tudo.

Gael tinha visita, uns homens fardados, que riam e falavam alto. Ouvi vozes e risos.

Mas uma me chamou atenção.

— Senti sua falta Gael. — Olhei pela janela vendo ele abraçar uma loira e ela quase beijar seus lábios. Virei de costas e sai pra casa dos empregados. Meu estomago embrulhou.

Ele sabia tratar as pessoas bem, seu problema era comigo. Nesses meses percebi que o maldito problema sou eu. E nada vai mudar isso.

— Mamãe? — Beijei o narizinho de Holly que pulou em cima de mim. — O “*Gaeu*” vai comer com a gente hoje?

— Ele tem visita querida. — Seu rostinho ganhou uma expressão triste.

Depois de implorar a Seely pra me deixar de fora desse jantar, de veteranos. Eu me concentrei em fazer um macarrão com queijo pra mim e para Holly, já que Edgar e Seel ficariam no castelo a disposição do senhor intocável.

— Mais queijo. — Holly enfiou os dedinhos no queijo ralado enchendo a mãozinha e comendo, fazendo uma carinha de satisfação.

— O cheiro está ótimo. — Me virei vendo um César todo despojado parado em minha porta e logo atrás dele a tão falada Hannah, ela não tinha uma cara muito amigável, mas ao ver Holly toda suja de queijo seus olhos brilharam — O mausoléu está movimentado hoje...

Ri e o abracei, Hannah me olhou desconfiada. Sem que ela esperasse a abracei também.

— Onde está minha pequena fadinha. — César jogou Holly para cima, e ela animada deu um gritinho. Toda vendida aos carinhos de César ela o abraçou colocando seu bracinhos no pescoço dele.

— Senti saudades. — Holly já estava falando mais certinho, sem algumas palavras mais complicadas, mas ela se esforça pra dizer certo. Meu orgulho.

— Eu também... Quero que conheça alguém... Essa é aquela princesa que eu te falei. — Os olhos de Holly brilharam ao perceber Hannah.

— Oi.

Disse tímida escondendo o rostinho no pescoço de César. Hannah passou a mão em seus cabelos, mas olhou séria pra César.

— Mama me deu um montão assim oh — Esticou os bracinhos. — De bonecas.

— E você vai me mostrar? — Ela pulou do colo dele e o empurrou pelas pernas até a sala.

Hannah permaneceu em silêncio.

— Ele te obrigou a vir não é? — Ela me olhou com os olhos cheios de lágrimas e me abraçou.

— Eu sinto tanta falta dele. — A abracei e a fiz sentar na bancada comigo. Ela secou as lágrimas e eu voltei a ralar o queijo.

— Você ainda o ama. Eu não sei nada de amor, assim, mas posso te garantir que ele não te traiu. — Por algum motivo que eu desconheço eu afirmei.

— Me desculpe por ter imaginado coisas...

— Tranquilo. Até eu imaginaria, mas de certa forma César se tornou meu porto seguro, um irmão e eu espero... — Larguei o ralador. — Que você se torne também.

— Ele me disse que você é só.

Dei de ombros.

— Só é uma palavra começa demais pra mim. — Ouvi gargalhadas vindas da sala.



— Seremos grandes amigas....

Depois de comermos e eles irem embora, Anna como queria que eu a chamasse me prometeu voltar, tínhamos muito em comum. Holly dormiu nos braços de César, esgotada.

Me deitei ouvindo Edgar e Seely entrarem e o barulho dos carros das visitas do meu amado chefe se afastarem.

Depois de ler alguns contos eróticos em meu Kindle, dormi. Com pensamentos impróprios com meu chefe.

— Bom dia. — Seely entrou em nossa cozinha, eu já havia preparado nosso café. Acordei animada disposta a virar esse castelo.

— Bom dia minha rainha. — Mandei um beijo pondo o pão de queijo na bancada. — Edgar seu lindo. — Beije suas bochechas.

— Bom dia filha.

Animados tomamos o café, pontos pra enfrentar o monstrinho do meu chefe.

— Os meninos foram embora cedo, mas Felícia ficou. — Seel disse me fazendo sentir um comichão estranho dentro de mim.

— Felícia... Nome de porca. — soltei colocando um pão de queijo na boca.

— Ela foi uma das enfermeiras que cuidou do Gael no regimento. — Revirei os olhos me levantando.

— Claro que ela adora cuidar dele. — Edgar ficou assistindo ao jornal, pois mas tarde iria com meu adorado chefe não sei onde, no inferno talvez? Porém Edgar não merece isso.

Munida do meu carinho de limpeza, vestindo uma legging preta e uma camisa do Scooby Doo, cabelos presos sai em direção ao andar de cima.

— Sua idiota. — A loira saiu de uma das portas que eu sabia que davam aos quartos de hóspedes. — Tinha que ser a vadia que o Gael falou.

Ela vestia uma camisa do meu chefinho e me olhava com nojo.

— Gael tem razão em ter asco de você. — Foi como se eu levasse um tapa na cara. — Onde pensa que vai? — Puxou meu braço. Minha boca havia travado. Meu corpo estava em choque. Não por ela ter dito. Mas...

Droga.

Senti as lágrimas querem descer. Não essa vadia loira falsificada das tripas do capeta não vai me fazer chorar.

— Fazer meu serviço, que por sinal a senhora está atrapalhando.

Ela soltou meu braço e me olhou com pena?

— Desculpe querida. — Me virei e Sr. Mitchell está me olhando com um sorriso?

Enfie essa desculpa no rabo, vagabunda.

Passei por ele sem olhar pra ele, pois provavelmente eu estava atrapalhado a foda matinal dos dois, nojo.

Acho que não havia sensação pior que essa, se sentir um nada. Não quero que ele me trate como rainha nem nada só queria um pouco mais de humanidade.

O que fiz para esse homem? O que fiz?

Meu serviço foi feito de forma mecânica, não comi, não falei nada, não fiz nada diferente do habitual, Holly corria no jardim enquanto Sr. Mitchell estava sentado em frente a uma tela pintando, concentrado.

Terminei de estender os lençóis brancos no varal, não deu. Não deu mesmo.

Explodi, um soluço alto ecoou no jardim. Vi eles olharem em minha direção e Seely largar o cesto de frutas e correr de encontro comigo.

Cai de joelhos e vi entre lágrimas Edgar levar Holly que também chorava pra longe, todo meu corpo tremia, sentia braços fortes me agarrarem.

— Annie? Annie?

Eu não consigo mais...

Droga, eu não sou assim, eu debocho, ironizo, mas não choro. Senti os braços fortes me erguerem, fechei meus olhos, não.

Não admito ser fraca. Não admito.

— Eu... Eu... Me demito.

CAPÍTULO 6

“LAPSOS DE MEMÓRIA, FRAGMENTOS DE TEMPO.”

S Í R I A, 2011

G A E L

Arrastei meu corpo pelo chão, minha perna estava presa ao concreto da instalação militar. Ouvia meu nome ser chamado ao longe.

Só pensava em uma coisa. Julyn... Sua voz decepcionada me dizendo pra não ir. Senti mais escombros cair em cima de mim, olhei pelos escombros e vi meu sangue manchar em volta de mim, sentia os vidros cortarem mais minhas costas ao tentar me afastar dos escombros.

Eu a pediria em casamento assim que voltasse. Fechei meus olhos e imaginei seus cabelos ruivos e por algum motivo tive força pra me arrastar mais.

Minha mente projetava as malditas imagens de Julyn chorando a meu ver entrar no avião. A farda e as medalhas em meu peito não valiam mais nada...

L O N D R E S, 2011

Doze dias depois.

— Filho? — Senti uma mão pequena e quente apertar a minha. Engoli o seco de minha garganta e abri os olhos, os fechando para a claridade que se instalou. As paredes brancas.

— Ág...lá. — Minha voz falhou.

Minha mãe colocou um canudo em meus lábios e eu tomei a água senti

o gosto amargo como fel.

Inferno.

Minha perna estava presa a uma gaiola de pinos, que iam do tornozelo a coxa, intercalados, onde os buracos aos quais os pinos passavam estavam manchados de sangue.

Todo meu troco estava envolto com faixas, imóvel eu vi minha mãe apertar o botão ao lado da cama.

Minutos depois uma mulher entrou com um sorriso ela se aproximou.

— Major Mitchell.

— O que houve comigo? — Seco eu perguntei, querendo ver apenas Julyn.

— O senhor teve múltiplas fraturas na perna e infelizmente teve a patela esmagada, sua cirurgia de reconstrução foi um sucesso. Porém tivemos que substituí-la por uma de titânio. O senhor teve também múltiplos cortes nas costas, e foram retirados vidros e alguns fragmentos da granada pela qual o senhor foi atingido.

Me mantive em silêncio vendo minha mãe abatida pegar em minha mão. Depois de responder as perguntas da médica mecanicamente eu fechei meus olhos para a ardência em minhas costas ao qual a médica fez questão de verificar, ela saiu convencida de que eu estava bem, mas disse que voltaria.

— Filho...

— Onde está Julyn? — Perguntei esperançoso, queria vê-la , tocá-la e sentir seu amor.

— Meu bem...

Minha mãe, dona Susane Mitchell parecia ter envelhecido anos, seus olhos claros como os meus tinham bolsas roxas, sua expressão era cansada.

— Mãe...

Ela pegou um papel pardo, um envelope. Ela me estendeu.

— Ela me entregou logo que soube do ataque. — Toquei o envelope com receio.

— Mãe...

— Filho...

Meu coração perdeu a batida, quando eu abri e sua aliança cai sobre o

lençol, meu mundo pareceu rodar ao tirar o papel branco escrito com letras vermelhas e pretas. Senti uma dor imensa em meu peito. A data conferia com o dia da minha partida, dia que ela não foi ao aeroporto se despedir.

O papel dizia que... Que... Ela... Ela havia tirado um filho meu.



HEREFORD, INGLATERRA

2017

— Você não pode demitir todos os empregados que eu contrato Gabriel. — Continuei a desenhar na tela, vi meu pai parar ao meu lado e colocar a mão em meu ombro. — Você precisa superar Gael.

— Sua moral não se aplica a mim Joshua. — Senti meu pai se afastar.

— Eu estou te perdendo. Todos estão desistindo de você Gabriel, não me faça querer também.

Ouvi a porta do meu ateliê bater, Suspirei.

Os últimos anos foram infernais, idas a hospitais, sequelas, pneumonias, infecções. Minha vida se resume a apenas torcer para uma infecção ser forte o suficiente.

Eu não queria ninguém com pena do major Mitchell como os malditos noticiários diziam. Não queria ver pena estampada no rosto de ninguém a me ver mancar. Ou simplesmente saber que eu perdi tudo.

Vi o carro dos meus pais se afastar.

Inferno, será melhor assim...



HEREFORD, INGLATERRA

2017

Alguns meses antes.

— Não se meta em minha vida. — tentei tirar os malditos fios, joguei a maldita máscara de gás pra longe.

— Quantas marcas mais você vai precisar ter pra se tornar um homem de verdade? Ver além do seu umbigo? — Meu irmão caçula me olhou perdido levantado, eu sabia que eu já havia sido seu espelho, hoje apenas cacos pra ele limpar.

— E quantas vezes mais você vai precisar ouvir que eu não preciso de ninguém? — Manquei até a cadeira, minha perna pendeu quase travando, as fisioterapia não adiantavam de nada, uma perda enorme de tempo. Nada me faria voltar a ser o mesmo. Nada, inferno.

— Você precisa, e eu já resolvi isso. E que se foda. Se outra pneumonia te pegar você pode não resistir. E você sabe. — Me sentei em sua cama.

— Se você trazer outra criada, ela terá o mesmo destino que a outra. A rua. — Me irritei, já estou cansado de ter bisbilhoteiros em minha casa, ter que aturar vadias dando em cima de mim, ou ouvi-las me chamar de monstro.

— Não, se você fizer isso, eu saio de campo. Desisto de você. — Senti meu coração apertar de certa forma Gustave era o único que tentava, que queria que eu tivesse esperanças, a dor em meu peito nunca seria curada, Julyn não se importou em deixar claro a aberração ao qual me tornei, que eu era culpado por ela ter matado nosso filho. Pois ela preferia um filho morto sem saber do pai deformado e inútil ao qual me tornei.

— Nunca pedi pra que você ficasse. — Tossi, sentindo a maldita

falta de ar voltar.

Meu irmão se levantou, vi em seu uniforme de certa forma meus sonhos e planos realizados.

— Quando todos virarem as costas pra você, não por capricho como aquela vadia fez, você irá se arrepender, você quer a solidão Gael, mas quando ela vier em sua vida de verdade e você se lembrar dessa conversa... Não terá médico ou remédio que te tire desse buraco. Você já viu coisas que ninguém jamais verá e não foi isso que tornou você o que você é, você sabe disso. Não vou desistir de você, porque você me pede. Pois não é isso que você quer. Mas quando eu desistir, perder essa guerra. Não terá nada que me prenda aqui.

— Saia. — Foi como se eu levasse um soco — EU MANDEI VOCÊ SAIR PORRA! — Ouvi ele bater à porta, deixei que uma lágrima solitária cair, jurei a mim mesmo que seria a última.



HEREFORD, INGLATERRA

2018

Dias atuais.

Sem nenhum esforço passei por entre as passagens que dão do ateliê ao corredor, batendo a porta, ouvi palavrão e sorri maldoso.

Olhei pela parede sorrindo. A parede era falsa podia se ver de dentro, mas de fora era apenas uma simples parede decorada com papel florido.

Ela se abaixou e eu sorri, ela tem um corpo, diferente de tudo que eu já vi, grande, cheio de curvas e volumoso.

Maldoso fiz barulhos e ela xingou outro palavrão.

Ouvi ela resmungar algo sobre o diabo estar nas paredes... Lately mesmo cantando músicas estranhas e se comportando feito uma criança,

parece uma pequena boneca de porcelana. Sua pele é muito alva. Desde que eu a toquei e sua pele ficou roxa ela se afastou e educada, e mesmo me xingando pelas costas faz o serviço com louvor.

Vejo paixão em seus olhos ao olhar para as minhas telas, coisa que nunca vi em Julyn, mesmo estando cansada ela ajuda Seely.

Confesso que nas primeiras semana fazia questão de fazer com que me odiasse, se demitisse ou fizesse algo de errado, mas não. Nada.

Sempre agindo com perfeição, tudo. Nada, nem uma poeira se quer.

Foi aí que eu entendi.

A pequenina Holly.

Esse é o motivo pelo qual ela aguenta tudo, faz tudo. Descobri a pequena malandrinha enquanto ela tentava subir em um dos meus pés de amora, toda empenhada dando pulinhos no chão. Vi Edgar a repreender e ela se desculpar toda fofa.

— Desculpa Ed... Frutinha. - Edgar a levantou e toda roxa e melecada de amora ela chamou pela mãe.

Eu queria conhecer, falar com ela. Ela era a cópia fiel da mãe, os olhos, o cabelo, o formato do rosto tudo.

Mas eu não podia me aproximar, via Lavelly esconder a bebê ao máximo, com medo de talvez eu a ferir.

— Me desculpe... — Pedi em silêncio vendo ela dançar com o espanador, quando ela me disse o que havia passado com a pequenina meu coração depois de muitos anos perdeu a batida.

Foi como se eu levasse um soco no estomago.

— Menino? — Seely me chamou quando eu sai do meu quarto. — pare de assustar Annie. — Riu. — Ela ainda vai descobrir.

Dei de ombros.

— Holly já acordou? — . Perguntei animado, fazendo um coque. — Quero mostrar a ela meus quadrinhos e livros.

— Ainda não. Querido... Vincent e os rapazes ligaram...

Nervosa. Ela passou a mão no cabelo e se aproximou me abraçando.

— Mande passar meu terno. — . Sorri, fraco e descii as escadas. Vi Lavelly na outra ponta do corredor desfiz o sorriso e ela abaixou a cabeça,

indo na direção contrária.

Já era tarde quando eu tomei um banho e me vesti, eu sabia que Holly precisava ir à escola, de atenção, então depois de um telefone a pequena já estava matriculada.

Vi Lavelly concentrada com as flores. Me aproximei vendo algo que eu não esperava.

— Hakuna matata...

O traço fino e bem desenhado, me chamou atenção, a pele branca riscada com a letra desenhada me fez intrigado.

— Deus... — seus dedos agarram com força a roseira, ela olhou para o sangue e fechou os olhos, automaticamente impedi dela levar o dedo aos lábios.

— Não faça isso. — Mecanicamente me abaixei pegando sua mão tirei um lenço o bolso e ponhei sobre o corte.

— Acho que eu só te causo ferimentos não é? — perguntei mais pra ela do que pra mim, ela piscou lindamente nervosa negando.

— Não foi nada... O senhor vai se sujar...

— Não me importo.

Tenho outros ternos, isso é o menor dos meus problemas.

— Senhor...

— Uma tatuagem intrigante. - Continuei pressionado seu dedo, olhei para seus lábios, rosado naturalmente. E um choque percorreu meu corpo indo direto para meu pau. — O que significa?

Tentei disfarçar, sem sucesso meu membro pulsou, eu sem querer imaginei a boca esperta dela em torno dele. Inferno.

— *Seus problemas você deve esquecer... Isso é viver...* Hakuna matata... Timão e puma, rei leão.

Balancei a cabeça tentando dissipar a névoa de luxúria que se instalou em meus pensamentos.

— Quero que Holly vá a escola. — Falei o que veio à mente.

— Senhor eu...

— Já matriculei ela na Princess School. — Agoniado sem poder me levantar sem que ela percebesse meu estado

— O senhor fez o que? — Se levantou nervosa e eu acompanhei.

— Eu sei que agi por impulso. E não lhe consultei, mas Holly me falou com tanto entusiasmo que eu não resisti.

Desesperado, arrumei meu terno, olhei seu corpo volumoso, totalmente à mercê da minha mente suja, nervosa ao perceber meu olhar sujo, seu rosto e pescoço ganhou uma tonalidade vermelhinha. E eu a imaginei suada e satisfeita.

— Certo. Eu... Obrigada.

— Eu... — Antes que eu a prendesse contra mim e a fode-se como um animal, eu me afastei, com desejo insano de voltar e realizar tudo o que se passava em um filme em minha cabeça.

Mas eu não posso, *apenas uma empregada*, tento me convencer.

Talvez igual ou pior que Julyn...

CAPÍTULO 7

“SONHOS QUENTES, DELÍRIOS PECAMINOSOS.”

G A E L

Vi o carro dos meus companheiros se aproximar e mais atrás um vermelho. Suspirei.

Felícia, ela sempre deixou claro seu interesse por mim, porém a única loira que eu quero é inacessível, não se encaixa no meu mundo.

Olhei pra Vincent quando desceu do carro, sai da janela e me sentei na minha poltrona, terminei de virar o vinho e fechei os olhos.

— Gael...

A voz melosa e chata de Felícia perturbou meus ouvidos, seu beijo em meu rosto me fez rígido, me afastei pelo contato forçado e inconveniente.

— Cara... Quanto tempo...

Forçado eu os cumprimentei, eu queria sair dali ir brincar com Holly, porém...

Depois de ouvir o maldito papo de superação, eu me mantive em silêncio.

— O que houve com as cortinas pretas? — Vincent percebendo o clima mudou de assunto.

— Annie as trocou.

— Annie? Você se casou? — O ácido na voz de Felícia é perceptível.

— Minha empregada. — Tomei o resto do vinho.

— Sei empregada... É bonita pelo menos? — Arthur especulou me olhando, fazendo Vincent e Alberto rirem. — Solteira?

— Não é da sua conta. — Incomodado com a sensação tentei não transparecer essa merda. — Ela é...

— Boa demais pra mim? — Arthur completou rindo. — Talvez ela...

— Seu porra, não se aproxime dela... — Soquei a mesa e eles explodiram em risos. Eu estava dando munição a eles.

— Com licença Gael, eu vou ao banheiro. — Vá com Deus Felícia.

— O *Gaelzinho* está apaixonado... — Cantaram e eu ignorei os absurdo.

— Só não se aproxime dela...

— Ela tão boa assim? — Alberto, sempre foi o mais sério.

— Espetacularmente boa.

Sorri.

— Seely? Os quartos já estão prontos? — Ela afirmou saindo de mansinho.



— Tenham uma boa noite. — Indiquei os quartos. Não sou tão fodido a ponto de mandá-los embora às duas da manhã.

Já estava tarde, minha perna reclamou por descanso. Ela estava latejante.

— Gael? — Antes de rumar ao meu quarto Felícia me parou. — Pode me emprestar uma camisa? O vestido é muito incômodo.

— Por que o vestiu então? Espera. — peguei uma camisa minha, a primeira que eu vi e joguei pra ela.

Ela se inclinou e beijou meu rosto, saiu rebolando a bunda pequena até a outra escadaria.

Cansado entrei e fiquei só de cueca, joguei o terno no chão e me joguei na cama, não sem antes tomar os comprimidos que estavam na mesinha de

apoio com um copo de água.

Felícia, sempre foi uma ótima enfermeira, entrou no exército um mês após eu assumir o comando, porém sempre deixou claro seu interesse por mim.



Me virei de bruços. E a cueca começou a me incomodar. Tirei jogando-a em algum cantando e tentei dormir.

— Gael? — O gemido baixo me chamou. Passei minha língua no pequeno vale entre seus seios. E beijei o bico rosado fazendo ela se contorcer.

A camisola transparente não foi um empecilho, a afastei mordendo o monte dos seus seios, e dando carinho ao outro soltei meu peso mais sem machucá-la para impedir que fuja.

— Não podemos... — Eu ri maldoso, agarrei a fina camisa e a rasguei, seu gritinho fez meu pau pulsar.

— O que não podemos? — Abri meu zíper. — Isso vai ser rápido. Uma foda gostosinha e rápida.

A joguei na cama e desci minha calça, sob seu olhar atento, meu pau saltou livre duro e pesado. Nua ela tímida abriu as pernas me dando a imagem mais perfeita e foda de todas, branquinha e lisinha, ela se abriu mais me dando a visão perfeita dos lábios rosados e pequenos.

— Vem cá... — A chamei e ela engatinhando sobre a cama veio até mim. Parou e me olhou por baixo dos cílios naturalmente louros e cheios.

Toquei meu pau e ela ficou vermelhinha ao ver meu ato.

— Quer brincar? — Subi e desci minha mão e ela tímida passou o dedo sobre o pré gozo que escorria.

— Não era uma rapidinho? Manhosa ela me olhou e sem que eu esperasse desceu os lábios rosados sobre meu pau.

— Inferno... Mudei de ideia. — Meus olhos desceram e encontram os

seus. Juntei seu cabelo em um rabo de cavalo e ela de bruços na cama dobrou as pernas abertas. — Já está molhada meu amor?

Ela gemeu e levou a mão entre as pernas.

— Molha eles pra mim? — Pidão eu gemi ao ver ela esticar os dedos pra mim. Os chubei como queria fazer com ela, ela apertou os lábios em volta do meu pau.

Puxei seu rosto, fazendo ela se levantar. Porra.

Minha boca grudou na sua.

— Vamos pequena Annie... — Empurrei a contra cama subindo em cima dela. Meu pau pincelou sua entrada pequena. — Peça...

— Não...

Ri rouco afastando meu cabelo.

— Peça. — Entrei na entrada pequena e sai. — Vamos meu amor... Você quer tanto quando eu... É só me pedir... Vamos pequena Annie.

— Vá pro inferno...

— Que menina malvada. — Estocada. — Só — Estocada. — Por. — Estocada. — Isso. — Estocada. — Não. — Estocada. — Vai. — Estocada. — Gozar.



— Você também não amor...

— Gael? Gabriel? — Me sentei na cama suado, enrolado nos lençóis molhados e melados.

A voz de Seely me fez saltar da cama. As batidas na porta me fizeram abrir.

— Que foi inferno. — Abri a porta e Seely deu um grito virando de costa.

— Desarme essa barraca já Gabriel Mitchell.

— Merda Seel. — Fechei a porta com tudo me dando conta de estar pelado.

Tomei uma ducha gelada para tirar o maldito suor e parar aliviar a minha tensão, tentei não pensar no maldito sonho.

Sai do quarto vestindo uma camisa cinza.

Ouvi a voz de Felícia.

— Desculpe querida. — Annie estava de costa e com o corpo tenso, sorri ao ver sua camisa do Scooby Doo, mesmo esquisitas as roupas temáticas combinavam com jeito moleca e despreocupada.

Ela se virou e passou por mim como um foguete sem dar tempo de dizer nada.

— O que houve?

Perguntei bocejando.

— Esbarei nela sem quer, só estava pedindo desculpas... Ela é realmente boa.

...

Depois de me despedir de Felícia, e tomar meu café, coloquei a camisa no lixo, estava cheirando a perfume barato e com manchas de batom.

— O que tá fazendo? — Me virei dando de cara com um pequeno meio metro. — Mamãe disse que você não *quelia* come comigo... Porque tinha gente.

Me abaixei a pegando no colo e a joguei para cima.

— Vocês iriam me convidar pro jantar? — Meu peito comprimir pela oportunidade perdida.

— Ia... — Ela encostou a cabecinha em meu ombro e enfiou a mãozinha entre meus cabelos.

— Que tal se nós formos pintar e você me ajudar? E depois falar com a sua mamãe para comermos todos juntos?

Beijei seu rostinho e me imaginei pai, meu peito doeu, me senti impotente, onde está o pai da Holly? Será que ao menos Lavelly sabe quem é?

Depois de colocarmos minhas coisas lá fora, comecei a esboçar Holly na grama, enquanto ela corria atrás de uma borboleta.

Vi pelo canto Lavelly, ela parecia abatida, quando eu fui me levantar. Ouvi seu grito de desespero...

Corri em sua direção achando que algum animal tenha mordido ela. Me

abaixei a pegando no colo, nada minha volta importava mais.

— Annie? Annie?

A carreguei pra dentro seguido por Seely, sem esperar corri escada acima, indo pro meu quarto. Sua aparência não condizia com seu peso, leve feito uma pena.

A coloquei em minha cama, ela estava de olhos fechados balançando a cabeça, parecendo negar se de algo. Toquei seu rosto e ela se sobre saltou

— Eu... Eu... Me demito.



ANNIE

Tentei respirar. Que merda eu fiz? Preciso do emprego. Maldita falta de ar, maldita hora que eu abri a boca.

Abri meus olhos me dando conta que eu estou na taverna do mal, bat caverna, limbo... O quarto do meu chefe. Chefe esse que me odeia e se puder come até meus ossos fritos.

Que o inferno congele.

Ele estava sentado ao meu lado, me olhando perdido, como um menino assustado.

Meu chefe tinha uma carranca revolta e respirava com dificuldade. Pulei da cama e meu chefe fez o mesmo, frente a frente como dois pistoleiros do faroeste, sabe aquela tristeza? Pois é se esvaiu de mim. Tá Ruim? Chora, mas chora de boca fechada. Porque agora o medo me dominou, o dinheiro que eu recebi não daria para muito.

— Senhor... — Limpei os resquícios de lágrimas. Respirava com dificuldade o medo começava a me fazer tremer na base.

— Você não sai daqui. — Arregalei os olhos.

— Senhor... — E o pior que minha voz saiu mais medrosa do eu gostaria. Ótimo.

— Farei com que você não lave pratos nem na mais miserável espelunca. - Tá ótimo, agora ele não quer me demitir? Já posso chorar de felicidade.

— Sim senhor.

Deixei escapar junto do soluço, o maldito escapuliu sem querer. Vi meu reflexo contra a janela e quase quis me jogar dela. Pareço uma louca sem salvação.

Eu pareço um poço de tristeza. Afasta de mim essa carga negativa de trevas senhor!

Vi ele se aproximar em minha direção e eu recuei dando de encontro com cabeceira da cama.

De repente ele parou, e balançou a cabeça.

— Me desculpa. — Pediu erguendo mão.

— Como?

Perguntei baixinho quase inaudível.

Ele de virou e saiu como um foguete batendo a porta, me sentei na cama sem entender. A imundície peluda, já é trevosa, e agora...

Seja como for, taquei meu pé no chão, e estapeei meu rosto. *Deixa de ser fraca, mulher.*

Desci tremula atrás de Holly, ela dormi profundamente nos braços de Edgar que me olhava tristonho.



— Aguenta firme filha. Por ela.

No dia seguinte não vi meu chefe, mas sabe aquela sensação diabólica, de ser observada pelas paredes? A maldita me acompanhou, evitei Seely e seus olhos amorosos de mais. Depois que Holly acordou começou a me seguir pra todos os lados. Manhosa.

— Mamãe? — A peguei no colo depois de limpar toda a bagunça que meu chefinho fez no ateliê dele.

— Diga fadinha... — Beijeí pontinha do seu nariz e ela riu toda sapeca.

— Te amo... — Disse certinho fazendo meus olhos marejarem. A abracei forte e ela riu. — Podemos ir na piscina com o *Gabriel* mamãe?

— Gabriel amor, você pode. Mas...

— Você também Annie. — Me virei rápido e ele estava parado no batente da porta. Vestindo uma camiseta verde, uma bermuda preta, estava de

óculos escuros e com um coque mal feito, meu corpo ficou em alerta ao vê-lo olhar por cima das lentes negras. Santo deus!

— Senhor eu não tenho roupa apropriada e isso não seria apropriado.
— Me embolei nas palavras colocando Holly no chão.

— Tem esse mamãe. — Holly tirou de dentro do seu shortinho taquitel pêssago, meu antigo biquíni de oncinha.

— Droga. — Puxei a peça pequena da mãozinha dela vendo o imundície prender o riso.

— Não aceito não. — Resmungou entre o riso, bufei.

...

— Estou ridícula. — Me olhei no espelho me sentindo horrível, o biquíni mal cobria minhas partes íntimas. Caía sobra pra todos os lados. — Não vou sair assim.

— Vamos, vamos mamãe. — Holly vestida em um biquíni de bolinhas amarelas e seu óculos de sol em formato de coração, empurravam minhas pernas.

— Calma querida.

Sáímos, eu estava enrolada em uma toalha. Ao chegarmos na piscina Gael estava só de sunga, abaixei a cabeça, não eu não iria cair em tentação, o mal estava em minha frente, quase pelado, apenas com um paninho cobrindo meu objeto de desejo. Eu mal havia dormido de noite, me virei pensativa, hora na tristeza, ora querendo ter meu corpo possuído por meu peludinho.

Meu? Que isso, nem de graça. Nem de graça, se bem que...

Ouvi um rosnado, quando eu deixei a toalha cair. Me senti pequena. Será que está tão ruim assim? Levantei o olhar, e dei um passo para trás. O olhar dele perdeu todo o verde caramelo intenso e ficou escuro.

Ele saiu do transe ver Holly se jogar em seus braços, seu olhar não deixava meus seios.

Instintivamente coloquei o braço, sobre eles, esfreguei minhas pernas uma na outra por puro instinto e ele acompanhou o movimento com o olhar.

Me sentei na cadeira.

— Meu Deus. — Sem que eu esperasse ele se jogou na piscina com Holly, emergiu e ela gargalhou alto, ela tinha os braços presos em seu

pescoço, e as perninhas presas em seu tórax, ela ria e ele balançou a cabeça espalhando água.

Ele a colocou em uma boia, em formato de rosquinha, e a girou.

Os observei por horas, brincar, negando cada pedido para que eu entrasse na água, por último, me sentei na borda da piscina colocando os pés na água.

O olhar do meu magnífico chefe não saiu de mim. Tentei me manter egípcia, mas seus olhares comeram a me desestruturar e causar calor em lugares indevidos.

O clima de ontem ainda fazia presente, porque eu escandalosamente chorei na frente da pessoa que mais me faz miserável.

Minha vontade era de jogar na cara dele cada palavra que a maldita me disse e depois afoga-lo na privada e socar com desentupidor até matar ele afogado.

Porém, sou muito nova pra ser presa por homicídio e tenho uma filha pra criar e claro fazer companhia na cadeia pro verme do doador de esperma da Holly não está nos meus planos mais desejados.

— Mamãe? Olha! — Holly estava nas costa dele, que nadou em mim direção parando entre minhas pernas.

Holly beijou meu nariz, mais minha atenção foi para a monstruosa imundície entre minhas pernas, Gabriel apoiou suas duas mãos em minhas coxas, as forçando. Acompanhei seu olhar, fixo entre minhas pernas e pigarreei fazendo morder os lábios. Ele apertou minhas coxas.

Holly alheia a tudo tocou meu rosto. Seus olhinhos brilhavam. E agora percebi que meu chefe prendia minha cintura com suas enormes mãos.

Seus olhos estavam fixos em meus seios que começaram a subir e descer mais rápidos com a sua proximidade.

— Vá...vamos... Vamos entrar querida... Está ficando tarde. E Seely precisa da mamãe.

Me desvencilhei deles, com certa dificuldade percebendo a vermelhidão em minhas coxas. Os olhos de Gael me olharam fixos, de cima abaixo.

Não serei hipócrita a dizer que não gostei, porém algo em me dizia, *perigo*. Seu olhar guloso brilhava e santa mãe de Deus. Minha intimidade

pulsava a cada olhar.

Me recrimei, Holly estava conosco. E independente disso, esse cara havia me humilhado pra pessoas que eu se quer vi, imaginei sua cara de satisfação ao me humilhar pra seus amigos. A raiva me fez bufar.

— Agora Holly. — Holly me olhou assustada e o senhor intocável, também. — Por favor, fadinha.

A imundície, colocou ela na borda e eu a peguei, a enrolando na toalha que eu vim enrolada. Dei as costas ao peludinho e sai em disparada pra dentro. Senti o olhar dele queimar em meu bumbum.

Tentei não balançar, porém é impossível.

— Mamãe? Tá *braba* com “*Gaeu*”?

— Gael amor, ele é o chefe da mamãe por que estaria?

— Porque ele disse que a senhora fica sempre triste com ele. — A coloquei em pé no vaso sanitário da casa dos empregados. Tirei seu biquíni e entrei com ela no box, coloquei sua touquinha rosa, mesmo com o cabelinho molhado, é de lei colocar a touca rosa.

— A mamãe não pode ficar triste com ele amor. — Tirei a parte de cima do meu biquíni.

Ligando o chuveiro, Holly começou a pular e balançar o corpinho.

— O “*Gaeu*” disse que a gente vai ficar aqui pra *sempre* assim... Oh — Abriu os bracinhos e eu revirei os olhos. — “*Gaeu*”?

Holly colocou a cabecinha pra fora do box, dando um gritinho animada. Por instinto tapei meus seios.

— Você esqueceu seus óculos.

— Coloque-os ai na bancada. — Eu disse tremendo. Me senti claustrofóbica dentro do box.

— Tchau “*Gaeu*”...

— Tchau anjinho.

Ouvi a porta fechar e relaxei, esse homem parece sabe como me atingir. Tremula peguei o shampoo e Holly toda animada me deixou lavá-la.

Depois brincar e pular, eu e Holly saímos enroladas em roupões felpudos e quentinhos, já estava noite, e meu domingo começava a acabar.

Amanhã seria minha folga e eu completaria três meses de guerra nesse

mausoléu.

Holly dormiu depois do leite quente, sem sequer espera o jantar, eu terminei o bife, quando Edgar e Seely entraram trocando carinhos.

— Filha...

— Boa noite querida...

— Boa noite meu rei, minha rainha. — Mande um beijo pra Seel e outro para o Ed.

— O cheiro está divino. — Seel me abraçou.

— Como foi a tarde com Gael?

— Dele e da Holly, o senhor quer dizer. Só estava lá para impedir que ele a afoga-se. — Brinquei, eles ficaram sérios e me olharam de forma triste mas a tristeza parecia não ser direcionada a mim.

— Querida...

— Não Seel. Isso é entre ela e Gael.

— O que houve? — O clima tenso era cortante.

— Querida o Gael já perdeu um filho...

— Seel, não...

— Como?

— Deixe-me contar Edgar, ela precisa saber. — Aflita eu me sentei, parecia que uma bomba havia sido jogada em mim.

Ele era pai? Meu Deus.

— Não, isso não é sobre nós, é sobre eles, Gael precisa fazer isso. Não nós. — Concordei.

Mesmo curiosa concordei, fiquei o jantar todo pensativa e quieta, fazendo conspirações e mais conspirações. Talvez tivesse morrido, estava com a mãe e ele fosse proibido de ver.

Em silêncio lavei a louça, Edgar e Seel foram para cama e eu claro, fui fazer uma pipoca de micro-ondas. Orgulho, preconceito e Zumbis passava na HO2, me sentei meio deitada no sofá, depois de abri-lo, passaria a noite aqui. Assim Holly poderia dormir tranquila.

— "Minha filhas treinaram para batalhas. Não para cozinha." — Quase aplaudi de pé a frase do pai de Elizabeth. Tirando fato que eu nasci pra cozinha e meu chefe faz da minha vida miserável uma guerra infernal, está

tudo ótimo.

O filme começava a me deixar sonolenta.

Olhei no relógio, já passava das duas quando eu simplesmente ignorei a TV. Fechei meus olhos, ouvi a porta se abrir e imaginei ser Seel.

— Olá bonequinha. — Abri meus olhos sobre saltada.

— Senhor Mitchell?

— Quem mais seria? Bela camisa. — Suas mãos foram para a barra dela. Senti seu membro roçar meu estomago afoito.

— O que o senhor está fazendo? — Me assustei ao ouvir o estalo da minha calcinha.

— Possuindo você. — Ele ergueu meu corpo, tirando minha camisa, me deixando nua.

— Uma obra de arte. — Ele passou o dedo pelo bico rijo do meu seio. Estremecida, senti os meus sulcos escorrem. Me esfreguei contra ele.

— Molhada amor?

Afirmar e engoli o grito, ele me virou, e sem que eu esperasse seu dedo me invadiu.

— Quieta. Se não, não goza amor. — Mordi meus lábios para prender o grito que se instalou em minha garganta. — Boa menina. Que tal rápido e duro.

Ele tirou os dedos de mim, e os levou aos lábios chupando. Me olhou safado.

— Vira. — Vi ele descer a cueca e tocar o mastro gigante, num vai e vem. — De quatro pequena.

Como uma boa cadelinha. Eu obedeci.

— Eu quero...

Tímida, eu olhei para seu mastro. E ele riu sensual entendendo meu pedido silencioso.

— Me chupar? — Afirmar. — Depois, agora. De quatro.

— !! — Mordi a almofada do sofá ao sentir ele me invadir.

— Sou o único não sou? — Estocou forte fazendo meus seios saltarem. — Só eu não é?

— Sim, só você chafinho.

Ele riu sensual e baixo no meu ouvido, suas estocadas fortes e meladas pelos meus sulcos o faziam sair com facilidade.

— Apertadinha, só minha entendeu? — Afirmi. A essa altura do campeonato eu não podia negar mais nada.

Ele colou o peso sobre mim. E Estocou.

— Quer gozar? Responda.

Incapaz de responder só rebolei. E me empurrei contra ele. Suas escadas ficaram furiosas, ecoando por toda sala.

Não ouvia, mas nada do que ele dizia, meus sulcos escorriam a cada vez que ele saía, me deixando melada e zonzá, meus seios doíam contra o sofá cama, palco da nossa foda selvagem.

Senti o orgasmo se construir, apertei seu membro e ele rosnou estocando furiosamente. Ele mordeu meu ombro, me deixando ciente da marca. Rebolei em êxtase.

Querendo mais levei minha mão em sua bunda o forçando a ir mais fundo.

Senti o suor dele me melar. Podíamos ser pegos, o que deixou tudo mais erótico. E sensual. Suas estocadas firmes e barulhentas me fizeram morder o sofá para conter o grito.

O orgasmo veio junto com sua voz.

— Goza...



— Annie! Annie? Annie querida... Vá dormir em sua cama meu bem, fará mal a sua coluna.

Sonho, apenas um maldito sonho.

CAPÍTULO 8

“APAIXONADA PELO MONSTRUOSO DIABO DA PESTE.”

ANNIE

Meu corpo foi ao chão, suada e sem ver direito, vi Seely rir, bufei, meu cabelo todo grudado em meu rosto e costas, me fazendo suada e melada.

Passei a mão pelo rosto nervosa, o dia começava a nascer, sentada no chão. Olhei sem rumo para Seely.

— Essas coisas acontecem querida. — Seel me deu a mão e eu levantei.

Acontece? Sonhar com o maldito do seu chefe, que quer me comer em carne viva, me odeia e só quer me manter aqui porque minha filha supre a necessidade do seu filho misterioso. Claro que acontece.

Me levantei, Holly dormia de bruços, toda enroscada em seus lençóis. Me abaixei e beijei seu rostinho ela sorriu em sono e virou pro lado suspirando.

Tomei uma ducha, tentando não pensar no pesadelo, com o corpo dolorido, me vesti mesmo estando de folga, eu coloquei uma leggings preta, uma camisa dos cavaleiros do zodíaco e prendi meus cabelos.

— Deixa isso ai, é sua folga menina. — Seel tomou a bucha de lavar louça da minha mão e eu tomei de volta. — Menina teimosa.

Mandeí um beijo bem saliente pra ela, e voltei a lavar a louça, enxuguei tudo. Ouvi passinhos no corredor, me virei e Holly estava coçando os olhinhos, com sua pantufa nos pés dos monstros S.A e seu cobertorzinho da Minnie Mouse, a peguei no colo e ela colocou a cabecinha em meu pescoço e fungou.

— *Quelo* leite. — Pediu baixinho, com ela em meu colo andei pela

cozinha, fiz a mistura láctea e coloquei em uma caneca, esquentei, enquanto ela funga em meu pescoço.

— Aqui amor. — Lhe dei o copão do Homem de ferro, e ela cheirou fazendo uma carinha de satisfação. — Que tal irmos à padaria? Ver Tom e a Gisele?

— Tom e a Gigi? SIMM! — Ri do seu gritinho animada, beijei sua cabecinha. Voltei pro quarto, coloquei ela sentadinha na cama. E ela pulou animada.

Tirei do armário um vestidinho vermelho e uma calcinha de bichinhos e um casaquinho preto, peguei suas meias pretas de bolinhas vermelhas, uma sapatilha de joaninha, e um laço vermelho.

Depois do banho e toda arrumada e perfumada ela saiu correndo em busca do “*Gaeu*” queria que ele visse seu vestido. Revirei os olhos.

Tirei minha roupa colocando uma saia comprida cinza e uma blusinha preta, coloquei meu Prada falsificado. Que dá o mesmo efeito do outro, outro que nem se eu vender um rim eu compro.

Depois de deixar meu cabelo liso. Passei meu perfume e sai fechando a minha bolsa, coloquei uma muda de roupa pra Holly, calcinha, um chinelinho, seu copo com o pozinho de leite, a sombrinha de sol e o protetor solar, bem prevenida sai em busca do meu pequeno gafanhoto.

— O senhor viu a malandrinha Ed? — Ele me olhou com o olhar brilhando e apontou para entrada do castelo. Holly vinha toda faceira no colo do meu querido chefe.

— Agradeço pelo convite Lavelly. — Ele disse sem esboçar nada, de óculos escuros ele vestia uma roupa típica dele... Calças largas de napa e uma camiseta simples e o suas botas de guerra.

Tentei ignorar o fato de que seus documentos estavam marcados na calça vinho, desviando olhar, tentei focar no ponto inicial.

— Que convite? — Holly sorria mostrando todos seus dentinhos de leite, como se tivesse feito uma boa ação.

— O “*Gaeu*” ia ficar triste sozinho mamãe. — Holly apelou.

Que morra sozinho, eu posso até sonhar que essa imundície me faz gozar a alma, mas nada me fará engolir ele e sua maldita loira, eu aturei tudo, tudo.

Nunca fui uma pessoa agarrada à religião, porém sempre mantive minha fé no poderoso lá em cima. E de uma coisa eu sei.

Os humilhados serão exaltados e de lá de cima eu vou jogar soda cáustica nessa imundície.

— Está dispensado Edgar, o senhor e Seel tem o dia de folga. — E você resolveu atrapalhar a minha.

O único dia do mês ao qual eu posso deixar de tentar mata-lo mentalmente ele resolve dá o ar da graça.

Com Holly no colo ele apertou o botão que abre a garagem. E santa mãe de Deus.

Meu queixo foi ao chão ao ver os carros enfileirados.

Se eu achava que ele era podre de rico, minha nossa, ali deveriam ter carros de colecionador, com Holly em um dos braços, ele foi até o utilitário do Ed e do banco de trás tirou a cadeirinha rosa. Como ele sabia? Não me pergunte.

Admirada o vi ir até o primeiro da esquerda, o preto, e colocar Holly no chão e pender a cadeirinha no carro.

Eu estava estagnada no chão. De boca aberta.

— Vai ficar ai parada? — Rosnou abrindo a porta do passageiro, Holly era só sorrisos e falava animada com ele, conversa essa que eu fiz questão de ignorar.

Minha vontade maior é de tirar meu Prada falsificado e enfiar na garganta dele e tirar pelo rabo, porém me limitei a entrar emburrada no carro apertado demais, me sentar e afivelar o cinto.

Holly falava rápido, Sr. Mitchell franziu a testa sem entender.

— Devagar bebê. — Ela corou e eu ri, senti minha pele queimar e meu patrão começou a olhar fixamente nos meu lábios.

— Vamos cantar mamãe? — Corei ao seu pedido.

— Querida...

— Vamos ensinar o “*Gaeu*” a dança do papai, igual eu ensinei o Ed.
— Sr. Mitchell tirou o carro, e trocando a marcha passou pelo portão.

— Papai? — Rosnou.

— Papai do céu, sua mamãe não ensinou? — Holly fez uma carinha

de espanto como se fosse a pior coisa do mundo. — Mama ensina o “Gaeu”...

— Tu És o Deus desta Terra. — Fechei meus olhos quando as palavras saíram dos meus lábios. Abri meus braços, com cuidado cinte de que Holly imitava meus movimentos. Posso ser uma perdida, mas fiz questão de ensinar a Holly, que há um Deus, um papai, que ela pode chamar sempre que precisar. — Tu És o Rei deste povo — Me curvei como se venerasse um rei. — És o Senhor da nação — Fiz um mundo imaginário, sentia o olhar dele sobre minha pele, não sou hipócrita, o coral da igreja na minha adolescência serviu pra algo, canto bem pra caramba. — Tu És Tu És a luz deste mundo — juntei minhas mãos e abri como se fosse uma luz — Esperança para os perdidos — coloquei a mãos sobre o coração e depois levei pra frente. Tu És a paz para os cansados — puxei-as de volta fazendo uma pombinha com as mãos — Ninguém é como o nosso Deus

Ninguém é como o nosso Deus — neguei com os dedos elevando as mãos aos céus. — Grandes coisas estão por vir, grandes coisas vão acontecer neste lugar — Terminei abrindo os braços, olhei pra trás e Holly fazia o mesmo, olhando pro teto do carro de olhinhos fechados e sorrindo.

— Eu... — Ele nos olhava, piscou atônito. Ele parecia querer dizer algo mais nada saía. Holly bateu palminhas, e animada e inocente disse.

— Sempre que eu chamo assim, o papai vem nos meus sonhos, assim. — Mexeu as mãozinhas como se o gesto explicasse suas palavras. — É só chamar que ele vem né “mama”?

— Sim, ele vem amor. — Eu sabia o quanto o traste do doador de esperma da Holly fazia falta, que ela tinha uma necessidade, e o papai do céu, sempre vem vê-la, ensinei que ele sempre está de olho, até quando ela faz arte, e ele corre me contar, que ele sempre vai abraçá-la mesmo que ela não veja, e se eu não estiver por perto ele vai estar, segurando sua mão.

Gabriel engoliu em seco, duvidei de sua fé, ao ver a dita sombra passar por seu olhar, mas lá no fundo havia um brilho.

Chegamos na cidade minutos depois. Ele foi direto a padaria, com toda certeza Holly havia dito onde iríamos.

Descemos do carro, ele tirou Holly da cadeirinha e ela saiu em disparada pra padaria, que padecia cheia.

— Lavelly? — Ele tocou meu braço, me virei e fixei meus olhos em ponto atrás dele, para meu próprio bem. Não quero que pense...

— Eu não pensei em nada Sr. Mitchell, são suas crenças e sua fé, Holly acredita no mesmo que eu, algo uni presente, uni cinto, algo que ela pode contar, um pai. Não disse nada do que disse na intenção de ferir seus ideais. Fica tranquilo. — Me virei andando em direção a porta sentindo ele atrás de mim, senti sua mão na base da minha coluna.

Ao abrir a porta um silêncio total reinou, as vozes alta cessaram, e todos, todos mesmo viraram pra nos olhar passar pela porta.

Senti sua respiração em meu pescoço me arrepiando toda, ouvi o riso pelo nariz dele e estranhei.

— Obrigado, por ter me deixado vir, não saio já faz um tempo. — Disse tão baixo que só ouvi pelo silêncio.

— Disponha, economizei na passagem do ônibus. - — Tentei fazer graça, tremula me afastei.

— Minha Querida. — Olhei pra Tom, que ao perceber quem estava comigo, deixou seu sorriso morrer aos poucos.

— Tom. — Sem me importar o abracei. — Onde está a Gigi?

— Ela e a pequenina se mandaram pra cozinha. — Revirei os olhos.

Tom nos indicou uma mesa, afastada, me sentei e Gabriel se sentou em minha frente.

— Olha... — Tentei começar, mais nada me veio à mente. Um cara que me odeia sentado em minha frente me olhando intensamente.

— Se você quiser eu posso ir embora, Holly vai ficar triste mais... — Estreitei meus olhos para sua chantagem emocional.

— Contanto que até no final do dia eu ainda tenha um emprego. — Dei de ombros, olhando o cardápio. — Gigi.

— Olá meu bem, menino Gael... — Holly vestia um avental e tinha um bloquinho de notas. Revirei os olhos.

— Olha mamãe. — Ela girou nos pés.

— E bom te ver Gisele. — Senti o toque áspero porém carinhoso em minha mão, por instinto tirei.

Fazendo Gigi olhar pra nossas mãos.

Provavelmente eu ainda estou dormindo lá em casa, delirando com um monstro que virou príncipe.

Fiquei na defensiva, em alerta, aí vem chumbo. Desconfiada pedi um café enquanto Holly passeava entre as mesas, meu chefe pediu um suco de laranja e pão de queijo.

— Eles pensam que eu sou louco.

E, não é? Mordi a língua.

— Acham que a guerra me destruiu. A guerra não me fez nem a metade do que eu sou. — Pareceu desabafar. Me mantive quietinha, sentadinha sem falar nada. Afinal, gato escaldado já sou. — Eu sei que você está lá só pela Holly. Ela me disse.

— Disse? — Engasguei.

— Ela disse que quando vocês moravam na cidade grande. — Ela falou de Londres. — A bruxa mal vivia atrás de vocês.

Holly havia falando da avó, bruxa ao ver dela.

— São apenas histórias... — Tentei não mostrar nada, não diria nada que posso ser usado contra mim.

Mantive me quieta apenas observando o movimento da padaria, enquanto ele me observava. Não passamos de dois estranhos que se odeiam, e que na primeira oportunidade se matam.

Senti a respiração dele começar a ficar pesada, me virei encarando seu olhar e ele já não tinha mais o olhar em mim. E sim na ruiva estonteante que falava com Holly.

A ruiva da pintura. Ele se levantou e eu acompanhei o movimento.

— Holly. — Ele rosnou e pegou Holly no colo que se encolheu diante ao olhar pra mulher, e mais uma vez viramos o centro das atenções na padaria.

— Gabriel? — Me coloquei ao lado dele e Holly com os olhinhos cheios de água me deu seus bracinhos. E eu a peguei, o rosto dele se suavizou. E ele tocou o rostinho da minha bebê.

— Está tudo bem meu anjo. — Ele beijou seus cabelos e ela sorriu fraquinho. Sua expressão mudou completamente ao olhar para ruiva. Ao qual eu de verdade não lembro o nome, ou talvez não saiba. Ah não importa.

— Não se aproxime delas. — A ordem no plural arrepiou todo meu corpo, a ruiva arregalou os olhos.

— Você... Você tem uma filha? Casou-se?

— Está avisada, fique longe delas. O recado pausado fez com que a ruiva me olhasse de cima a baixo, vi o nojo passar pelo seu olhar. Seu olhar voltou para meu chefe que mijava no poste como um cachorro. Demarcando desnecessariamente Holly e eu.

— Impossível. Você... Era louco por mim... Você não pode... Não... Pode... — Incrédula sua voz chamou atenção.

— Ter seguido em frente? — Em escárnio ele riu.

Ele está usando Holly e eu, apenas para atingir a ex, não me pergunte o porquê, mas eu me senti o pior ser humano do mundo, ele está me usando apenas para atingir a ex.

Dei as costas para os dois, joguei algumas notas na mesa e como Holly quietinha sai, minha prioridade é meu bebê que me olhava com o olhar cheio de lágrimas, o ouvi chamar meu nome.

Engoli a vontade de chorar, tão clichê como livros que eu leio, a empregada se apaixonar pelo patrão inalcançável, porém eu sabia que eu não superaria as barreiras, não ficaria com ele no final.

Não sei em que momento eu deixei me perder. O pior era eu estar andando sem rumo com minha filha no colo, queria eu ter quinze anos, e estar um clichê ao qual eu posso me deitar em posição fetal e chorar.

Porém eu não tenho quinze anos, não estou em um clichê. Andei com Holly pelas ruas antigas, até que avistei uma praça antiga, porém que tem um pequeno parquinho.

— Olha pra mamãe amor. — Pedi e ela me olhou seu rostinho transtornado em tristeza me fez me sentir mais miserável ainda.- O que a bruxa má disse a você?

— Disse que Holly é uma ratinha suja. — Lágrimas desceram pelo rostinho porcelanado dela.

A nuvem negra que pairou sobre mim, me fez olhar para o céu, a vontade de voltar naquela padaria e arrastar aquela maldita no asfalto se fez gigante. Minha filha sempre vira em primeiro lugar. Nada nem ninguém machucara meu bebê, aquela maldita ruiva vai me pagar. Ouvi s pesados e

um rosnado. Ele se sentou no banco.

— Inferno... Não faça mais isso. — Nem me habilitei a olhar, talvez pelo fato de que eu descobri da pior forma possível que eu tenho um tombo pelo cara que diariamente chuta a merda fora de mim e que sua ex vadia mexeu com a minha bebê me fez ter o sangue fervendo, raiva de mim por ter esse maldito sentimento dentro de mim e raiva da maldita por ter nascido pelo rabo da mãe dela, vaca maldita.

E eu mesma me avisei. A zona de perigo que eu entrei me fez quer me enfiar em um monte de merda e voltar às origens.

Tentei me concentrar no fato de que eu não passo de uma empregada, e que ele só me tratou bem nos últimos dois dias sem querer arrancar meu fígado e dar pros cachorros devido a Holly e que por mais que eu esteja tendo algo por ele, noventa e nove por cento ainda quer afoga-lo na privada.

— O que ela disse é mentira, e você sabe que a mamãe odeia mentiras, é tudo que aquela moça disse... É feio... — Beije seu narizinho. — E ela não tem amor no coração por isso diz coisas feias. Agora, olhe pra mamãe, você é minha pequena fadinha brilhante, minha gafanhotinha. A mamãe ama você. E você nunca vai ser nada do que aquela moça má disse. Entendeu? — Ela afirmou. — Agora vá brincar.

Ela pulou do meu colo e saiu devagarinho, chutando o chão. Olhou pra trás e eu sorri, a encorajando.

Aquela maldita me paga.

— Lately. Sinto muito. — Ele parecia sincero, olhei pra seu rosto e pela primeira vez vi uma mistura de sentimentos. Que rapidamente se dissipou.

Me mantive quieta, minhas recém descobertas me fizeram ciente de tudo o que estava acontecendo a minha volta, eu apaixonada pelo peludinho do meu chefe, que tem uma noiva psicopata que ainda vai ter uma surpresa.

— Me diga algo. — Mandou, me olhando sério, ele parecia controlar alguma coisa que queria dizer.

— O senhor realmente não vai querer ouvir nada de mim agora, senhor Mitchell.

CAPÍTULO 9

"MUDANÇAS PELUDAS"

ANNIE

Ele se sentou ao meu lado, me mantive rígida, ele por algum motivo também.

— A alguns anos, eu... Eu... Fui designado para o conflito armado de 2011, a Líbia foi devastada...

Mantive a língua entre os dentes. Com uma vontade enorme de perguntar se eu tenho cara de psiquiatra ou algo do gênero.

— E com ela eu também... Fui atingido, fui quebrado... Eu só não quero que... – Ele parou no meio da frase. – Você ainda irá ao baile comigo, não é?

Me mantive em silêncio, para olhando para Holly. Queria chutar o balde. Mandá-lo se foder ou me foder... Já que minha dignidade foi pro poço no dia em que aceitei essa palhaçada.

— Holly? – ela veio saltitante em minha direção. – Vamos querida...

Me levantei, sem rumo com Holly ao meu lado e meu digníssimo patrão ao nosso lado.

— Me deixe levá-las... Por favor...

Assenti com a cabeça baixa. Estava saturada.

O caminho de volta foi sepulcral, Holly dormiu assim que entramos no carro. Me mantive com o olhar na janela. Em silêncio.

Fechei meus olhos, há alguns meses eu poderia pensar em sair dessa merda. Todavia, entretanto... Eu seria hipócrita ao dizer que esse lugar não havia se tornado meu lar, temporário, mas meu lar.

Já estou na bosta há muito tempo, porém agora eu me afundei de vez.

Sim, eu caí no meu próprio buraco, engoli em seco a vontade de me atirar nele e encher esse rostinho rabugento de socos e pontas pés.

Porém toda via, entretanto... Olhei pelos cantos e o cabelo agora estava preso naqueles coques de macho e eu vi de soslaio uma cicatriz, que ia do alto da nuca e sumia em sua camisa.

Respirei fundo. Mordi a língua com a vontade de perguntar.

Ele parecendo ver meu olhar, levou a mão por reflexo, acho eu.

— Curiosa? – me mantive em silêncio nem afirmando e muito menos negando. Então coloquei meu cabelo atrás da orelha e seus olhos foram direto para meu pescoço, ele umedeceu os lábios com a língua e meu corpo todo se arrepiou. Fazendo com que meu corpo tivesse reações. Ele não disse, mas nada. E eu muito menos.

Assim que chegamos ao castelo, tirei Holly do carro sem pensar duas vezes. Sem olhar pra trás ouvi um suspiro alto e cansado.

Ainda era dia, nem me dei ao trabalho de saber a hora. Fui direto ao quarto coloquei Holly na cama. Ela abriu os olhinhos e eu dei um beijo em seu rostinho, ela fechou os olhinhos novamente.

Sai do quarto fechando a porta.

— Puta merda. – Meu corpo foi pra trás, mas as mãos dele me deram amparo. – Senhor Mitchell?

— Te assustei? – Arqueei a sobancelha.

Seu hálito estava perto o suficiente pra fazer meu corpo reagir a toda aquela atmosfera quente.

— Não... – Mordi os lábios.

— Edgar deixou um bilhete dizendo que saiu com Seel e que os seguranças estão em turnos... Podemos... – Ele coçou a nuca. Ele simplesmente se virou e saiu. Simples assim. Vi ele passar pelo caminho de pedras

Seja gentil... Não seja não...seja...

— Senhor Mitchell? Entra aí cara... – me afastei da porta indo pra cozinha. Não ouvi os passos pesados atrás de mim. – Foda-se esse ignorante...

Senti um corpo pesado atrás do meu. Me mantive estática. Me sentindo

presa contra pia.

De repente lembrei de tudo que ele havia me dito nos últimos dias.

É obvio que eu sou uma empregada, sou eu que limpo sua merda, seu imundície. Como um balde de água fria me afastei. Revirei os olhos. Sentindo o amargo da constatação que provavelmente meu chefe seja tão fresco que nem se quer trepar com ele eu vou ter a graça, longe de mim, claro quero dar para ele, quer a gente até quer, porém eu continuarei bancando a retardada e fingindo que o pau dele é pequeno e que nem sobe.

Ele segurou meu pulso. Sorri nervosa querendo cuspir em sua cara.

— Olha cara...

— Pare de falar como um bandido. — Revirei os olhos.

— Olha cara... Eu e tu, incompatibilidade irreparável compreende? — Me soltando dele fui até a geladeira. O dia havia passado feito borrão, e meu estômago estava roncando. Ele me olha sustentando uma pequeno sorrisinho.

Nem me dei o trabalho de virar ao ouvir que ele puxou um banco da bancada.

— Você sempre fala assim? Feito bandido de sarjeta?

— Por que diabos euzinha iria responder esse idiota mesmo? — Me fiz de louca.

— Porquê inferno eu estou falando com a empregada? — eu sabia que aquilo foi apenas só pra me irritar, pois eu vi em seus olhos o deboche escorrer feito veneno. Quis joga-lo na privada e apertar o botão e dar descarga e ainda ter o prazer de vê-lo rodar feito a merda que ele é.

— Talvez porque o senhor grande magnitude e benevolência não queira passar fome? Talvez só por isso fale com uma reles empregada que mora de favor, cara... — Joguei meus cabelos loiros em sua direção — Do seu ácido eu faço whisky.

Ele sorriu, ele sorriu... vi uma leve fileira de dentes brancos e reluzentes me sorrirem. O sorriso de lado me fez pensar em meus sórdidos sonhos pecaminosos da meia noite. Que sonhos, que sonhos minhas amigas, Deus mede plenitude porque se der força, gozo. Por um breve momento me imaginei sentada no rosto desse deus grego e ele me mandando gozar, porém meninas nós voltamos a realidade e nos lembramos que a única coisa que ele

me manda e esfregar a privada com escova de dentes.

Me sentei na bancada de frente para ele, fitei ele seriamente, talvez secar seu corpo seria a palavra exata, talvez o secar até que ele morra desidratado e vá queimar nos ardes do inferno.

Euzinha já descrevi esse homem? Não? Alto, musculoso e todo tatuado e altamente perigoso, e aparentemente paqueto, e santa mãe dos paus grandes que esse homem tem uma torra grossa no meio das pernas, Deus me livre quem me dera essa tora se deixar ser cortada por mim.

Porém voltamos à realidade que nos abate.



Sim, eu sou a empregada e ele o patrão tirano.

Desci da bancada, ele me olhou estranho.

O que se escutava na cozinha era apenas o barulhinho dos talheres e, mais tarde minha filha sentadinha dormindo em meu colo e tentando enfiar as mãos em meus seios.

O que não passou despercebido pelo peludinho do meu chefe.

— Ela ainda... ainda? – apontou para meus seios e para Holly.

— Não, ela apenas gosta de apertar meus peitos e amassa-los. – ele me olhou e engoliu em seco e depois apontou para os meus seios. Limpou a garganta.

— Garota de sorte. – Engasguei-me.

Olhei pra Holly e ela apertou meus seios. Sorri ignorando o meu chefe. Ela parecia tranquila e segura.

Suspirei.

— Por que não me contou sobre sua ex sogra? – olhei pra ele sem me abalar.

— Por que eu não estou chocada por ter bisbilhotando minha vida?

— Responda minha pergunta.

— Não, e não rosne pra mim. — Me levantei com Holly no colo coloquei a louça na pia. Ele se levantou e saiu da cozinha, porém não ouvi a porta bater.

Fechei os olhos ao ver os pés dele no sofá, pés esse que calçavam uma bota de couro grossa.

Mordi a língua e fui pro quarto. Tirei a roupinha de Holly e dei um banho bem fresquinho nela, molhei o rostinho dela. Depois de secá-la e vesti-la coloquei ela na cama e a cobri.

Voltei pra sala e ele estava na mesma posição.

Me sentei na poltrona e olhei pra TV, certo.

— Não gosta de Freddy Krueger? — Ele me olhou debochado e eu peguei o controle que estava na mesinha de centro.

Ele arqueou as sobrancelhas e sorriu de lado sem mostrar os dentes.

— A casa de cera? Não gosta do Freddy Krueger, mas prefere dois malucos que jogam cera quente em pessoas vivas? — Revirei os olhos.

— Por que diabos você está com o pé no sofá que eu limpo e reclamando do que eu assisto?

— Por que diabos você responde tudo com uma pergunta? — Revirei os olhos.

Engrossei a voz.

— Por que diabos você responde tudo com uma pergunta? — Mantive os olhos na TV.

— Você é insuportável serviçal.

— A recíproca é verdadeira. — Quando me dei conta seu corpo estava em cima do meu tentando pegar o controle. — Sai de cima de mim coisa peluda.

Ele sorriu de um jeito que eu nunca tinha visto. Seu hálito bateu contra meus lábios. Arrepiei.

— Não gosta do meu cabelo? — Ele arrastou a barba por meu rosto.

— Inferno. — tentei empurrar seu corpo.

— Cabelo? Essa coisa seca e cheia de ponta dupla?

Mentira, o cabelo dele era bem melhor que o meu, porém jamais iria falar isso em voz alta.

Meus lábios foram se aproximando do dele e cada vez mais seu hálito.

— Eu não beijo. – Senti vontade de vomitar. O empurrei.

— Cara, você é ridículo! Bate à porta quando sair. — Fui pro quarto direto pro banheiro sentindo todo meu corpo pegar fogo.

Eu fantasiei beijar um cara que não beija? Se é que ao menos faz sexo. Claro, ele só beija sua amiga oferecida. Eu nem se quer lembrava o nome. E nem fazia questão!

Cheguei à fatídica conclusão que eu estava apaixonada por um cara insuportável e gostoso que faz da minha um completo inferno.



Ótimo, me deitei ao lado de Holly e ela por instinto se agarrou aos meus seios enfiando o rostinho em meu cabelo e suspirando.

Acordei com risadas e gritinhos pulei da cama. Não, sai correndo do quarto e acabei tropeçando.

— INFERNO! – meu corpo foi pra frente e eu fechei os olhos prevendo a queda e um joelho partido.

— Peguei. – Senti mãos me ampararem e eu senti um peitoral quente contra meus seios. Só talvez, eu tenha tirando minha blusa e estivesse pelada contra meu chefe.

— Mas que inferno! O que diabos você tá fazendo pelado na minha casa? – me afastei e vi Holly toda suja e massa quase enfiando a cabeça dentro da tigela. – Holly não.

— Bom dia, dormi super bem no seu sofá e sem cobertor e

travesseiros, e essa casa é minha também então...

— O por que diabos você está me tratando feito ser humano e sorrindo às sete da manhã? – Ele voltou pra cozinha e a calça de moletom desceu um pouco me fazendo ver o V perfeito em sua cintura, meu corpo ficou em alertar por ter um monstro de quase dois metros em minha cozinha.

— Você fala tanto palavrão assim na frente da fadinha?

— Não, ela sabe que é proibido e papai do céu não gosta.

— Como se ele gostasse dessas merdas na sua boca.

— E muito menos na sua.

Revirei os olhos indo pro quarto, coloquei uma legging e separei uma camisa preta e vesti meus sapatos de serviço.

— Onde foram parar suas camisas coloridas? Vendeu no brechó?

— Que inferno! – Tentei tapar meus seios – Bata na porta!

Ele infeliz voltou e bateu com ela aberta debochado. Senti vontade de rodá-lo na privada.

— Chegou uma intimação pra você.

CAPÍTULO 10

“JOGO DO DIABO, LIÇÕES DO MONSTRO”

ANNIE

Passei a blusa pela cabeça e me sentei na cama tomando o papel de suas mãos.

— Merda! – O papel dizia que eu estava sendo acusada de abandono de incapaz. Era uma acusação feita antes de César dar entrada nos papéis. Como essa maluca conseguiu me acusar duas vezes? – Preciso falar com César.

— Já chamei meu advogado, ele estará aqui em uma hora. – Me virei lentamente.

— Não. Se. Meta! – falei entre dentes pausadamente. – Tenho meu próprio advogado. – Não queria mais nada pra que ele jogasse na minha cara. Ele pareceu querer me contestar, mas ficou em silêncio. Me olhando intensamente.

— Certo. – Rosnou entre dentes. Ele saiu e bateu a porta com força. Fazendo a parede tremer.

Droga.

Sai do quarto e vi Holly e ele indo em direção ao caminho de pedras. O bolo no fogo parecia ser de chocolate. E começou a cheirar.

Me sentei na bancada e coloquei as mãos no rosto. Senti meus olhos se encherem de água.

Ela jamais me daria paz. Jamais. Ela me culpava pelo filho fodido e vagabundo. Imprestável, ladrão, golpista e todos os adjetivos possíveis.

Dizia que Holly faria pior, viraria uma prostituta e ela seria a principal

incentivadora pra que Holly fosse uma puta barata.

Meu coração doeu, me senti fraca. Tudo que eu tento esquecer nesse último ano, voltou à tona com força total.

Me mantive parada até ouvir passos pesados na cozinha.

— *Mama?* Ela está chorando Gael. — Tirei as mãos do rosto e me levantei.

— *Vá... Vá* passear com o Senhor Mitchell, mamãe tem trabalho gafanhotinha. — Me abaixei e beijei sua cabecinha. Sai sem olhar para ele. Vi quando ele passou pela bancada com a intenção de vir atrás de mim.

— *Vem Gael, vamos* passar batom. — sorri fraco.

Entrei no castelo e tudo parecia frio e quieto. Coloquei meus fones e deixei Maroon 5 me levar, levei o carinho de limpeza até o andar superior. Me esgueirei fugindo de Edgar e de Seel. Ouvi suas vozes ao passar pelo corredor.

Fiz tudo mecanicamente. Porém limpando sem deixar uma grama de poeira.

Abri a porta do quarto do imundice que por sinal andava solidário demais. Olhei para o enorme espelho do banheiro, parecendo um espelho de motel de luxo.

Eu me encontrava quase atropelada por um caminhão. Meu rosto estava extremamente vermelho.

Tirei as toalhas e coloquei no carinho de limpeza. Colocando limpas no lugar. Me senti cansada.

Sentei-me na privada e tentei respirar fundo a enorme náusea que me abateu. Respirei fundo. Daqui uma semana eu enfrentaria aquela maldita.

Precisava estar psicologicamente preparada para o que viesse. Eu tinha um ótimo emprego, Holly logo iria pra escola, estava tudo nos eixos.

— *César?* — Atendi o celular.

— *Annie?* Droga, recebi a notificação. Como não fui avisado?

— Se você não sabe, imagina eu. — Ele suspirou. — Desculpe.

— Só fique calma. Vou analisar as acusações infundadas e preparar

uma tese. Já passou por isso antes. Fique firme.

— Na frente de um delegado, não em frente a um juiz, jamais imaginei que a cadela podia ir tão longe pra apenas me afrontar e tentar se vingar pelo filho inútil e imundo dela.

— Respire. Estou em Londres, mas chego aí hoje ainda. Irei direto pra caso dos meus tios. E nós conversamos com calma. E eu lerei todos os altos do processo, essa merda toda era desconhecida. Eu tenho certeza, eu verifiquei tudo.

Sai do banheiro ao desligar o telefone, catei a cueca do chão ao lado. Revirei os olhos, imundice.

— Não me diga que tem fetiches por cuecas?

— Mas que inferno! – Me virei e ele estava coberto de batons, meus batons, sombra azul horrorosa nos olhos, meus... meus cílios postiços, meus. – Por que diabos você está montado feito uma travesti? Meu Deus, ela são de longe mais bonitas que você.

— Esse negócio não sai. – Puxou os cílios.

— Cuidado! Vai arrancá-los.

— Meus cílios?

— Não. Os meus. – Parei em sua frente e fiquei na ponta do pé.

— Você está preocupada com esses pelinhos estranhos? – Puxei um. – Cacete mulher.

Suas mãos foram parar na minha cintura. Puxei o outro com força.

Ele puxou o corpo contra o meu. Senti algo duro me cutucar. Inferno tinha um projeto de travesti me segurado e me olhando intensamente.

— Te procurei por todo lado. – Seu hálito de menta bateu sobre meus lábios. Me fazendo estremecer.

Nunca fiquei tão próxima a ele, não dessa forma. Meu corpo parecia pegar fogo. Ele parece, sei lá, ser minha kryptonita. Me deixando fraca.

Me afastei dei, com certa dificuldade. Seus braços serraram em minhas costas.

— “*Gaeu*”. – me afastei. – Achou a mamãe?

— Achei princesa. — Ele sorriu maliciosamente e passou a mão nos lábios. O batom continuou intacto. – Que isso?

— Batom 24 horas. — Escondi minha risadinha. Sim a imundice tinha um batom 24 horas nos lábios. Vamos aplaudir dona Kat Von D, pelo extraordinário trabalho.

— Tire essa merda de mim. – esfregou os lábios. Revirei os lábios.

— Não sai. – falei séria, porém por dentro queria esfregar minha bunda na cara dele de tanta felicidade.

— Como não sai? – ele começou a se desesperar. Holly se escondeu atrás de mim.

— Desculpa “*Gaeu*”. – ela deu uma risadinha cínica. Criei bem essa pituquinha. Aplausos.

— Não... Tem problema princesa. – Ele me olhou como se fosse me matar.

— Mamãe disse pra tia Hannah que pode beijar meninos que ele não sai.

— Holly, o Gael não vai beijar nenhum menino agora. – Ele rosnou, isso mesmo. Rosnou feito um Pinscher tremedeira.

O peludinho me olhava com os olhos pegando fogo. Ouvi Seel gritar por Holly. Dizendo algo como havia cisnes no lago ou algo assim.

— Espere a mamãe Holly.

— Você fica

Holly saiu correndo porta a fora, gritando por Seel que deveria ter chegado de sua folga.

— Que inferno você beijou com esse batom?

Vocês pensar que eu ri, debochado da cara dele. Mas eu fiquei lá parada feito dois de pau. Esperando a paulada.

— Não... Não interessa. – Tomei coragem. Na minha bunda não passava nem agulha.

Ele soltou um riso pelo nariz.

E simplesmente passou por mim. Sim. Passou por mim e bateu a porta do banheiro.

Ouvi o barulho do chuveiro e eu fiquei ali parada. Parada. Não sei

quantos minutos.

Mas quando ele saiu, saiu pelado.

Santa mãe de Deus. Meus olhos ficaram vidrados. Não, não era um sonho. Meu chefe realmente pelado. Seus lábios estavam rosados pela força que ele usou pra tirar o batom e o cabelo pingava a água.

Ele passou por mim, como se eu não estivesse ali. Foi até a porta e passou a chave.



G A E L

Segurei firme na beira da pia. Me controlei não podia simplesmente fode-la, eu queria comer cada milímetro daquele corpo. Minha boca ardia. E meu pau pulsava. Aquele maldito corpo voluptuoso, cheio de curvas, branquinho fez dos meus últimos dias um inferno.

É errado e eu sei disso. Ela é só uma empregada. Tentei me convencer disso.

Porém meu pau não queria acatar a ordem. Ela parecia mais solta comigo, me dando patadas e me xingando pelas paredes.

Me mantive firme. Se ela sentisse minha cicatrizes. Ela me acharia mais repulsivo. Não podia deixar ela me tocar, as tatuagens que cobriam meu dorso e costas eram milimetricamente pensadas para que nenhuma pessoa as visse.

Meu corpo ficou tenso quando eu passei a chave na porta ela, me olhava intensamente, parecia me analisar. Sem demonstrar nada, parecia em choque.

Passei por ela novamente me contendo, ignorando-a completamente. Porém por dentro queria jogá-la na parede e fode-la até outra reencarnação.

Ouvi um suspiro quando eu vesti a cueca. Sai do closet e me joguei na cama.

— Vai ficar aí plantada? Já fez seu serviço serviçal? – Vi seu olhar mudar. Ela parecia em outro mundo, ela sorriu mostrando os dentes totalmente brancos e simétricos. Vi que magoá-la não faria com que ela se abrisse mais, irritá-la além de ser fascinante, me dá um puta tesão.

Ela simplesmente se virou amarrando a camisa na cintura, a camisa que

antes cobria tudo mostrava agora uma legging totalmente transparente pedindo para ser rasgada.

Ela prendeu os cabelos em um rabo alto e me olhou Sensualmente?

Ela nunca tinha me olhando daquela maneira. Meu corpo parecia pedir o dela. Clamar por ela. Ela parecia uma obra incompleta. Seus olhos me diziam outra coisa. Mesmo me olhando com sensualidade havia uma névoa lá. Ela simplesmente veio até mim e se inclinou meu corpo se levantou de encontro ao dela. Ela sorriu sensualmente e apoiou uma das mãos na cama.

Ela se inclinou mais pegando em minha mão. Porra, ela estava acariciando meus dedos. E uma corrente elétrica passou por meus dedos indo até ela que sorriu.

Vi quando ela apertou meus dedos e meu pau se contraiu. Ela olhou pra minha cueca.

— Vai ficar parado aí? Você tem trabalho serviçal. — Ela me imitou com uma voz baixa e sensual, ela me deixou ali de pau duro com a mão largada em cima da cueca.

Rosnei quando ela bateu a porta com delicadeza. Quis ir atrás dela, mas mantive ali parado. Coloquei as mãos na cabeça.

Há dois dias comecei a ponderar o porquê de ela ter aguentado tanto tempo sem enlouquecer. Ela descumprida minha ordens na cara dura. E eu adorava o fato dela fazer isso. Era fascinante o fato dela dançar e me xingar para as paredes. Embora tenha diminuído consideravelmente.

Ela não era como as outras mulheres com quem eu estive. Ela era simples. Desbocada e simplesmente doida. E incrivelmente linda, eu nunca havia visto olhos tão azuis e cabelos tão loiros a ponto de quase serem brancos. Linda.

Nem precisa descrever os adjetivos sexuais que a denomina. Desde jovem as mulheres padrão 38 que eu saí nunca comiam gordura, lanches, doces, só mato.

Eu cometi um terrível erro. Eu nunca julguei ninguém só de olhar. Mas desde o que a maldita havia feito ao meu filho eu passei a ser cauteloso e fodidamente insuportável.

Holly tinha um pai. Giuliano Martinez. O típico nome de vagabundo, ladrão, golpista, drogado e rato de tráfico. Preso em Londres por roubar e

invadir o apartamento que dividia com Annie e vender tudo. Inclusive berço, carrinho, e roupas da pequena bebê. Eu jamais imaginei que ela fosse capaz de passar tudo que passou pela filha. Não havia como comparar ela com a maldita.

Em uma pesquisa rápida meu querido irmãozinho, descobriu que a mãe da ratazana, culpe Annie por isso. Tentou várias vezes tirar a pequena monstrinha de Annie. A velha decrepita visita o filho diariamente toda devotada ao vagabundo.

Enquanto Annie só sabia trabalhar e passar por merdas e mais merdas.

Ela havia morado dois meses com a menina em um prédio abandonado em Londres. Foi balconista, caixa, vendedora, trabalhou de passear com cachorros em Londres. Fez de tudo, meu irmão chegou a comentar que ela disse a uma senhora vizinha de quitinete que não se importava em vender o próprio corpo para sustentar a filha.

Meu irmãozinho intrometido queria saber por que do meu interesse repentino na empresa. Não era de sua conta.

Esse jogo dois podiam jogar, e eu nunca perco. Nunca.

CAPÍTULO 11

“QUANDO A ESMOLA É DEMAIS O SANTO DESCONFIA”

ANNIE

A regra é clara, quem tem medo de fazer merda, não deve comer. E nesse exato momento eu estou comendo a maior merda da minha vida.

— Tem certeza querida? — Seel sentou na cama me vendo colocar meu vestido dobrado dentro da mala ao lado do meu Prada falsificado de 12

dólares usado de um brechó de Londres.

— Ele já disse a Holly que ela andar­á de avião.

— Vocês se odeiam querida. — Seel disse o óbvio. Não que seja novidade que eu tenho um tesão por dar descarga naquela imundice, porém como descobri recentemente eu tenho uma queda pelo meu querido chefe que eu também descobri que deve ter um amigo de uns 25 cm.

Talvez eu tenha exagerado em bater uma punheta no dedo dele? Talvez, mas nunca passou pela minha cabeça que ele ia gemer ao invés de soltar os cachorros em cima de mim?

O cara é barbudo, peludo e não tem um pelo no saco, grosso e grande, mesmo eu me gabando talvez não caiba nem a cabeça.

Credo! Que horror. Ao invés de imaginá-lo rodando na privada, me imaginei rodando no pau dele.

— Filha? Você ficou vermelha tudo bem? — Senti os dedos na minha testa e suspirei. — Sua pressão deve ter subido.

E como subiu. Fechei zíper da mala e me sentei na cama.

— Seja o que Deus quiser.

— Os Mitchell são um amor querida. — Depois do imundice? Eu não espero mais nada.

Olhei para fora e vi Holly rolar com ele na grama, ela subiu nas costas dele e desceu correndo entrando no labirinto.

— Ele ama ela demais. — Seel colocou a mala no chão.

— Ele não ama ninguém Seel. — Infelizmente a imundice tinha o poder de fazer minha fadinha feliz. O resto? Era o resto.

Eu sabia que quando eu saísse a maior atingida seria Holly, mas me mantive firme. Na semana que vem começava suas aulas. E eu tentei não pensar muito nisso.

O baile será só à noite e nós voltaríamos no dia seguinte bem cedo. Afinal o monstrinho cassetudo não ficava muito tempo fora do seu calabouço. E eu estava ganhado mais. “Qualé”, é errado? É! Mas por algum motivo eu iria nessa merda só pra provar pra esse puto o quão errado ele está e que por trás desse corpinho de empregada tem uma puta mulher elegante, foda e extremamente fantástica.

— O baile todo ano arrecada milhões. — Sorri. Era por uma boa causa. Seel me disse que ele doava milhões, todos os anos. — Querida o jantar está quase pronto. Vá chamar o menino e a princesinha.

Sai do quarto atrás de Seel vendo Ed babar no sofá. Imaginei assim como no almoço ele ficaria enfurnado aqui na nossa cozinha.

O espaço era pequeno e com um cara de quase dois metros, fica claustrofóbico. Quem sou eu para reclamar, pelo menos evito fazer um mundo de comida diferentes para esse cretino.

Me julguem, mas o almoço foi apenas ovo frito e arroz. Nem Seel nem Ed reclamaram, porém nosso ilustre convidado comeu um total de cinco ovos fritos o que fez com que meu cabelo ficasse cheirando a fritura.

Ele não pareceu fazer de propósito afinal Seel disse que ele come disso para mais. Porém, toda via, entre tanto a vontade de fazê-lo engolir a frigideira foi enorme.

— O jantar tá pron.... — Holly saiu aos tropeços. — não corra Holly.

Eu saí em disparada tentando detê-la.

— Você deveria parar de me fazer agarrá-la. — Meu corpo foi com contra o dele, minhas costas bateram no peitoral.

Parecia o encaixe perfeito, a bermuda fez com que seu membro se encaixa no meu bumbum.

Inferno.

Todo meu corpo tremeu.

— Eu posso acabar gostando. — A barba fez estragos em meu psicológico me fazendo estremecer.

— Me solte. — Tremi feito bambu.

— Por que eu deveria? — A barba fez cócegas em meu pescoço, me contorcia em seus braços.

— Então me segure bem firme e sinta o que você jamais vai ter. — Empinei minha bunda contra o mesmo e com isso ele ficou surpreso me largando em seguida.

Olhei para trás e ele tinha um sorriso gigante e idiota no rosto. A vontade de arrancar aquele maldito sorrisinho com soda cáustica não foi

nenhum pouco pequena.

Ele me olhou de forma intensa e soltou:

— Nunca diga nunca, aliás não fique andando sem calcinha por aí.
— Ele dirigiu o olhar para o meio das minhas pernas. — Meus seguranças veem tudo e você não quer ser a responsável por trinta e dois cegos.

Ele passou por mim me deixando com cara de tacho, o ordinário.

Não, eu não ia me deitar para essa imundice. Se ele acha que vai me usar como pretexto para me enxotar desse mausoléu ele está muitíssimo enganado.

Enquanto ele está indo eu estou voltando. Ele não era o único que tinha truques. Eu não ficaria pelada para ele, eu faria bem pior.

O deixarei imaginar, sentir o maldito gosto do que ele jamais vai ter.

Jamais, jamais que euzinha vou me rebaixar a essa imundice. Se ele quer realmente jogar nós iremos jogar.

Subi o gramado e ouvi gritos e risadas. Não vou mentir. Meu coração apertou ao ver a cena...

Porém a vaca que habita meu interior simplesmente ignorou o fato de que minha prole é perfeitamente compatível com o querido monstro de estimação.

Eles faziam poses e Ed fazia os cliques com a antiga câmera Polaroid. Me encostei na bancada e Seel sorriu compreensiva, me senti o pior ser humano do mundo ao perceber que ele realmente ama minha filha.



E que me odeia.

G A E L

— Você é o *monstrão* bem *gingantão* e a Holly a princesinha que mata o *monstrão*

— Você quer me matar? — Prendi o riso ao vela apontar a vassoura pra mim com um enorme balde na cabeça.

— Nãooooo. — Ela arregalou os olhinhos. — *O monstroão gingantão*, por isso você solta o penteado de princesa e vira *monstroão gingantão*.

Soltei meu cabelo com ela tagarelando que mataria o dragão e eu viraria um príncipe encantado.

Começamos a correr pelo meu quarto e eu pulei em cima da cama.

— PARADO MONSTRÃO GINGANTÃO, VOCÊ ESTÁ MORTO. — Ela deu um gritinho autoritário e tirando o balde da cabeça. E jogou a vassoura maior que ela que era seu cavalo/espada no chão.

Me joguei dramaticamente no colchão vendo ela ter dificuldade em subir na cama.

— Você morreu? “*Gaeu*”? Você está vivo? — Coloquei a língua pra fora. Ela colocou a cabecinha em meu peito. — Eu matei o “*Gaeu*”.

Explodi em uma gargalhada fazendo-a pular em cima de mim e abraçar meu pescoço.

Ela estava chorando?

— Holly? Fadinha? Holly o que foi? — Tentei afastá-la mais ela negou.

— Achei que eu ia pra casa de homens maus igual meu pai. — Meu corpo todo travou e eu senti o ar faltar.

— O que você sabe sobre seu pai fadinha? — Ela se afastou e se ajeitou em meu dorso. Tirei o cabelinho de seus olhos azuis e limpei as pequenas lágrimas.

— A mamãe não gosta dele. Ele não é meu papai, ele pegou as coisas da mamãe sem pedir e não devolveu. E isso é muito feio. Papai do céu não gosta.

Fiquei boquiaberto, com o fato dela discursar sobre algo tão sério com uma inocência enorme.

— Como você sabe disso? — Ela sentou em forma de índio sobre meu peito e apoiou o rosto nas mãozinhas minúsculas colocando os cotovelos no joelho.

Coloquei minha mão atrás da cabeça.

— Ela chorou pro titio César e a titia Hannah abraçou ela. Ela não sabe. Shiii, “*Gaeu*” não pode contar. — Ela colocou o dedinho sobre os lábios. — Eu estava procurando Téó. — O ursinho sem braços horrroso dela. Que, aliás, eu já tentei jogar fora e lhe dar um novo, porém ela me ameaçou dizendo que se eu fizesse ela ia contar que eu andava dentro das paredes para a mãe.

Como ela sabia? Ela andava junto comigo, se Annie soubesse que a filha andava dentro das paredes comigo ela capaz de não me deixar chegar perto dela nunca mais e ainda tentar me matar.

De Annie? Não duvido de mais nada, para quem já me ameaçou jogar na privada, me lavar com soda cáustica, me matar não seria nada.

Por diversas vezes eu ouvi me amaldiçoar e me matar verbalmente, o que no começo me deixou puto. Queria essa infeliz fora, porém com o tempo descobri o quão divertido pode se ouvir ela planejar me assassinar, me enterrar, esquartejar, me sufocar ou me rodar na privada.

Nunca imaginei que alguém fosse capaz de matar de tantas formas assim, o que me surpreendeu bastante já que a maioria das minhas mortes em potencial era lentas, dolorosas e incrivelmente insanas, já que ela planejou me matar com minha própria prataria ou com a escova de escovar a privada.

— Você tem papai “*Gaeu*”? — *Afirmi* sem dizer nada, ela pensativa me olhou. — E mamãe?

— Tenho também.

— Cadê? Você precisa dar beijinhos nela e dizer que ama ela todo dia assim, ó, de montão. — Ela esticou os bracinhos e me olhou sorrindo grande. Me senti uma merda.

Uma pequena monstrixinha estava me ensinado sobre amor e suas funções e obrigações.

— Quando eu levanto cedinho. — O que é mentira já que essa monstrixinha levanta sempre depois das nove. — Dou beijinho na mamãe, se não ela fica triste chora. Sua mamã chora “*Gaeu*”?

— Não sei princesa. — Engoli em seco, me senti um lixo. — Que tal irmos brincar no gramado e depois ir perturbar sua mãe?

Ela riu sapequinha pulando de cima de mim, fazendo minhas costelas

doerem. Com boa parte das costas queimada minha pele mesmo depois das diversas tatuagens se tornou sensível.

Desci as escadas com Holly nos ombros com o lugar totalmente silencioso. Holly começou a coçar meus cabelos.

Ao sairmos pelas portas dos fundos avistei Annie e Seel na cozinha da casa dos empregados.

— A mamãe disse que vai fazer torta de queijo. — Ela fez barulhinhos com os lábios. Senti o sabor só de ouvir, a maldita cozinhou como ninguém, até melhor que Seel me arrisco a dizer. Mesmo sendo ovos fritos com arroz e suco de maracujá.

Só o cheiro me deixava fascinado, ela sabia o que está fazendo e isso era mais um ponto fascinante nela. Ela não fazia por obrigação e sim porque ela realmente ama o que faz.

Incrível como ela não se comparava a nenhuma outra. Era surreal o fato de que ela havia passado em medicina na **University College London** e simplesmente ter escolhido ficar com a ratazana. O que me deixava indignado era que Holly com apenas quatro anos falar praticamente tudo corretamente e às vezes, sempre no meu caso, sabe mais da vida o que eu.

— “*Gaeu*”? — Olhei pra cima.

— Diga minha fadinha. — Do careta e ela riu.

— Posso te chamar de papai “*Gaeu*”?

Foi instantâneo, meus olhos se fecharam e eu imaginei a imaginei com minha filha, viajei no futuro a imaginado como seria ter ela para o resto de minha vida comigo e de quebra uma loira psicopata, mantendo a longe da soda cáustica.

Ri feito um idiota.

Dei meu dedo mindinho a ela e a fiz prometer duas coisinhas. Ela nunca me abandonaria e pelo bem maior da minha preciosa vida, sua mãe não saberia que eu era o papai “*Gaeu*”.

Meu corpo foi de encontro à grama fofinha e levei ela junto comigo. Vi sua mãe desfilando para fora da casa e imaginei o quão satisfatório seria perturbar sua ilustre pessoa pelo resto dos meus dias.

Seria essa minha *redenção*? Minha segunda chance? Infernizar a vida de uma maluca a ponto de fazê-la me amar pelo resto dos meus dias?

Delirei alto demais.

Ou talvez seja só pelo fato que eu quero foder a mãe dela.



G A E L

Olhei para a tela do MacBook sem a menor vontade, em menos de uma hora Edgar havia conseguido um computador novo para meu escritório. Tentei me concentrar ignorando o barulho da chuva.

— Você precisa entender Gabriel, isso é impossível. — Meu riso saiu pelo nariz.

— Você já fez coisa pior Travis... — Olhei para o juiz corrupto em minha frente e sorri.

— Você precisa entender, eu não sou mais assim cara, assim como você não é o mesmo Gael que me deu uma segunda chance a anos atrás cara.

— Passei a mão pelo cabelo nervoso.

— Eu só preciso que você assuma o caso e o julgue como se deve, ela irá perder a filha, a monstrelha é tudo para aquela maluca. — Mesmo tendo ficado mais de uma hora deixando Travis a par da situação de Annie ele não parecia convencido. — A velha idólatra o filho vagabundo, ele arrancou tudo delas, você tem noção? E a velha ainda a culpa, por favor...

— Você Gabriel Morgan Mitchell está pedindo por favor?

— De tudo o que eu disse você só ouviu isso porra?

— O caso será meu. — Revirei os olhos e ele começou a falar sobre coisas aleatórias e sobre o que eu havia bisbilhotado sobre a vida de Annie. — Até amanhã o caso será meu, isso eu te garanto.

Me despedi dele e fechei o computador. Jamais me imaginei corrompendo um juiz ex-corrupto, saí do escritório andando pelo escuro.

— Papai Gael? — Porra, o corpinho trombou em minhas pernas no meio do corredor.

Ela estava emolada em um cobertor segurando o ursinho horroroso e com todos os cabelinhos loiros em pé.

— O que você está fazendo aqui a essa hora Holly? — Acendi a luz do corredor, e ela esticou os bracinhos pedindo colo. Me abaixei e peguei ela. — Sua mãe sabe? Não. Vou te levar para a casa antes que volte a chover.

Ela negou com a cabecinha e eu sorri. Beije seus cabelinhos cheirosos, sua mãe iria amaldiçoar até minha décima geração ao perceber que Holly dormiu comigo.

— Sua mãe... Holly? Holly? — Ela nem se quer abriu os olhinhos.

Ela suspirou e se ajeitou em meu pescoço e enrolando minha barba em seus dedinhos.

Fui em direção as escadas, sua mãe surtada que desse seu chique, porém eu não iria sair na chuva e a fadinha/monstrinha já tinha dormido mesmo.

Subi até meu quarto olhando a imensa cama king size. Puxei os edredons com uma mão e a coloquei no centro da cama. Ela virou de bruços, sorri.

Fui até às cortinas pesadas e as puxei isolando o barulho da chuva.

Peguei um cobertor e liguei a lareira a gás. Me deitei na poltrona em frente a lareira.

Ouvi resmungos e barulhinhos e me dei conta que eu nunca havia dormido com um bebê antes, talvez não fosse uma boa ideia deixá-la dormir sozinha.

Suspirei, me levantei e fui a até meu closet, coloquei um daqueles pijamas que parecem cobertor, estranhamente estava mais frio que o normal, já que geralmente a temperatura do castelo cai em dias de chuva, porém estava realmente frio.

Me deitei ao lado dela e ela sentindo minha presença só simplesmente se jogou em cima de mim, engoli em seco. Meus olhos arderam e eu pisquei firme, a confiança involuntária dela é incrivelmente fantástica. Jamais poderia segurar meu filho nos braços, o que aquela maldita fez foi apenas por capricho para me ferir, pois ela sabia o quanto eu desejava ter um filho.

Holly resmungou algo em seu soninho e me apertou, fechei meus olhos e pela primeira vez eu não tive um único pesadelo.

— Menino Gael? Menino Gael? A Holly sumiu. — Me sobressaltei e me levantei correndo incoerente. Abri a porta e Annie chorava falando coisas incoerentes e Seel esbaforida tentava regular a respiração.

— Ela a levou senhor Mitchell, aquela maldita a levou. — Ela soluçava alto e xingava sem controle, fiquei parado tentando colocar meus pensamentos em ordem.

— Mamãe? — Porra! Me virei ao ver Holly apenas com os olhinhos brilhantes para fora do amontoado de cobertas!

— Inferno! O que diabos você pensou ao sair no meio da noite? — Holly se encolheu na cama e eu entrei na frente de Annie. A enxurrada de palavrões baixo que se seguiu foi de alívio e revolta.

— Ela apareceu aqui Annie e estava chovendo e eu achei...

— Achou? Você achou? Achou o que inferno? Vamos Holly. — Ela estava furiosa e seu rosto extremamente vermelho.

— Holly não quis fazer a mamãe... Chorar. — Holly estava com o rostinho sem entender o que havia feito de errado.

Annie a pegou no colo e vi medo passar nos olhos de Annie e depois a raiva a dominar.

— Você não faz ideia não é senhor Mitchell? Ela é minha filha, minha responsabilidade e o que você fez Holly foi muito feio, não faça isso de novo por favor. — Annie a abraçou e Holly apertou seu pescoço. — Quando você quiser ficar com senhor Mitchell — ele me olhou com receio — você precisa pedir pra mamãe e talvez senhor Mitchell esteja ocupado.

— Eu nunca estarei ocupado pra vocês. Nunca. — Me aprezei em dizer e ela desviou o olhar.

— Que tal tomarmos café? — Seel tinha um sorriso no rosto. Como se nada tivesse acontecido. — Vamos Holly, sua mamãe precisa conversar com o Gael.

Holly quis recusar e Seel disse algo em seu ouvido. Elas saíram e foram cochichando para baixo.

— Me desculpe? Por favor não me proíba de ver a Holly. — Ela me olhou e balançou a cabeça.

— Você não entende não é? A gravidade? — Ela fechou os olhos. — Qualquer coisa que aconteça com Holly, eu a perco. Minha honestidade e

responsabilidade está em jogo.

— E se eu disser que eu resolvi o problema? — Ela me olhou confusa.

— O que? — Ela me olhou em pânico.

— Ela nunca mais irá te incomodar. — Ela me olhou assustada.

— Pelo amor de Deus, você mandou matar minha ex-sogra?

— Eu deveria? — Com ela era assim, imprevisível. Tentei esconder o riso ao ver seu rosto aliviado.

Ela estava usando um pijama dos curtos, vermelho. Me aproximei dela vendo-a recuar, e bater com as costas na porta.

— Medo de mim? — Ela juntou as sobrancelhas e me olhou com uma carinha de deboche.

— Posso sentir tudo a seu respeito, menos medo. — Ela me desafiou.

— Sabe serviçal... Sempre adorei um desafio... E lembre-se a noite pode ser memorável.

Me lembrei sobre nossa viagem que aconteceria hoje, eu sabia que ela não queria o dinheiro. E sim apenas me afrontar.

— O que acontece em Londres fica em Londres... — Ela abriu a porta e escapou antes de eu a alcançar. — Monstrinho...

Ela me chamou de monstrinho, inferno?

CAPÍTULO 12

“O QUE ACONTECE EM LONDRES, FICA EM LONDRES”

ANNIE

Tentei não demonstrar emoção nenhuma ao saber que meu querido chefe peludinho tem um avião particular. E que ele também tem um helicóptero e que ele pilota.

Ele me olhava tentando adivinhar alguma emoção, porém me manteve plena e totalmente inabalável.

Holly falava com ele sobre os aviões e como tudo era grande e eu me concentrei no meu celular. Rolando o feed do Instagram.

— Estamos prontos senhor Mitchell. — Uma morena anunciou se virando pra mim e sorrindo. Gostaria de algo senhora?

— Pode me chamar de Annie... Estamos bem. — Apontei para uma Holly mexendo na bolsa cheia frutas, alguns doces e uns potinhos com salgadinhos feitos por Seel e uma garrafa térmica de leite quente.

— Você trouxe comida Annie? — Afirmei com a cabeça. Ele estava sentado em nossa frente em uma poltrona gigante, igual a minha e a de Holly, percebi que o cinto foi ajustado para ela.

— Nossa última experiência com a classe econômica não foi muito legal. — A classe econômica não é uma das melhores. E Holly é uma gafanhotinha cheia de fome.

— Vocês tem tudo aqui, desde sopa até sorvete. — Holly abriu um potinho com bolinhas de queijo e ofereceu a ele.

— “*Qué Gaeu*”? — Ele negou e ela me ofereceu e peguei um.

— "Senhor e senhora Mitchell, bem vindos, partindo da pista privada Mitchell Ltda com destino ao aeroporto internacional de Londres. Nosso tempo de voo é de aproximadamente 03:40 min."

— Tudo bem senhor Mitchell? — Ele estava com os olhos fechados.

— Não gosto muito de voar. — Respirei fundo.

— Pra onde vão os fundos do baile da sua família senhor? — Tentei chamar sua atenção ao vê-lo apertar os olhos.

— Me chame de Gabriel

— Certo. Gabriel, para que os fundos?

— Meus pais ajudam causas na África, e financiam boa parte dos médicos sem fronteiras

Embora eu já tinha cutucado na internet o que eles faziam, era bom eu bancar a egípcia, ele pareceu relaxar com minhas perguntas e abriu os olhos quando Holly o chamou.

— Vamos brincar "*Gaeu*"?

— Que tal ir vemos um filme? — Ele apontou pra cama gigante num quarto que estava com a portinha aberta.

Eles se sentaram na cama, Holly se sentou em cima de várias almofadas e se apoiou nele que se jogou na cama colocando os braços atrás da cabeça dando espaço pra Holly se ajeitar.

Me concentrei em meu Kindle e em minha playlist

— Você vai ficar surda mulher.

— Inferno! — Meus fones foram arrancados dos meus ouvidos e ele rodou ele nos dedos.

— A fadinha dormiu. O final de rei leão fica para a volta. — Revirei os e olhei em direção ao "quarto", a porta estava entre aberta.

Ele se sentou na minha frente esquivando as pernas e eu saquei a dele.

— O senhor não tem medo de altura não é? — Não tirei os olhos da minha leitura erótica. A contos incríveis, que me fazem imaginar coisas com esse maldito homem em minha frente.

— Voltamos à estaca zero com o senhor Mitchell não é? — Me mantive quieta. Imaginando a cena que era descrita em minha leitura.

Foi uma péssima ideia ter parado no capítulo ao qual os protagonistas têm um incrível sexo quente no banheiro do avião. Péssima ideia.

"Ele me encurralou entre a pequena pia e ele, lentamente ele levantou minha saia, eu não podia sequer respirar, meu corpo estremeceu. A voz surrada dele em meu ouvido me fez gemer baixo. Mordi meus lábios com força ao senti-me presa, senti seu membro deslizar para dentro de mim. Senti o gosto de ferrugem em meus lábios, ao sentir ele estocar com força fazendo-o..."

— ... Rir em enquanto me possuía sem se importar por estar onde estávamos. — Ele estava atrás da minha poltrona. Cruzei minhas pernas ao ouvir a risada dele. Dizer que meu núcleo pulsou é eufemismo, ela aplaudiu e ainda soltou lágrimas. Inferno o homem era tudo o que subconsciente queria no momento, sem jogada em um banheiro e me virasse do avesso.

Porém, jamais faria isso. Provocá-lo e me deixar ser provada é uma coisa. Deixar esse peludo tesudo entrar na minha menina é outra coisa.

Não vou negar que seria incrível rodar em cima daquele homem e ainda deixá-lo sem gozar seria o auge de toda a fodida situação em que ele me colocou.

— Me devolve. — Meu Kindle foi arrancado de minhas mãos. E ele simplesmente começou a rir sensualmente ao ler os títulos de minhas bibliotecas.

— Para uma mulher que não transa... — Ele frisou o não. E voltou a se sentar em sua poltrona. Ele deixou evidente o que deveria ser chamado vulgarmente de pau, porém se encaixa em tora. A calça parecia que ia abrir. — Sabe baste sobre o assunto. "Sedução a meia noite"...

— Falou o transante, me devolve merda. — Levantei ficando em pé sua frente.

— Mulher, você precisa transar. — Ele riu sensualmente e me olhou de cima a baixo.

— Com esse humor do inferno você também precisa. Agora. Me. Devolva. — Ele riu mais e entrou em um livro de BDSM.

— Temos aqui uma mulher que gosta de levar chicotadas e ser um... Penetrada com força. — Ele se levantou, ele ficava quase da altura do teto.

— Me devolva. — Coloquei o dedo em riste em sua cara. — Pelo visto você não sabe fazer nem um terço do que esses homens fazem, pra ficar tão chocado por uma mulher gostar disso.

— Chocado não, fascinado talvez... Annie... Annie... — Ele foi andando em minha direção me fazendo cair sentada sobre o sofá cumprido que havia na lateral do jato. — Me diga uma coisa. Você já teve algum orgasmo?

Meu rosto queimou e ele riu, certo. Eu não tive grandes orgasmos, às vezes duvido que possa existir orgasmos como os descritos em livros, porém...

— Eu imaginei... — A risada dele era diferente, sensual, baixa e ritmada. — O que uma mulher como você espera? Não seria difícil de descobrir... Talvez se...

— "Senhor e senhora Mitchell, gostaríamos de avisar que estamos prestes a pousar no aeroporto de Londres, peço que se acomodem e espero que tenham tido uma ótima viagem."

Inferno, me irritei.

— Por que diabos ele está me chamando de senhora? — Empurrei meu querido chefe peludinho. E ele se afastou rindo em direção ao "quarto".

Ele voltou com Holly ainda dormir e a acomodou na poltrona a declinando para trás. Ela me chamou em seu sono e eu peguei em seus dedinhos.

— Precisa passar o cinto querida. — Senti as mãos deles em meu corpo e ele fez questão de tocar em minhas cochas.

— Obrigado docinho... — Ele fez uma carinha sensual e passou a língua nos lábios.

Porém, ele não podia deixar barato.

— Vou lembrar do seu docinho mais tarde, querida. — Era visível o deboche em sua voz.



— Ficaré grato em saber que fiz doce de um limão tão azedo feito você.

G A E L

Ela tem uma resposta fodida para todas as minhas respostas. Jamais imaginei que ela leria aquele tipo de livro.

Se olhar matasse, ela teria derrubado o jato só com a força do ódio que jogava em minha direção.

— Pra que tanto ódio no coração querida? — Ela riu enquanto, Jackson meu piloto falava sobre o pouso.

— Querido, quem me faz esfregar o vaso sanitário com escova de dentes é você. Quem será que tem o ódio no coração amargurado, docinho de limão?

Sorri de canto, porém eu percebi a amargura em sua voz. Eu sabia o quanto ela me amaldiçoava por isso.

Vi ela olhar para fora do avião e fez uma careta. Era uma puta canalhice a trazer a esse evento, ela é do interior, simples. Porém Gustave tem a língua maior que a boca e quando eu decidi não vir, tive uma senhora Mitchell histérica gritando ao telefone comigo, minha mãe apesar de ser da alta classe de Londres. Sempre foi espalhafatosa, escandalosa e incrivelmente amorosa. Mesmo eu lhe garantindo que eu seria o maior doador ela gritou me chamando de filho ingrato.

Para ela foi o fim do mundo quando me isolei no castelo e deixei minha cobertura em Londres e me isolei de todos. Ela tinha razão, na verdade todos têm, afinal... Eu abandonei todo mundo e fiz questão de deixar claro que eu poderia com a vida deles com meus remorsos e traumas tóxicos.

Quando o avião pousou, eu vi a cabeleira loira e um pequeno pulando do lado de fora na pista de avião. Ela acenava feito louca e meu irmão estava rindo de braços cruzados. Meu pai não veio.

Meu coração quis parar e Annie explodiu em uma gargalhada

escandalosa. Tapei meus olhos ao ver a enorme placa vermelha com letras brancas gritantes ser esticadas pela minha mãe e por meu irmão.

"BEM-VINDO FILHINHO, MAMÃE TE AMA MUITO BEBÊ, ESTÁVAMOS COM SAUDADES PEQUENO"

Inferno.

Mãe...

— Bem-vindo bebê da mamãe. — Fuzilei Annie ao vê-la carregar Holly para fora do jato. E me amaldiçoei ao ouvir os gritinhos escandalosos de minha mãe.

— Mãe. — Tentei intervir em suas enxurradas de perguntas para Annie que acabaram acordando Holly, revirei meus olhos pegando Holly em meus braços.

— Oh meu Deus Gabriel, você virou papai. Deus seja louvado. As novenas. Temos que pedir uma missa Gustave.

— Inferno mãe.

— Não blasfeme, me deixe tirar uma foto para mandar pro seu pai.

— Deixa eles respirarem mamãe.

— Mas filho...

— Mãe, por favor...

— Querido a moça além de linda é corajosa por suportar meu bebê, ainda me deu uma neta. Quando vem o próximo? Vocês estão praticando crianças?

— Inferno mãe!

CAPÍTULO 13

“UM MONSTRINHO ADESTRADO E UMA NORA DE ALUGUEL .”

ANNIE

— Puta merda. — Olhei pra mulher empolgada enchendo Holly de beijos.

— Fique calma, respire.

— Calma? Sua mãe acha que vamos nos casar! — Queria cuspir fogo. Cuspir fogo nele e queimá-lo vivo.

— Gustave comentou que eu tinha conhecido alguém, que tinha uma filha... E que nós estávamos nos conhecendo... Ele mentiu eu sei. Porém isso não impede que ela queira me levar ao psicólogo.

Psicólogo? Ele precisa de um psiquiatra.

— Conhecendo? Sua mãe sabe que eu sou a empregada? — Vi a mãe dele nos olhar curiosa. Estávamos andando atrás deles e ele me olhou, parou e colocou a mão em meu rosto.

— Fique calma querida. — Ele debochou. A mãe dele parou também, nos esperando.

— Calma o cacete. Escute aqui o combinado... — A mãe dele começou a bater o pé no chão, o irmão dele com Holly nos braços foi em direção ao carro.

— Vocês estão brigando? — Colocando a mão na cintura ela nos olhou.

— Seu filho é insuportável senhora Mitchell. Porém eu o amo demais para afoga-lo na privada. Não é amor? — Ela disse algo baixo e riu doidinha.

— Claro, bonequinha de voodoo. — O sorriso dele era tão falso que até Gustave, disfarçou com uma tosse falsa.

— Me chame de Susane querida. Não ligue para esse brutamontes insensível. Gabriel Mitchell leve a bolsa dela, te ensinei a ser um cavaleiro.

Ela pegou minha bolsa entregando ao meu querido chefe que revirou os olhos fazendo cara de desgosto.

Ela agarrou meu braço, e me puxou.

— Me conte querida, como vocês se conheceram? Vocês já noivaram? Ele já te deu o anel? São cristais Swarovski?

— Mãe, deixe ela em paz...

— Preciso conhecer minha nora... Já que você se negou a me deixar falar com ela no telefone. Você estudou o que querida?

— Não tive a oportunidade.... — Sorri sem graça, constrangida.

— Oh meu Deus, você não pode por causa da minha neta? — Como eu vou falar pra uma das mulheres mais simpáticas e doidinha do mundo que eu sou a empregada e que em noventa e nove por cento do tempo eu quero rodar o filho dela na privada ou usá-lo como desentupidor?

— É complicado se... Susane. — Entramos em um carro extremamente grande, onde meu querido chefe se sentou ao lado do irmão no banco do passageiro. Holly olha atentamente tudo, quietinha.

Ela se sentou ao meu lado. Enquanto eu prendia Holly na cadeirinha, que parecia novinha.

— Vamos escolher seu vestido. E precisamos ver o que minha netinha vai vestir. — ela olhou pra Holly e fez carinho em sua bochecha. — Me chame de vovó meu bem. — Tentei impedir porém Gael me olhou pelo retrovisor, Holly concordou freneticamente a cabecinha loira, fazendo seu cabelinho loiro balançar, minha filha sorriu de orelha a orelha pela atenção que recebia. Susane voltou sua atenção para mim sem deixar de enrolar os cachinhos de Holly em seus dedos. — Precisamos fazer cabelo. Olhe essas unhas impecáveis. Precisam de um esmalte vermelho. Essa pele precisa de uma máscara de lama e seus olhos precisam de pepinos. Precisamos de SPA.

— Mãe, respire. — Gustave riu tentando controlar a mãe. Gabriel digitou algo no telefone e o apertou. Alheio ao ataque de beleza da mãe sobre mim.

— Olhe esses fios loiros Gustave, algodões de tão macios. — Ri, meu cabelo parecia um arame.

— Mãe você está assustando Annie. — Meu querido chefinho Gabriel, o peludinho falou fazendo a mãe rir graciosa.

Ela desatou a falar, ela me teceu elogios tentei agradecer, porém me senti horrível, afinal ela estava acreditando em uma farsa.

Cheguei no auge, odiando meu chefe querendo dar para ele e ainda pior eu estava enganado a mãe dele. Que por sinal era incrivelmente doce e doidinha.

— Nós vamos para minha casa mãe, está tudo pronto lá. — Susane murchou.

— Claro que não Gabriel. Temos um quarto esperando você e Annie, e um esperando essa linda princesa. Contratei uma moça para atender essa mocinha enquanto vocês se divertem e quando eu não puder paparica-la.

Ela havia contratado uma babá?

— Pelo amor de Deus mãe, vamos embora amanhã.

— Deus nada Gabriel, vocês vão quando eu deixar. Eu fecho aquele aeroporto se você me desobedecer novamente ouviu seu ingrato.

— Mãe...

— Bem vinda a House Royal Mitchell, querida. Compramos a casa real de um conde há alguns anos...

Minha nossa, isso nem que podia ser chamado de casa...

Estava na cara o quão extravagante eles podiam ser. Mansão era alta, toda adornada de mármore, em uma cor bege.

Ela desceu do carro saltitando, sim saltitando. E elevou Holly em seu enlaço. A fonte fez os olhinhos de Holly brilhar. Ela enfiou a mãozinha na água e Susane se abaixou na altura dela.

— Você se acostuma. — Gustave sorriu pra mim.

Ela falava da história da casa e meu único alvo era estrangular meu chefe com seu próprio cabelo, o imundice me olha com puro deboche nos olhos.

Mesmo assim eu podia ver o desconforto dele, ele parecia desconfortável com a "casa".

— Querido venha conhecer a nossa nora. — Ela deu um gritinho. E um senhor charmoso e extremamente grande forte pareceu na entrada com

uma roupa de golfe.

— Nora? Desde quando Gabriel... Susane você disse que ele não vinha. — Ele pareceu surpreso.

— Surpresa. — Ela deu um pulinho animada.

Isso não é normal, como pode um cara mudar totalmente em pouco tempo? Ele e o pai se abraçaram.

— Obrigada por ter feito ele vir querida. — O que eu diria? Que eu estava inclinada a receber uma boa grana para me fazer de noiva devotada.

Meu chefinho peludinho parecia um monstrinho adestrado, ele e o pai trocaram um abraço tocante, porém se eu não conhecesse essa imundice diria até que fiquei tocada.

Porém, me nego. O cara tem uma puta família e fica se fazendo bundão e sofrendo isolado pela ex, Belinda para os mais íntimos.

Essa tal de Julyn é o cúmulo, eu sabia que ela ia fazer alguma tramoia, ela não ia deixar barato o lava cara que ela levou no café.

Alheia a tudo estava Holly, empolgada com a casa e com a atenção que recebia. Eu? Me mantive plena.

— Joshua Mitchell. — Ele apertou minha mão com delicadeza.

— Senh...

— Apenas Joshua.

— É um prazer conhecê-lo.

— Vamos entrar...

A casa era digna de cinema. Um verdadeiro castelo histórico. Era incrível como tudo era antigo e ao mesmo tempo moderno.

— E quem é essa linda mocinha? — Holly se agarrou em Gael e falou algo pra ele.

— Sim, ele é meu papai. De oi para ele fadinha. — Ela ficou vermelhinha e sorriu envergonhada.

— Oi.

— Olá querida. Você é igualzinha à sua mãe. Um anjo.

Me senti envergonhada. Eles conversavam animados e meu chefinho me olhava atentamente. Talvez esperando que eu desse com a língua nos dentes e estragasse sua tramoia maligna.

Era visível o quanta merda ia dar hoje à noite.

— Querida será que você poderia me ajudar com alguns últimos detalhes do baile?

Seus olhos brilharam.

Fodida era pouco.



G A E L

Inferno. Annie saiu com minha mãe com a pequena Holly em seus braços me deixando sozinho com aqueles dois enxeridos.

— Ela te odeia filho. — Meu irmão escandaloso gargalhou ao ver meu pai se sentar no sofá.

— Ela é minha empregada. — Soltei vendo meu irmão revirar os olhos ao se servir de um gole de whisky.

O escritório do meu pai me trazia muitas lembranças boas, de suas histórias. De como eu e meu irmão adorávamos nos sentar no tapete e ouvir sobre suas aventuras, sobre suas medalhas agora penduradas na parede atrás de sua cadeira de cor preto.

— E isso te impede de ser feliz? A vida dá às chances, Gabriel e você só precisa usá-las.

— Ela quer me matar afogado na privada pai.

— E como sabe disso irmão? — Gustave me olhou debochado.

— as paredes.

— É claro. Você e sua mania de perseguição.

— Eu sempre andei pelas passagens, eu apenas ouvi dizendo aos ventos o quanto queria me rodar na privada ou me usar como esfregão de chão.

Eles riam e eu fechei a cara.

— É incrível você não estar morto em algum buraco do castelo. Já que ela constantemente faz planos para sua morte. — Revirei os olhos.

— E como você a trouxe para a viagem.

— Dinheiro.

Dei de ombros, era visível que ela não ia aceitar o dinheiro. E que só veio por motivos de me irritar e com medo de ser despedida.

Ela soltava pérolas em minha direção, e algumas ela guardava pra ela. Porém eu sabia que ela queria me virar do avesso se pudesse.

— Duvido que ela vá aceitar. — Meu pai tinha um ponto.

Annie estava deslocada e perdia em pensamentos e com minha mãe a sufocando não ia ser nada fácil.

Tentei não me concentrar no fato de que queria ela em minha cama, nua gritando meu nome.

Ela não me chama de Gabriel e muito menos Gael. Era sempre senhor Mitchell com uma dose de veneno.

Imaginei fazendo com ela o que aqueles livros eróticos descreviam. Salivei só de imaginar toda.

— Você sabe que Julyn virá, não sabe? Não use a garota para atingir aquela senhorita. — Eu sabia que Annie já tinha ideia que aquela cadela estaria aqui, porém não falou nada. — Tudo que você fizer essa noite que seja para a garota incrível lá fora. E não para confrontar Julyn e sua necessidade de atenção. Não quero seu nome estampado nos jornais com algo negativo novamente.

A nota com a tentativa falha de suicídio piscou em minha mente.

Malditos abutres.

— Admita aquela moça lá fora não é só sua empregada como você insiste em tachar. Ela é mais. E seu medo da história se repetir é grande. Porém não vai. Aquela moça lá fora criou a filha sozinha. Passou por cima da própria fome. Ela jamais iria magoar você, querer te matar por ser insuportável talvez. Mas Deus está te dando à chance de ter uma família. E se você jogar fora, o único egoísta aqui é você. — Meu irmão falou sério. — Julyn não foi capaz de manter um filho e jamais será, essa foi a escolha dela. Superficial demais para amar um homem quebrado como você. Você mudou em meses o que tentamos fazer em anos, você está sorrindo, seus olhos brilham por aquela mulher. Quem dera se alguém me olhasse como ela te olha. O fogo nos olhos dela é incrível. E se esse fogo apagar você vai perder a única chance de ser feliz de verdade, irmão.

Eu não sabia o que falar. Ou retrucar não sei. Não via mais minha vida

sem aquela fadinha incrível. E sem aquela mulher maluca me xingando pelas paredes.

Em alguns meses ela havia virado minha vida do avesso.

E meu coração também.

Não, não era possível. Sem perceber eu olhei meu reflexo no espelho. Sem olheiras. O brilho no olhar. Sem perceber essa maluca estava me trazendo pra cima de volta.

Enquanto, talvez eu apenas estivesse a empurrando para baixo. Era visível que ela estava ali apenas por Holly. E não por ninguém, em todos esses meses eu nunca a vi pensar nela mesma sem ser na filha ou tentar fazer planos para minha morte.

Na noite em que passei no sofá da casa dos empregados, vi pela porta do quarto de Holly o que a Annie estava fazendo por ela. Ela passou por cima de tudo para continuar com a filha. Passou até por cima da justiça.

Se essa era uma chance de Deus, pra mim. Ele devia ter errado na chance pra ela. Eu sabia que ela me odiava, porém se sentia atraída por mim.

Mas eu seria capaz de fazê-la ficar? De me amar? Inferno. Eu estava parecendo um bichinho doméstico amedrontado.

Ela era livre. E eu estava preso a amarras do passado.

Talvez uma única noite... Fosse o suficiente pra provar que meu irmão estava errado. Uma única noite.

CAPÍTULO 14

“DEMÔNIO LOIRO”

ANNIE

Há alguns meses eu estava sem emprego, quase morando na rua e agora estava eu aqui, dentro de um quarto gigante que eu teria que dividir sei lá por quanto tempo com meu querido e amado chefe.

Chefe esse, uma imundice que fazia questão de demonstrar afeto para comigo perto da sua mãe. Suzane é tão doidinha e animada que nem percebe o quão debochado e cretino é o insuportável que ela pariu.

Ele abriu a porta, e me deu passagem. Holly estava dormindo em meus braços, depois de tanto andar e explorar ela acabou pegando no sono.

— Sua mãe colocou velas no quarto? — Olhei incrédula para as velas aromáticas no pé da enorme cama king size. Ele soltou um riso pelo nariz.

— Ela acha que falta romantismo para concebemos mais netos a ela.
— Ele debochou sem se abalar. Ostentando um sorriso sem mostrar os dentes, totalmente cretino e fodidamente sedutor. — O que? Ela acha que somos um casal, estranho mais um casal. Minha bonequinha de voodoo.

— Pare de me chamar de bonequinha de voodoo. — Mordi a língua para não xingar, a merda fora dessa imundice.

Coloquei Holly no centro da cama. E ela se virou de barriga para baixo.

— Bonequinha? — Ele fechou a porta.

— *Vai se foder, imundice.* — Disse baixinho. Quase inaudível. Abri minha mala que estava ao lado da cama me sentando no chão.

Tirei meu vestido preto e meu salto.

Eu estava fugindo após ela ter chamado um batalhão de pessoas para "cuidar" de mim. Vi quanto meu chefe apagou as velas e se deitou ao lado de

Holly.

— Minha mãe não é uma pessoa fútil. Ela só é...

— Incrivelmente doidinha, empolgada e espalhafatosa. — Completei ao me levar. Quem diria que eu estaria dividindo o quarto com o mesmo homem que me fez esfregar seu cavo sanitário com escova de dentes.

— E você gostou dela. Minha família é um pouco afetuosa demais.

— Eles são o que toda família deveria ser. Ninguém solta a mão de ninguém, família de verdade é isso.

Ele ficou quieto com os braços atrás da cabeça me olhando sério e pensativo.

— Por que você aceitou vir? Além do dinheiro é claro. — Revirei os olhos.

E me mantive em silêncio. Não iria atacar. Já estava cansada até dos meus pensamentos homicidas contra ele.

— Obrigado. — Olhei pra ele esperando a explicação por esse grande fato. — Por não ter falado a verdade a minha mãe. Ela já sofreu demais com meus... Problemas.

— Não sou eu que devo me preocupar, ela é sua mãe. Logo, a mentira é sua. Me sinto horrível por mentir para uma mulher que parece ser tão incrível. Porém eu não tenho direito de falar a verdade. Ela é sua mãe. É sua família. Você deveria dar mais valor a eles, pai e mãe não duram pra sempre.

Disse sem pensar. E me sentei na poltrona.

— Está me dando conselho? — Ele perguntou.

— Não, apenas dizendo o que eu penso. Se quiser levar como um conselho por mim tudo bem. — Dei de ombros. Ele sorriu de lado fechando os olhos



— É um ótimo conselho.

G A E L

Ela parecia cansada, estava mexendo na mala já havia um tempo.

— É só ficar perto de mim e ninguém vai te incomodar.

— Não gosto de lugares com muitas pessoas senhor Mitchell. — Ela confidenciou fechando a mala. Ela estendeu um vestido preto sobre a cadeira.

Holly se mexeu na cama, chamando nossa atenção.

— Ela vai ficar bem. — Minha mãe fez um ótimo trabalho chamando alguém para cuidar da fadinha, mesmo que ela fosse nos acompanhar na festa, seria por pouco tempo e uma pessoa qualificada para ficar de olho nela seria de grande ajuda. — A moça estará aqui daqui a pouco.

Ela concordou.

Ela parecia distante e calada demais.

— Vamos lá bonequinha de voodoo fale alguma coisa. — Ela revirou os olhos e se deitou na cama ao lado de Holly.

Me virei de lado sorrindo cretinamente para ela.

— Pare de chamar assim.

— *Pare de me chamar assim.* — imitei.

— Quantos anos você tem, cara? Desde quando é tão irritante assim?

— 38. Desde o dia que descobri que te irritar é mais empolgante que te despedir. Que tal um acordo? Você me ama incondicionalmente e eu não te demito.

Gargalhei ao ver a cara de desgosto dela.

— Idio...

Ela nem terminou de dizer o xingamento e fechou os olhos. A porta foi aberta por um furacão de meio metro chamado Suzane.

— Oh meu Deus. Que família linda... Mas chega de namorar, vamos Annie temos que nos arrumar e você precisa conhecer Lauren.

Minha mãe entrou falando pelos cotovelos.

— Você precisa provar seu smoking Gabriel. E não me olhe com essa cara. — Tapei meus olhos fingindo não escutar nada.

— Ele vai servir mãe, vamos dormir. — Holly grudou seus dedinhos

durante o sono em meu cabelo — E ainda faltam quase três horas para a festa mamãe.

— Deixe eles dormirem filha. Venha, vamos.

Vi que Lately quis protestar, mas acompanhou minha mãe, levando sua roupa e seus pertences com ela.

Velei o sono da fadinha por um tempo até finalmente, passar por um cochilo.

— Acorda... — Senti mãos geladas em meu rosto e a fadinha me olhava com os olhinhos brilhantes e sonolentos. — Mamãe... Quero mamãe.

— Vamos procurar a mamãe que tal? — Já eram quase sete e meia e o baile da minha mãe começava sempre às oito e meia em ponto. Sem mais nem menos. Era assim todo o ano.

Sai pelo corredor com uma Holly resmungando pela mãe.

Bati na porta do quarto da minha mãe de onde vinham as vozes.

— Mãe? — Minha mãe teve a ousadia de aparecer cheia de bobes na cabeça e de robe, colocando só a cabeça pra fora.

— Holly quer ver a Annie.

— Dê-me ela. — Holly foi de bom grado e eu recebi uma portada na cara.

Revirei os olhos, e desci. Vendo pessoas uniformizadas pra lá e pra cá. Vi meu conversando com um homem de terno. Me aproximei.

— Pai.

— Filho. Quero que conheça Sebastian Wolfgang.

Olhei pro cara, e meu corpo ficou em alerta. Meu lado militar falou mais alto. Me mantive sério.

Senti o cheiro de falsidade só de ver o brilho no olhar ao olhar pra mim. Provavelmente deveria ter minha idade.

— Wolfgang.

— Mitchell.

Meu pai sentindo a tensão começou a falar sobre o governo, escutei só metade.

Me afastei deles voltando a subir pro quarto. Vendo algumas pessoas indo em direção ao salão onde seria o baile.

Senti o olhar daquele cara sobre minhas costas. Eu tenho a leve impressão que esse cara não é boa coisa.

Entrei no quarto vazio, tirei minha roupa e fui em direção ao banheiro.

Eu não falaria pra Lavelly que esse era meu antigo quarto.

Entrei na ducha lavando meu cabelo, não demorei muito.

Sai secando meu cabelo. Com uma toalha enrolada na cintura.

Me sequei, e sai pelo quarto em busca de uma cueca confortável. Abri minha mala, jogando as roupas no chão. Achei uma Boxer branca e vesti.

Vi meu terno pendurado esticado em cima da cama e sorri em desgosto. Ele era vinho. Vesti, e ele coube certinho em mim.

Taquei perfume e passei a toalha novamente em meus cabelos. Soltei eles e percebi o quanto um corte seria bem-vindo agora.

Sai do quarto, em busca das mulheres que eu devia levar ao baile.

— Elas já vão descer filho. — Meu pai estava vestindo um terno do mesmo que o meu, azul. E meu irmão com cara de bosta sentado no sofá vestindo um igual, só que verde. — Sua mãe desconhece a palavra limites Gael.

— Ainda bem que eu neguei esse terno. Ele é horrível Gabriel. Ele é vinho, irmão.

— Vá se foder Gustave. Você também está horroroso...

Meu coração perdeu a batida ao olhar para o topo da escada. Fui ao inferno e trouxe o demônio comigo.

Porém era o demônio mais sensual e sexy que eu já vi em toda a minha fodida vida. Ela desceu as escadas em um enorme salto com Holly em seu colo como uma verdadeira rainha. Sem me olhar ela descia os vários lances de escada com minha mãe e as duas riam como se fossem grandes amigas de tempos. Holly brilhava em seu vestidinho florido e espalhafatoso, incrivelmente lindinha e brilhosa.

Annie a colocou no chão e ela riu, graciosa. Quando me viu seus olhos brilham. E ela gritou meu nome.

Tive certeza que essa noite seria memorável. Olhei para o demônio loiro que me olhou profundamente quando chegou no pé da escada, fiz uma reverência fazendo minha mãe suspirar e ela revirar os olhos.

— Madame. — Ouvi ela resmungar algo sobre "agora eu sou a madame."

Peguei Holly no colo.

— Olha o vestido que a mamãe me deu. — Eu já tinha visto aquele vestido no quarto da Lately pendurado no armário todo embaladinho.

Mas eu não tinha ideia do quão lindinho ele era. A arrumei em meu colo para que seu vestido não amassar e estendi o braço para Lately.

— Pronta bonequinha de *voodoo*?

Perguntei em seu ouvido, emendando o *voodoo* baixinho na frase fazendo a revirar os olhos.

— Claro chafinho. — Ela disse baixinho, fazendo um arrepio subir por minha coluna. Meu irmão e meu pai guiavam minha mãe, e nós íamos atrás.

Seguimos pelo corredor que dava do outro lado da casa. Vi a enorme porta de madeira negra ser empurrada, mostrando o salão cheio de gente.

Toda a minha coragem se foi ao ver a cabeleira ruiva acompanhada de ninguém menos que Wolfgang.

— Belinda.

Annie sussurrou me fazendo rir. Vi quando seus dedos apertaram meu braço em um ato involuntário, e aquilo me passou um incrível conforto.

Holly passou os bracinhos em meu pescoço, e ela olhava atentamente em direção a Belinda. Inferno Lately.

Revirei os olhos, ao perceber que eu estava pegando a maldita mania de chamar Julyn de Belinda. Nome de vaca.

— Rindo do que querido? — Podia ouvir a falsidade no querido de Lately.

— Nome de vaca.

Sorri ainda mais ao saber que eu guiava as mulheres mais lindas da festa. E que elas eram o único motivo de eu estar ali e mais ela era o único alvo da minha admiração e atenção.

CAPÍTULO 15

“LEILÃO DOS HORRORES.”

ANNIE

A Mansão era extremamente gigante, e Suzane fazia questão de mostrar cada detalhe. Quando as portas do salão se abriram eu fiquei encantada com todas as mesas e o grande espaço para a dança. Havia um palco, onde alguns músicos faziam testes, pessoas pareciam formiguinhas.

Eu estava deslumbrada, era tudo extremamente lindo e caro. Suzane falava da importância do baile. E de como ela e o marido não poupam gasto para o baile. Desde jogadores de futebol a políticos.

Todos os tipos de pessoas da mais alta classe. O baile beneficente arrecada cerca de 30 milhões por ano, destinados a países da África, principalmente países que entram em guerra, a também a parte destinada a médicos e causas humanitárias.

— Eu tive uma ideia incrível, querida. — Ela me olhava com um sorriso grande e cheio de segundas intenções. — Todo ano são leiloadas sete danças com moças do baile, meu Josh compra a minha todos os anos. Ano passado ele desembolsou 700 mil dólares por uma dança comigo... Imagine quanto meu Gabriel não desembolsará com você querida?

Certo, isso não ia prestar. Como eu falaria pra ela que seu filho não se importava de ver leiloada como uma vaca?

Inferno, a tramoia dela não ia prestar. Porém não pude abster ela da ideia maluca de me leiloar.

Subimos para seu quarto, onde havia várias pessoas, cinco pra ser mais exata.

Tive minhas unhas feitas, que por sinal não viam uma manicure há

séculos. Apenas meu alicate cego que arranca bife.

— Como você se sente a respeito de Julyn, querida? Foi difícil no começo?

Engasguei-me.

Que começo minha senhora? Seu filho me faz esfregar a prataria com uma escovinha de dentes.

Porém, toda via, entretanto... Eu sou uma atriz, e digna de Oscar por sinal.

— Nós não falamos dela. Ela ficou no passado. — Mentira, que meu querido e amado chefe ainda é tombado por ela. Mas enfim.

Tento não associar meu ódio a ela, a paixão recém-descoberta que tenho por meu querido chefe. Paixão essa que eu isolo abaixo da camada de petróleo. Meu coração é blindado. Talvez nem tanto...

— Foi tão difícil quando ela... Você sabe querida. Tirou o bebê.

PUTA MERDA! Duas vezes, respirei calmamente, fiz cara de paisagem.

Aquela cadela, eu sou a favor de que a mulher faz o que quiser com seu corpo. Mas ela fez isso em um momento em que o cara mais precisava dela. Santa merda fodida.

— Gael não deve ter contado tudo não é querida?

— Decidimos que... Que... Ele irá falar quando estiver preparado. — Menti descaradamente, querendo chorar. Em que merda eu fui me meter?

Ouvi atentamente seu lado da história, querendo pegar minha filha que agora brincava com meu celular sentada no chão perto da janela e sair correndo.

Fiz uma careta, o moço, Ruan que fazia meu cabelo pediu desculpas achando que era com ele.

O cara é um fodido tanque de guerra, uma granada inferno. Estilhaços de uma granada. Me mantive plena, fingindo já saber de tudo. Gustave havia falado, mas eu não achava que ele tinha voado pelos ares feito um punhado de bosta mole, Santo Deus! Certo, ele foi acertado por uma granada e não pulou de paraquedas, sua retardada.

Ele passou por terapia intensiva para poder voltar a andar, ele tinha um

leve pender da perna. Mas imaginava que era por ele ser grande e pesado não porque havia sobrevivido a uma granada.

Naquele dia na piscina eu vi que suas tatuagens eram meio que levantadas, mas eu nunca imaginei que fossem cicatrizes de guerra.

Me senti péssima ao saber por tudo que ele havia passado sozinho. Algumas coisas vagas que ele disse fazem sentido agora. Ele acha que é um fardo pra família.

— Tudo bem querida?

Foi difícil convencer Suzane de que Holly não precisaria de uma babá, e que ela podia dispensar Lauren. Porém a moça me pareceu realmente precisar de dinheiro, mesmo assim ao ser dispensada, Suzane deu a ela o valor pela noite.

A coitada da moça nem chegou a sair de casa.

— Tem certeza?

— Eu dou conta. E Holly já está mocinha e nunca vai me dar trabalho.

Disse colocando nela o vestidinho florido, tomando cuidado com o penteado que Ruan fez.

— Uma verdadeira princesa. Rainha mãe, estamos prontos aqui. Foi um prazer atendê-la novamente. — Ruan beijou a mão de Suzane.

— Deixe de ser galã. — Ele riu saindo com sua equipe.

Após um banho rápido e perfumado coloquei meu vestido preto e meu inseparável sapato falsificado.

— Você está uma Deusa. — Ela disse. Suzane vestia um incrível vestido vermelho.

— *Plincesa* da Holly, mamãe. — Holly se agarrou ao meu pescoço.

Sáimos do quarto em direção à escada. Meu coração perdeu a batida ao vê-lo no pé da escada, vestido com um terno vinho e com os cabelos úmidos, sem se importar.

Tentei não deslumbrada parecer com a beleza do homem ao qual eu estava cada vez mais próxima. Holly quis ir para o chão rodando seu vestido mostrando a ele.

— Madame.

— Agora eu sou a madame. — Quero ver quantas painelas eu vou ter

que lustrar quando voltarmos pra casa. Holly esticando os bracinhos toda dengosa, pediu colo a ele. Pegou-a no colo e deu um beijinho em seus cabelinhos loiros.

— Olha o vestido que a mamãe me deu. — Disse toda contente e convencida.

— Pronto bonequinha de *voodoo*? — Senti meu corpo arrepiar o maldito apelido causou arrepios até onde eu não sabia que podia ser arrepiado.

Ele usava um perfume amadeirado. Porém ao me aproximar eu reconheci o cheiro do shampoo, o meu shampoo de baunilha.

— Claro chefinho. — Devolvi no mesmo tom, tentando parecer sensual, ignorando o fato de que ele pegou meu shampoo.

Seguimos pelo corredor de mais cedo, agora mais escuro e com vozes. A porta foi aberta e todos viram para olhar. Essa entrada era apenas dos Mitchell.

Meus olhos correm pela multidão, segui meu chefe que olhava atento.

— Belinda.

Praguejei vendo meu chefe soltar um riso pelo nariz. Segurei firme nele, a vontade que eu tenho de pegar aquela mulherzinha e pregar uma paulada na cara dela.

— Rindo do que querido? — Perguntei sorrindo para meu chefe, que me olhou enquanto Holly olhava atenta a tudo.

— Nome de vaca.

Ri também.

— Nossa mesa é essa. — As cadeiras estavam dispostas ao lado da mesa do prefeito, Sadiq Khan. Eles se cumprimentaram e eu somente sorri.

Perdida no meio de tanta gente rica.

Gustave ficou para trás num grupo de mulheres, e meus "sogros" sumiram no meio da multidão.

— Vamos fazer a recepção queridos. — Suzane saiu arrastando o senhor Joshua.

Minha cadeira era ao lado do meu querido chefe. Que arrastou a cadeira fazendo um bagulho enorme. Ele se sentou despojado esticando as pernas

com Holly sentada em sua barriga. Eles começaram uma conversa sobre bonecas e sobre rei leão ao qual ela não conseguiu terminar de assistir.

Todos conversavam e riam, e eu ali feito dois de pau, Gael e Holly estavam alheios a todos, que olhavam a cena cochichando.

— Gael o Simba e Holly o timão... — Ela deu um gritinho e bateu palmas.

— Estão quase pulando na nossa mesa para ouvir a conversa. — Meu chefe debochou. — Bando de abutres baba ovo.

— *Que é abutre baba ovo?* — Holly perguntou olhando pra mim.

— Um bicho nojento que fica falando coisas ruins das pessoas fadinhas.

— Ah.

— Senhoras e senhores é com grande honra que agradecemos a cada pessoa aqui presente. — Joshua começou um discurso todo emocionado. — Esse ano com toda nossa família reunida... — O monstinho revirou os olhos. — Com grande orgulho que damos início ao nosso baile beneficente. Todos os anos...

Eu comecei a prestar atenção no meu chefe que cutucava os cachos de Holly que olhava para todos os lados empolgada.

— Carson é com você...

Um homem vestido com um terno rosa entrou no palco, seguido de palmas de todos até de Holly que sem saber o motivo batia as mãozinhas fazendo as pessoas perto de nós rirem de sua graça.

— Queridos e queridas e com grande prazer que iniciamos a jornada de arrecadação de fundos que nos manterá unidos em causas humanitárias...

— Blá, blá, blá. Ele nunca muda a fala. — Meu chefe continuou fazendo o papel de morfético dele.

— Tenha modos Gabriel. — Os pais deles sentaram na mesa e ADVINHEM o senhor Mitchell fez o mesmo barulho com a cadeira e sentou do mesmo jeito. Prendia o riso ao ver Suzane beliscar ele e ele rir falando algo em seu ouvido a fazendo vermelha.

Olhei entre a multidão e vi Gustave conversando com uma mulher morena, pisquei, sorri safada. Vi quando ele tentou colocar a mão no braço

dela e ela negou irritada.

— Como todo ano começaremos com nossa incrível dança premiada. Esse ano como uma nova beldade. Suzane querida quer fazer a honras e ser a primeira.

— Quantos mil o ano passado pai? — Gael perguntou sem olhar ao pai parando um garçom, meu querido chefe pegou uma bandeira cheia de presunto e queijo enroladinho com salame. — Obrigado.

Ele colocou na mesa.

E ele e Holly começaram a comer sem se importar com as pessoas olhando.

— 700 mil, sua mãe vai me levar a falência... Inferno lá vem sua tia Gertrudes e o marido Gumercindo.

— Vocês convidaram esses dois golpistas?

— Eu não. Sua mãe vai surtar.

— O que é *gopista* mamãe?

— Uma palavra feia fadinha que você fala pra pessoas que pegam coisas sem pedir das pessoas.

Estava feita à merda.

— Holly você não pode chamar ninguém assim.

Ela concordou comigo enfiando uma fatia de queijo na boca.

— Annie minha querida nora... — Ouvi meu nome e quase caí da cadeira com o puta rosnado que meu chefe deu.

— Você não vai dançar com ninguém. — Se se virou e me olhou com ódio nos olhos.

Mas é agora que eu vou, esse cachorro me faz mentir pra mãe dele, e ainda quer rosnar pra mim.

— O que você vai fazer mamãe?

— Ela vai deixar o Gabriel pobre querida. — Holly fez carrinha de espanto. E Joshua a pegou no colo. — Que tal eu e você irmos lá naquela mesa onde tem bolinhas de queijo?

Os olhinhos dela brilharam.

Ela foi de bom grado. Chamado atenção com seu vestido de flores.

— Annie, venha querida não seja tímida.

Olhei pro palco, nossa mesa era posicionada bem na frente. E meus olhos quase ficaram cegos pelo vestido roxo de lantejoulas da minha querida companheira de leilão, Belinda.

— Se você for...

E eu já estava na escada, glamorosa com meu salto quinze.

Vi meu chefinho querido se sentar reto e bufar.

— Vamos começar com a jovem Julyn, todos os anos essa musa arrecada quase meio milhão com sua dança.

Que meu chefe não de um lance.

Que meu chefe não de um lance.

Que meu chefe não de um lance.

Repeti o mantra em minha cabeça.

— Vendida uma dança para o senador Filins.

Eu chefe me olhava com ódio. E a Belinda com mais ódio ainda. Afinal nem o homem que a acompanhava deu lance nela.

— Annie nossa querida joia preciosa, quem irá...

— Cem mil. — Santa merda fodida. O cara que acompanhava a Belinda lançou antes mesmo do cara terminar de falar.

Vi quando Holly se sentou na mesa com Joshua em uma cadeira. Ela me deu tchauzinho e eu correspondei. Fazendo ela rir e pular animada na cadeira.

— Duzentos mil. — Puta merda o prefeito.

— Quinhentos mil. — Juro que eu quase caí do salto ao ver meu chefe erguer a mão.

— Seiscentos mil. — Minha sogra comemorava apertando minha mão.

— Setecentos mil. — Vi quando o prefeito desistiu deixando o embate para meu querido chefinho e o desconhecido da Belinda.

— Quem dá mais?

O homem de terno rosa estava empolgadíssimo.

— Dole uma...

— Oitocentos mil.

— Temos aqui um noivo disposto a ter sua amada...
— Um milhão. — Porra, e eu nem sei dançar inferno.
— Senhor Wolfgang estamos ousados... QUEM DA MAIS... DOLE UMA...

— Um milhão e meio. — Senti um puta alívio ao ver meu chefe dar o lance, o homem desconhecido vulgo Wolfgang me olhava como uma vaca de leilão, daqueles canais agropecuários.

— DOLE UMA... DOLE DUAS... DOLE TRÊS, vendida a dança ao nosso generoso Gabriel Mitchell.

Eu estava tão aérea que nem percebi que todas as moças já tinham sido leiloadas inclusive minha "sogra" que custou a bagatela de 900 mil, e meu "sogro" quase a perdeu para o prefeito.

— Senhores cavalheiros podem vir buscas suas damas e compartilhar das danças mais genuínas de toda Londres.

Eu queria desmaiar ou morrer. Vi minha filha de vislumbre pular na cadeira e dar tchauzinho. Vi quando Gustave se sentou ao lado dela. E Suzane a pegou pela mãozinha e acompanhada de Joshua eles rodopiaram pelo salão rindo.

— A mulher mais cara e petulante... Deus me proteja...

Meu peludinho disse colocando mão nas minhas costas.

Olhei pra ele vendo uma veia enorme em sua testa pulsando.

— Eu não sei dançar.

— Terei o maior prazer em ensinar. — O rosnado dele me fez pensar em coisas nada apropriadas para o momento.

CAPÍTULO 16

“ESTACA ZERO”

G A E L

Queria dobrar aquele lazarento no meio, enquanto eu levava Annie até a pista de dança, o desgraçado cuspiu fogo pelos olhos.

Coloquei a mão na base da coluna de Annie fazendo ela se arrepiar. Eu não contaria a ela que todos os anos eu dou cerca de dois milhões para os fundos do baile, eu nunca deixei de contribuir com a causa da minha mãe.

Porém, eu não diria que ganhei um prêmio por doar esse dinheiro.

Me concentrei na mulher que me olhava intensamente.

Demônio loiro e sensual do inferno.

O vestido preto revelava algumas partes do corpo incrivelmente alvo.

— Mesmo me custando o olho da cara, você valeu cada centavo, está linda.

— É um elogio? — Ela ficou sem graça e eu a rodei pelo salão.

— Você disse que não sabia dançar.

— E eu não sei, pelo menos seu sapato está intacto. Oh não eu não vou dançar essa música...

Ri rouco, vendo-a me olhar sem jeito. Sem me controlar puxei seu corpo junto ao meu, meus lábios involuntários foram em direção ao seu ouvido.

— *Podemos dançar aqui ou no quarto...*

Ela se arrepiou toda, minhas mãos foram para costas dela, desenhando na base da coluna, com os dedos.

Nunca tinha reparado na manchinha em seu pescoço.

Os lábios sedutores pintados de vermelhos chamaram minha atenção.

Minhas mãos tinham vida própria. As delas passavam pelos fios em minha nuca. Ela parecia ser o centro de tudo. Não havia mais nada só a música e o corpo dela em minhas mãos.

A pele macia parecia seda. Os olhos azuis mais intensos que eu já vi. Me levaram a um mar de sensações.

Tudo nunca pareceu tão certo.

Os olhos dela pareciam o mar.

Meu corpo desobediente se esfregou no dela, nada no mundo me faria largar dessa mulher.

Ela é meu próprio inferno particular.

— Eu vou te beijar e nada no mundo vai me impedir.

Meus lábios estavam a centímetros do dela, ela passou a língua nos lábios me fazendo desejar fazer o mesmo.

— Nós não...

Eram mais macios do que qualquer coisa que já existiu, minha língua ansiosa pediu passagem e mesmo relutante ela deixou. Meu corpo todo ficou em alerta. As mãos dela prenderam se em meus cabelos me fazendo soltar um som de satisfação.

O doce dos lábios dela era incrivelmente sensual. Ela se agarrou a mim me fazendo estremecer. O gemido baixo que ela soltou fez meu pau pulsar dentro da calça.

Inferno, como um balde de água fria fui me afastando dela aos poucos meus dentes não resistiram e morderam seus lábios.

— O beijo de um milhão e meio. — Sem fôlego passei meus dedos em suas lábios, fazendo a abrir os olhos. O fogo que eu vi neles, o desejo me fez imaginar coisas. Ela nua gemendo e gritando somente o meu nome.

Os aplausos nos fizeram perceber o show que estávamos dando. Ela se afastou de mim. Porém eu fui mais rápido e a coleí em meu corpo.

— Você...

— Nem pense. — Ela estava trêmula, me olhava com ódio? — Isso nunca, aconteceu ouviu bem? Nunca.

— Você está rosnando bonequinha? — Debochei vendo a ficar

vermelha. A pista estava vazia e apenas nós dois estávamos no centro. — Sorria e seja uma boa menina. Foi um ótimo beijo falso, parabéns empregada.

Me arrependi no mesmo instante. Eu vi a mágoa passar pelos seus olhos e ela revirar os olhos logo em seguida. Eu havia me comportado como um menino de dez anos.

Inferno, ela não tinha estado com ninguém desde a ratazana de esgoto do ex doador de esperma.

Ela se soltou e andou em direção à mesa, a segui em olhar dos lados. Ela mesmo triste parecia sorrir pra todos e acenar sem ao menos os conhecer com uma puta elegância.

— Annie...

Tentei segurar seu braço, mas ela caminhou em direção ao banheiro levando Holly com ela. Minha mãe percebendo o clima tenso foi atrás dela.

Meu pai me olhou com um olhar repreensível.

— Gabriel querido meu sobrinho...

— Não fode tia Gertrudes. — Ela me olhou horrorizada.

— Isso são modos? Como ousa deixar que ele fale assim comigo Joshua?

— Não fui eu que vendi um quadro roubado, ainda por cima falsificado para minha mãe. — Ela me olhou horrorizada.

— Como ousa?

— Com licença pai.

Sai atrás de Annie disposto a pedir desculpas. Porém fui impedido por uma mulher que me causou náuseas.

— Mais uma, inferno. Sai da frente Belin... Julyn. — Me políciei antes de chamar ela de vaca.

— O que foi aquilo no salão Gabriel? — Estava demorando. — Dar um milhão e meio naquela mulherzinha e depois quase fazer sexo com ela em público.

— O dinheiro é meu, e pode ter certeza se eu for fazer sexo com ela, você jamais irá ver. — Disse tentando passar. — Sai da frente inferno.

— Você nunca me beijou daquele jeito, e... — Os lábios dela temeram, quando estávamos juntos ela fazia aquilo sempre que eu dizia não,

porém não funcionava mais.

— Por que esse interesse em mim agora? Você teve anos pra me procurar. Pedir perdão. Você me abandonou quando eu mais precisei. Você matou meu filho.

— Nosso filho Gabriel.

— Nosso? Você abortou Julyn. Abortou. Por que diabos eu estou falando com você?

A empurrei e passei por ela, subi os lances de dois em dois degraus. Vi quando ela entrou no quarto onde minha mãe disse que Holly poderia dormir.

— Filho. — Minha mãe está parada no corredor. — O que você disse a ela?

— Eu sou um idiota mãe. — Minha mãe tentou falar algo mais eu a impedi.

Passei por ela sem olhar para trás, a porta estava entre aberta. Ela cantava baixinho a música de um desenho que eu vi com Holly.

Fiquei parado a vendo embalar o sono da pequena e colocar na cama, tirando o vestido e colocando um branquinho.

Quando ela se virou seu de cara comigo parado na porta.

— Annie.

— Eu já estou indo senhor Mitchell.

Voltamos à estaca zero.

CAPÍTULO 17

“O INFERNO DE GABRIEL”

ANNIE

Eu queria me chutar, idiota. Idiota. Sim, eu realmente estava apaixonado pelo meu querido e idolatrado chefe que era um príncipe só nos meus sonhos, na realidade era um monstro que virou sapo.

Eu ainda podia sentir os lábios dele nos meus. Foi a puta sensação mais incrível de toda a minha vida. Nada que eu vive era comprado a esse momento.

Parecia que eu estava no céu. Mas Jeová me empurrou e eu caí de cara na porta do purgatório. Sem direito a colchão de ar para amaciar a queda da idiota aqui.

Idiota era pouco, realmente eu sou uma saranga. Qual a probabilidade de isso dar merda? Como eu posso a estar apaixonada por esse cara?

Como?

Os humilhados já foram exaltados? Porque eu continuo na mesma merda. Sabe aquilo de sexto sentido? Eu me avisei. Eu devia ter dado no pé no dia que esse cara me fez esfregar a prataria de novo.

Eu devia, ter dado no pé.

E adivinhem? Fodi com minha filha que só falta chamar essa imundice de papai. O auge se isso acontecer.

Eu devo estar pagando meus pegados na promissória porque o crédito já estourou e o débito eu nunca tive.

Custa o senhor Jesus Cristo colocar um homem direito, honesto, bom de cama com o pau grande e sarado na minha vida? Custa?

Ah mas eu vou superar. A partir de hoje eu não dou mais um pio pra

esse homem desgraçado.

Você é apenas a empregada que teve o azar de se apaixonar pelo chefe que nunca sequer nem mereceu um pedaço desse coração bandido que insiste em me gongar.

Inferno, eu quero chorar. Chorar por um homem que deu o beijo mais incrível que eu tive na vida e que foi falso. Falso!

Coloquei Holly na cama e tirei sua roupinha. Ela caiu no sono, afinal já passava da hora dela estar na cama.

— Annie.

— Eu já estou indo senhor Mitchell.

Disse antes dele me mandar lustrar alguma panela ou mandar eu limpar sua privada.

Se eu estava me sentindo péssima? Talvez Jeová tenha voltado e deixado à porta do inferno aberta. Mandado pra lá pagar meus pecados.

Meu chefe fechou a cara e me deu um rosnado de leve. Mostrando sua verdadeira face. O homem debochado sumiu e o brilho no olhar deu lugar à costumeira maldade de sempre.

A imundice na minha frente era apenas a fatídica porcaria por quem eu havia me apaixonado.

Sai do quarto deixando a porta fechada. Indo pro quarto ao lado.

— Eu fico com poltrona senhor Mitchell. — Ele nem sequer entrou no quarto apenas saiu feito um foguete lançando ódio pra todo lado.

Onde eu fui me meter?



Eu estava me sentindo tão magoada, que nem tive coragem de dizer nada a Suzane quando ela disse que ficaria tudo bem. Sim, meu chefe tinha me deixado em Londres e voltado pra sua masmorra em Hereford.

Eu estava magoada por ouvir a verdade, estava magoada por estar

apaixonada por um homem inalcançável.

Como era possível eu ter me apaixonado por essa Imundície?

Enquanto eu e Holly estávamos no jatinho de volta pra casa eu me senti cansada.

Eu havia adormecido na poltrona, porém quando acordei de manhã na cama. Sim, meu chefe havia me coloca na cama. E isso fez meu coração idiota ter um pico de esperança. Mas esperança de que?

O que a bonita esperava? Que isso ia ser um clichê aonde meu chefe ia se apaixonar por mim e íamos nos casar, ter um labrador, uma casa cheia de filhos e morar em uma casinha com cerca branca?

Vou escrever amor numa panela e tacar na cabeça desse morféptico pra ver o quanto dói.

O mais incrível é que eu senti o fedor da bosta seca quilômetros e adivinhem fui lá cutucar e ainda fiz o favor de me sujar pra feder mais.

O maldito sorriso desse cara estava encalacrado na minha mente, me fazendo ver ele em todo o lugar.

Eu esperava no que? Todos aqueles toques e sorrisos foram falsos e extremamente fodidos para meu querido coração que acho que foi real, adivinhem o bonito do meu coração acho aquele maldito beijo real.

Fui para o céu em segundos, porém os anjos me empurraram lá de cima sem direitos a paraquedas. Incrível o quão burra e idiota eu fui.

MERDA!

— Mamãe tá triste com o Gael? — Holly perguntou assim que descemos do jatinho. Edgar estava parado ao lado da porta do carro aberta.

— Não querida, só estou cansada. — Com ela no colo e puxando minha mala chegamos perto de Edgar

— Olá queridas. — Ele pegou a mala sorrindo. Porém eu pude ver seu olhar.

— Como estavam as coisas Ed? — Me senti ao lado dele no banco passageiro depois de prender Holly na cadeirinha e dar a ela meu celular com seus desenhos.

— Ele ainda não chegou querida.

— Esse homem é maluco. — Me virei olhando pra Edgar.

— Ele ainda não chegou, e os seguranças não o viram entrar.

— Droga.

Assim que chegamos no castelo, fui direto com Holly procurar algo para que ela pudesse comer.

E assim que Seel nos viu toda preocupada me deu um abraço, Holly ficou com ela, contando como foi andar no avião do Gael e como era "*gingante*" a casa da "vovó Suze".

— Não precisa fazer isso querida...

— Sou paga para isso Seel, não se preocupe. — Disse. Meu trabalho.

— Querida o que houve em Londres?

— Nada Seel, vamos fingir que esse dia nunca aconteceu...

Era isso que eu ia tentar fazer, esquecer fatídico dia em que além de talvez eu possa ter descoberto amar meu chefe.

Pelos céus, como eu acabei amando o cara que quer minhas tripas no espeto? Santa mãe.

Porém a realidade me chamou, a casa precisava de mim.

Estava quase na hora do almoço. E a casa precisava de mim.

— Gael... Cadê?

Ela perguntou enquanto estava com a boquinha cheia de cenoura, sentada na mesa da cozinha.

— Ele deve estar ocupado meu bem. — Ela murchou.

Eu peguei o carrinho de limpeza e fui em direção ao quanto do meu chefe.

Afinal o conto de fadas não existe e a privada do meu chefe não se lava sozinha.

Se os humilhados foram exaltados não fui incluída porque vamos combina que nem pão pro diabo amassar tem mais.

Balde pra chutar? Estou usando para por água para torcer o pano.

Nem precisei quebrar o espelho para ter sete anos de azar. Só o desprazer de ser empregada dessa imundice já fez todo o trabalho por mim, e de quebra estar apaixonada por ele.

Existem dois tipos de decisões: As certas e as que o ignorante do meu coração toma e adivinhem em vez de eu escolher trabalhar, me dedicar pra

poder dar um futuro a minha filha sem por uma imundície no caminho, eu fiz tudo isso e de quebra coloquei a imundície do meu chefe no caminho.

Coloquei a praga na minha vida e de quebra ainda coloquei meu coração na mão dele que possivelmente ele já jogou ou pisou em cima.

Que morra aquele desgraçado, caia no banheiro com a cara na privada e se afogue.

Quem diabos se apaixona pelo chefe ignorante e que não corta o cabelo? E que de quebra deu esperanças que ia realizar meus sonhos sexuais. Inferno.

Como eu sonhei com aquele homem me jogando na cama dele e fazendo de mim só o pó de tanto gozar.

— Menina? Santa mãe de Deus Annie.

— Seel?

Parei no topo da escada vendo-a desesperada me abraçar.

— Querida o Gael...



G A E L

Coloquei o corpo dela na cama e beijei sua testa, me afastei fechando a minha antiga jaqueta de motocicleta procurei as chaves do baú na gaveta.

Sai do quarto ainda ouvido algumas pessoas conversando, olhei no relógio e já ia bater três e meia. O álcool em meu sistema já tinha ido embora deixando uma puta dor de cabeça.

Inferno, entrei no quarto de Holly e a peguei no colo toda molinha ela se ajeitou, a coloquei do lado da mãe.

Sai do quarto sem olhar para trás.

— Filho? — Olhei meu pai assim que passei pela porta que dava no pátio de carros.

A essa altura ele já estava sem gravata e sem terno, sua camisa estava aberta e o cabelo desalinhado. E seu bigode tinha a mesma cor do batom que minha mãe usava mais cedo.

— Não faça isso, não fuja novamente.

— Só estou indo pra casa pai.

— Da última vez que você foi pra casa, fiquei anos sem te ver.

— Não fode pai.

— Que inferno você vive Gabriel? Pra ver a vida passar diante dos seus olhos e não fazer nada filho?

— Não vivo inferno nenhum pai, eu sou o inferno. — Aquele lugar fodeu comigo. E quando eu mais precisei o maldito inferno me deu rasteira de novo.

Talvez eu nunca tenha amado Julyn. Minha mãe sempre diz que só se ama uma vez.

— Converse Gabriel. Vamos fazer isso juntos filho.

Ele se aproximou de mim.

— Não funcionou da última vez, não vai ser agora que vai funcionar Joshua.

Subi na moto, o baú estava vazio. Foda-se o capacete.

Acelerei a moto pelos portões da casa dos meus pais, passei alguns carros que saíam pelo portão e ouvi o meu pai chamar o meu nome sem olhar para trás eu fui em direção à estrada.

Annie não ia precisar ver minha cara e me odiar ao amanhecer, decidi que as paredes eram minha melhor companhia.

Nem pensar nisso eu pensava, mais desde que ela chegou com suas roupas engraçadas, suas músicas animadas e suas dancinhas ridículas. Os malditos pesadelos acabaram.

Inferno, eu tinha que estragar tudo.

Eu podia ouvir as vozes, as pessoas gritando, as bombas. Os choros de crianças. Pessoas gritando por ajuda, os corpos caídos.

As pessoas armadas, matando cruelmente seus semelhantes que se opunham a ele.

Jamais me arrependo de ter servido a OTAN, mas me arrependi todos os dias pelas malditas coisas que eu vi.

A chuva fina começou a bater em meu rosto.

Minha vista começou a ficar embaçada, pelos pingos e pelo meu cabelo molhado.

A luz do caminhão e o barulho da buzina foram a última coisa que eu vi antes da moto rodar na pista.



ANNIE

Que ele não morra.

Que ele não morra.

Que ele não morra.

Repeti o mantra em minha cabeça, se ele morrer foi praga minha, santa mãe de Deus.

Não quero ir pro inferno. Comecei a repetir a oração em minha cabeça.

" Se esse Imundície ficar bem eu juro, nunca mais jogar praga nele. Santo Deus, se eu jogar alguma praga vai ser leve. Mas não o deixa morrer. Amém."

Tentei me manter calma, enquanto Seel fazia as ligações.

— Edgar vai te levar ao hospital querida, Holly vai ficar bem, vou cuidar dela.

Holly estava sentada no chão da cozinha em cima do tapete brincando com alguns blocos e bonecas de casinha.

Ele havia sido hospitalizado a cerca de meia hora no Hereford County Hospital.

— Ele perdeu muito sangue, foi o que disseram... — Não ouvi mais nada, coloquei um tênis e um moletom bem quente. O tempo estava fechando. Peguei minha mochila com documentos.

— Vamos, vamos querida. — Ed estava com o carro parado na porta de entrada. Holly estava no colo de Seel com os olhinhos perdidos.

— Mamãe já volta. — Beijeí sua testa e a abracei apertado.

— Vai buscar o pa... Gael. — Ela falou com olhar de choro.

— Vai ficar tudo bem, mamãe vai cuidar do Gael.

Entrei no carro no banco do passageiro, vendo Holly se desmanchar em lágrimas e chorar compulsivamente alto.

— Vai Ed.

O caminho parecia um inferno. Nunca chegava por mais que Ed estivesse indo rápido.

Eu pulei do carro sem dar muito tempo de Ed virar o carro na entrada do hospital.

— Annie, espere.

— Gabriel Mitchell.

A mulher da recepção nem se quer me olhou.

— Você é o que do paciente?

— Namorada. Annie Lavelly.

Ela digitou no computador.

E me entregou uma folha.

— Assine aqui. E aqui. — Olhei o termo de responsabilidade e assinei nas linhas indicadas. Ela me entregou uma fita com meu nome e o nome de Gael embaixo. — Segundo andar. Centro cirúrgico. Elevador à direita.

Centro cirúrgico?

Santa mãe de Deus!

Entrei no elevador correndo.

A maldita caixa de metal parecia sufocante. Quando ela abriu eu saí aos tropeços.

— Gabriel Mitchell. — Disse sem fôlego. Ela olhou no computador e digitou algo.

— Ele está sendo transferido para o quarto, o médico já vira vê-la. Pode aguardar na segunda sala de espera a direita. Quarto 204.

Não sei quanto tempo fiquei sentada no sofá de couro branco. Vi quando Ed se sentou ao meu lado.

— Os Mitchell estão vindo...

Concordei.

— Parentes de Gabriel Morgan Mitchell? — Me levantei. — Você deve ser a namorada.

Afirmiei.

Uma puta vontade de chorar me abateu.

— Senhor Mitchell está estável, ele teve uma contusão cerebral leve, com muita sorte não teve uma fratura no crânio, teve a consciência perdida de imediato, pode haver possíveis dores de cabeça e confusão mental assim que ele acordar. Infelizmente ele teve uma fratura no braço direito, precisamos levá-lo a sala de cirurgia. Ele está inconsciente devido ao sedativo e teve algumas escoriações leves. Seu namorado teve muita sorte, ele estava sem capacete e ficou quase duas horas na estrada até ser encontrado.

Ele estava sem capacete?

— Posso vê-lo? — Perguntei.

— Sim, ele já está no quarto.

Acompanhei o médico. Ed ficou para receber os pais dele na recepção.

— Ele não acordará tão cedo. Vamos mantê-lo sedado para evitar que o cérebro sofra maiores abalos.

Afirmiei com a cabeça.

Entrei no quarto branco, ele estava deitado em uma cama enorme, que provavelmente era do convênio privado.

Tinha o braço imobilizado por gesso e vestia uma bata daquelas de hospital verde vômito. A respiração dele está tranquila, ele tinha um corte enorme no ombro. E alguns vários arranhões espalhados pelo corpo.

As tatuagens dele estavam cheias de arranhões. Puxei poltrona ao lado da cama e coloquei a minha mão na sua.

Fiquei ali... Sem saber ao certo o porquê. Só fiquei.

Ele precisava de mim, essa era a maior certeza da minha vida.

Eu fiquei ali, dois dias seguidos. Apenas saindo pra comer e ver Holly. Ela estava chorando compulsivamente e só se acalmou ao me ver.

— Quero o Gael. — A abracei fortemente e ela soluçou mais.

— Ele está dodói querida. Vai precisar ficar aqui no hospital, criancinhas pequeninas não podem entrar. Porque podem pegar bichinhos e ficar doentes que nem o Gael.

Ela concordou e encostou a cabecinha em meu ombro.

Suzane passou a mão nas costinhas dela. Enquanto estávamos na cantina do hospital.

Joshua e Suzane estavam no castelo e Gustave já tinha voltado pra Londres.

— Você precisa ir pra casa Annie.

— Ele não acorda Suze. — Eu disse enquanto olhava através do vidro vendo ele fazer uma nova tomografia. Joshua havia entrado com o Gael. Enquanto eu e Suze ficávamos apenas olhando pelo vidro.

— Vá para casa descansar.

— Não quero que ele acorde e ache que está sozinho.

— Oh querida. O que seria dele sem você? — Ela me abraçou e eu correspon-di, vi quando ele foi colocado de volta na maca.

Voltamos para o quarto e eu me mantive ao lado dele.

— Se você não acordar eu vou pro inferno peludinho, eu te joguei praga. Ai. — Funguei. — Me perdoa, eu nunca mais vou te matar em pensamentos, só de vez em quando.

Me curvei sobre a cama. Segurando sua mão eu apoiei meu rosto sobre o meu braço e fechei os olhos.

— Inferno, homem eu te amo. — Como diabos eu fui acabar assim? — Justo você. Com tantas pessoas no mundo.



Meu corpo cansado e preocupado me venceu. Seriam só alguns minutos.

G A E L

Minha cabeça estava latejando. E a claridade não ajudou muito, tentei tirar os fios do meu peito. O gesso pesado me incomodou ainda mais.

O suspiro baixo chamou minha atenção pra cabeleira loira espalhada pela cama. Ela voltou a suspirar e meus olhos foram para os seus fechados. Havia bolsões roxos embaixo dos seus olhos. Seu rosto estava contorcido e pela posição que ela dormia.

Tentei tirar os fios de soro e minha cabeça latejou.

— Inferno.

— Gael?

Me sentei na cama e fitei os olhos azuis arregalados.

— Eu... Eu vou chamar um médico.

Antes que eu pudesse pensar em formular uma resposta ela saiu correndo do quarto, descalça usando uma meia de cenouras.

— Como se sente Senhor Mitchell? — A luz em meus olhos fez minha cabeça doer mais. Ele arregalou meu outro olho colocou a luz nele.

— Minha cabeça lateja e braço dói.

— Se lembra de algo?

— Não sei, só de estar na casa dos meus pais e... — Não me lembro, inferno.

— Isso é normal, a pancada em sua cabeça foi leve mais forte o suficiente para te deixar sem algumas memórias recentes. Vamos monitorar você pelas próximas setenta e duas horas para ver como reage, e depois poderá ir pra casa. Sua filhinha esteve aqui. E está com saudades.

— Holly... — Pensei na fadinha e sorri.

— Você tem uma enorme sorte. Sua namorada se manteve aqui nesses três dias. — Ela tinha ficado. — Ela deve estar quebrada, essas cadeiras não são confortáveis. Mas vamos cuidar dessas dores e eu vou te liberar para as visitas.

— Onde minha mulher está? — Saboreei o puta gosto em dizer isso.

— Está avisando sua família.

Depois da enfermeira trocar os fios que eu arrebentei ela liberou a entrada. Fiquei ansioso para ver Annie novamente.

— FILHO. OH MEU DEUS. — Minha mãe pulou em cima de mim e me apertou. Fazendo minha costela doer.

— Filho.

Meu pai tocou minha perna enquanto minha mãe falava freneticamente.

— Oh meu Deus Gabriel...

— Não chora mãe.

— Você podia ter morrido.

Meu pai sorriu pela força que ela colocava em me apertar.

Ela fez um me avaliou dos pés à cabeça.

— Onde está Annie?

— Está lá fora com Holly.

— Vá buscá-las pai. — Ansioso me ajeitei na cama.

— Holly não pode entrar filho.

— De um jeito, eu pago essa merda. Traga ela.

Meu saiu enquanto minha mãe ficou fazendo cafuné em meus cabelos.

Quando a porta foi aberta, a cabeleira loira passou por ela, Holly me

viu e seus olhos se encheram de lágrimas. Annie a apertou quando chegou perto da cama.

— Oi.

Annie disse. Holly me olhou com os olhinhos tristes e esticou os bracinhos. Annie a colocou na beira da cama e ela se jogou em cima de mim, me fazendo gemer pelo peso dela em minhas costelas.

Annie ficou branca feito papel ao ouvir Holly falar. Eu percebi a puta barreira que eu havia atravessado e talvez Annie não estivesse nada feliz.

— *Papai “Gaeu”*.

CAPÍTULO 18

“PAPAI GAEL”

GAEL

Eu estava esperando tudo, que ela me xinga-se ou que ela tentasse me jogar da janela. Meu coração apertou ao ver as lágrimas nos olhos dela.

— Quanto tempo? — Ela perguntou limpando as lágrimas com as costas da mão.

— Tem um certo tempo. — Eu disse vago. Os olhos, eu vi raiva neles.

— Você tem noção? Ela é um bebê e não um objeto pra substituir suas perdas.

— Você não sabe o que está falando. — A raiva me fez falar entre dentes.

Ela riu debochada.

— Não sei? Eu sei que você se meteu na minha vida, fazendo minha filha acreditar em você, amar você. Você tem ideia disso? Você não é nossa família.

— Fale por você...

— Falar por mim? — Ela explodiu e me interrompeu. — Ela tem quatro anos e acha que o meu patrão é o pai dela. Holly não é um tapa buracos para você se apegar.

— Tapa buraco? Inferno mulher. — Me sentei na cama. — De onde você tirou isso?

— Entenda uma coisa senhor Mitchell. Minha. Filha. Não. É Sua. Filha. — Ela frisou cada palavra apontando o dedo na minha cara. — Você não pode colocar esperança e amor no coração dela e depois ir embora. Como

fez em Londres. Não me importo com o que diz pra mim. Mas não magoe minha filha. Ela não é uma substituta descartável. Não, você não é pai dela, eu não quero ver minha filha chorar novamente por um homem como você. Eu deixei você se aproximar dela, porém nunca mais irá magoa-la novamente com seus surtos.

— Eu jamais considereei Holly um tapa buracos ou qualquer merda que sua mente maluca possa achar, Holly se tornou minha melhor amiga, eu amo sua filha. E ela não precisou me forçar a isso, eu a amei gratuitamente. Posso não ter sido quem concebeu Holly, mas a amo como se fosse. Não importa o que você diga eu vou continuar amando aquela pequena fadinha.

— Até você surtar novamente? Deixá-la acreditar em você e me fazer criar mentiras para explicar pra ela por que você não estava lá? Dispensso. Não quero ser responsável por ter que justificar e tentar amenizar o choro da minha filha. Holly é amorosa demais e eu não quero que isso seja quebrado por uma pessoa como você.

Ela saiu sem me deixar responder.

Meu corpo caiu na cama, nem as dores no meu corpo foram capazes de aplacar a angústia que senti ao saber que tinha magoado a fadinha.

Ao ver o desespero da força que seus bracinhos usaram pra me abraçar, eu percebi o quão fodido eu fui.

Holly me amou de graça, sem eu pedir ela me deu um lugarzinho em seu coração. E eu havia quebrado isso.

Eu fiquei ali não sei por quanto tempo parado. Minha cabeça começou a latejar.

Olhei pro meu braço quebrado, sem saber o que fazer. Se ela me deixasse eu não aguentaria ser quebrado de novo.



Eu não amava só Holly e eu percebi o quão fodido isso era.

ANNIE

— Quanto tempo? — Eu perguntei meu corpo tremia de raiva, medo... Tudo.

— Tem um certo tempo. — Ele disse como se isso não importasse, como se fosse algo normal.

— Você tem noção? Ela é um bebê e não um objeto pra substituir suas perdas.

Eu queria realmente que isso não fosse real, que fosse um pesadelo. Porém é tão real que se fosse pesadelo ia ser real. Eu não podia deixar ele magoar Holly, ela não suportaria ser decepcionada por ele, e eu também não.

— Você não sabe o que está falando. — Meu querido chefe peludinho desgraçado rosnou.

Circo está pegando fogo, comigo dentro, e eu só sei rir de nervoso.

— Não sei? Eu sei que você se meteu na minha vida, fazendo minha filha acreditar em você, amar você. Você tem ideia disso? Você não é nossa família. — Cuspi nele toda a verdade. Já que ele pintou pra mãe uma maldita farsa.

— Fale por você...

— Falar por mim? — Queria pular nele e bater nele até ele virar homem e não esse maldito saco de merda que insiste em foder com a minha vida. — Ela tem quatro anos e acha que o meu patrão é o pai dela. Holly não é um tapa buracos para que você se apegar.

— Tapa buraco? Inferno mulher. — Ele se sobressaltou na cama e eu ri debochada. — De onde você tirou isso?

— Entenda uma coisa senhor Mitchell. Minha. Filha. Não. É Sua. Filha. — Eu queria enfiar isso na cabeça dele e de quebra no meu maldito coração que estava achando lindo. Porém minha mente, o lado sensato queria levar Holly o mais longe possível de toda a merda que esse homem representa.

— Você não pode colocar esperança e amor no coração dela e depois ir embora. Como fez em Londres. Não me importo com o que diz pra mim.

Mas não magoe minha filha. Ela não é uma substituta descartável. Não, você não é pai dela, eu não quero ver minha filha chorar novamente por um homem como você. Eu deixei você se aproximar dela, porém nunca mais irá magoa-la novamente com seus surtos.

— Eu jamais considereei Holly um tapa buracos ou qualquer merda que sua mente maluca possa achar, Holly se tornou minha melhor amiga, eu amo sua filha. E ela não precisou me forçar a isso, eu a amei gratuitamente. Posso não ter sido quem concebeu Holly, mas a amo como se fosse. Não importa o que você diga eu vou continuar amando aquela pequena fadinha.

Claro, até você ter um maldito surto novamente e me tratar como nada e ir embora como se Holly não fosse nada, apenas abandonando-a.

Claro, isso vai passar. *Porém provavelmente por cima de mim.*

— Até você surtar novamente? Deixá-la acreditar em você e me fazer criar mentiras para explicar pra ela por que você não estava lá? Dispenso. Não quero ser responsável por ter que justificar e tentar amenizar o choro da minha filha. Holly é amorosa demais e eu não quero que isso seja quebrado por uma pessoa como você.

Sai do quarto, indo em direção à sala de espera onde Holly dormia nos braços de Suze.

— Querida...

— Não senhora Mitchell, eu não sou sua nora. Eu nunca tive nada com seu filho, a não ser relação de patrão e empregada que anda bem ruim. — Eu disse vendo ela arregalar os olhos. — O que eu fiz por ele, jamais vou me arrepender. Porém não posso deixar minha filha se machucar mais do que já está.

Sai do hospital em direção ao antigo ponto de táxi do outro lado da rua. Entrei no táxi de um senhor, dei o endereço do castelo.

Senti as lágrimas descerem por meus olhos. Ri sozinha passando as costas da minha mão no rosto. Holly suspirou em seu sono e eu vi o quão mais calma ela estava.

Se tudo que vai volta, as coisas boas que eu fiz se perderam no caminho.

— Tudo bem moça? — O senhor perguntou ao parar em frente ao portão. Dei o dinheiro a ele.

— Sim. Obrigada.

Sai do táxi acenando para o segurança armado em cima do muro. Ele abriu o portão. E quando eu passei pela guarita evitei olhar nos olhos do segurança.

Segui para a casa dos empregos. Assim que eu cheguei na casa, Seel e Edgar já estavam de pijamas.

Já começava a escurecer. Não falei nada ao passar por eles.

— Querida, Suze ligou dizendo que você estava nervosa quando saiu do hospital dizendo coisas sem sentido.

A verdade era sem sentido? Ótimo.

A luz no fundo do meu túnel é um trem chamado Gabriel Mitchell que está disposto passar por cima de mim.

Eu queria poder gritar e chorar. Porém só fiz o que eu faço de melhor ficar em silêncio. Boca fechada não entra mosquito.

No meu quarto, coloquei Holly na cama tirando a roupinha de frio dela. O inverno já começava a dar sinais.

— Querida, enquanto vocês viverem nessa negação vocês nunca vão ser felizes.

— Negação do que Seel? Eu sou a empregada dessa droga. Mas eu garanto Seel, que um dia nosso patrão vai se arrepender. Eu não escolhi amar esse homem, mas eu estou escolhendo tirar esse sentimento de mim.

Pela segunda e última vez eu admiti amar esse homem, porém seria a última.

A vida estava me dando limões, porém eu iria fazer suco de limão. Essa droga de homem azedo ainda ia saber o quanto dói.

Eu sabia que meu ódio por ele não era por Holly o chamar de pai, e sim que fosse real assim como aquele maldito beijo foi para mim. Queria que esse amor por ele fosse falso o suficiente pra que amanhã eu me levantasse da cama e simplesmente ignorasse o fato de amar esse homem.



Porém meu coração só faltava colocar um garfo na tomada e ser queimado até virar pó de tão queimado.

Os dias que se seguiram, foi como um inferno, eu vi aquele maldito peludinho em todos os cantos enquanto eu fazia meu trabalho. Tudo me fazia pensar nele. Ele recebeu alta, porém eu me mantive afastada o suficiente para não o ver e como ele precisava de repouso eu me contive longe da ala do quarto dele. E corri de todas as tentativas falhas dos pais dele de conversarem comigo.

Não queria magoar ainda mais a mãe dele. E ter mais pecados pra pagar depois.

— A febre não quer passar Seel. — Sentada na cama eu gemi de desespero. Holly estava molhada de tanto suar e só queria dormir. — Nem o banho morno funcionou Seel.

Peguei-a no colo e ela abriu os olhos vermelhinhos de tanto chorar.

— Querida precisamos leva ao médico ou chamar o doutor When para vê-la.

— Droga.

Holly disse algo baixinho.

— *Holly que papai “Gaeu” mamã...*

Eu sabia o quanto ia me custar passar pelo meu orgulho, mas a febre dela só ia passar quando visse ele. Ela estava nervosa e o queria. Meu coração de mãe queria esconde-la de toda a maldade desse mundo.

Passei por cima da dignidade que eu nunca tive, colocando-a na cama eu fui em direção ao meu maior pesadelo.

Meu chefe.

Eu estava me sentindo a pior mãe do mundo, a agonia em meu peito era enorme e talvez a maldita da Tamara tivesse razão, eu não fosse capaz de ser uma boa mãe. Talvez eu nunca tenha sido uma boa mãe.

Tamara podia ser uma fodida ex sogra perseguidora porém as coisas que ela me disse nunca me afetaram como agora.

Se algo acontecesse com Holly eu nunca ia me perdoar, jamais me senti tão angustiada como agora, eu nunca me senti assim. Uma péssima mãe.

Tentando proteger minha filha eu acabei a magoando e ainda deixando ela doente.

Inferno, funguei.

Que essas merdas na minha vida sejam adubos e que ainda dê pra plantar algo. Porém eu não sei se minha terra seca combina com a merda desse homem. Que ao invés de me molhar está me deixando cada vez mais seca.

Bati na porta do quarto sentindo a dignidade que eu nunca tive de escorrer.

Porém minha mocinha valia cada esforço nem que pra isso ela tenha seu "*papai Gaeu*" de volta e que meu coração seja virado do avesso no processo.

CAPÍTULO 19

“ATIREI O PAU NO GATO”

G A E L

Os dois dias naquele quarto foram um inferno, minha mãe com a maldita sopa. Eu não precisava de setenta e duas horas naquele lugar. Porém me mantive lá.

— Mãe você pode ir pra casa, deixar o papai sozinho não é boa ideia.
— Brinquei tentando descontrair. — Eu vou ficar bem mamãe.

— Querido... Você e a Annie.

— Eu vou dar um jeito mãe, ela não vai fugir. — Pisquei brincando não dando a ela espaço para fazer perguntas.

— Não deixe. Ou eu vou agir. — Revirei os olhos, eu sabia bem o tipo de tramoia que ela ia fazer.

Ela beijou meu rosto e me abraçou.

— Não estrague tudo bebê.

— Tchau mãe.

Revirei os olhos a vendo sair do meu quarto. Pela primeira vez na vida as cores desse quarto começavam a me incomodar.

Me deitei na cama tirando a camisa quase a rasgando no processo, meu peito estava com marcas azuladas e doloridas meu braço me incomodava demais.

Ele não estava doendo, porém o maldito gesso começava a coçar.

— Entra Seel. — Gritei ligando a TV e colocando no catálogo de filmes. — Sou capaz de comer um boi, nunca passei tanta fo... Annie?

Ela estava vestida com uma camisa maior que ela do Red Hot chili Peppers e suas pernas estavam nuas. Ela vestia uma pantufa de dinossauros. Seu rosto estava cansado e as olheiras de seus olhos haviam ficado maiores ainda.

— O senhor tem um minuto? — Sorri.

— Todo o tempo do mundo se você parar de me chamar de senhor.
— Brinquei tentando amenizar o clima tenso entre nós.

— Certo, Gael. Tem um minuto? — Me concentrei na TV colocando no catálogo de séries.

— Do que precisa?

— Preciso que venha falar com Holly. — Me sentei na cama, coloquei a mão boa na costela para amenizar a dor.

— Está tudo bem?

— Ela está com febre e chamando você. — Me levantei da cama pegando o roupão azul na poltrona.

— Droga cadê os meus chinelos? Inferno, vamos.

Sai descalço do quarto tentando colocar o braço com gesso no roupão, porém desisti.

— Precisa andar devagar pode se machucar.

Pulei de dois em dois degraus indo em direção à saída da cozinha. Com ela atrás de mim.

Entrei na casa dos empregados indo direto ao quarto.

Meu coração se cortou ao meio, Holly estava deitada no centro da cama vestindo um pijama de coelhos. Com os cabelinhos loiros grudados de tanto suor.

— Fadinha? Ei pequena? — Chamei tentando fazer ela acordar.

— *Papai “Gaeu”*... — Ela nem quis abrir os olhos.

Olhei pra Annie, ela estava aflita sentada do outro lado da cama. Ela balançou a cabeça.

— É o papai Gael, fadinha. Abra os olhos loirinha. — Pedi. Ela abriu lentamente e os arregalou.

Meio zozna ela se levou tirando o cabelinho dos olhos. Ela me olhou cautelosa.

- Cadê meu abraço? — Ela se jogou contra mim.
- Você deixou a Holly e a mamãe. — Ela soluçou.
- Eu estava dodói querida. — Menti.

Ela me olhou séria com lágrimas nos olhos.

— Você devia contar pra mamãe, mamãe coloca docinho na boca e melhora. — Ela me olhou fazendo uma carinha de brava. — A mamãe ia cuidar de você.

Provavelmente ela iria me bater ou tentar.

- Eu já melhorei.

Parecia que um caminhão havia passado em cima de mim.

Ela olhou pro meu gesso.

- Pode tocar.

A vermelhidão do rostinho dela saiu completamente. E o brilho nos olhos dela havia voltado.

Ela tocou meu gesso e riu.

— Podemos fazer florezinhas? — Ela perguntou apontando para o copo roxo cheio de lápis e canetinhas.

- Meu anjo. — Annie beijou os cabelos dela.

Holly pegou a canetinha e começou a desenhar em meu gesso. Ela fez "bonequinhos" tortos em meu gesso. E suas florezinhas.

- Mamãe, Holly e Gael. — Annie riu afastando as lágrimas.

— Que tal você ir pra escolinha amanhã? — Amanhã seria segunda-feira. E eu já estava adiando demais o fato dela precisar ir pra escolinha. Isso era uma das requisições do juiz.

— A mamãe comprou bolsa de ursinho. — Ela apontou pra pequena mochila de rodinhas pendurada perto do armário de roupas.

- Que tal se eu e a mamãe levarmos você pra escolinha amanhã?

Ela olhou pra mãe sorrindo.

- Verdade de *verdadinho*? — Holly abraçou a mãe.

— Verdade verdadinho, filha. — Annie tirou os cabelinhos do rosto dela depositando um beijo em sua bochecha.

- Vem Gael, abraço apertado. — Meio sem jeito abracei as duas.

Annie tinha um olhar distante, cheio de receios e dúvidas. Mesmo assim a sensação de conforto e família foi a coisa mais incrível que tive na vida.



E eu não queria perder isso.

Holly havia escolhido o desenho em minha televisão. Como treinar seu dragão.

— Papai “*Gaeu*”. — Holly havia melhorado milagrosamente e agora estávamos deitados rodeados de doces e salgadinhos.

Nada saudável, porém Annie permitiu.

— Diga. — Enfiei uma colherada de brigadeiro na boca.

— Você pode namorar a mamãe. Eu deixo. — Ela disse do jeitinho dela colocando balinhas M&M na boca e ficando toda suja.

— Sua mãe e eu somos "amigos".

Tentei explicar de uma forma não muito comprometedora.

— Mas se você é o papai e a mamãe é minha mamãe. Vocês têm que namorar igual todo mundo. — Ela explicou se sentando em cima de mim com as mãos cheia de chocolate e tentando tirar o cabelo do rosto se sujando mais ainda.

Tentei não rir do jeitinho dela.

— Quem sabe.

Pensei na possibilidade. Sorrindo.

Já era tarde quando Seel trouxe o jantar pra nós dois.

— Cadê a mamãe? — Ela perguntou colocando caldinho na colher e assoprando. — Abre a boca Papai Gael.

Dei de ombros abrindo a boca.

— Ela já vem te buscar, você precisa de um banho. E cama. Afinal você estava com febre e amanhã vai pra escolinha.

Holly concordou com a cabeça. Enfiando mais uma colherada em meus lábios.

— Você precisa comer também fadinha.

— Papai Gael é quem está dodói.

Ela fez um carinha de séria e voltou a colocar sopa em minha boca.

Houve duas batidinhas na porta.

— Entra.

— Com licença. Vim pegar a Holly. Vamos gatinha. — Holly concordou deixando a colher no prato vazio e me abraçando.

— Até amanhã.

— Até. Você pode vir aqui depois?

Ela afirmou.

Saindo com Holly.



ANNIE

Estava um puta clima estranho entre nós dois. Holly depois de tomar banho e comer, estava suspirando entre as cobertas.

O inverno começava a ficar cada vez pior dando indícios de que ia nevar.

Coloquei meu roupão felpudo e fui em direção ao castelo.

— Queria falar comigo?

Meu querido chefe peludinho estava na cozinha apenas de calça de pijama e seu gesso estava com mais desenhos ainda.

Holly realmente havia o feito de tela de pintar.

Dizer que fiquei arrepiada com aquele homem enorme sem camisa na minha frente. Ele estava fazendo um sanduíche capaz de alimentar umas três pessoas.

— Aceita? — Bondoso demais pro meu gosto ofereceu o sanduíche enorme dele. Neguei. Ele deu de ombros e com maestria empilhou os vidros de maionese e ketchup no braço e abriu a geladeira. — Eu sei que as coisas não estão das melhores entre nós, porém eu gostaria que você não ficasse brava com minha presença na vida de voc... De Holly.

Brava? Eu estava era enervada comigo mesma, por achar que teria algo pra mim nessa relação.

Acho que invés de fazer limonada com os limões azedos que a vida está me dando eu estou usando de colírio.

Como eu acabei me encantado e deixando me envolver com esse maldito homem peludo.

Inferno.

— Só não quero que magoe a Holly. Ela é tudo que me restou. — Fui

sincera.

Tudo que você faz, um dia volta pra você. Nossa, não sabia que tinha feito tanta merda assim para acabar apaixonado pelo meu querido chefe peludinho que por sinal está quase pelado na minha frente.

— Eu não quis passar essa impressão. — Ele disse bebendo a coca direto da garrafa.

— Era só isso?

Eu disse vendo-o terminar o enorme lanche e terminar com o litro de coca.

— Eu... Olha eu não sei lidar com essas coisas.

— Eu preciso ir.

Nessa altura do campeonato eu estava precisando de uma psicóloga e não bancar a psiquiatra dessa criatura peluda.

— Senta aí. — Ele rosnou, já estava demorando pro peludinho mostrar os dentes.

— Estou bem em pé. Pare de rosnar.

— Para de falar e me dar ordens. — Ele rosnou de novo.

No tutorial de hoje, eu vou ensinar a vocês como ficar pensando na pessoa enquanto ela está fodendo com seu coração e desgraçando sua cabeça.

— Nós não conseguimos manter uma conversa civilizada por mais de dois minutos. — Observei querendo tacar o prato na cabeça desse quadrado pra ver se fica redondo e ele pensa e para de rosnar como um cachorro.

— Porque você fica me contrariando e não me deixa encontrar as palavras certas pra falar. — Ele pareceu um garoto de cinco anos apontando o dedo pra mim.

Revirei os olhos.

— O que você quer de mim? — Perguntei. Ele me olhou malicioso.

— Várias coisas. — Olhei pro peitoral dele, mesmo cheio de manchas rochas e arranhões era um puta peitoral, a tatuagem parecia ainda mais em evidência ainda.

— Eu também quero várias coisas e nem por isso eu as tenho. — Quando me dei conta ele estava perto o suficiente para me prender entre ele e o balcão de frutas.

— Eu nunca fiquei apenas querendo. Sempre tive tudo que eu quis *bonequinha*.

Ri.

— Eu não sou tudo. — Debochei fazendo ele rir.

Esse maldito jogo de rato e gato, ia terminar de foder com minha vida. Porém eu nunca quis tanto ser o rato e comida pelo gato.

Ele riu sensualmente colocando seu cabelo atrás da orelha.

Porém era aquilo, *atirei o pau no gato*. Eu tinha leve impressão que ia levar paulada dos dois jeitos.

E eu tinha certeza que um desses jeitos ia me estrear.

CAPÍTULO 20

“PELUDINHO JUNIOR E PORTA QUEBRADA.”

G A E L

Eu ri ao ver o rosto dela ficar vermelho, e ela me olhar intensamente.

— Você é tudo que eu quero. — Ela revirou os olhos como se não se importasse porém eu pude ver a veia saltar em seu pescoço, dando indícios de que os batimentos cardíacos tinham aumentado.

— Essa é a pior cantada que eu já ouvi. — Estreitei os olhos, colocando meu corpo ainda mais perto do dela.

Maldita ideia que eu tive de levá-la ao baile. Ela estava mais arredia e distante.

Porém eu pretendia mudar.

— Eu tenho certeza que você sequer ouviu uma cantada na vida. — Ela balançou a cabeça.

— Seu ego se inflar mais explode. — Ela mordeu os lábios.

— Aquele beijo não foi falso Lavery. — Segurei seu queixo coma ponta dos dedos. Ela soltou um riso pelo nariz. — Foi o beijo mais verdadeiro que eu dei em toda minha vida. E você sabe que eu não beijo.

— Foi falso, eu e você sabemos disso.

— Pare de tentar se convencer pelas merdas que eu disse, mulher. — Meus lábios estava a centímetros dos dela. — Minha maldita vontade de levá-la para um quarto e fode-la até esquecemos nossos nomes, não foi falso. E eu sou um idiota por tentar fazer você acreditar nisso. Annie... Annie não me provoque, mulher.

— E o que eu ganharia por ir a um quarto com você e ser fodida, além é claro de esquecer meu nome? — Ela debochou porém eu vi os pelinhos loiros se arrepiarem.

— Além é claro de você ter um orgasmo ao qual nunca teve na vida, te deixaria com o humor menos crítico.

— Você quer mesmo falar de humor crítico? — Ela tocou meu peito com a ponta do dedo.

— Você tem duas opções. Ou me deixa levá-la para meu quarto e terminarmos o que começamos ou você sai por essa porta sem abrir a boca.

Eu ainda não havia esquecido o maldito episódio do meu quarto.

— Você se acha tão incrível não é monstrinho? — Ela desceu o dedo brincando pelas linhas da minha tatuagem. — Você vai implorar pra que eu termine o que começamos.

Ela me empurrou apenas com um dedo. Me afastei dela vendo-a sair. A maldita era fodidamente sexy com um roupão totalmente fechado.



Inferno.

ANNIE

Sai da cozinha sendo meu corpo pegar fogo. Porém eu parei no meio do caminho.

Que se foda seria uma palavra forte para o momento já que eu queria ser fodida. Então já que esse maldito peludinho gostoso jogou a gasolina eu vou acender o isqueiro e tacar fogo.

— Eu chefinho. — Ele nem ia saber o que lhe atingiu.

Meus lábios foram contra os dele. Porém eu tive que ficar na ponta o pé. Ou ele me esculachava agora ou ele como o bom "doguinho" peludinho que ele é aceita o carinho.

Eu ouvi o barulho de algo cair no chão ao ter meu corpo erguido e na bancada de frutas.

Como diabos ele fez isso com um braço estragado eu não sei. Porém ao jogar na bancada a mão dele foi direto para dentro do meu roupão apertando minhas coxas.

Meus lábios contra os deles pareciam uma luta sem fim, ninguém daria o braço a torcer, de igual pra igual.

Meus dedos puxaram o cabelo dele com força fazendo-o rosnar.

Ótimo.

— Inferno de mulher.

Os lábios dele se separaram do meu indo pro meu pescoço. Senti a puta mordida.

— Não me morda inferno. — Me contorci sentindo a úmida no meio das minhas pernas.

Seja forte.

Você já passou por isso soldado.

Puxei ele de volta, fazendo ele sorrir safado. Ele mordeu meus lábios os prendendo entre os dentes. Espalhei minha mão no peitoral dele me dando conta da posição em que estávamos.

— Para um homem que não beija. — Sorri sentindo meu corpo suar.

— Vamos lá bonequinha... Não quero te foder aqui e toda a vez que eu entrar nessa cozinha eu ter que me lembrar o quão boa essa bancada é.

— E quem disse que vamos foder? — Eu disse baixinho em seu

ouvido fazendo ele respirar mais pesado. Com ele entre minhas coxas ficou difícil aplacar a vontade louca de me esfregar.

Minha amiga de guerra queria aplaudir de pé no guerreiro dele encostado no meu centro, porém ela já estava chorando.

Prendi minhas pernas na cintura dele. Eu queria me esfregar inteira nesse homem pra ter certeza que isso não era um sonho.

— Você vai me deixar assim. — Santa mãe de Deus das guerras aposentadas que voltaram a servir.

Como é possível estar quase fazendo sexo com ele e ainda conversando?

— Você está sem cueca? — A dúvida cruel ao qual eu já sabia a resposta saiu dos meus lábios.

Ele soltou um riso em meu pescoço enquanto trilhava beijos e mordidas.

— Elas me apertam. E provavelmente você também vai.

Santa mãe! Cadê o homem fodido que me faz de escrava? Inferno, onde estava esse maldito Deus do sexo?

Que Deus nos abençoe.

— Pare de blasfemar coisas feias e por Deus na mesma frase bonequinha.

— Como... Ahh...

A chupada em meu colo foi excepcional. Bom trabalho, meu "doguinho" peludinho.

— Sua pele é muito macia e pare de falar. — Se isso não era um senhor amasso. Não sei o que é.

Foda-me.

Era a única coisa que minha cabeça pensava. Porém a sensatez se fez presente em meu micro cérebro celibatária.

Nem sei se essa palavra se conjuga no feminino, porém julgada serei eu se der pra essa coisa estupidamente gostosa e musculosa que está com a patinha quebrado.

— Ei. — Me afastei dele.

Ele me olhou, pulei da bancada ficando muito mais baixa que ele.

— Que que foi agora inferno? — Ele rosnou todo nervosinho tentando voltar ao seu amasso interrompido.

Quase gozei.

— Você está com a pata quebrada e quase morreu por não usar capacete. Não quero ter um cadáver em cima de mim ou ser responsável por você ter o coito interrompido. — Ele revirou os olhos e riu.

— Mulher você é louca. De onde você tirar essas coisas? — Ele perguntou rindo ao beijar meus lábios devagar.

Isso foi estranho. Não que dar um amasso no meu chefe recém atropelado seja normal. Mas esse selinho foi estranho. E bota estranho nisso.

— Sou experiente?

Eu disse já da porta.

— Claro. — Ele debochou. — Vai dormir.

— Cuidado com a barraca. — Mostrei nosso amigo peludinho Júnior. Acabei de nomear nosso guerreiro. Peludinho Júnior. Ri sozinha. Ele revirou os olhos.



Isso foi completamente estranho. Muito estranho. Não me apaixonei pelo cara certo, porém vou me divertir com errado.

Holly estava tão linda, seu uniforme azul estava todo passadinho e ficou perfeito. Assim como o exigido a escolinha seria em período integral.

— Mamãe o que é esse dodói? — Ela tocou meu pescoço, me lembrando do meu amasso com meu chefe.

— Mamãe bateu o pescoço na porta querida. — Beije seus cabelos.

Ignorei o morfético do meu chefe que me olhava debochado. Enquanto aguardamos Ed na frente da casa.

— Você bateu na porta também Papai “*Gaeu*”? — Toma essa estúpido.

Ele engasgou e me olhou com raiva.

— A porta está quebrada querida. Não funciona. Cheia de defeitos.
— Debochei.

— Ela não está quebrada querida, funciona muito bem. — Gael pegou Holly do meu colo em um ato infantil.

Abri a porta do carro e ele se abaixou colocando Holly na cadeirinha.

— Porta quebrada o caralho. — Ele rosnou parando a sentimentos de mim ao fechar a porta.

— Pata quebrada?

Debochei dando a volta e entrando no carro.

Ele se sentou emburrado no banco do passageiro. Ed prendeu o riso.

O caminho até a escola foi com uma Holly empolga e um peludinho me ignorando. Não ligo. Porém era divertido ver ele me fuzilar com os olhos.

Depois de quase meios minutos chegamos a uma pequena escolinha branca.

Meu chefe bateu com tanta força a porta do carro que ele balançou.

— Só não se matem querida.

Pisquei pra Ed.

Rápida tirei Holly e sai pela porta do lado vendo meu chefe bufar ao abrir a porta e rosnar ao me ver fechar a outra com um sorriso nos lábios.

— Não me provoque.

Ele rosnou falso acessando para Ed que deu meia volta com o carro.

— E nós vamos voltar como?

— Vamos dar um passeio bonequinha. — Ele debochou.

Me matar ele não vai.

— Bem vindos a Price Herefordshire School. — Uma senhora disse ao nos ver entrar.

Holly se encolheu.

— Não quero mais.

— Ei? O que houve querida? — Ela se escondeu em meu pescoço e Gael se aproximou. Vi ele me olhar preocupado.

— Ei fadinha? Olha pro Papai Gael. — Ela negou. Se escondendo

mais. A diretora chamou nos olhou com os olhos brilhando e cheia de paciência. — O que conversamos lembra? Você já é mocinha e precisa estudar, pra aprender a pintar igual ao papai e ler vários livros igual mamãe. Vem.

Ele a pegou e ela se escondeu no pescoço dele enfiando as mãozinhas na barba dele.

— Isso é normal no primeiro dia. Por isso pedimos a presença dos pais. Eles ficam inseguros pois é um ambiente novo. Que tal irmos conhecer as instalações. Senhora Mitchell...

— Oh não, só Annie. Nós — Apontei pro meu querido chafinholo peludinho. — Não somos casados.

— Assim, perdão... Achei que...

— Não, tudo bem.

Meu chefe nada disse. Mesmo com o braço engessado ele segurava Holly com maestria.

— Como ia dizendo Annie, nossa escola primária tem o grande prazer de receber Holly.

Holly espiou ao ouvir seu nome.

— Quando o senhor Mitchell ligou dizendo que sua filha precisa de uma vaga soube que aqui era o lugar certo, Katie Cassidy é nossa única professora do primário, e é uma excepcional professora.

Ela falou sobre a escola e sobre sua história, nos mostrou tudo com Holly atenta. Vi quando meu chefe começou a fazer caretas.

— Suas costelas. — Peguei Holly, que olhava atenta a casa na árvore baixa que tinha no jardim das crianças.

— Obrigado.

Ele agradeceu, dei de ombros e quando chegamos à sala de Holly ela já parecia confiante e estava andando ao nosso lado segurando a Minha mão e a dele.

Ao chegar na porta da sala, e ver a diretora bater, e uma moça baixinha e gordinha como eu abrir a porta eu percebi que esse era meu maior sonho se tornando realidade.

Parecia um filme, ter uma família assim. Um comercial perfeito de

margarina onde a família não tinha nenhum defeito.

— Pronta?

Gael abaixou na altura de Holly e perguntou. Ela me olhou esperando confiança e eu apertei sua mãozinha. Ela se soltou de mim e abraçou fortemente Gael pelo pescoço.

Se soltando e sem olhar para trás ela entrou na salinha colorida, dando a mão para a professora que nos deu uma aceno.

— Você está chorando Lavelly?

— Minha bebê virou mocinha. — Funguei, meu lado mãe urso protestou. Ela estava crescendo.

— Holly tem uma grande sorte.

Ele disse, olhando pelo vidro da sala ao meu lado. A diretora sorriu. E como se não quisesse quebrar o momento deu uma piscadinha e saiu pelo corredor.

Vi quando todos deram Oi pra Holly e ela ficou vermelhinha.

— Ela vai ficar bem, voltaremos para buscá-la e falar com a professora. — Ele tocou minha mãe me tirando do transe mamãe babona.

— Claro.

— Vamos.

Saímos da escola primária em direção à rua.

Olhei dos lados.

— Vamos tomar um café.

Ele disse. E saiu andando como se nada fosse o abalar.

— Vai ficar aí parada?

Perguntou ao parar perto da fonte na praça da cidade.

— Você sabia que se jogarmos uma moeda e fizermos um pedido ele se realiza?

Ele tirou uma moeda do bolso e jogou na fonte. Dei de ombros, não ia gastar meu preciso dinheiro, da última vez que joguei dinheiro em uma fonte meu ex foi preso após me deixar sem nada.

— Não acredito em desejos.

— Eu também não.

Ele deu de ombros abrindo a porta do café de Gisele, fazendo a sineta tocar.

— Por que jogou então?

— A esperança é a última que morre. — Piscou.

— Maldita cidade pequena.

Ele disse ao ver a ruiva Belinda, sentada no balcão.

— Essa mulher não trabalha não? — Perguntei rindo tentando amenizar a situação.

— Bem provável que não.

Ok, talvez não seja nosso dia de sorte.

Vi o corpo do meu chefinho ficar tenso ao ver Wolfgang se sentar ao lado dela e nos olhar com um ar de maldade.

— Esse anticristo com cara de Bulldog nos persegue chefinho.

— Anticristo com cara de Bulldog?

Nos sentamos perto da janela nas cabines que bloqueiam a vista do meu chefinho do balcão.

— Você já reparou na cara dele? A raça do cachorro coitado se sentira ofendida.

Ele riu esticando as pernas. E apoiando o gesso sobre o peito.

— Se prepare chefinho pois Hiroshima e Nagasaki vem vindo aí.

— Você é louca mulher.

— A própria sucata hospitalar. — Eu debochei ao ver os dois passarem por nós e se sentarem na cabine atrás de mim.

— De onde diabos você tira essas coisas? — Ele riu.

Pisquei pra ele dando apoio moral, vendo o seu desconforto ao ter Hiroshima e Nagasaki tão perto.

Eu podia ouvir Belinda e o anticristo dando risadinhas como se fosse um casal feliz.

Meu chefe revirou os olhos. Percebi que a única coisa que o afetava era o bebê que ela tirou e a presença do anticristo.

Esse homem fede a coisa podre e meu sexto sentido me diz pra ficar esperta. E meu radar de radiação tóxica nunca era.

CAPÍTULO 21

“QUANDO O PASSADO VAI A ESCOLA”

ANNIE

Tomei meu café tranquilamente, meu chefinho me olhava atentamente, sem dizer nada apenas parado feito uma estátua. Esquecendo os abençoados atrás de nós.

— O que foi? Estou suja? — Perguntei depois de morder um pãozinho de queijo. — Vou pagar não se preocupe.

Ele se endireitou no banco e sorriu de lado revirando os olhos. Ele continuou me olhando sem piscar, parecia embasbacado.

— Tá tudo bem mesmo?

— Eu só não tenho nada de interessante para falar.

Não que alguma vez tenha tido não é mesmo? Reparei em algo que eu nunca havia reparado. Seu cabelo era loiro nas pontas.

— Incrível. — Soltei baixo mordendo meu pãozinho. Ele olhou para o cabelo ao perceber onde meu olhar estava.

— Incrível? — Repetiu em entonação de pergunta. Revirei aos olhos ao perceber que ele tinha ouvido. — Sou militar fui treinado para...

— Blá, blá, blá... Não, você é o Gabriel e só. — Pisquei. — Deixe essa vida para trás.

— Pra você as coisas são tão simples.

— Não. Não são. Porém eu faço elas serem mais leves. Afinal sou eu que carrego o fardo, nunca tive ajuda e nunca terei. Você é responsável por suas dores, se quer sofrer com elas ou aprender com elas, e seguir em frente.

Ele piscou atônito diante da minha filosofia de sofrimento e superação.

— Nesses últimos cinco anos aprendi que ou você carrega suas dores com você, as arrasta pelo caminho ou você as amontoa em cima de você e fica parado esperando o peso delas diminuírem. — Como você tem feito

querido peludinho e de quebra fodendo a vida e psicológico de todos que te rodeiam. Mordi a língua.

— E o que você fez?

— As arrasto e vou aos pouquinhos às deixando pelo caminho. Elas amontoadas em cima de mim jamais vão diminuir, só vão aumentar e pesar mais.

— Inferno, como você pode ser tão desmiolada e incrivelmente sabichona ao mesmo tempo?

Dei de ombros.

— Obrigada pelo elogio, se foi um.

Sem jeito determinei meu café.

Depois do meu pequeno adendo psicológico meu chefe ficou me olhando mais profundamente se é que é possível.

— Soube do seu acidente Gael. — Dei um pulo no sofá fazendo meu chefe olhar para a dona da voz. Toda comovida os olhos da própria Chernobyl lagrimejaram.

A própria Mortícia Addams da Deep Web brotou das profundezas do limbo, o mulherzinha asquerosa. Julyn podia ser incrivelmente linda, porém o olhar de cobra era podre e maldoso. Ela parecia ter uma obsessão pelo meu querido peludinho e no momento seu olhar era de raiva e ódio pra mim. Ela me olhava como se fosse superior.

Dei de ombros, a própria sucata hospitalar.

— Soube do seu acidente Gael, eu fui até o hospital... — E choca um total de zero pessoas, ela repetiu a frase colocando mais emoção na voz, segurei o riso diante da cara de bosta seca do meu querido peludinho.

— Que bom.

Meu chefe pegou o pão de queijo que eu estava comendo e socou na boca. Sem um pinga de educação.

— Bom? Bom Gael? Eu me preocupei e...

— Eu mandei pararem você na portaria? Eu quase explodi há anos e você acha mesmo que rodar na pista ia me matar? — Ele debochou. — Já acabou Annie? — O tom dele mudou totalmente ao falar comigo, falou até mais baixo.

— Claro. — Me sentindo a própria Cleópatra GG, me levantei em minha magnitude e resplandecia.

Peguei minha carteira, porém ele me parou, fazendo me levantar e me arrastar pra longe da criatura.

— Coloca na minha conta Gigi.

Ele me puxou feito um saco mole de batatas para fora.

— Quer parar e respirar? — Me soltei dele

Ele parou na praça ao me ver sem conseguir respirar. Revirei os olhos.

Nos sentamos em um banco e ele se esticou todo. Pude ver ele levar a mão boa nas costelas.

— Está tudo bem? — Perguntei tentando não parecer preocupada. Porém meu coração teimoso se preocupou. Ele estava com um sobretudo nos ombros e uma camisa marrom, como não podia passar o gesso pela manhã da blusa ele deixou o casaco cair no banco. Porém notei os pelinhos do braço dele se arrepiarem de frio.

— Inferno. — Ele rosnou.

Revirei os olhos. Queria dizer que não me chateou mais chateou, a forma como ela o afeta estava me afetando também.

Ciúmes? Minha própria cabeça deixou o questionamento no ar.

Nessas horas eu queria estar naqueles clichês onde a mocinha vai trabalhar para o cara, ele tem seus complexos, porém se apaixona por ela, eles se amam, casam-se e vão ser felizes.

Porém na hora do destino escrever meu destino, o morféutico esqueceu de me colocar em um clichê e me colocou em um terror que ninguém leu. Santa mãe.

— Inferno. Ela me persegue Annie. Me faz lembrar de coisas que eu quero esquecer. Por ano eu tive pesadelos. Ela me assusta, ela mora em Londres e do nada resolve comprar um chalé aqui. E estar em todos os lugares que eu estou.

Queria debochar da cara de sofrido dele. Porém me contive.

Ele se virou e encarou.

— Desculpe.

Ele disse me olhando nos olhos. Não entendi a veracidade do pedido e

nem por qual motivo ele estava pedidos desculpas. Porém me mantive olhando pra ele.

— Você é uma mulher... — Ele balançou a cabeça. Os lábios se encontram com os meus, todo meu corpo relaxou ao sentir ele tocar meu rosto com a ponta dos dedos. Seu dedo estava gelado, anunciando o frio. Meu corpo arrepiou. Meu coração parecia que ia sair pela boca.

Eu realmente estava fodida. Era um caminho sem volta, a cada dia que passava eu queria que ele me correspondesse. Decadente, lá no fundo eu sentia o quão usada eu estava sendo, e que eu estava permitindo isso e santa mãe eu estava gostando de ser usada.

— Eu não beijo. — Ele brincou prendendo o meu lábio inferior nos dentes.

Essa coisa de beijos estava ficando íntima demais. E adivinhem quem vai sair fodida no final? VOCÊ. Meu subconsciente gritou. Eu só espero que ele saiba foder violento, e não termine de foder meu psicológico já fodido.

Eu revirei os olhos me afastando minimamente.

— Precisa parar com isso.

— De te beijar? Não. — Eu ri da forma cretina e presunçosa com que ele falou. — Está nevando.

Ele tocou a ponta do meu nariz fazendo o floco de neve derreter gelando meu nariz, me fazendo arrepiar.

— Você ainda gosta dela?

Burra, burra, burra. A língua de trapo solta. Ele me olhou. Fechei os olhos esperando o xingamento.

— E isso importa pra você, *bonequinha*? — O apelido saiu dos lábios dele de forma carinhosa. O coração que chegou a pular feito touro violento.

Sim, importa. Porque eu não quero ser seu tapa buraco, não quero pensar que você imagina ela no meu lugar. Que você ainda precisa dela.

Porém, Deus colocou a mãozinha dele na minha cabeça. *Filha, contenha-se.*

Como uma boa menina, fiquei quietinha.

Ele tocou meu rosto novamente onde havia outro floco de neve.

— Faz anos que eu não tocava a neve. — Ele disse baixinho com o

rosto a centímetros do meu.

Sorri sem jeito me afastando, ele voltou à posição anterior. Parecia em um dilema.

Quem olhasse de longe imaginária um casal normal namorando. Porém eu não queria que fosse de forma imaginária.

Queria agarrar esse peludinho pelo cabelo e que Deus me perdoe, fazer dele a própria fonte de água pra esse pobre morta sedenta no deserto.



G A E L

Encostado no carro com um guarda chuvas, eu esperava Annie sair de dentro da escola, para minha própria sanidade eu deveria ficar longe dessa mulher. Depois de passarmos a manhã no banco da praça.

Holly sairia mais cedo, já que era o primeiro dia de aula e seria um dia adaptando-a. Amanhã ela ficaria o dia todo.

— Diga de uma vez Ed. — Ed colocou uma touca na cabeça e riu. Ele sempre foi quase da minha altura. Quando eu era criança ele sempre me livrou das broncas da minha mãe, escondendo minhas trapações.

— Só tome cuidado. Não quero ver você quebrado novamente, Annie merece uma família. E se você não estiver pronto pra isso deixe pra alguém que realmente vá amá-la de verdade.

Meu cerebro não foi capaz de assimilar nenhuma palavra.

— Nós... Nós... Não temos nada. — Inferno, a imagem dela com outro homem fez minha cabeça imaginar várias formas de torturas e nenhuma delas saudáveis.

Ele riu.

— A forma como a beijou quando o carro virou a esquina e vocês correram em direção a floricultura para escapar da chuva de neve, me pareceu que vocês são mais do que você imagina. Ela é uma menina incrível filho. Doidinha, mas incrível. Não destrua isso.

Ele piscou. Forcei meu corpo a ir até a porta da escola ao ver Annie cruzar a porta com uma Holly sonolenta em seus braços.

Ela falava com ela baixinho.

Entramos no carro, Annie colocou Holly na cadeirinha sem olhar pra mim.

— Estamos prontas Eddie... — Annie disse olhando pela janela. Ela parecia pensativa.

O caminho pra foi um silêncio sepulcral. Annie fazia carrinho em Holly com medo de que algo fosse tomá-la dela.

Ela não olhava em meu olhos.

Ao passarmos pelos portões indo pra garagem ela praticamente pulou do carro não dando atenção a Holly.

— Vai com Gael. — Ela beijou Holly e foi em direção a casa dos empregados.

— Papai “*Gaeu*”? Fala Pato. Gato. Coelho e girafa. — Ela falou empolgada. Vindo pro meu braço bom. Ed fechou a porta e eu fui em direção à porta da cozinha.

— Você aprendeu isso, fadinha?

— Repete papai.

— Pato, gato, ganso. — Repeti fazendo ela rir.

Entramos em casa com ela falando sobre as cores e de como a professora era gentil. Fomos pra cozinha fuçar na geladeira.

— Vocês vão almoçar, tirem a mãos daí. — Ri. E nos sentamos na mesa.

— Cadê a mamãe?

— Ela está falando com tio César no telefone, querida.

— César?

Inferno, o que diabos ela está falando com o advogado de meia tigela?

Me contorci na cadeira de curiosidade, porém me mantive com cara de paisagem.

— Como foi na escola querida?

Ela começou a falar porém eu não consegui se concentrar. Annie entrou na cozinha com o rosto pálido.

— Podemos conversar mais tarde Gabriel? — Ela disse sem jeito.

— Que tal almoçarmos primeiro querida? — Seel perguntou percebendo o clima estranho.

Ela fez um pratinho para Holly que se sentou ao meu lado com uma colher de bichinhos.

— Eu estou sem fome Seel. Vou limpar a biblioteca, hoje é segunda.
— Ela deu de ombros.

Depois de alimentar Holly ela se levantou beijou Holly e saiu apressada, sem dizer mais nada.

— Que você ir ver desenhos lá no quarto do papai e levar sua sobremesa pra lá fadinha? — Ela afirmou.

Ela pegou o pratinho com uma fatia de bolo de chocolate e saiu andando em direção as escadas.

Segurando sua mão subimos os degraus com ela cutucando o bolo.

— Papai?

Ela parou no topo da escada.

— Diga pequena. — Toquei seu narizinho. Ela se sentou no alto da escada e eu me sentei um pouco mais abaixo.

— A bruxa foi lá na escolinha, com o homem mal. — Meu sangue gelou. Não, Julyn não seria capaz de tanto.

— Quem? — Rosnei.

— A bruxa má que quer me levar da mamãe, ela disse pra tia que você não é meu papai e que o homem mal é. E que eu vou morar com eles.

Ela cutucou o bolo e mexeu as perninhas. Respirei fundo. Malditos.

Esse era o fodido motivo pelo qual Annie queria conversar comigo.

— Que tal irmos assistir o pequeno urso? — Me levantei dando a mão pra ela.

— Você é meu papai não é? — Ela perguntou baixinho me abaixei e peguei ela no colo.

— Sim, com todo o coração e ninguém pode dizer o contrário fadinha.
— Beije a pontinha do seu nariz.

Sem muita opção deixei o pratinho com o bolo no chão.

Nada, no mundo vai me impedir de fazer esse maldito rato de esgoto parar de respirar.

Holly se ajeitou na cama e eu coloquei no desenho me deitando ao seu lado. Meu corpo tremia de raiva e ódio. Por algum motivo o maldito havia saído da cadeia e eu não fui avisado.

Aquela maldita velha ia provar do verdadeiro sabor do Inferno. E o

maldito rato jamais ia dizer novamente que é pai da Holly.

CAPÍTULO 22

“O MONSTRO DAS NEVES, VINHO E... GATO, GATO... CACHORRO.”

*O amor é feito de paixões
E quando perde a razão
Não sabe quem vai machucar
Quem ama nunca sente medo
De contar o seu segredo
Sinônimo de amor é amar
Sinônimo de amor é amar
Sinônimo de amor é amar*

**Sinônimos
Zé Ramalho**

A N N I E

Tremi de ódio, subindo na escada de limpeza. Eu parecia aqueles malditos cachorrinhos tremedeira, cada tremida era um ódio diferente que eu soltava.

O maldito rato de esgoto estava em condicional por bom comportamento. Bom comportamento o rabo daquele Zé roela.

Aquela cabrita possuída em forma de mãe tinha mexidos os pauzinhos. Minha amável ex-sogra não dá um ponto sem nó.

Aquele esqueleto movido a peido sabia como manipular as situações pra parecer um pai sofredor. Indo na escola no primeiro dia de aula de Holly e ainda chorando para a diretora me colocando como a vadia que armou pra ele.

Armou o meu rabo, aquele maldito me roubou. Tirou tudo de mim,

justo agora que eu estava quase conseguindo me reerguer ele e a maldita da bruxa.

Não, eu não vou ousar dizer o nome dessas duas pragas venéreas, não vou emanar o nome desses dois caldos de chorume na minha linda boca.

Tive a merda chutada pra fora de mim nos últimos anos e os últimos meses não foram os melhores, a própria escrava remunerada, fui humilhada em um evento ao qual fui leiloada como uma vaca, quero dar loucamente para meu chefe, implorei pra ele não morrer e não ter mais um pecado nas minhas costas.

E agora as catacumbas abrem e essas múmias da Deep Web escapam.

As palavras da professora me vieram à mente: "*tome cuidado mãe, aquela mulher não me pareceu nenhum pouco amigável e o homem que se diz ser o suposto pai da Holly não parece ser o pai mais interessado na filha.*"

Mas é claro que não, aquele rato não vale o sal que a cabrita seca da mãe dele lambe.

— Annie?

Me virei na escada vendo Seel colocando somente o rosto na porta.

— Fala chefia. — Brinquei fazendo ela rir. Tentei respirar fundo, não demonstrar nada para deixá-la preocupada.

— Está vindo uma nevasca por aí querida, Ed e eu vamos voltar a cidade. Você e Holly precisam de algo?

— Nevasca?

Eu descii da escada colocando o pano no ombro e fechando a escada de limpeza.

Coloquei o espanador no carrinho de limpeza.

Olhei pela janela e sem que eu perceber o chão já estava branco.

— Ouvi o alerta no rádio as ruas vão ser interditadas pelos próximos dias. E bom mantemos o estoque de frutas e verduras.

— Não Seel estamos bem... Droga.

Logo agora que Holly começou a ir pra escola. Tentei controlar a minha vontade gritar. Se eu reclamar mais um pouco é capaz de cair pedra.

Só pode ser brincadeira.



Se bater na madeira afasta o azar estou precisando bater nela com a cabeça.

— Mamãe? — Me enrolei no cobertor me virando vendo Holly no colo do meu querido chefe. Eles estavam embolados em um enorme cobertor Holly vestia seu pijama de unicórnio e pelo que eu o vi estava sem camisa.

— Seel e Ed estão presos no mercado. Não está passado nada na estrada que leva a ponte.

Ah pronto.

Além de saber que eu estou presa a esse mausoléu, agora Ed e Seel também.

— Os seguranças não conseguem ligar o sistema de energia reserva. Estamos sem luz.

— Acho que eu já percebi. — Soltei as palavras olhando debochada pra vela em minha mão.

— Vou tentar ligar a lareira. A do meu quarto é a gás. Se formos pra lá teremos mais chances de ficar aquecidos.

Olhei pela janela a noite ainda não havia escurecido completamente o céu. Era possível ver a neve quase alcançando a janela.

As portas eram de madeira maciça impossível de serem empurradas com toda a neve.

Que simplesmente caiu do céu. Puff! Do nada o chão estava branco e meu nariz vermelho de frio.

Fui atrás dele tomando cuidado por onde piso. Holly estava com o rostinho enfiado no pescoço do meu chefe.

— Como escureceu tão rápido?

Perguntei a ninguém em particular.

— As noite vão ficar mais compridas e os dias mais curtos. — Me sentei na janela enquanto Holly ficou ao lado do Gael, enquanto ele tentava

acender a lareira a gás. Coloquei a vela no aparador da janela.

— A mamãe tem medo da neve papai. — Holly disse baixo como se fosse um segredo.

— Porque a mamãe tem medo? — Como se eu não estivesse ali, eles jogaram as almofadas no chão e vários cobertores perto da lareira.

— Vem mamãe senta com a Holly. — A monstrixinha menor me chamou.

Porém meus olhos foram para a janela. Do outro lado dos portões de ferro, havia alguém. Não consegui ver direito, entretanto todo meu corpo ficou em alerta.

Vi quando a pessoa começou a se afastar com dificuldade por conta da neve e olhou uma última vez antes de sumir.

Talvez eu esteja tão louca que esteja vendo coisas.

— Tudo bem? Você está pálida. — Me sentei me apertando ainda mais na coberta.

— Tinha alguém lá fora. Perto das árvores.

Ele me olhou com deboche, mas ele desapareceu ao perceber meu olhar.

— Com essa nevasca? É impossível alguém ficar lá fora.

Se ele me contrariar mais uma vez eu o jogo lá fora e o congelo, sorvete de peludinho é mais fácil de chupar, não fala e não dá trabalho.

Certo, imaginar chupar esse homem não foi uma boa ideia, me aqueceu mais do que o permitido para o ambiente.

Peguei Holly no colo e ela me olhou com os olhinhos brilhantes.

— Conta uma história mamãe...

— Que tal o abominável monstro das Neves?

— Não é homem? — Meu chefe debochou.

— Quietos, a história é minha e eu conto como eu quiser... *Era uma vez um monstro feito de pelos compridos e cheios de nós, pois ele não tomava banho e era rabugento. Ele prendia uma jovem em sua caverna e fazia ela tirar toda a neve do chão.*

Meu chefe estreitou os olhos.

— *Um dia ela resolveu que ia prender o monstro pois ela odiava*

aqueles pelos todos, aquele cabelo comprido deixava ele com cara de mau e selvagem.

Meu chefe arqueou as sobrancelhas grossas enquanto Holly se ajeitava e pegava no meu seio. Sinal de que logo ia dormir.

Ela enfiou os dedinhos gelados debaixo da coberta que me cobria e agarrou meu seio.

— *Ela amarrou o monstro, pegou uma tesoura e cortou todo o cabelo dele. Tirou pelinho por pelinho e um lindo moço apareceu, ele não era rabugento e nem tinha os olhos mau, eram apenas os pelos que o deixavam com aquela cara...*

Parei de falar ao perceber que ela dormiu e que meu chefe me olhava intensamente.

— É isso que você pensa de mim?

Coloquei Holly na cama, no centro enchendo-a de cobertores. Me virei indo em direção a porta.

— Chocolate quente?

Mudei o foco da conversa, afinal não quero meu chefe sabendo que eu o imagino sem essa barba e esse cabelo todo.

Deixei a coberta na poltrona ficando apenas de roupão. Ele se levantou e a calça do pijama dançou no V da cintura dele descendo um pouco mais para baixo.

Santa mãe das mães solteiras com teia de aranha.

— Vê algo que lhe agrada?

Ele fez uma cara de cretino assim que saímos no corredor. Revirei os olhos.

O corredor estava muito escuro.

— A vela.

Ele me parou quando virei em direção ao quarto.

— É simples, você se concentra, respira fundo e faça com que seu cérebro tenha memórias recentes, fazendo você pisar onde pisa todos os dias desviando dos obstáculos. — Ele fechou os olhos e começou a descer a escada.

O castelo estava um breu, projetando a sombra dele na parede me

fazendo ter calafrios.

— Me espere.

Pedi pulando de dois em dois degraus, para alcançar meu querido chefe.

— E então madame, morreu por andar no escuro?

Revirei os olhos.

— Esqueça o chocolate quente. Vamos tomar vinho... Vamos pro meu escritório, ainda não são nem nove da noite. — Praticamente eu estava caminhando em direção ao meu próprio sepultamento, só faltou a música.

Senti até o cheiro das flores de cemitério e do formol.

Não ia dar bom, eu mais vinho, uma combinação um tanto perigosa. Digamos que eu nunca fui apta a beber bebida alcoólica e permanecer sóbria o suficiente para lembrar no dia seguinte.

Andamos mais um pouco pelo escuro, ele apertou uns botões ao lado da tomada e a lareira a gás ligou, fazendo o escritório ficar iluminado por chamas.

Ele foi até a grande onde ficavam os vinhos e whisky mais caros dele, quando eu ia limpar as garrafas tomava o máximo de cuidado. Afinal ali estava o que mataria a fome mundial.

Me sentei na poltrona, como se tivesse praticamente vendido a minha alma ao inimigo. Inimigo esse que estava pelado na minha frente.

Dei um pequeno pulo ao sair do meu estado de demência mórbida ao ver a taça de vinho tinto na minha frente.

Girei o vinho delicadamente na taça fazendo o suave cheiro de uva subir até meu nariz.

Meu chefe se sentou lânguido na poltrona apoiando o gesso no braço da poltrona.

Ele fez o mesmo movimento que eu solvendo o aroma do vinho.

— Château Pétrus 2000. — Quase cuspi o vinho.

Ele me olhou com uma cara de divertimento.

— O vinho de 30 mil? — Engoli o vinho sentido os cifrões descerem junto.

— 35 na verdade.

Quem diabos gasta 35 mil em uma graça de vinho?

Parecia que eu estava engolindo a casa da moeda, ele me olhava com cara de divertimento.

— Não ficou deslumbrada?

— Deslumbrada? Chefinho, isso aqui — ergui a taça. — Resolveria todos os meus problemas. Estou tudo menos deslumbrada.

— Do que você gosta então, se jantares de luxo, joias e vinhos não te deslumbram?

— Uma xícara de chocolate quente, um bom livro e a chuva.

— Interessante.

Olhei pra ele e me perdi, os olhos dele brilhavam no escuro, parecendo dois orbes de vidro negro?

Como os olhos dele ficaram negros de repente? Inferno.

Eu parecia em um maldito filme de terror onde os espectadores gritam não entrem na sala e eu entro. Minha consciência era os telespectadores e meu chefe a sala. Não sei como eu acabei com a garrafa de vinho nos meus lábios apenas de sutiã e calcinha deitada ao lado do meu chefe no chão, e por um puta azar estava usando só a box.

Inferno. O grande relógio tocou soando meia noite, e em algum momento que eu não me lembro eu havia aceitando jogar verdade ou desafio com ele.

E agora eu estava quase nua e excitada deitada ao lado do meu chefe que estava com o braço quebrado e de pau armado.

Gato, gato... Cachorro.

Tentei me manter sóbria, porém falhei miseravelmente ao perceber que meu chefe estava em cima de mim.

E com a boca no meu seio.

Quanto custava o vinho mesmo?

CAPÍTULO 23

“VA PARA ONDE SEU PAU TE LEVAR.”

G A E L

Annie virou a garrafa de vinho nos lábios vermelhos.

— Eu desafio você a tirar. — Ela gargalhou ao me ver apontar para o roupão.

Não foi surpresa saber que ela usava um conjunto de pijamas das bananas de pijama. A blusinha curta mostrava o sutiã rendado me fazendo salivar.

Virei a garrafa de whisky.

— Sua vez... — O rosto dela tinha uma tonalidade tomate e eu consegui ver as gotinhas de suor escorrem por sua pele, as chamas da lareira dançavam na pele alva.

— Verdade ou desafio? — Ela perguntou, olhando a garrafa de vinho ela sorriu.

— Verdade.

Virei a garrafa de whisky.

— Verdade que vocês odeiam baratas? — Ela me olhou como se fosse capaz de colocar uma barata na minha cama. Estreitei os olhos, ela sorriu diabólica virando a garrafa de vinho. 35 mil dólares, do qual eu bebi apenas meia taça.

Revirei os olhos.

— Verdade. Sua vez. Verdade ou desafio? — Esperando ansiosamente que ela disse verdade.

— Verdade.

— Verdade que você já sonhou comigo? — Perguntei com quem não quer nada, virando a garrafa na boca.

— Verdade, sonhei que lavava a privada com sua cara. — Gargalhei.
— Mentirosa. Seus sonhos molhadas comigo envolvem outra coisa.
— Ela riu graciosamente me olhando entre os cílios.
— Você não especificou qual sonho...
— Você é terrível mulher. — Ela deu de ombros.
— Nunca disse que não era. — Ela piscou. — Sua vez. Verdade ou desafio?
— Verdade.
— Verdade que você anda pelas paredes? — Qual a possibilidade dela lembrar disso pela manhã?
— Verdade. — Ela resmungou algo sobre o álcool e simplesmente tirou a blusinha. — Ouh.

Os seios dela eram brancos, a pele suada e alva reluzia as sombras da lareira.

Meu sistema começava a ficar dominado pelo álcool. Ela simplesmente me olhou.



E eu sei que aquele seria o erro mais perfeito que eu ia cometer.

A N N I E

Minha respiração estava falha, combinado minha excitação ao álcool, a única coisa que me passava pela cabeça era sentar-se nesse homem e nunca mais sair.

— Você é muito gostosa... — Ele disse puxando meu sutiã e mordendo meu seio fazendo com que meu corpo assanhado fosse em sua direção.

— Faça mais e fale menos. — Ele riu contra meu seio rodeando a língua pela minha pele quente. — Vá para onde o seu pau te levar! De preferência para dentro de mim e com força...

O berro que eu dei ao sentir a mordida em meu pescoço foi fenomenal.

— Você é maluca, mulher.

Minhas mãos que não são bobas nem nada foram para as cotas dele. Porém eu parei ao sentir os calombos e cicatrizes nas pontas dos meus dedos. Travei.

— Me toque mulher e não faça broxar inferno. — Ri baixinho ao sentir ele me olhar nos olhos. Os olhos dele estavam negros, e totalmente brilhantes.

— Você... INFERNO.

Seus seios pularam para fora, ao ver ele arrebentar meu sutiã, apoiando a mão engessada contra o tapete.

— Essa não é a hora de você fazer inspeção em mim e sim me deixar te foder. — Antes que eu pudesse retrucar ele chupou o bico do meu seio me fazendo me contorcer. — Você é doce...

— Pare de rosnar. — Puxei o cabelo entre meus dedos, fiquei minhas unhas em seus ombros ao sentir ele afastar minha calcinha.

— Tira. — Antes que eu concluísse o pensamento os dedos afoitos tocaram meu clitóris me fazendo gemer, ah santa mãe...

— Pra que tirar se podemos rasgar? — Antes que eu pudesse pensar em algo os dedos dele me penetraram.

Fiz uma careta ao sentir a ardência de um corpo estranho dentro de mim.

Esse pau não vai caber.

O álcool estava me fazendo ter sensações cada vez mais altas, porém eu achava que era o dom desse homem. Fechei meus olhos e joguei a cabeça pra trás e gemi com gosto.

— Você é apertada demais...

— Esperava o que... Eu pari uma criança não um bezerro... Oh.

Santa mãe das Gillette's batidas na pia, os lábios frios tocaram meu clitóris me fazendo gemer mais e ir de encontro a ele.

— De onde você tira essas coisas? — Ele me penetrou novamente com os dedos, afastando minimamente os lábios de mim.

— Você não vai quer saber. Continua chupando.

Ele gargalhou, me fazendo contorcer mais contra a boca dele.

O céu pintando de branco, estrelas cintilantes, meu corpo todo tremeu e eu vi o céu.

— Você quer gozar? — Afirmei freneticamente, impulsionando meu corpo contra os dedos dele, ah... Se os dedos já fazem isso imagina o peludinho Júnior.

Gozei.

— Delícia. — Ele disse ao subir os lábios por meu corpo com pequenos beijos.

— Cadê sua cueca? Santa mãe isso não vai caber. — Apontei pro peludinho Júnior.

— Com jeitinho e amor... — Revirei os olhos ao sentir os lábios dele contra os meus.

— Nem fodendo.

— Sim, te fodendo. — Ele me olhou nos olhos enquanto afastava meus joelhos com os dedos. — Não vou te machucar... Confie em mim.

Nesse ponto o álcool e meu fogo no rabo já estavam virados no avesso. Senti o entrar na minha amiga celibatária, fechei os olhos. Annie quase virgem no espírito mais o peludinho do pau grande não é coisa boa.

Senti ele entrar de uma vez só e meu corpo tencionou com a invasão de uma vez só. Fui pro inferno e voltei, partida ao meio.

— Relaxe... Ou vai doer mais.

— Se mecha e eu quebro seu pau.

Ele riu beijando meu nariz.

— Você não teria essa coragem — Ele beijou a ponta do meu nariz.

Senti meu corpo relaxar.

— Se mexa. — Pedi tímida.

— Com todo prazer. — O rosnado que ele deu, me fez cruzar as pernas em sua cintura.

A cada estocada meu corpo convulsionava e meus gemidos o faziam ir

cada vez mais fundo.

Inferno.

O Empurrei com toda minha força fazendo ele me levar junto contra o tapete, espalhei minhas mãos em seu peito.

— Como?

Desci e subi sobre ele, o fazendo fechar os olhos e rosar. Colocando suas mãos na minha cintura, ele me subiu e me desceu com mais força. Fazendo nós dois gemer cada um perdido na sua própria embriaguez e prazer.

O álcool fazia minha cabeça girar e a excitação fazia o meu coração disparar.

Ele se levantou me puxando com ele, os lábios chupavam meus seios me fazendo jogar a cabeça pra trás, e descer e subir mais rápido.

— INFERNO.

Ele nos girou, fazendo meu corpo rolar com o dele no tapete. Ele parou em cima de mim. Me olhou com os olhos em chamas, ergueu minha perna apoiando-a em seu ombro.

Ele ia cada vez mais fundo, apalpei meus seios o fazendo rosar mais alto, o orgasmo se construía com força. Minha amiga ex celibatária apertava o Peludinho Júnior cada vez mais forte.

— Ah.

— Inferno.

Meu corpo todo tremeu ao sentir nossos orgasmos se construíram juntos. Ah, o sensação maravilhosa.

Meu corpo se desfez, e desabou no tapete. Ele veio junto comigo.

Meus olhos ficaram turvos, o álcool começou tomar meu sistema. Meu corpo tremia com violência e meu corpo suave, Gael sorriu contra meu pescoço.



Em algum lugar da minha mente sensata, eu me xingava porém a única coisa que eu fiz foi abraçá-lo e beijar seus cabelos antes de cair

no sono.

Minha cabeça doía, abri meus olhos lentamente sentindo um corpo quente praticamente em cima de mim, olhei pra janela e a neve caia forte lá fora.

Não.

Não.

Sim.

Sim.

As mechas cor de mel espalhadas em cima do meu peito quase me fizeram ter um treco.

— Bom dia. — A voz rouca me fez ficar tensa e me encolher contra ao grosso cobertor que nos cobria. — Ainda são seis da manhã, a fadinha está dormindo...

Ele parecia embriagado de sono e eu como uma puta ressaca. Fechei meus olhos.

Vinho. Verdade ou desafio. Roupas rasgadas. Chão.

Mexi minhas pernas tentando levantar-se, mas fiz uma careta ao sentir a ardência. Parecia que eu tinha sido rasgada ao meio.

— Preciso levantar. — Disse baixo sem muita emoção na voz. Não, eu não podia ter feito isso.

A lareira a gás ainda crepitava, o dia lá fora estava tão escuro que parecia que ainda era noite.

— Não, você não precisa. — Ele enfiou o rosto em meu pescoço beijando.

— Por favor Gael...

— Que diabos, mulher. — Quando ele saiu de debaixo da coberta meu olhos se arregalaram.

— Seu gesso.

Sua mão engessada estava roxa e inchada, e o gesso totalmente trincado.

— Esforço demais. — Piscou deitando de barriga pra cima e colocando o braço bom atrás da cabeça.

— Deixa eu ver. — Ele esticou o braço e o gesso estava praticamente aberto expondo o braço ainda roxo.

Certo, meu peitos praticamente foram parar na cara dele. Me afastei.

— Você precisa de um médico.

— Com essa neve toda? A luz auxiliar foi ligada, porém as linhas de telefone não funcionam. — Ele continuou na mesma posição.

— Você pode passar meu pijama? — Pedi constrangida.

— Esse? — Levantou minha calcinha.

Várias coisas entraram na minha cabeça, me fazendo lembrar da noite passada.

Puxei a coberta contra o meu corpo, descida me levantei.

— Agir assim não vai mudar o fato que você gozou ontem e gostou.

— Idiota.

Bati com tanta força a porta que até as paredes pareceram se mexer.

Meu corpo todo doía, e minha cabeça parecia pesar trinta quilos. Empurrei a porta com tanta força que a que Holly se mexeu na cama do meu chefe, olhei para o roupão no armário e essa seria minha melhor opção até poder voltar pra casa dos empregados.

Eu não conseguia lembrar de nenhuma maldita pergunta que fez eu ter dado pro meu chefe. Inferno.

Será que ele me desafiou a fazer sexo com ele, ou pior será que EU o desafiei.

Santa mãe de Deus.

A água do chuveiro saiu tão quente que em poucos minutos a água criou vapor nublado o chuveiro.

— Deixe de ser idiota. — Lavei meu cabelo com força, eu cheirava a loção máscula de madeira e sexo. Tomei um banho esfregando a esponja por todo meu corpo que estava roxo, em todos os lugares possíveis. Não, teria eu forçado ele?

O meu Deus! Eu abusei do meu chefe?

— Não Annie, isso chamasse sexo consentido.

Quase escorreguei ao ver meu chefe nu na porta do enorme box. Santa merda fodida.

Ele terminou de tirar o gesso, como eu não sei, seu braço estava literalmente fodido. Assim como a dondoca aqui.

— Eu não me lembro. — Confessei ao dar com as costas na parede.

— Você é maluca, bebeu uma garrafa de vinho que custa 35 mil dólares e me deu Annie, simples assim.

— Se afaste.

— Por que?

— Porque eu não faria sei lá diabos o que eu fiz ontem sóbria. — Ele gargalhou.

— Não?

Ele me prendeu entre ele e a parede, ficando fodidamente mais alto que eu e totalmente inabalável de tão sexy.

Os olhos dele perderam o verde azulado ficando negros. Engoli em seco ao sentir ele encostar em mim.

Fiquei totalmente molhada e antes que eu pudesse esfregar uma perna na outra ele enfiou um dos joelhos entre minhas pernas.

— Nós podemos terminar isso, ou você sai desse chuveiro sem dar um pio...

CAPÍTULO 24

“CATATAU”

ANNIE

Puxei os fios molhados do cabelo dele, minha nuca se arrepiou toda ao sentir os lábios dele contra meu pescoço.

Senhor, se for para eu parar me dê um sinal, gemi ao senti os dedos dele apertarem o interior das minhas coxas.

Arrependimento só mata porque já tirei proveito desse puta homem, mesmo não lembrando.

— Ah... Nós não podemos. — Disse pra para ele do que pra mim já

que minha vontade era de me esfregar nesse homem até ficar solada e assada de tanto tirar o atraso.

— Um motivo, mulher maluca.

— Holly... Owh. — Gemi.

— Se você gemer baixo não teremos problemas.

— Como se eu conseguisse seu retardado. — Ele riu contra meu seio mordendo.

— Fico lisonjeado porém...

— *Mamã? quero fazer xixi.*

— Por que diabos você quer fazer xixi agora Gabriel? — Puxei seu cabelo e ele riu.

— Holly.

— Droga. — Empurrei ele fazendo ele se afastar rindo, desliguei o chuveiro quase escorregando. — E agora? Pensa, apaga o fogo no rabo e pensa.

— Vai. — Senti o tapa em minha bunda.

— Inferno.

Sai do box correndo quase escorregando ouvindo a risada do morfético. Peguei o roupão e passei por meu corpo abrindo a porta com cuidado.

Holly estava enrolada no cobertor coçando os olhos com força.

— Xixi.

Peguei ela no colo e o banheiro estava vazio. Que? Não, não é possível. Ele estava lá comigo. Tenho certeza.

Entrei no banheiro pé por pé. O banheiro estava vazio. Meus olhos foram para o espelho cheio de vapor.

Continuamos mais tarde, vista meu pijama.

Mais tarde o cacete, como esse infeliz saiu do banheiro se só tem uma porta?

Holly fez xixi e nós duas saímos do banheiro ela praticamente desmaiou novamente, o frio sempre a deixa sonolenta. E ainda era muito cedo.

Depois de colocar Holly debaixo das cobertas e me certificar que ela estava bem, olhei pra poltrona e havia um pijama enorme de flanela

vermelha, vesti, cabiam duas de mim calmamente naquele negócio.

Sai do quarto me certificado, ele havia apagado a lareira e ligado o aquecedor.

Desci as escadas sentindo o cheiro de café. Entrei na cozinha vendo meu chefe vestido com um pijama parecido com que eu usava, só que preto.

— Café? — Ele oferece uma xícara.

A esfera de tesão tinha ido embora, deixando um clima estranhamente confortável e calmo.

— Sinto muito. — Ele trouxe o assunto de volta.

Me sentei na bancada e olhei pra ele soprando o café.

— Eles foram até a escola e tentaram inflamar a professora a seu respeito. — Dei de ombros.

— Nada que aquela cadela do inferno já não tenho feito. — Dei de ombros.

— Por que ela te odeia?

— Não sei. — Dei de ombros sem dar muita importância embora eu soubesse o motivo. — O que é aquilo? — Apontei pro pontinho preto que se mexia no meio da neve. Me levantei me aproximando dele. — Ali.

Apontei para o pontinho preto que se mexeu novamente. Ele se aproximou da janela deixando a xícara em cima do balcão.

— É um filhote de cachorro. — Ele forçou a janela fazendo ela ranger e neve cair para dentro da cozinha, o vento extremamente frio dançou na cozinha fazendo com nosso dois nos encolher — Vou pegá-lo.

— É impossível sair para fora. — Apontei para a enorme porta de madeira bloqueada pela neve. — Ainda a homens na guarita do portão?

— Dois.

— Eles podem descer e pegá-lo. — Ele saiu da cozinha enquanto eu tentava chamar o bichinho. Vi quando ele ergueu a cabecinha trêmulo, já estava sem forças e quase totalmente coberto de neve.

Gael voltou com Holly no colo que ainda dormia e com uma espécie de rádio na mão, vi quando um segurança todo de preto apareceu no campo de visão, ele estava usando uma touca que cobria seu rosto e sua arma pendurada nas costas, suas botas pesadas afundavam na neve. Ele vestia uma

roupa tão grossa que quando pegou o cachorrinho no colo o bichinho sumiu. Ele tentava não afundar na neve, porém a cada passo que ele dava a neve vinha até suas coxas.

— *Chefe? Ele está praticamente congelado...* — Saiu uma voz falha e grossa no rádio.

— Traga ele até a janela, rápido. — Sim que ele chegou na janela ele entregou o pequeno filhote que tremia porém que lambeu minha mão.

O segurança olhou para meu chefe e fez o mesmo caminho de volta para a guarita.

— Cachorrinho. — Holly disse baixinho, Gael fechou a janela assim que colocou Holly sentada na bancada enrolada no cobertor.

— Vamos esquentar o leite. — Gael abri a geladeira tirando a garrafa de leite, colocou em um prato e pôs no micro-ondas.

— Precisamos aquecer o bichinho. — Holly tocou o cachorrinho que tremia quase desfalecido. Gael a pegou no colo apoiando-a no braço bom enquanto eu pegava o leite no micro-ondas.

— A lareira da sala.

Fomos em direção à sala e Gael acendeu a lareira a gás. Nos sentamos no tapete e o bichinho tremia, Holly tocou o nariz dele.

— Está gelado mamãe.

— Ele está congelado filha.

Comecei a esfregar a barriga e a as costas dele enquanto Holly se sentou nas pernas de Gael e ela passou o cobertor por suas costas se embolando com ela.

— Podemos ficar com ele mamãe...

Holly me olhou com os olhinhos brilhando.

— Por favor Annie. — Gael fez o mesmo truque. Me olhou com olhos brilhando que vê pensa que esse limão azedo tá até doce.

— Não sei. — Afoito o filhote ainda sem forças lambeu o pratinho com leite. — Não me olhem assim.

— Por favor mamãe.

— Que tal Catatau...

— Cata... O que?

— Catatau, ele parece aquele ursinho. — Revirei os olhos.

— Onde vamos enfiar um cachorro?

— Por que você está nos boicotando? — Ele estreitou os olhos me olhando com cara de dor e sofrimento.

— Alguém tem que fazer o papel de adulta aqui. — Falei o óbvio, o encardido me olhou com cara de deboche.

— Isso cresce tá legal e ultimamente você não cuida nem de você mesmo. — Taquei na cara dele, ainda não tendo engolindo a imprudência dele com o acidente. Não, eu não superei o fato dele estar sem capacete.

— Pra isso temos você, *bonequinha*.

— Por favor mamãe.

— Vocês são terríveis. — Holly pegou o cachorrinho.

Eles me olharam sorrindo e meu coração quase pulou pra fora do peito, santa mãe. Perdida, eu estava cada dia mais apaixonada por esse homem.

— Catatau. — Ela beijou a pontinha do nariz do cachorrinho e ele afoito lambeu seu rosto fazendo ela dar um gritinho.

Parecíamos em um comercial de natal, a família feliz. Senti o fel amargo em minha boca, eu não podia me iludir, mas parecia tão real.

Sorri olhando fixamente para Holly que rolou com o cachorrinho pelo tapete.

Gabriel me olhava sério, e um brilho estranho passou por seu olhar.



G A E L

— Parem de me olhar assim. — Eu disse enquanto Holly e Catatau me olhavam, o vira-lata mal tinha saído da neve e já estava saltitando pela casa atrás de mim e Holly. — Se sua mãe desconfia ela me arranca o couro.

Tentei me manter sério, Annie tinha acordado arredia e simplesmente tentou me ignorar porém não hoje. Não mais.

Nossa foda tinha me feito ver o quanto essa mulher é maluca. A maluca que vai esquentar meus lençóis.

— O que vocês estão fofocando? — Annie voltou para a cozinha, ela colocou algumas coisas para nosso café na mesa. Mantive meu braço imobilizado com uma tala por de baixo da roupa. Eu podia sentir o osso doer, pelo esforço, ele estava roxo beirando a preto.

Tentei evitar a careta ao sentir a fisgada. Terminar de abrir o gesso não foi difícil, o difícil é suportar a dor perto delas.

— Nada.

Holly me olhou esfregando uma mãozinha na outra igualzinho a mãe faz quando vai aprontar alguma coisa.

— Podemos brincar na neve? — Olhei para a coisinha fofa e extremamente perigosa na minha frente, ela olhou pra mãe com os olhinhos brilhantes parecendo duas pequenas piscinas cristalinas.

Perigo eminente, ela era a cópia fiel da mãe e isso me perturba.

— Eu não prometi nada, apenas disse que se você deixasse poderíamos tentar abrir a porta e sair quando parasse de nevar. — Me defendi de imediato, Annie revirou os olhos.

— Se você se comportar sim. Que tal você pegar suas coisas de médica e vir aqui consultar o Gael. — Holly colocou o copo de leite vazio na mesa

e pulou no para o chão se embolando no cobertor. Catatau seguiu Holly em disparada.

— Por que diabos você deu a ela um kit falso de primeiros socorros?

— Não é um kit falso, é em miniatura.

— Que tal você ser minha enfermeira? — Segurei seu queixo com a ponta dos dedos vendo o rosto dela ganhar uma tonalidade vermelha. — Sempre quis uma enfermeira particular.

Ela estreitou os olhos. E eu juntei meus lábios nos dela.

Ah os lábios mais macios e doces que já existiram. Ela levou a mão em meu cabelo e desfez o coque que eu havia feito. Solto um som de satisfação fazendo meu pau pulsar.

Prendi ela entre o balcão e eu, meu braço bom foi para sua cintura a puxando para mim. Fazendo-a ficar nas pontas dos pés.

— ECA. — Annie me empurrou e Holly havia pegado Catatau no colo e tapado os olhos dele e fechado os dela com força. Gargalhei alto ao perceber que ela vestia um Mine jaleco branco por cima de toda a roupa quente e tinha uma coisa na cabeça. — Papai disse que meninas não podem beijar meninos porque pegam bichinhos na boca. ECA. Não pode Mamãe.

Anne me olhou perplexa, dei de ombros.

— Papai pode beijar a mamãe. — Expliquei vendo Holly abrir os olhos e sorrir grande. Annie estava mais branca ainda, ela me olhava com ódio no olhar, quando abriu a boca, fechou a ouvir Holly.

— Vou ganhar um irmãozinho?

CAPÍTULO 25

“O PASSADO ESTÁ NO PASADO?”

ANNIE

— Você vai ter bebê mamãe? — Os olhinhos da menina brilhavam reluzentes. Engoli em seco. Fui ao inferno e voltei.

— Que tal você e o pulguinto irem ver “Procurando Dori” enquanto você cuida do Gael? — Mudei de assunto ao perceber o quão estranho meu chefe ficou. Talvez o assunto filhos biológicos fosse demais para capacidade mental dele.

Seu rosto mudou totalmente e o brilho de minutos deu lugar a um olhar duro e sem expressão. Porém suas expressões mudaram ao ver Holly tentando puxar sua mão.

Meu chefe saiu da cozinha sem me olhar.

Droga, se a vida queria me bater ela está conseguindo, fodida. Fechei os olhos e me apoiei no balcão.

— O que foi pulguinto? — Peguei o filhote nos braços e toquei seu nariz geladinho. — Não foi uma boa ideia me apaixonar por esse homem Catatau e muito menos dar pra ele.

Embora eu não lembre o que me levou a cometer o ato em si, eu lembro de cada detalhe desse maldito homem transante e Deus é pai, parei porque eu podia sentir ele em minha pele.

Porém, eu ainda sou a empregada e pela cara dele, ele não quer um filho com a empregada, de onde diabos eu tirei a ideia que esse homem pode ter um coração? Só por que ele me deu uns sorrisos e me fodeu?

Me sentindo pior que uma prostituta fui caçar o que limpar, com o pulguinto saltitando atrás de mim.

Não ia dar merda, já deu. Porém, todavia, entretanto... Jamais me vou me abater.



Na merda, porém fazendo esterco.

G A E L

Annie ganhou várias tonalidades de vermelho até ter uma crise de tosse.

— Você vai ter bebê mamãe? — Os olhinhos da fadinha brilhavam reluzentes. Engoli em seco.

A maldita lembrança do meu filho me assombrou. Foram tantos anos imaginado aqui comigo, porém, hoje são pesadelos.

E se ele fosse vivo? Eu jamais conheceria Annie e Holly. Afastei o pensamento assombroso quando Holly me puxou ou tentou me puxar pela mão.

— Papai?

— Ah-n? — Saiu um som esganiçado do minha boca, enquanto ela colocava um palitinho doce em minha língua. Ela acendeu uma lanterna e colocou nos meu olhos, quase fiquei cego.

— Se o senhor não namora a mamãe, ela pode namorar? — Ela me olhou confusa.

— Nã...o... — Tentei dizer enquanto ela colocava o palito novamente em minha boca. E olhava meu ouvido com um mini treco que médicos usam pra checar os doentes.

— Não? — Ela tirou vários curativos rosa com glitter e começou a colocar em cima dos meu roxos em meu braço fodido. — Por quê?

— Porque não, aí. — Fingi dor e ela fez uma carinha de séria.

— Isso vai curar o papai.

Ela abriu uma caixinha de TIC TAC dos Minions e pegou dois.

— Assim oh... — Colocou debaixo da língua os tic tac's e colocou os

docinhos com gosto de banana na minha boca e fez um barulhinho de satisfação.

— Vou ficar curado doutora?

— Beijo. — Ela imitou a mãe e deu um beijinho doce na ponta do meu nariz. Abracei seu corpinho pequeno, ela sorriu e encostou a cabeça no meu peito. — Holly ama o papai “*Gaeu*” grandão.



— O papai ama a Holly grandão também. — Abracei ela.

•

ANNIE

Entrei pé por pé na sala desligando a TV os dois estavam abraçados no sofá, meu coração perdeu a batida. Holly prendia os dedinhos na barda dele quanto ele mantinha ela de lado em seu peitoral como um bebê.

Ainda eram dez da manhã e a neve abaixou consideravelmente, o suficiente para que eu conseguisse puxar a porta e neve entrar pela cozinha, decidi chamar Holly para ver a neve.

Porém vê-los ali, Gael cheio de curativos e vários palitos pelo chão decidi que era melhor deixá-los.

Depois de limpar a neve do chão, consegui chegar à casa dos empregados, com metade do meu joelho preso na neve.

— Droga.

Empurrei a porta.

— INFERNO.

Meu corpo todo foi pra frente escorrendo porta dentro.

— Você está bem? — De onde esse homem saiu? — Ouvi seu grito. Achei que fosse um invasor.

— E precisa enfiar essa metralhadora na minha cara inferno? — Me levantei tirando a neve da bunda e colocando minha toca de volta.

Ele riu e estendeu a mão.

— Taylor Carson.

— E provavelmente você já sabe meu nome.

— Annie Aiken Lavelly, vinte oito anos. — Ele tirou a touca que cobria seu rosto e deu uma piscadinha.

— Não quer meu tipo sanguíneo também Carson? — Ele era moreno e incrivelmente grande, não tão grande quanto Gael mas seus olhos tinham uma cor de mel. O próprio Deus de ébano.

— B+ ? — Revirei os olhos. — Já volto senhorita — Pulou pra fora afundado na neve. Meus dentes bateram de frio.

— Obrigada. — Quando ele voltou me ajudou empurrando a neve pra fora com uma enorme pá e sorriu, duas covinhas apareceram no seu rosto.

— A sua disposição... — Quando ele colocou a touca, me ocorreu um pensamento.

— Que tal chocolate quente? — Ofereci.

— Preciso dispensar, meu posto precisa de mim. Mas se precisar de novo é só gritar.

— Certo. — Ele saiu pelo mesmo caminho que veio enquanto eu fechava a porta.

Fui direto para o quarto tomar um banho quente de verdade e depois de quase meia hora sai do chuveiro enrolada em uma toalha com a pele quase descolando de tão quente, porém não o suficiente. Bati os dentes. A casa não tinha aquecedor igual o castelo que parecia um pequeno forquinho de tão quente.

— Você demorou.

— Aí. — Tropecei ao ver meu chefe usando uma roupa de inverno e com botas de neve em cima da cama.

Claro, é o morfético que lava.

— Te assustei? — Neguei sem olhar pra ele.

— Pode me dar licença senh... Gael? — Pedi apertando a toalha com força.

— O que? Quer que eu saia? — Ele fechou os olhos. — Não tem nada aí que eu já não tenha visto, chupado ou enfiado meu...

— Tá, já entendi. — Senti o amargo na minha boca. Ele se manteve deitado de olhos fechados. Abri a gaveta e puxei um calcinha passando pelas minhas pernas.

Ouvi um gemido e quando eu me virei ele estava em pé me olhando com os olhos negros. O braço dele estava imóvel em uma tipoia azul por cima do grosso casaco.

— As coisas poderiam ser mais fáceis. — Ele disse, coloquei meu cabelo atrás da orelha e olhei nos olhos dele. Tinha algo.

Me puxou contra ele, meus lábios se aqueceram ao tocarem os seus. A barba grande se esfregou na minha pele me fazendo arrepiar.

A língua dele pediu passagem, porém me dei conta de como eu estava e que Holly estava a poucos metros de nós dois.

Me afastei dele, quando eu abri os olhos ele me olhando com um pequeno sorrisinho cretino.

— *Você quer brincar na neve?* — Ele cantarolou baixinho com ironia a maldita música do filme infantil Frozen.

Olhei pra ele, e balancei a cabeça, indicando a porta.

— *Vai embora, Ana.* — Ele me deu um selinho e saiu do quarto. Olhei pra porta. — *Você podia me ouvir e a porta abrir. Eu quero só te ver.*

A maldita música quase me obrigou a ir lá e abrir o coração desse morfético na paulada e fazer ele me amar.

Senti como se estivesse engolindo concreto. Senti meus olhos arderem, e pela primeira vez eu fiquei com um puta medo de amar esse homem mais que a mim mesma.

E o pior jamais ser correspondida, minha avó dizia que quando nós amamos alguém mais que a nós mesmo o dito cujo deve fazer o mesmo e me amar.

Apertei meus olhos, que essas lágrimas sirvam de colírio e hidratem esse olhar porque esse rosto elas não vão manchar.

Lá no fundo desse poço que é minha vida ainda tem um resto de dignidade e mesmo que seja lá no fundo eu vou me agarrar nela.

— Você morreu aí dentro, mulher? Quem diabos fica bonita com roupa de inverno? — Revirei os olhos indo em direção a sala.

— Mamãe? Olha o papai colocou casaco na Holly. — Ela girou fazendo as cordinhas da touca girarem.

— Como você achou?

— Ela me mostrou o armário dela uma vez e eu lembrei onde fica a roupa de frio. — Me abaixei puxando o cachecol no rostinho dela, tapando o nariz e boca, enfiei as luvas nos dedinhos gordinhos.

— Vamos? — Tapei meu rosto,

Sáímos pra fora com certa dificuldade, porém Gael colocou Holly em seus ombros a fazendo rir alto.

— AVANTE CAVALINHO. — Ela gritou gargalhando. Ele a colou no chão de onde deveria ficar o gramado eles começaram a correr Holly afundava na neve gritando alto.

— Vem mamãe. — Ela me chamou e eu ri tentando afastar a neve do banco.

Gael e Holly se jogaram no chão e começaram a abrir e fechar as pernas.

— O anjo do pai só tem um braço mamãe. — A voz dela saiu abafada e risonha.

Não sei por quanto tempo eles ficaram ali. Mas quando Holly viu o enorme carro passar pela entrada ela gritou o nome de Seel e Ed.

— Seel... — A abracei apertado. — Está tudo bem?

— Sim querida, os meninos foram ao nosso resgate. — Vi Carson dar uma piscadinha em minha direção enquanto ajuda Seel com as sacolas de compras e Ed conversava com Gael .

Ele deu a Gael um envelope, abriu e tirou um papel que me olhou estreitando os olhos, amassando o papel no processo.

— Você está cheia de neve. — Seel mesmo com toda a roupa de frio pegou Holly no colo. Holly começou a contar a ela sobre o pulguinto. — Catatau?

— Papai colocou. — Elas começaram uma conversa sobre o cachorro enquanto eu pegava as sacolas de compras.

— O que acha se todos nós entramos, e a Seel ensinar a mamãe fazer chocolate quente com marshmallow? Vamos sair desse frio. — Sondei

dentro das sacolas vendo os ingredientes.

— EBA.

— Está tudo bem? — Perguntei para Gael enquanto ele apertava o papel com força. — Vamos Gael? — Convidei cautelosa.

— Agora não Lavelly. A estrada já foi aberta por uma máquina. Preciso ir dar um jeito nessa merda. — Ele olhou para o braço imobilizado.

— Quer que eu vá com...?

— Eu pedi sua companhia? — Da água pro vinho ele me olhou com o mesmo olhar da primeira vez que nos vimos. Ele foi em direção ao carro me deixando ali.

Por que diabos que ainda me importo com esse desgraçado? Por que você o ama?

Ele bateu a porta com tanta força que meu coração deu um pulso.

— Vou levá-lo para ver o braço, tenha paciência filha. — Sem entender nada fiquei plantada vendo eles se distanciarem.

Abaixei pegando o papel no chão.

" Viver minha vida, não te fará o pai da Holly e foder Annie não fará ela me esquecer apenas pensar em mim enquanto a fode..."

Senti o castelo de neve dos últimos dias derreterem em frente aos meus olhos.

Amassei o papel e o coloquei no bolso do casaco. Caminhei para dentro do calabouço do meu chefe.

Eu fico em dois fodidos parâmetros, abandonada pelo ex maldito desgraçado que me roubou que ainda quer terminar de foder com a minha vida e fodida pelo chefe que a considera apenas uma empregada e provavelmente agora deve estar achando que eu fiz sexo com ele pensando em outro.

Se for piorar, que a vida me avise. Porque se dessa vez eu for jogada da beira do precipício, eu vou estar usando paraquedas mesmo que o maldito não funcione.

CAPÍTULO 26

AMÉM

ANNIE

— Quer me contar algo querida? — Encostada na pia mexi o marshmallow no meu chocolate. Olhei pra Seel enquanto ela terminava de colocar as coisas na dispensa.

— Nós passamos a noite juntos, e agora ele acha que eu sou uma vadia que ficou com ele querendo outro. — Mordi a língua pra conter o palavrão que quis sair.

— E isso seria a verdade? — Ela me olhou com os olhos brilhantes.

— A verdade que ele quer acreditar. — Revirei os olhos.

— Querida...

— Como eu fui acabar assim Seel?

— Apaixonada? Oh querida... Seu coração o escolheu.

Fiquei em silêncio, olhando pro chocolate quente que estava na caneca.

— Ele nem se quer tem coração pra me escolher Seel. — Suspirei triste.

— Oh querida, ele é um bom menino...

— Mas ele não consegue se desprender do passado e acha que eu sou como a vadia da ex noiva.



De repente o chocolate quente não pareceu mais tão atrativo quanto antes.

G A E L

Olhei pro novo gesso em meu braço.

— Se você quiser ter o braço novamente não saia por aí fodendo essa tala. — Eu gosto de foder outra coisa.

O maldito papel piscou em minha mente.

Então pra ela era isso? *Não*.

Annie não é assim, mas e se ela realmente sentir algo pela ratazana? Ela estava bêbada demais...

Não, não, não.

Balancei a cabeça afastando o maldito pensamento, ela não seria capaz de ficar com ele depois de tudo que ele fez.

— É só isso? — Ele me olhou tirando os olhos da receita.

— Só isso? Olha tome esse antibiótico de 12 em 12 horas e volte daqui quinze dias e não tire o gesso novamente.

Sai do consultório, encostei minha testa no frio da parede do elevador.

— Está tudo bem filho? — Ed perguntou ao me ver sair do elevador, ele se levantou e veio em minha direção.

— Pode ir pra casa, vou ficar. — Ele me olhou sem entender.

— Ficar? Onde? Nesse frio? — Empurrei a porta e o ar frio bateu direto em mim. — Vamos pra casa menino. — Ele me olhou de forma sabia enquanto eu passava o sintoma de segurança.

— Fala logo, velho. — Ele soltou um riso pelo nariz.

— Você é um cabeça dura. Se Annie resolver ir embora...

Cortei ele me apressando em dizer.

— E ela ia morar onde? — Debochei.

— Ela já passou por coisas piores do que esse seu humor do cão filho. Se ela resolver ir embora você vai ser o mínimo dos empecilhos.

Trinquei meus dentes, com uma puta vontade de socar esse velho intrometido.

— E você quer que eu faça o que Ed? — Respondi sem saber a resposta.

— Isso é você que precisa descobrir, filho. — Ele piscou eu olhei para fora. Em direção à janela. — Ela é uma moça incrível e ambos merecem ser felizes.

O velho era sabido demais pro meu gosto.



ANNIE

Coloquei o jantar na mesa do meu querido chefe, querendo colocar uma boa dose de laxante no suco dele, não achei justo Seel fazer o feno desse cavalo depois de tudo que eles passaram no mercado.

Fui em direção a enorme sala, meu anjinho estava enrolada num cobertor felpudo. E o cachorro está deitado no perto do sofá.

— Mamãe? — peguei Holly do sofá e ela me abraçou e continuou em seu sono.

Fui em direção a casa dos empregados, a neve agora apenas cobria o chão, ainda era difícil de pisar, mas o frio ainda era de bater os dentes.

Quando eu abri a porta vi Ed e Seel juntinhos no sofá dormindo. Eles estavam cansados demais.

Seel me disse que eles ficaram presos no mercado e quando conseguiram sair foram para a pensão, sim enquanto eu fodia descaradamente eles sofriam no mercado.

Desliguei a TV e fui em direção ao meu quarto, colocando Holly na cama. Liguei o aquecedor portátil que Ed retirou do sótão. Fui em direção ao banheiro e liguei o chuveiro deixando a água bem quentinha, tirei meu casacão e as botas de inverno.

Holly tremeu quando eu tirei sua roupinha, e rapidamente eu dei banho nela, o típico banho de gato, passei a toalha por seu corpinho e coloquei o grosso pijama de flanela.

Coloquei-a na cama enrolando na coberta, ela realmente estava desmaiada, quando eu dei a mamadeira com o leite quentinho ela abriu apenas um pouquinho do olho e resmungou, ela começou a fazer o típico barulhinho de mamada.

Depois dela terminar o leite, ajeitei as cobertas e o aumentei o aquecedor, saindo do quarto eu encostei a porta. Seel e Ed estavam indo pro quarto.

— Boa noite, querida.

— Boa noite, filha.

— Boa noite. — Pisquei.

Fui pra cozinha, liguei o micro-ondas esquentando o prato de sopa que Seel havia deixado pra mim.

— Uhn. — Gemi ao sentir o gostinho quente do caldinho de frango.

— Entrar na casa das pessoas sem pedir permissão é feio.

— Senti o cheiro da sopa.

— E como diabos você entrou Carson?

— Pela janela é que não foi, tenho más notícias. — Olhei pra ele esperando que ele falasse logo. — O chefe está bêbado.

Estreitei meus olhos.

— Olhe no fundo desses olhos cristalinos, bem no fundo querido, por acaso tenho cara de chocadeira de bebum? Se seu chefe entrou na mangueira¹ o problema é dele. — Debochei

— Ele está pelado chamando seu nome.

— Pelado como? — Me arrependi no momento em que perguntei.



— Sem roupas no momento dentro do castelo, porque a dez minutos atrás ele está indo pro labirinto e eu os caras o arrastamos pra dentro e o trancamos dentro do castelo.

G A E L

— *DOENTE DE AMOR, PROCUREI REMÉDIO NA VIDA NOTURNA...*

A água fria caiu no meu corpo, tremi. Virei à garrafa.

— Levanta. — Olhei pra cima com a visão turva pelo vapor do banheiro.

— *Bone... Quinha?* — Uma bela miragem. — Aí, oh mulher. — Maldita desligou a água.

— Você tem o que? Bosta na cabeça? Seu gesso está quase rodando ralo abaixo e você aí vegetando.

— O que está rodando? — Tentei tirar o cabelo do meu rosto.

— Por que você está fazendo isso? — Ela ficou da minha altura. — Isso é decadente. Levanta-se.

— Você precisa sair da minha cabeça. Não consigo.

— Idiota.



ANNIE

Eu queria muito enfiar a cabeça dele na privada, ele continuou cantarolando enquanto eu o arrastava pra fora do banheiro, empurrei ele na cama, enquanto eu peguei uma toalha para secar o gesso dele.

— Vê algo que... Bhur... Bhur... Bhur... — Revirei os olhos ao ver ele tentar levantar da cama e vomitar no chão. — Inferno.

Tentei ignorar o fato de que ele havia acabado de vomitar em um tapete ao qual euzinha na minha plenitude teria que limpar.

Talvez se eu limpasse o tapete com a cara dele, ele nem se lembrará.

— Onde você vai? — Revirei os olhos ao abrir a porta.

— Pra minha cama com a minha filha, está um frio de congelar, sorte sua que eu não desliguei o aquecedor, *babaca*. — Resmunguei depois de sair do quarto.

Xinguei o infeliz, afinal ele não lembrará no dia seguinte, queria chutar o balde, melhor tacar na cabeça dele. Porém eu teria que catar a sujeira depois.

— Mamã?

— Shiii... — Nos cobri e ela se agarrou enfiando as mãozinhas geladas no meu seio.

Beije seu cabelinho.



Se havia alguma possibilidade do meu querido chefe gostar de mim, a melhor forma dele demonstrar é vomitando no chão que eu vou ter que limpar. Magnífico.

Na manhã seguinte eu me levantei, olhando para a janela, o alerta havia acabado e com ele as estradas podiam ser transitadas com segurança mesmo com a neve ainda caindo e forrando o chão.

— Vamos querida. — Beije Holly e ela abriu os olhinhos azuis e os coçou. — Você precisa ir pra escolinha hoje...

De imediato os olhinhos dela brilharam e ela pulou se embolando nas cobertas.

— Vamos usar a touca de bichinhos que tal...

Depois de um banho quentinho e roupas de inverno e um casaco rosa de bichinhos.

— Bom dia querida.

— Bom dia minha fada. — Respondi Seel ao entrar na cozinha com Holly ao meu enlaço.

— Mamã? Posso ir ver papai e Catatau? — Ela perguntou toda embolada mordendo um sonho de creme ficando com um bigodinho de açúcar. — Pode?

Olhei pra fora e Ed estava vestindo um enorme casaco e touca, tirando a neve do caminho de pedras que levava até a porta do castelo.

— Só não corra. — Puxei a touca de bichinhos na sua cabecinha colocando a touca do casaco por cima.

Coloquei um pouco de café a xicara.

— Não me diga que você deu banho nele? — Seel tentou segurar o riso colocando um pão de queijo na boca.

Eu havia contado minha infeliz aventura noturna para ela.

— Só impedi que ele rodasse pelo ralo e de poluir ainda mais o meio

ambiente. — Resmunguei.

— Oh querida... Você o ama meu bem. — Fechei meus olhos com força contando mentalmente até dez para que um palavrão não saísse.

— Acabei apaixonada por um bêbado com problemas psicológicos e que dê quebra está me deixando louca. — Não que eu seja uma mulher desprovida de problemas mentais. — E que não dá a mínima importância a esse fato.

Dei de ombros e fui em direção à masmorra, o vômito do meu querido e amado chefe me esperava.

— Que tal você falar baixinho fadinha? Papai está dodói.

— Dodói? Vou chamar a mamãe.

— Não. — Ele se apressou em dizer. — Estou melhor já fadinha.

Bati na porta da sala de televisão e pedi licença baixinho.

— Vamos querida? — Nem me dei ao trabalho de olhar para meu chefe.

— Bom dia pra você também Lavelly, estou muito melhor. Obrigado por perguntar.

— Mas a mamãe não perguntou nada papai.

Que essa menina saiu do meu útero ela saiu, soltei um risonho ao vê-lo revirar os olhos.

Ele estava agindo como se eu tivesse virado a garrafa de whisky na goela² abaixo desse retardado alcoólico.

— Bom dia senhor Gabriel. — Frisei o senhor. — Vai buscar a mochila Holly.

— Não me foda a essa hora da manhã me chamando de senhor. — Ele soltou assim que Holly passou pela porta com o cachorro atrás dela.

Me limitei a usar psicologia reversa.

Ele queria se abrir comigo, me mantive em silêncio.

— Eu comi sua *buceta* não sua língua.

— Precisava? — Fiz cara de nojo.

— Querida, você quer que eu a chame de que? Prochaska, caverna do dragão, prexereca, florzinha, passarinha... Tenho uma lista enorme.

— Vai se foder.

Sai da sala indo atrás da Holly. Porém devo admitir que prochaska é sensacional nem eu pensaria num apelido tão bom para meu potinho de mel porém, ele jamais vai ouvir isso da minha boca.

— Vamos. — Dei a mão para Holly indo até a garagem, eu não discutiria com meu chefe sobre as ordens de que Holly fosse para escolinha de carro. — Olá, Ed meu muso.

— Bom dia querida.

Ele piscou ligando o carro.

— Vamos lá. — Coloquei Holly na cadeirinha e depois de prender fui até Ed.

— Vou deixá-la na sala somente com a professora querida, ordens do Gael. Não se preocupe.

Enquanto o carro passava pelo portão eu dei um aceno, respirei fundo. Entrei no meu castigo diário olhando meu cronograma de limpeza.

Sótão?

Onde diabos fica o sótão?

— Querida? — Seel riu a ver minha cara de puro desgosto. — Abra a porta no final do terceiro andar e suba as escadas até o final, tem uma chave ao lado a porta.

Antes de subir até o sótão ajudei Seel com a roupa de cama e limpei o quarto imundo do meu chefe. Porco procrastinador, infeliz.

— Escuta aqui saco de pulgas. — Peguei ele no colo. — Se você ficar andando atrás de mim nós teremos regras. Nada de babar ou tentar morder minha calça, você está proibido de roer minha vassoura ou furtar meu pano de chão me ouviu bem? Vamos.

Soquei-o dentro do carinho de limpeza e ele abanou o rabo soltando ganidinhos enquanto subíamos as escadas.

— O lugarzinho viu, carrapato. — Coloquei o pulguento debaixo do meu sovaco e abri a porta. — Preciso parar de mudar seu nome catorio, credo.

Está um breu dos infernos. Acendi a luz e comecei a puxar o carinho de limpeza com o vira-latinha no meu braço.

Santa Maria, mãe de Deus... Comecei a repetir a reza em minha cabeça.

Quando eu abri a porta no topo da escada e acendi a luz, meus olhos faltaram saltar da cara.

Havia inúmeros quadros, todos enfileirados.

— Quando você é abandonado não tem muito o que fazer ao longo dos anos.

O grito que eu dei foi fenomenal fazendo o próprio pulguentinho dar um latido. O homem que a pouco está sentado no sofá da sala estava sentado no baú perto da janela. Escondido no escuro. Os olhos dele brilhavam feito duas esmeraldas diabólicas.

— Não, não, não. Me nego. — Fechei os olhos. — É o inimigo me tentando com a imagem do pecado. Que o diabo que te trouxe te leve.

De olhos fechados fiz o sinal da cruz no ar.

— Amém. — A voz causou um arrepio que foi direto para o meio da minhas pernas.

CAPÍTULO 27

“O NAMOADO, O DESMAIO E UM ÚLTIMO PEDIDO!”

ANNIE

Abri os olhos lentamente e ele se virou pra janela abrindo as cortinas fazendo a poeira levantar-se.

— Já terminou sua oração contra a tentação? — Quando a luz entrou no sótão o lugar parecia ter parado no tempo.

O lugar era alto, tinha várias prateleiras com artefatos antigos e cheios de livros.

Havia uma parede cheia de quadros de cima a baixo. Vi Gael em várias delas.

Meus olhos se fixaram na única janela redonda, olhei pra trás por onde eu vim e vi que a única porta existente era a qual eu passei.

Esse diabo de homem só pode ser passado pelo buraco causado pelos ratos.

— Preciso jogar algumas coisas fora, acumulei muita tralha nos últimos anos. — Ele levantou um quadro todo negro cheio de rasuras em vermelho.

Coloquei o pulguintinho no chão e ele saiu pulando pela poeira entrando nos espaços entre as caixas.

— Nossa é... Uau. — Toquei a tela, não que eu seja uma grande entendedora de arte, mas a beleza das cores me deixaram pasma.

— Gostou? — Quando levantei os olhos havia um brilho diferente nos olhos dele. Me afastei desfazendo minha cara de pamonha deslumbrada.

— E é bom. — Ele riu. — Você podia ganhar uma grana vendendo esses quadros. — Ele me olhou como se eu fosse doida. — Qual é? Existem aquelas galerias que vendem, não tem? Então, sem eufemismo você sabe que você é bom.

Todo convencido ele puxou um pano revelando várias telas, minha boca se abriu, fui até um quadro. Me abaixando.

Era eu.

— Era isso que eu pinteí quando você chegou aqui. — Ele parou atrás de mim quando eu levantei me abraçou pela cintura. A tela era toda negra e lá estava eu de costas pelada olhando pra ele por cima dos cílios envolta em panos escuros. — Eu ia pintar outra coisa...

Revirei os olhos ciumenta, me afastei deixando toda aquela magia de lado, fui até meu carinho. Eu sabia o que esse cretino ia pintar aquela vagabunda ruiva.

— Quer cagar prego por um acaso seu indecente? — Peguei o potinho cheio de pregos da boca do pulgento.

— Você pode me ajudar com aquelas caixas? — Afirmei, e fui até uma pilha de caixas de papelão.

Havia cinco caixas, desempilhei as colocando no chão e abrindo.

Foi esquisito ver um homem com quase dois metros sentado em posição de índio.

— Cuidado saco de pulgas. — Peguei o bichinho que virou com a bunda pra cima ao tentar bisbilhotar a caixa.

Comecei a tirar pó da estante onde havia vários álbuns de fotos.

— Oh meu Deus que gracinha! É você? — Me virei com a foto que estava solta em um dos álbuns. O garotinho olhava para cima, os olhinhos azuis e o cabelinho loiro e a cara de príncipe que virou monstro de Frankstein.

Ri quando ele revirou os olhos.

— Guarda isso. — Ele tirou vários cadernos de desenhos das caixas. — Me ajuda a levar isso lá pra baixo?

Curiosa e parei ao lado dele com um paninho. Comecei a passar o paninho na capa dura dos cadernos.

— Esse lugar está uma poeira só, *atchim*.

— Saúde. Ninguém além de mim entra aqui há quatro anos. — Me virei pra ele.

— Podemos pegar câncer de pulmão com a poeira que está encalacrada nesse lugar ou ter nossos narizes derretidos, *atchim*.

— Não exagera.

— Meu pulmão... *atchim*... Vai descolar... *atchim*.

— Você tem alergia a poeira? — Ele esticou o corpo e deitou no chão.

— Levanta... *atchim*.

Acho que a privada do meu cupido entupiu e revoltado, ele jogou essa merda pra cima de mim.

— Deixa de ser fresca mulher é só uma poeirinha de nada.

Quando ele se sentou ficou a marca no chão, a sujeira grudou nele.

— *atchim, atchim, atchim, ATCHIM*. — Ele se aproximou de mim.

— Calma, respira devagar. Melhor?

Afirmei com a cabeça a centímetros da sua. Ele me olhou vidrado e soltou um sorriso.

— Olha, eu acho melhor mantermos distância. — Ele se afastou de mim me olhando magoado? Magoado com o que?

— Por motivos de? — Me levantei dando as costas pra ele e pegando o aspirador de pó. Ele abriu a boca, mas fechou, dando a entender a patada suja de merda que ele ia me dar.

— Por motivos de que eu sou alérgica a poeira e ao que parece você é imune, porém você já teve pneumonia e não pode ficar respirando essas coisas. — Menti, a distância que eu queria era outra, se ele tivesse outro ataque de consciência pesada eu não abandonaria o barco eu o afogo no mar!

Joguei a máscara pra ele e ele revirou os olhos, ao me ver colocar a minha.

— Coloca, por favor Gabriel. — Apontei a mangueira do aspirador em sua direção. Ele fez uma posição colocando a mão na cintura.

— Você me chamando assim... hum.

— Pare de colocar conotação sexual em tudo que eu falo, caramba!
— Ele colocou a máscara e eu liguei o aspirador.

— Tarde demais querida, não me olhe assim. Tenho culpa se você me faz querer foder você a todo instante? — Mesmo ele dizendo baixo eu pude ouvir, respirei fundo tentando conter o fogo no rabo.



Não sei por que diabos eu ainda espero algo desse cara.
Credo.

Depois de quase uma hora, eu olhei pro meu chefe que estava com um pano no ombro um coque no cabelo e o gesso coberto de fita cinza para não sujar de poeira.

— Uau. — Olhei em volta vendo o lugar brilhando. Coloquei o último livro na prateleira, limpinho.

— Nem lembrava o quão incrivelmente foda é esse lugar.

Havia alguns sacos de lixos que eu empilhei para descer e colocar para reciclagem já que a maioria eram papéis velhos que ele pediu que eu jogasse fora.

Nos sentamos no chão limpo e ele me olhou e tentou tocar o meu rosto.

— Fizemos um bom trabalho.

— Fizemos.

— Que tal se eu pagar o seu extra de hoje, que tal se eu fizer um jantar?

— E por acaso você sabe cozinhar? — Sorri e ele estreitou os olhos.

— Que tal Tagliatelle ao molho estilo Mitchell?

Foi minha vez de estreitar os olhos.



Afinal o que pode dar errado?

G A E L

— Que isso? — A fadinha com os pezinhos cheios de neve pulou feito pipoca ao ver a mãe colocar as caixas no chão.

— São desenhos do papai Gael, que tal você tirar essa roupa suja de neve e abrir as caixas comigo. — Ela começou a arrancar a roupa desesperada e o Catatau ajudou no processo puxando e rosnando.

— Que bonito. — Ela tirou o caderno e começou a folhear as páginas. — Seel disse que eu, ela e o Ed vamos comer pizza e você e a mamãe vão namorar.

— Eu e sua mãe não vamos namorar. — Neguei, mesmo não sendo uma má ideia. A fadinha podia dar com a língua nos dentes então era melhor eu ficar quieto.

— Vou ter um irmãozinho? — Ela me questionou esperançosa.

— O que?

— Você beijou a mamãe e beijar faz irmãozinho.

Me sentei no sofá.

— Quem no inferno te disse isso Holly? — Me amaldiçoei por falar palavrão. — Inferno.

— O Otávio.

— Quem diabos é Otávio?



— Meu namorado.

— Gabriel? Gabriel? Acorda. Gael. — Senti algo gelado na minha testa.

— O papai Gael morreu? — Ouvi um soluço.

— Não querida, ele apenas desmaiou.

— Será que ele está doente Seel? — Senti o toque aveludado no meu rosto e eu abri meus olhos, Annie estava sentada ao meu lado segurando um paninho em minha testa e Holly está em pé na mesinha de centro com os olhinhos cheios de lágrimas.

— Que merda é essa? — Seel colocou um paninho com álcool no meu nariz me fazendo sentar no sofá, mas voltar a antiga posição. Minha vista ficou turva.

— Gael, o que você está sentindo?

— Ódio. — Quase gritei.

— Ódio de que?

— Em que MUNDO SUA CABECINHA DE VENTO ESTÁ, QUE VOCÊ DEIXA NOSSA FILHA NAMORAR UM PESTINHA DE PROCEDÊNCIA DESCONHECIDA? — Berrei fazendo elas se assustem e depois Seel começou a rir.

— Você desmaiou porque a Holly faz amizade com um menino na escola?

— ELA ESTÁ NAMORANDO, ANNIE! — Incrédulo. O que essa maluca tem na cabeça? Holly foi faz dois dias a escola e já voltou namorando!

Ela se levantou.

— Pelo amor de Deus, homem. — Ela me deixou desfalecido no sofá, e rebolou a maravilhosa bunda dela em direção a cozinha.

— Papai? — Holly se jogou em cima de mim. — Eu não namoro mais o Otávio, só não morre de novo. — Ela me abraçou e eu sorri maléfico em direção a Seel.

— Boa menina.

Se ela continuar assim, longe do Otávio eu ainda vou viver muito.



ANNIE

— Seel, eu estou ridícula. — Me olhei no espelho e pela primeira vez depois de muitos anos meu corpo me incomodou um pouco.

— Deixa de ser descabida, menina! Você está linda. — Olhei para Holly dormindo na cama.

A história do namorado Otávio havia rendido gritos e esbravejo do monstrinho peludinho.

Foi extremamente difícil fazer com que ele tirasse a ideia de que ia mudar Holly de escola.

E claro chantagem emocional daquela imundície.

— Não se preocupe, vá e se divirta.

Vesti o enorme casaco de inverno e sai pela porta vendo Seel cobrir Holly e encostar a porta.

— Vá querida!

— Já estou indo. — Rendida sai pela porta frente tremendo de frio.

A noite estava estrelada mesmo gelada, parecia que o céu tinha sido pintado estrela por estrela.

Um pequeno brilho cortou o céu, uma estrela cadente.

Fechei meus olhos e fiz aos céus um pedido.

Quando eu entrei na cozinha meu coração disparou feito pipoca. Ele estava com o cabelo preso e uma camisa de mangas dobradas nos cotovelos, incrivelmente lindo.

— Oi. — Eu disse fazendo ele se virar e colocar um pano no ombro e sorrir.

— Achei que eu ia jantar sozinho. — Revirei os olhos diante da provocação dele.

Me sentei na bancada desconfortável com o silêncio depois de guardar

o casaco de pelos na cadeira da mesa, o cheiro agradável do queijo flutuou pela cozinha.

Ele havia soltado o braço da tipoia e mexia com maestria os ingredientes na panela.

— Não vai dizer nada? — Ele se virou me encarando na bancada. — Você nunca fica mais que dois minutos em silêncio.

— E como você sabe?

— Sou observador. — Tentei ignorar o fato de que ele está me olhando de forma sensual. — Belo vestido.

— Obrigada. — Pela primeira vez na vida eu me senti realmente com vergonha dele, abaixei meus olhos, de repente minhas unhas pintadas de vermelho me pareceram bastante atrativas.

— Vinho? — Com as taças na mão ele me ofereci uma, peguei e quando nossos dedos se tocaram eu senti uma corrente elétrica passar por nossos dedos.

— Que tal só uma taça hoje? — Brinquei tentando quebrar a atmosfera sensual que transcendeu nos dois.

— Quer ter lembranças da amanhã seguinte? — Ele voltou ao fogão quebrando nossos olhares.

Como se eu pudesse ter esquecido, fechei meus olhos e lembrei da estrela pedido a Deus que não fosse um meteoro mandado para minha extinção.

CAPÍTULO 28

“EGOÍSTA.”

ANNIE

Olhei para taça de vinho em minhas mãos, que no momento parecia bem mais interessante que o olhar azulado que me fitava de forma provocativa.

— Você sabe que eu não mordo senhorita Lavelly, a não ser que me peça. — Revirei os olhos, tendo ciência que esse cretino irresistível só queria um consolo pra noite. — Não vou te envenenar ao algo do tipo. Sou um ótimo cozinheiro. — Piscou lascivamente.

— Eu venho do além morte e te enforco com seu próprio cabelo, *querido*. — Ele gargalhou sensual fazendo o som arrepiar todos os pelinhos loiros do meu braço.

— Querido? Tsc, tsc, tsc... — Ele fez um barulho com os lábios. — Você é uma fodida bruxinha maléfica, mulher.

— Me envenene e nos vemos o quão eu posso ser maléfica.

Antes que eu me desse conta ele tinha contornado a bancada e se enfiado entre minha pernas, puxando o vestido pra cima.

— Inferno de boca suja mulher. — Ele segurou meu rosto entre as mãos e eu vi seus olhos brilharem como nunca antes, vi algo passar por eles.

— Se eu fico quieta você reclama e eu falo... — Ah! Meu corpo foi puxado em direção ao dele com força, sem que eu tivesse tempo pra responder os lábios dele pressionaram os meus, foi minha mão foi direto pra sua nuca, mesmo com o braço engessado ele conseguiu me prender contra ele me fazendo rolar meu corpo com o dele.

Senti o gosto doce do caro vinho se misturar em meus lábios me fazendo ficar arrepiada. Me dando conta do que estávamos fazendo, tentei me afastar dele. Ele resmungou em protesto.

— O molho. — Ele me soltou dando selinhos em meu lábios

inchados, tentei não parecer abalada.

— Respire.

— Estou tentando.

Ele riu e voltou ao fogão.



Levando a minha sanidade com ele.

— Hm. — Gemi ao sentir o sabor da massa. Levantei meus olhos e ele olhava vidrado. — Para... béns você cozinha muito.

Admiti nervosa, ele deu um sorrisinho cretino e me olhou piscando falsamente.

— Diga algo que eu não sei. — Ele levou a taça de vinho aos lábios.

— Entre seu ego inflado e a sua arrogância não passa um fio de cabelo.
— Ele arqueou a sobrancelha.

— Você me acha arrogante? — Ele parecia realmente interessado na minha opinião, dei de ombros.

— Querido, eu te acho muitas coisas.

Gostoso, insuportável, arrogante e incrivelmente, lindo.

Mordi meus lábios.

— Você me tenta a descobrir o que você acha de mim, querida. — Ele arrastou a palavra sensualmente nos lábios. Me fazendo quase gemer.

Aquilo não era bom.

Inferno, era mais que bom.

— Posso fazer uma pergunta? — Perguntei levando mais um pouco de massa aos lábios.

— Quantos centímetros tem meu pau? 27 cm. — Ele gargalhou ao me ver engasgar.

— Argh! Não seja um porco narcisista com complexo de grandeza.

— Não ouse fazer que ele é pequeno, pois eu e você sabemos que não é. — Ele piscou.

— Como nós acabamos falando sobre... An... Seu ...

— Pau? — Estremeci.

— Podemos pelo menos terminar o jantar? — Depois de comermos coloquei a louça na pia e ele se serviu de mais vinho se apoiando na bancada de sentando novamente na banqueta.

— E aí você irá querer falar sobre meu pau? — Revirei os olhos diante do homem na minha frente. — Faça sua pergunta.

— Eu... por que havia uma caixa com coisas de bebê no sótão? — Vi ele me olhar com raiva e respirar fundo. Embora eu soubesse o motivo, me fiz de desentendida. Embora eu soubesse o motivo eu queria saber por que ele construiu esse sentimento e alimento algo que só o fez mal.

— Por que o interesse? — Ele parecia estar lutando com algo dentro dele. Seus olhos ficaram negros e ele parecia lutar uma guerra.

Suspirei.

— Eu quero que confie em mim. — Fui sincera vendo um brilho conflitando em seus olhos. Quero que ele confiasse em mim. Se abrisse e me deixasse entrar.

Porém uma máscara de deboche se construiu em seu rosto.

Ele deu uma risada asquerosa que gelou toda minha espinha.

— E por que você acha que eu vou confiar em você? Só porque eu fodi você? Não fode. E não confunda as coisas. — E aquilo doeu como doeu.

Engoli seco. Fechando meus olhos.

Ele havia acabado de destruir tudo que em poucos dias ele conseguiu comigo. Fechei meu punho.

Desgraçado.

Todo o bolo que se formou em minha garganta e todo o jantar pareceu querer voltar.

Eu abri meus olhos ele parecia em transe.

— Não, porque no fundo eu pensei que você podia ao menos gostar de mim, porque eu pensei que você podia ter um coração e ver além do seu umbigo.

— Por que isso agora porra? Qual é o seu problema? A foda que tivemos não é boa o suficiente pra você? — Ele me acusou me fazendo me sentir um inseto medíocre e pequenino. — Pra uma mulher que nunca teve um orgasmo na vida você quer demais caralho.

Dei um passo pra trás, parecia que ele havia me dado um tapa na cara. Imundo.

— É isso? Sexo? Esse tempo todo foi isso? — Eu perguntei retoricamente, Oh inferno! Como eu sou idiota, eu me avisei inferno, me avisei!

— Por que diabos você quer entrar nesse assunto inferno? — Ele rosnou se levantando. Fiz o mesmo.

— Porque eu me apaixonei por você, e pensei que esse caralho de sentimento podia ser recíproco, que eu podia te ajudar. Que você podia me amar. — Me levantei farta dessa merda toda.

— PARA ONDE VOCÊ VAI PORRA? — Ele jogou a taça com força na parede enquanto eu saía da cozinha.

Foda.

Só uma foda.

O quão burra eu ainda posso ser a ponto de acreditar que havia algo bom desse monstro egoísta.

— Solta. — Eu pedi baixinho. O toque dele em meu braço pareceu brasa quente e não foi de forma boa.

— Não pedi pra você gostar de mim. Porra. O que diabos você esperava flores e declarações? Eu não pedi, não pedi.

— ESSE É O PROBLEMA EU NÃO GOSTO, EU AMO. — Ele me soltou e se apoiou na parede como se tivesse levado um soco. — Você não pediu, mas esse coração de merda o fez. Porra, você é fodido demais pra perceber algo além dessa merda de umbigo. Realmente? Não tenho culpa se aquela cadela tirou seu filho, não imagino os motivos dela, realmente. Mas eu não vou engolir as merdas dela e pagar pelos erros dela. — Eu já chorava. — realmente se pra você foi só sexo ótimo, mas eu vi em você uma chance de ser feliz, de verdade. O problema não é Julyn ou você quase ter explodido pelos ares e sim o seu maldito egoísmo. Eu espero que você ache uma mulher que você ame de verdade e eu espero que você nunca, nunca se sinta como eu

me senti hoje ou nos últimos meses. Porque euzinha estou pulando desse barco, já cansei de você me jogar fora dele e me afogar e depois tentar jogar uma boia furada para se redimir.

— Annie.

Me senti melancólica. Rejeitada. Rindo entre as lágrimas de desespero eu levantei a mão impedindo-o de chegar em mim.

— Você me ama? Responde porra.

— Você tem razão. Foi só sexo. Coração idiota. Jantar idiota. Vida idiota. — Me virei e corri pra fora, me sentindo o pior ser humano do mundo.

Eu sempre soube desde o início, porém ouvir e sentir na pele dói muito mais do que só saber ou imaginar que eu era só "sexo".

A vida foi uma fodida cadela desprezível agora.

Em poucos dias ele me levou até a lua e me atirou dela. Sem o menor remorso ou culpa.

A risada dele ecoou em meu coração quebrando-o em mil pedaços.

Ele não confiava em mim.

— ABRE A MERDA DA PORTA, PORRA! — Ele socou a porta fazendo com que Seel e Ed viessem para sala. — Vamos conversar Annie, abre a porra da porta inferno, por favor.

— Querida o que houve?

— Eu entreguei meu coração a um monstro Seel, foi isso que houve. — Foi em direção ao quarto sentindo minhas lágrimas escorrem por ter estragado a noite.

Teria talvez só adiantado o inevitável?

Ouvi vozes e gritos lá fora, e tirei o vestido me escondendo debaixo das cobertas e abraçando Holly.

Eu nem sequer consegui formular um xingamento em meu cérebro pra ele, apenas me senti vazia, sem o sarcasmos ou a ironia, vazia, só isso.

As lágrimas silenciosas escorreram pelo meu rosto molhando a travesseiro.

Sozinha ali, me quebrei, chorei como nunca tinha chorado antes, chorei por ter perdido minha vida, por Tamara, por aquele placebo que ela chama de

— Ele foi embora? — Ri com o um gosto amargo nos lábios. Imundície .

— Ele voltou pra Londres. — Olhei pro armário de roupas dele vazio. O quarto estava intacto sem nada quebrado ou fora do lugar.

Minha vontade era de ir lá e trazer ele arrastado pelo cabelo e afoga-lo na privada até ele deixar de ser um merda egoísta.

Ele se quer era homem o suficiente pra me encarar ou pra me demitir. Ele sequer se despediu de Holly que agora olhava para o nada sentadinha no meio da enorme cama.

— Por que o papai foi embora? — Ela me abraçou enquanto eu tentava não desabar.

— Ele precisa de um tempo querida. E nós também. — Beije seus cabelinhos. Mentindo descaradamente.

Não, ele não precisava de um tempo. Meu coração masoquista queria ligar pra ele, ofende-lo.

Eu queria entender o coração dele, ajudar. Porém ele era egoísta demais para isso.

Suspirei cansada.

Eu precisava de uma vida.

Peguei meu celular.

Olhei pro número de Hannah.



Holly precisava de segurança e eu precisava colar meu coração.

G A E L

— LEVANTA PORRA! — Meu corpo foi tirado do chão da sala e todos os móveis do apartamento rodaram.

— Que caralho você pensa que você está fazendo Gabriel? — Abri meus olhos vendo meu pai e meu irmão parados na minha frente vermelhos de raiva.

Minha cabeça rodou.

Eu te amo.

Piscou em minha mente, os olhos triste e magoados sem o brilho petulante que me assombram na última semana me fizeram me sentir um lixo.

— O que vocês querem inferno? — Tentei sentar mais meu gesso impediu.

— EU É QUE PERGUNTO O QUE VOCÊ QUER MERDA. — Ele jogou uns papéis na minha cara.

A carta de demissão fez meu corpo gelar, os papéis de rescisão de contrato brilharam em minha na minha frente.

Me levantei trôpego.

A letra bonita dizia o que eu mais temia, ela havia se demitido e os papéis diziam que ela abriu mão de todos os direitos trabalhistas.

Meu irmão andava de um lado pra outro parecendo um leão enjaulado. Me sentei no sofá de novo e apertando os papéis com força eu apoiei meu rosto nas mãos.

— Que merda eu fiz? Pra onde elas vão. Anne sequer tem família.

— VOCÊ ERA A FAMÍLIA DELA, SEU DESGRAÇADO.

Levantei meu rosto o olhando com ódio. Senti ciúmes com sua preocupação, me fez levantar e ficar frente a frente. Sem pensar direito. Meu sangue fervia.

— PORQUE VOCÊ ESTÁ TÃO PREOCUPADO PORRA? QUER FODE-LA? É ISSO?

Senti o punho atingir meu rosto e eu automaticamente revidei.

— GABRIEL, SOLTA SEU IRMÃO. — Meus punhos colidiram com o rosto do maldito traidor na minha frente.

— Ficou louco, porra? Olha o que esse retardado disse dela. — Meu pai me empurrou com força. Enquanto meu irmão me olhava incrédulo.

— CHEGA. Não vim aqui para velos brigarem feito dois galos de rinha. — Senti meu lábio dilatar. Vermelho vivo escorreu do nariz de Gustave.

— De um jeito nesse vagabundo fodido. — Meu irmão saiu do apartamento me deixando sozinho com meu pai.

— Que porra? Você é um moleque de quinze anos? Foda-se. Sua mãe mandou aqui para te tirar dessa foça.

— Não pedi nada pra ninguém.

— Esse é o problema você é egoísta demais pra perceber o sacrifício das pessoas por você, aquela moça que você partiu o coração, não é a maldita que te quebrou a anos atrás. Enquanto ela tirou meu neto, Annie lutou contra o mundo pra criar a menina. Annie suportou todos os seus caprichos, mentiras e você só sabe olhar pra si mesmo e se auto vitimizar, eu não o criei assim, porra. Fala comigo garoto.

Meus ombros pareciam pesar toneladas.

— Ela me ama ou amava. — Minha voz saiu grogue pela bebida alcoólica e pela merda que eu havia feito.

O sorriso dela piscou em minha mente. As danças ridículas e suas ofensas fizeram me sorrir triste. Senti algo escorrer pelo meus olhos.

As roupas ridículas e as frases incabíveis.

Ela me ama.

Meu corpo todo tremeu e eu percebi que estava chorando. As lágrimas escorriam descontroladas.

O que eu fiz?

Chorando senti os braços do meu pai enquanto eu chorava feito um bebê.

— Eu fodi tudo pai.

— Fodeu. Ela foi embora filho. Nós formos lá pra impedi-la, mas ela já havia partido. Os uivos do filhote podem ser ouvidos da estrada. — Eu estava parado olhando pro nada.

Não. Não. Ela não tinha pra onde ir. Não tinha.

— Ela não era só minha empregada.

— Não, não era.

— A maldita entrou no meu coração com as roupas estranha e com as frases incabíveis.

— Entrou. — Ele riu.

Se ela voltou para aquele desgraçado, eu o mato. Puxei meus cabelos com força. Não, ela não faria isso.

Ela me rodaria na privada se soubesse dessa merda de pensamento.

— Você bebendo feito um gambá não vai ajudar em nada filho. Se levante. E vá tomar um banho.

Eu andei trôpego pelo corredor do flet, quando a água fria bateu em meu corpo todos os meus músculos se contraíram.

Soquei o azulejo.

As palavras dela rodaram em minha mente.

"Para você surtar novamente? Deixar-a acreditar em você e me fazer criar mentiras para explicar pra ela por que você não estava lá? Dispensio. Não quero ser responsável por ter que justificar e tentar amenizar o choro da minha filha. Holly é amorosa demais e eu não quero que isso seja quebrado por uma pessoa como você"

As palavras que ela me disse no hospital fizeram eu vomitar toda a bebida alcoólica nos últimos dias.

Ela ficaria puta ao me ver bêbedo feito um gambá. Me jogaria debaixo do chuveiro falando uma enxurrada de palavrões e me olharia cheia de raiva e depois me daria as costas petulante.

Sai do box sentindo o álcool sair do meu sistema olhei pra maquininha de cortar cabelo, abri a gaveta para pegar uma escova.

O barulho da máquina de encontro meu cabelo me fez sorrir, meu rosto foi aparecendo mais e mais enquanto as mechas mel caíam dentro da pia.

Mudei a rotação da máquina fazendo ela de encontro com minha barba, olhei no espelho e não me reconheci.

Parecia uns bons cinco anos mais novo, mesmo que com enormes olheiras.

Sai do banheiro em direção ao quarto vesti uma regata preta e uma calça jeans folgada. Peguei a mochila.

Sai do quarto desviando das garrafas de bebida e das cuecas que eu

vesti durante a semana.

— Onde vai? — Meu pai me perguntou ao me ver passar pela porta do apartamento.

— Atrás da minha mulher e da minha filha. — Bati a porta arrogante.

Respirei fundo sabendo que aquela maldita mulher loira me colocaria dentro da privada e daria descarga.

Mas inferno. Eu amo aquela peste. Mesmo tendo fodido tudo no processo de descobrir esse sentimento.

Ela é minha, inferno. Quero acreditar que sim.

Eu precisaria de uma batalhão de homens pra enfrentar a fúria daquela mulher, mas eu seria o tanque de guerra e passaria por aquela raiva com todo gosto.

Inferno. Ela me ama.

Merda, ela quer que eu confie nela eu faço, conto toda a merda que aconteceu comigo.

Mas inferno eu quero aquela maluca de volta.



MESES DEPOIS

Soquei o saco de boxe fazendo meu corpo projetar a força do meu ódio, o saco foi e voltou enquanto eu socava repetidas vezes.

Meu corpo estava exausto, mas eu continuei socando. Até que meu corpo não aguentasse mais. Meu corpo foi de encontro ao chão e eu suspirei pesadamente.

Ela sequer deixou uma maldita pista, eu revirei Londres, Seel e Ed disserem que ela se recusou a dar o endereço a eles. Porém o maldito advogado de meia tigela sabia, eu via em seu olhar que ele sabia e aquele fodido se divertia com meu maldito inferno pessoal. Me mudei pra Londres a cerca de quatro meses, comprei uma casa confortável para um batalhão.

Ela era afastada assim como a dos meus pais. Eu e Gustave nos evitamos ao máximo, minha vontade era de dar um murro no rosto dele e fazê-lo me perdoar pela merda que eu disse.

Merda, ele jamais seria um traidor.

— Chefe.

— O que inferno? — Tirei o braço do rosto e encarei Taylor.

— Consegui. — Me levantei e apressado e tirei as luvas e olhei pro papel em suas mãos tirando dele.

New York brilhou em letras gritantes no topo da folha havia várias fotos delas todas de um ângulo péssimo. Sempre de costas ou vultos, Holly parecia crescido e estava com os cabelinhos um pouco abaixo dos ombros sempre bem penteados e com lindos cachinhos nas pontas.

Abracei a folha e fechei os olhos. Elas estavam bem. Meus últimos meses foram entre procurá-las, vigiar a maldita ratazana e a vaca velha da sua

mãe.

Sai da sala de treinamentos e fui em direção da cozinha. Seel e Edgar haviam se aposentado ou melhor eu os obriguei. Olhei pra foto na geladeira que eles haviam me mandado junto com um cartão postal do Havaí.

Eles estavam agora na Grécia curtindo a aposentadoria e eu sobrevivendo de comida congelada e delivery. Evitava ao máximo ir à casa dos meus pais. Não queria o olhar de pena da minha mãe ou a cara de decepcionado do meu irmão. Meu pai me infernizava sempre que podia com enxurradas de perguntas.

Coloquei a foto delas ao lado da de Seel e Ed no exato momento em que meu telefone tocou.

— Gael? — A voz enjoada sou na linha e eu tentei não revirar os olhos.

— Felícia. — Cumprimentei.

— Estou em Londres, que tal se nós nos encontramos? — Revirei os olhos.

— Não dá. Tô ocupado. — Menti, meus dias eram monótonos, treinar e pintar, minha coleção de quadros dobrou de tamanho. — Preciso desligar.

Ouçoo um "sem educação" antes de desligar o aparelho.

Sorri maldoso.

Você sabe que é bom. Por algum motivo abrir uma galeria de arte em nova York brilhou em meus pensamentos, claro apenas por Annie e suas ideias malucas. Abri a geladeira pegando uma garrafa de água.

Virei ela tomando todo o líquido.

Nova York parecia uma boa ideia. Uma ótima ideia, loira e sensual.

Olhei para o pulguento que agora era quase um cavalo. Ele deu um latido forte me fazendo abaixar e passar a mão por seu pelo sedoso.

Olhei pra foto na geladeira e todo meu corpo tremia por antecipação.

Eu não seria burro de esperar mais pra tê-las de volta.

Eu faria tudo certo dessa vez, mesmo que ela queira me esfolar vivo ou me arrastar vivo no asfalto, mesmo esfolado eu sei que ela vai cuidar de mim.

Sorri presunçoso.

CAPÍTULO 29

“SEMPRE ME ACHARAM LOUCO, POR QUERER SER MAIS UM POUCO.”

ANNIE

Olhei para Hannah e sorri abraçando-a com força.

— Nem sei como agradecer cara. — Funguei.

— Você se negou a ficar em meu apartamento então nós demos um jeito.

— Você se negou a aceitar o aluguel César. — Soquei seu ombro.

— Querida, nós sempre estaremos aqui. — Seel soluçou enquanto Ed concordava com os olhos marejados. Inferno.

Eles eram minha família. Sempre seriam.

Olhei pra Holly que dormia na cadeirinha do taxi, toda largada e tristonha agarrando o ursinho fedido.

Nos últimos dias ela entendeu que o papai Gael não voltaria e se calou.

Me abaixei abraçando o pulguinto.

Chorei.

— Seel e Ed vão cuidar de você pulguinto. Tenho certeza. — Beijei seu focinho gelado e ele choramingou. Entrei no táxi abandonando minha vida.

Catatau nos seguiu até a estrada uivando desesperado, vi quando Carson desceu da guarita e abraçou o doguinho que uivou mais alto.

Olhei pra frente sentindo me como uma cadela por deixar ele pra trás. Talvez eu viesse buscá-lo um dia.

O taxista, um senhor de idade me olhou com pena.

— Eu espero que se seu marido fez alguma coisa minha filha ele se arrependa. — Fiquei em silêncio sentindo as lágrimas escorrem por meu rosto. Eu sabia que Carson faria o que eu pedi.

Entregaria a Gustave os documentos que eu obriguei César a fazer.
Orgulhosa de mim mesma.

Holly precisaria de mim.



E que Deus me abençoe, porque há um diploma de medicina me esperando em algum lugar lá fora, e eu vou buscá-lo.

Holly dormiu a viagem inteira, quietinha demais ela agarrava o ursinho com força, ela parecia realmente entender que havia algo errado e veja bem se a vida não fosse uma tremenda cadela comigo e eu não tivesse caído de paraquedas no colo do meu ex-chefe essa merda não teria acontecido.

Ele foi um fodido filho da puta comigo, mas me proporcionou momentos que nem se eu nascer de novo eu vou viver.

Queria poder esquecê-lo, porém ele faria parte da minha vida. E Holly tristonha era a prova viva disso.

— Você gostou da casa Holly? — Ela olhava tudo encantada e desde que aquele cretino descarado foi embora ela sorriu de verdade.

— É tão lindo. — Ela deu um giro e correu pra janela onde as folhas da árvore já começavam a ficar verdes. — É só nossa? — Afirmi. — Jura de dedinho?

Dei meu dedo a ela e ela deu um gritinho, apertamos nossos dedos em um ato cúmplice.

— Mãe solteira? Que triste minha filha. — Da onde brotou essa velha, meu pai?

— Inferno.

— Santo Deus, uma blasfêmia. — A senhorinha com cara de bunda seca fez o sinal da cruz, sorri falsamente para provavelmente a fofoqueira da vizinhança. — Como é seu nome? Para que eu coloque em minhas orações.

— Annie. — Dei de ombros, oração sempre é bem-vinda. — A

senhora pode me dar licença, acabamos de mudar e eu estou só o pó.

— O qu...

— Tchau.

E do cu cair da bunda, a velha doida estava tentando sondar pelo olho mágico. Dei o dedo do meio pra porta.

A campainha voltou a trocar.

— Você nem pediu meu nome menina. — Ela olhou pra dentro tentando ver algo. — Margareth, querida.

Deus me perdoe, mas essa velha quando morrer precisará de dois caixões, um pro corpo e outro pra língua que parece ter uns dois metros.

— Foi um prazer. — Fechei a porta com certa força. E a velha continuou na ponta dos pés olhando pelo olho mágico.

Encostei-me na porta olhando pro cantinho aconchegante que Hannah havia alugado pra mim.

Sorri pro nada me sentindo em paz pela primeira em muito tempo.

Respirei o ar de nova York.



G A E L

Ajustei o casaco em meu corpo colocando a mochila no ombro. Minha mãe bateu em meu peito.

— Não se atreva a estragar tudo de novo Gabriel Mitchell. — Sorri. — Não sorria seu ingrato, estou falando sério. Você se acha que foi fácil encontrar um apartamento no Central Park e mobiliar em menos de dois dias Gabriel? — A abracei e beijei seu rosto delicado.

— Obrigado minha velha, você é incrível. — Ela me empurrou.

— Velha é sua bunda menino, vá logo antes que eu entre nessa merda de jato e conserte sua vida por você seu inconsequente. — Beijou meu rosto

e deu tchauzinho, balançando a mão freneticamente.

Entrei no jatinho rumo ao meu novo lar. Em menos de um ano esse loira havia me tirado de casa mais vezes do que eu saí nos últimos cinco anos.

— Quero minha moto em nova York até amanhã. — Passei pela comissária vulgar que balançou o silicone em minha direção, me senti sufocado.

Sentei-me na poltrona afivelado o cinto e colocando a mochila do lado da cadeira.

— Porra nem sequer um pãozinho com patê irmão? — Virei com tudo Gustave estava bisbilhotando a geladeira.

— O que faz aqui, porra?

— Eu? Indo pra nova York, ah as mulheres nova-iorquinas, hum. — Gemeu abrindo uma garrafa de energético. Tomei da mão dele. — Você me deve desculpas seu bastardo.

— Eu fui um puto com você, *desculpe*. — Disse quase inadiável.

— O que você disse princesa? — Me tacou uma bolinha de queijo.

— Vá se foder, me desculpe cara.

Ele chutou meu pé quando sentou e afivelou o cinto, esse puto está mesmo indo comigo?

— Doeu? Caiu a língua? — Dei o dedo do meio pra ele. — Ótimo.

Ele me lançou uma maçã e deu uma mordida em outra.

— Você comeu antes de vir seu fodido?

— Claro que não. Seu jatinho tem sempre as melhores comidas, e aquelas sua comissária. Hum. Um lanche e tanto.

— Ou não seja um porco narcisista. — Sorri quando me lembrei das palavras dela.



O plano era claro: implorar perdão, correr risco de morte, ter muito sexo de reconciliação e claro trazer minhas meninas pra debaixo

dos meus olhos, e nunca mais deixá-las sair.

É um ótimo plano.

Acordei com o piloto anunciando nosso pousou.

— Sai de cima de mim porra. — Gustave tinha a cabeça no meu ombro e babando em minha camisa. O empurrei e ele deu um pulo.

— Que porra cara. — Ri quando ele limpou a babada. — Você ficou um tesão de cabelinho na régua. — Ele disse desafivelando o cinto.

— Vá se foder. O que vamos fazer agora?

— Você tomar um banho e ficar na beca pra sua mulher, eu? Nova-iorquinas me esperam na 10ak. — Revirei os olhos.

— Volte vivo. — Ele deu um grito afeminado e entrou no primeiro táxi que viu.

— Mende as malas desse puto para o meu apartamento.

Dei ordens a aeromoça que concordou.

Entrei no Bugatti Veyron dispensando o motorista, a sensação de ansiedade foi forte.

Passei a mão pelo cabelo, hábito que eu adquiri com o tempo. Fui direto pro meu novo apartamento, com vista privilegiada pro Central Park, me imaginei com Annie e Holly aqui. Subi pelo elevador privado que dava direto em meu apartamento no último andar.

Eu era o único que tinha o cartão de acesso que libera o andar. Sim, Gustave vai ter que subir pelo elevador normal, passando por todos os andares demorando mais que o normal.

Minha mãe havia feito bem seu trabalho de dondoca decoradora.

O apartamento tinha vista direta pro parque e um enorme sofá na sacada, me imaginei ali com as minha meninas, enrolado em uma manta tomando o chocolate quente de Annie e assando Marshmallow na fogueira de pedras da varanda.

Tirei minha roupa indo nu para o banheiro no segundo andar. Havia alguns quadros meus nas paredes e algumas fotos aleatórios todas tiradas das redes sociais de Annie.

Mas uma me chamou a atenção era no dia do baile a fadinha estava

sentada em minha barriga enquanto comíamos algo, e Annie tinha a total atenção em nós dois, com os olhos brilhando ela fez da foto sensacional.

Balancei a cabeça, não seja um fodido filho da puta e se abra com ela.

Minha mãe havia dito que tinha contado sobre meu filho e chorou se sentindo culpada.

Ele permanecerá vivo em minhas lembranças, porém eu jamais ia esquecê-lo, deixá-lo de amar. Mesmo nunca tendo o visto, sentido ou tocado.

Inferno! Seria Deus me dando uma segunda chance e eu fodendo com tudo? O óbvio era que se ela nunca mais quisesse me olhar, eu teria que me contentar com olhar ela de longe. O inferno congela, mas eu não desisto.



Olhei ansioso pra porta em minha frente, depois de voar pelas ruas de nova York parei em frente a vários prédios engraçados e iguais, pareciam casinhas de bonecas. Eles eram em um estilo oval todos iguais e com escadinhas de ferro preta.

Havia algumas flores na janela e algumas na escada todas floridas e abertas. As rosas vermelhas se destacavam no parapeito do pequeno prédio. Elas não pareciam ser de verdade de tão bem cuidadas.

Toquei a campainha, impaciente, toquei de novo e som ecoou e eu ouvi um barulho.

Toquei de novo.

Meu corpo gelou, ao ouvir o grito dela, mesmo sendo um grito raivoso e destinado a alguém chamado Margareth, ela abriu a porta encantadoramente linda com o rosto vermelho.

— NÃO DONA MARGARET EU NÃO TENHO AÇÚCAR. — O grito dela me fez perder o riso. — ISSO ARREBENTA ESSA MERDA. — Houve o barulho de algumas trancas. — Não dona Margaret, não tem homem... Você?

Meu olhos pousam em sua barriga enorme, ela involuntariamente levou a mão na barriga saliente em forma de proteção, a camiseta gigante se acentuou deixando a mostra à linda barriga cheia.

Antes que ela fechasse a porra da porta meu pé a impediu. Ela bufou feito uma vaca brava e seu rosto ganhou uma linda tonalidade de vermelho, desci meus olhos novamente por seu corpo notando o quão maiores e incrivelmente cheios estavam os seios dela.

Suspirei. Ela deveria estar com uma imensa dor nas costas , inferno. Me senti um lixo.

Abri a boca e a pergunta mais idiota do mundo saiu dos meus lábios.

— Você está grávida? — Ela suspirou.

E me preparei para a patada da leoa brava que eu ia levar.

Inferno de mulher gostosa.

CAPÍTULO 30

“HORMÔNIOS”

ANNIE

"Era uma vez uma moça, que morava em um vilarejo distante..."

— Não, mamãe... uma *plincesa*... — Os olhinhos azuis de Holly estavam quase se fechando, ri baixinho.

— Certo... Uma princesa.

... Uma princesa que morava em um vilarejo distante... Essa princesa foi morar em um castelo. Castelo esse que era habitado por um enorme monstro.

— Papai “Gaeu” não é monstro mamãe... — Revirei os olhos.

...Um enorme monstro que fazia a princesa esfregar e esfregar. Limpar e limpar. Esse monstro era grande, forte e músculos, mas era triste.

Mas lá dentro, bem no fundo. No fundinho, na beiradinha do precipício esse monstro tinha um coração.

E... Ela dormiu.

Desde que nos mudamos para New York ela me faz contar essa história e nunca houve um final, tá legal.

Eu agradeço afinal, o que eu posso dizer? Que Mitchell foi um desgraçado e me usou. Na pior das hipóteses sim, tá legal, não vou dizer isso a minha boneca. Dizer que ele me usou e depois soltou os cachorros em cima de mim no dia seguinte?

Eu não sou tão tapada a esse ponto. Nesses últimos seis meses minha vida se baseia em levar minha filha à escola, escola essa que não se compara a antiga que o bastardo pagava, afinal eu moro em um bairro de classe média. O Brooklyn é um lugar pacato, eles não me expulsarão do bairro afinal quem expulsaria uma grávida, mãe de uma menininha de quatro anos?

Eu não me orgulho de ter sido ludibriada pela segunda vez e o pai da criança que carrego ser um bastardo, mas eu amo essa melancia em meu

estomago. Meu pequeno homenzinho. Essa não é a melhor forma de dizer que estou grávida, mas fazer o que? Já está feito.

Minha pequena casinha é um daqueles apartamentos do Brooklyn que tem vários apartamentos em um pequeno prédio, uma vizinha rabugenta que por sinal adora cuidar da minha vida.

Melhor do que minha antiga quitinete, afinal os salários acumulados com aquele bastardo servirão de algo. Um ano e meio apenas comprando coisas apenas para minha bebê servirão de algo, afinal Holly e agora o neném sempre serão minhas prioridades.

Se eu ainda amo aquele bastardo? Amo. Amo um idiota. Porém eu cansei de ter minhas tripas tiradas pra fora por aquele tirano.

Passei a mão em minha barriga e me levantei da pequena cama de Holly, sai do quarto e fui em direção a sala. Não era grande coisa mais era meu. Alugado mais meu. As paredes pintadas de branco, sofá pequeno cor de abóbora e a pequena televisão era o centro. Simples e charmoso.

Liguei a televisão, dando de cara com “*Quatro vidas de um cachorro*”. Minha barriga já estava enorme e linda, diga-se de passagem.

Me concentrei no filme sentindo meus olhos se encherem de lágrimas. O meu deus, *Ellie levou um tiro*.

Hormônios, culpe os hormônios.

Me levantei, indo pra cozinha pegando um saco de pipoca e colocando no micro-ondas. Meu emprego no pequeno mercado garantia meus petiscos.

Hormônios.

Voltei pra sala. Quando me sentei a companhia tocou.

— NÃO DONA MARGARET EU NÃO TENHO AÇÚCAR. —
Gritei, eu estava perdendo a paciência com essa santa senhora que acha que tem um homem em minha casa. A campainha voltou a tocar. — ISSO, ARREBENTA ESSA MERDA. — Me levantei, com dificuldade, indo até a porta. Abri disposta a jogar essa santa senhora da janela no corredor. — Não dona Margaret, não tem homem... Você?

Tentei fechar a porta, mas o enorme pé me impediu.

— Você está grávida? — Revirei os olhos vendo-o entrar em meu apartamento.

— Engoli uma melancia. — Tentei me afastar, mas ele me impediu.

— Fale direito comigo... Ou.... — A voz rouca me fez estremecer. Hormônios.

— Ou o que? Vai me fazer esfregar seu banheiro com escova de dentes? Vai me fazer limpar sua prataria com esponjas de aço? Vai me fazer provar sua comida pra ver se eu coloquei veneno? Ah. Vá à merda.

Livre! Sabe aquela sensação de liberdade? Pois é! Esse bastardo me proporcionou isso agora, antes eu poderia ser despejada. Agora. Ah meu bem.

— Fale direito comigo, merda eu sou...

— Nada? A pelo amor de Deus vá ser um bastardo desgraçado com quem te atura. — Me soltei do seu aperto. E apontei pra porta. — Dá o fora.

— Meu bebê , você carrega o meu bebê , eu... Nós podemos... — Ele parecia confuso.

— Nós nada, só dá o fora daqui senhor Mitchell.

— Quero que me chame de Gael, Annie.

— Quer merda nenhuma, dá o fora antes que eu chame a polícia seu imbecil. E pare de me olhar assim, você é só a merda do meu ex-chefe que seu respirasse me ameaçava pôr na rua. Eu não estou em Hereford, não estou no precioso castelo e então dá o fora e volta pro seu calabouço.

— Você disse que me amava! — Pareceu exasperado, dando indícios do verdadeiro Mitchell, o bastardo que me fez esfregar o vaso sanitário com escova de dentes.

— Disse. Pois é, eu disse. Grande erro. Você e esse maldito ego que por um ano e meio me trataram feito inseto. Sim, eu sei que você pediu a Seely para me dar as sobras que eram pros cachorros.

— Mas ela não deu. — Disse como se isso justificasse.

— Oh, grande senhor Mitchell, nos só fodemos então pare de dizer que se importa, se você não o faz. — Me irritei, está legal já me irritei quando abri a porta. Mas tá legal.

— Chega, pare de me tratar...

— Feito a grande merda que você é? - Ironizei vendo-o fechar os olhos, sua cicatriz pulsou, ótimo.

— Cuidado com essa maldita boca suja.

— Minha casa, minha boca suja e minha vida. Já tive minha cota de homens fodidos para oitenta reencarnações, então dá o fora.

— Eu...

— Papai “*Gaeu*”? — Ouvi uma vozinha no corredor e me virei.

— Princesa? — Ela veio coçando os olhos, fui impedir e o animal do Mitchell rosnou.

— Por que o senhor demorou...? — Me senti fodida, literalmente.

— Cadê o “*toto*”?

— Minha barba? — Merda. O maldito cortou o cabelo e a barba. Merda. Merda. Merda. Como não reparei, passei um ano e meio imaginando como seria aquele rosto sem tanto cabelo e pelo. Merda.

— O papai cortou. Gostou? — Vi minha filha passar a mão em seu cabelo e encostar a cabecinha em seu ombro.

— Não dá pra fazer “*toto*” mais. — Bocejou.

Bom, essa malandrinha por noites escapou de mim e foi ao quarto desse bastardo, e normalmente quando ele acordava seu cabelo estava cheios de nós, e a barba também.

— O papai cortou por que a mamãe disse que...

— Chega. — Puxei Holly do seu colo.

Como explicar a sua filha de quatro anos que o bastardo do seu ex-padrão fodido não é seu pai?

E que ela quer que ele vá para o raio que o parta e que arda nas labaredas do inferno?

Hormônios.

Holly olhava encantada para o pai que agora havia se sentado no meu sofá e a carregava.

Comecei a morder a língua enquanto meu bebê resolveu me fazer de cama elástica.

— Não vai embora mais. — Ela se agarrou a ele e fechou os olhos.

— Vamos dar nome pro meu irmãozinho, mamãe prometeu.

E ela dormiu.

— Eu não vou a lugar nenhum. — Olhando diretamente em meus

olhos, ele beijou os cabelinhos lindos dela. — É um menino?

Afirmar com a cabeça sentindo meu monstinho me fazer de pula-pula.

— Vou colocá-la na cama, dê-me ela. — Ele rosnou feito um pinscher me olhando com raiva.

— Porra, você não pode carregar peso. Onde fica o quartinho dela?

— Final do corredor porta rosa com glitter. — Deixei que ele imponente levasse Holly para cama. Me sentei com dificuldade no sofá.

— Vocês estão bem?

— Inferno. — Levei a mão ao peito sentindo ansiosa. — Saia.

— Você podia ao menos me ouvir, porra? — Revirei os olhos.

— Qualquer a parte do "eu não quero você aqui, você não entendeu."

— Qual a parte do "você carrega um filho meu, você não entendeu?"

— Escuta aqui, você não pode simplesmente voltar pra nossas vidas como se nada tivesse acontecido.

— Eu te procurei por meses inferno, vasculhei cada canto...

Interrompi a magnitude em minha frente, desgraçado.

— Obrigado pela parte que me toca, mas eu fui embora de um lugar ao qual eu nunca fui bem vida. Você — Eu já estava em pé, dando de dedo no seu peito. — Fugiu feito a boa ratazana de esgoto que é.

Ofegante, eu suava frio, ele me olhava com os olhos cheios de doçura que eu nunca havia visto antes.

Que pegue diabetes está praga.

— Merda, eu sinto muito.

— A única a sentir muito fui eu que só recebeu paulada da vida até hoje.

— Me deixa consertar as coisas, mulher. Fazer direito dessa vez.

A imagem dele rodando na privada foi satisfatória.

— Você teve sua oportunidade, mas fugiu como uma ratazana me deixando com uma criança que acreditava no seu amor e que ficou triste por dias por não ter você lá. Você podia ter voltado. Falado com ela, como você encheu a boca pra dizer que nunca faria, você o fez. Você a abandonou.

Cuspi na cara.

— Eu sinto muito. — O cortei novamente. Não, esse palhaço não teria lugar de fala na minha vida, não mais. Já ouvi muito. Agora é a vez desse egoísta de merda ouvir!

— Sentir muito não ajuda em nada, apenas piora as coisas. Eu estou grávida de um filho seu isso não anula os fatos. Eu jamais vou te impedir de vê-lo ou falar com ele, mas enquanto ele ainda for parte de mim eu quero que você vá para o raio que o parta somente com passagem de ida seu mimado dos infernos.

Meu corpo queria gritar de ódio.

— Me deixa arrumar as coisas. — Suplicou se aproximando, passou a mão pelos cabelos. Eu iria arrancar esse maldito braço se ele fizesse isso novamente.

O saco de pipoca voou na cara do maldito.

CAPÍTULO 31

“COMO FAZER PRA NÃO SENTIR O DESEJO QUE EU SINTO POR VOCÊ?”

ANNIE

Várias pipocas voaram pela sala. Ele desviou do saco.

Peguei a almofada.

— Quer parar e me ouvir inferno? — Taquei a almofada. Ele a segurou e jogou de volta para o sofá, antes que eu alcançasse o abajur ele o pegou e o levantou pra cima.

— Não, não quero! Saia da minha casa. — Ele me olhou com diversão, mesmo com os olhos tristes, colocou o abajur de volta no lugar.

— Você carrega um filho meu. — Ele rosnou.

— Não rosne pra mim seu vira-lata desprezível. — Dei de dedo em seu peito. Ele passou a mão pelos cabelos. E riu. Como se lembrasse de algo.

— Senti sua falta. — Ele sorriu triste.

— Meu rabo, pare com isso, inferno.

— Com o que? — Ele fez novamente, a coisa com o cabelo, apenas para me provocar.

— Saia, você não tem o direito de vir aqui e latir ordens pra mim. Atrapalhar minha vida. — Apontei o dedo na cara dele novamente.

— Trabalhar em um mercado medíocre é vida? Inferno. — Minha mão virou na bochecha dele, fazendo o rosto dele virar pro lado.

Bem feito, inferno. Satisfeitíssima com os meus cinco dedos em seu rosto de galã de cinema.

— Merda. — Ele massageou o rosto e sorriu? — Me desculpe, querida.

Querida? Meu rabo.

— O que você veio fazer aqui? — Queria bater nele por ser tão lindo. Pela milésima vez ele passou a mão nos cabelos os jogando para trás.

Entenda que sou uma grávida com quase sete meses de tesão acumulado. Tendo sonhos molhados com esse maldito.

Ele deu um suspiro e tocou meu rosto.

— Me perdoe pelo bastardo que eu fui. Merda, nada jamais vai justificar o que eu falei e fiz você. Inferno, me perdoe. — Ele pediu desesperado passando a mão novamente no cabelo. — Eu te amo mulher maluca.

Prendi o ar com força e respirei fundo.

Não.

Ele não podia sair dos quintos dos infernos e vir me dizer coisas bonitas pra aquecer meu coração e depois me jogar um balde de água fria.

— Se isso te trás paz de espírito, eu te perdoo. — Ele sorriu e tentou se aproximar, impedi. — Agora saia da minha casa e volte para o buraco de onde você saiu seu bastardo.

— Inferno mulher, eu disse que te amo cacete.

— Enfiei esse amor no rabo. Saia da minha casa. — Estreitei os olhos quando ele fez uma carreta dando um sorrisinho diabólico.

— Você precisa descansar, amanhã conversamos. — Meu coração traidor palpitou com a preocupação que refletiu em seu olhar, seus olhos pareciam mais crus, mostrando emoções que eu nunca havia visto em todo tempo que passamos juntos.

— Meu rabo que irei conversar com você. — Ele riu seus olhos ficaram levemente brilhantes.

Com todos aqueles pelos da sua barba eu nunca havia visto as duas covinhas perfeitas em seu rosto. Agora bem aparada a barba o fez parecer aqueles malditos CEO's dos livros do Kindle.

— A última coisa que eu iria querer conversar com seu lindo rabo meu amor, com gemidos e gritos talvez. — Sem que eu esperasse aquele maldito homem de quase dois metros se curvou e agarrou minha cintura. Ergueu minha camiseta enorme, quando os lábios que dele tocaram minha pele, não houve um centímetro de pele que não se arrepiou. O chute em minha costela me fez arquear de dor.

Meu coração quase pulou pela boca.

— Ai Filho. — Droga. Gemi como se ele fosse entender.

— Ei moleque, mais cuidado com sua mamãe, seja um cavalheiro. — Ele colocou a mão onde meu menino havia chutado e houve uma ondulação mais calma. — Isso, obedeça o papai e não machuque mais sua mamãe.

Meus olhos marejaram.

— Você pode não acreditar em mim, mas eu te amo. E eu irei passar o resto dos meus dias tentando. — Sorriu fraco de uma forma que eu nunca tinha visto antes. — Sei que fui um bastardo em perceber tarde demais, mas eu te amo. — Ele saiu me deixando ali plantada na sala. Trêmula eu me sentei no meu sofá. Meu coração queria sair pela boca olhando para as várias pipocas espalhadas pelo chão.

Quem era esse homem?

Desabei em lágrimas.



Por que essa vida é uma maldita cadela comigo?

G A E L

Olhei para a porta e senti uma vontade enorme de voltar lá. O céu estava estrelado.

Respirei fundo.

Um menino.

Um garotinho, imaginei a pequena criança com lindos cabelinhos loiros e olhinhos azuis brilhantes.

Pai, inferno. Pai pela terceira vez.

Olhei para a porta, vi Carson na Suv do outro lado da rua. Entrei no Bugatti Veyron me sentei no banco trêmulo.

— Alô. — A voz ofegante do meu pai sou do outro lado da linha.

— Porra pai.

— Isso lá é hora de ligar inferno. "*Quem é amor?* " — Ouvi a voz ofegante da minha mãe no telefone. — Gabriel. — O rosnado foi mais pra mim do que pra informar mamãe que eu estava no Telefone.

— Vou ser pai.

— Foda, você me ligou pra dizer algo que eu já sei, inferno. Ela te aceitou de volta? Holly? Você viu a pituquinha?

— Porra pai, eu vou ser pai de um garoto, merda Annie está grávida. — Houve um gritinho histérico do outro lado da linha. — Pai?

— Para... béns. — Ele estava chorando?

— Pai? — Ele falava coisas incompreensíveis.

— Porra garoto, não faça merda dessa vez. — Ele fungou. — Vovô de um menino.

— Oh meu bebê, eu vou ser vovó novamente, oh meu Deus! — Ela dava gritinhos animados me fazendo sorrir.

— Se controle mamãe, nada de comprar coisas sem a aprovação de Annie. — Até porque se eu comprar algo agora ela provavelmente vai querer enfiar no meu rabo.

— Ah, ela não irá se importar minha norinha é incrível filho. — Revirei meus olhos ligando meu carro.

— Preciso desligar mamãe, tchau pai. — Ouvi uns resmungos e eles desligaram.

Sai da frente da casa de Annie e voltei pro apartamento, porém dei ré parando no central Park.

Me sentei no banco em frente a fonte, vi quando Carson parou logo atrás com mais dois homens.

Não seria burro de me expor, querendo ou não eu ainda era um ex-militar que colecionou algumas desavenças durante a vida.

— Porra. — Coloquei os cotovelos sobre os joelhos e tapei meu rosto com as mãos.

Ela está grávida. Um filho. Minhas mãos coçaram para apalpar a barriga redonda, eu ainda podia sentir o formigamento na palma da minha mão.

Eu vi os pelinhos loiros se arrepiarem, ela ainda era afetada, era sujo, mas eu usaria isso contra ela.

Podia ser um péssimo plano. Parecia um puto falando assim, mas inferno, meu corpo queria o dela. Olhei para minha calça e me ajeitei no banco. Meu pau ficou dolorido.

Merda.

Voltei para o carro indo direto para a garagem no subsolo. Subi pelo elevador privado que dava direto ao apartamento e encontrei meu irmão só de cueca com um pacote enorme de salgadinho e um balde cheio de cerveja assistindo ao um jogo de futebol.

— Como foi? — Ele me questionou quando eu tirei a camisa e abri minha calça, tirando o par de sapatos no processo.

Me jogou uma garrafa de cerveja quando eu me sentei ao seu lado, usei o abridor que estava na mesinha de centro e virei tomando metade da garrafa.

— Vou ser pai.

— Vai adotar Holly? Definitivamente?

A ideia do meu irmão brilhou em minha mente. Como eu não pensei nisso porra?

— Inferno. — Tomei outro gole de cerveja. — Um garotinho, de quase sete meses.

— Ela *tá* grávida? — Afirmei sorrindo feito um idiota. — Se tá bem?

— Porra, mais do que bem. Tirando o fato dela ter me atirado um saco de pipoca, uma almofada e tentando me matar com o abajur está tudo ótimo. — Sorri. Ele gargalhou.

— Você vai contar a ela? O que houve de verdade na Líbia? — Afirmei abrindo outra cerveja. Sentindo um calafrio na espinha. — Só não jogue toda merda de uma vez.

Concordei, ela está grávida. Cheia de hormônios. Preciso ter cuidado.

— E você por que está sóbrio e pelado na minha sala?

— Ela estava lá. — Olhei pra ele. — Com o noivo. Felizes e apaixonados.

— Sinto muito. — Murmurei vendo ele bufar, eu sem conteúdo

algun para servir de conselheiro amoroso olhei pra ele.

— Porra. Ela sequer olhou para mim. — Eu sabia que quando ele foi para o exército, eles não terminaram de uma forma amigável. Samantha era boa demais e ele como um fodido apareceu no dia seguinte com um loira em vários sites.

— Sam vai casar?

— Não, eu explodo aquela merda de igreja se for necessário. — Revirei os olhos, eu sabia que ele era capaz de explodir qualquer lugar.

— Não foda mais do que você já fodeu. — Disse e ele afirmou concordando. — O que você disse pra ela no baile?

Os pais de Sam eram grandes colaboradores e doadores do baile da minha mãe.

— Annie estava olhando demais pra você, e eu percebi Sam atrás do pilar. — Expliquei.

— Merda. Eu me ofereci para ser amante dela. — Engasguei com a cerveja.

— Porra. — Tossi. — E ela? — Ele me olhou e eu vi arrependimento no olhar dele.

— Me chamou de prostituto barato e me deu um chute no saco dizendo que o cabrito do almofadinha era melhor do que eu. — Ele se encolheu como se lembrasse da dor, me retorci, merda doeu em mim. Sam uma morena um pouco mais baixa que Annie, cheia de curvas, Sam sempre foi linda dos pés à cabeça, o que quase sempre resultou em ciúmes do meu irmão.

— Não estamos aqui pra falar das minhas merdas. E sim de você. O que vai fazer? — Falou com a boca cheia de salgadinhos.

— Artilharia pesada. — Passei a mão no meu peito duro. Ele gargalhou.

— Você vai seduzi-la? — Me olhou incrédulo.

Afirmar.

A risada pachorrenta ecoou na sala.

— Você pode vestir couro, mulheres piram em couro. Já pensou em tirar sua farda do armário? Uma grávida cheia de hormônios vai te deixar de pau esfolado. — Ri. — É bom ter você de volta irmão.

Eu sabia que ele não se referia somente a nossa briga.



Sorri. Annie tirava o melhor e o pior de mim me levando do céu ao inferno em questão de segundos.

ANNIE

Enquanto eu colocava o uniforme em Holly ela pulava animada falando pelos cotovelos do pai.

— Será que ele vem? — Ela falou enroladinha. Beije a pontinha do seu nariz a fazendo rir. Ela abraçou minha barriga, seus bracinhos pequenos pararam na lateral do meu corpo, ela deu um beijinho em minha barriga e meu monstrinho se empurrou onde ela beijou fazendo-a rir toda cheia de si.

A campainha tocou.

— Já vou. — Vesti o uniforme do mercadinho. Eu sou a única funcionária do senhor Herbert.

— PAPAI GAEL. — Holly passou por mim feito um foguete. E o pai a pegou no ar, com o braço que não tinha sacolas.

— Bom dia fadinha. — Ela se agarrou no ombro dele.

— Vem tomar café com a gente. — Revirei os olhos e deixei ele entrar. O que eu poderia dizer?

Merda, ele estava vestindo uma camiseta preta com uma calça folgada usando um coturno de couro, tirou o óculos estilo aviador dos olhos os colocando em cima da cabeça em um ato fodidamente sensual.

Revirei os olhos quando ele pôs Holly no chão e ela se agarrou a sua perna e ele andou para dentro com ela pendurada em sua perna.

— Bom dia querida. — Mordi a língua pra não soltar um enorme palavrão.

— Dia. — Andei pra cozinha e ele olhava tudo de forma avaliativa.

— Trouxe o café. — Ele colocou o saco e começou a tirar várias coisas de dentro da sacola. Pão, bolo, leite, manteiga, requeijão. — Está tudo bem?

Espremi um limão em um copo de água gelada e bebi fazendo uma careta de alívio.

— Mal estar. — Fechei os quando meu estômago se acalmou.

— Ei filho. — Sem minha permissão ele se aproximou colocando a mão em meu ventre. O maldito não havia perdido a mania de invadir o espaço alheio. No mesmo instante meu corpo se arrepiou e meu menino se mexeu.

Parecia que havia reconhecido a imundice do seu pai.

— Como foi a noite? — Ele fez movimentos circulares com a ponta dos dedos e mandou choques direto para o meio das minhas pernas.

Me afastei do seu toque pegando duas xícaras e o copão de Holly.

— Bem. — Passei a noite em claro suando feito uma porca, quando eu conseguia cochilar eu sonhava com aquele maldito homem nu saciando quase sete meses de tesão acumulado.

— Você vai trabalhar? — Me virei com a faca na mão.

— Vou, algum problema com isso? — Apontei a faca de manteiga em sua direção.

Ele me olhou de forma sensual.

— Nenhum querida. Apenas ia oferecer uma carona.

Se sentou no banquinho da bancada.

— Andei a pé minha vida toda, por que diabos você acha que eu vou aceitar uma carona sua nessa altura do campeonato? — Abri a geladeira e peguei uma bandeja com meu recém adquirido desejo. Kiwi, a fruta verdinha e saborosa adocicou meus lábios.

Soltei um gemido satisfatório.

Ele me olhava com os olhos brilhando.

— O que?

— Admirando o quanto você está linda. — Revirei os olhos.

— Tá bom. Chega. — Bati na bancada com força. Fazendo ele me olhar surpreso. — Me diga por que diabos dessa palhaçada toda? O que? Já

não foi o bastante ter me humilhado e me feito de tapete? Escuta aqui...
Minha vista ficou escura.

CAPÍTULO 32

“ELA NÃO VE QUE É PERFEITA.”

G A E L

Inferno.

Meu corpo todo tremeu de medo ao sentir o corpo dela mole. Ela tentou abrir os olhos, mas voltou a inconsciência.

— Carson? Preciso que entre aqui, porra. Chame um médico, uma ambulância qualquer coisa porra. — Joguei o celular na bancada.

— Papai Gael? — Holly arregalou os olhinhos ao me ver na sala com a mãe no colo. Coloquei Annie no sofá e ela veio para perto da mãe. — Mamãe?

— Ei querida? — Chamei Annie em vão. — Holly olhava a mãe com olhinhos cheio de lágrimas. — A mamãe vai ficar bem.

Meu corpo todo tremia de medo.

— Mamãe disse que quando ela ficasse assim era” pá” “dá” esse número para alguém grande. — No papel havia um nome, Dr. Evangeline.

Meu coração se apertou. Ela já havia desmaiado? Merda. Meu consciente gritou em acusação.

— Chefe.

Tudo parecia um borrão, o barulho da ambulância, eles a levando para fora, Holly grudada em mim, enquanto eu estava no banco de trás com Holly em meu colo eu pedia a Deus que não fosse nada grave, inferno.

Eu sou o culpado. Ela me odeia, o que eu fiz? Se meu filho...

— Chegamos chefe. — Quando eu saí do carro dei de cara com meu irmão, abracei Holly mais forte, os olhinhos dela brilhavam enquanto ela segurava fortemente o papelzinho com o número da médica.

— Carson me chamou. — Inferno, Holly olhou pra ele e estendeu os bracinhos em reconhecimento.

Meio receoso eu passei ela, nisso me deu o papelzinho.

— Senhor Mitchell? — Olhei pra recepcionista que me passou os papéis, jamais questionaria a eficiência de Carson, passei os olhos por cima conferindo os dados, até o tipo sanguíneo o bastardo acertou.

Estendo a ela o papelzinho com o número de telefone.

— Doutora Eve está no edifício, ela já foi comunicada. Segundo andar, aguardem, fiquem à vontade na recepção.

Eu parecia um leão enjaulado, andamos de um lado para o outro, enquanto Holly desenhava em uma folha com a caneta de bolso do meu irmão, eles falam algo sobre meu filho.

— Sua mamãe já ficou assim antes pequena? — Ela olhou pra meu irmão.

— Quando a bruxa falou no telefone — Ela pareceu pensativa. — A mamãe segurou firme na porta mais não caiu.

Ela concluiu e me olhou com se me tivesse contado um segredo.

Me aproximei dela.

— Está tudo bem querida, a bruxa não vai mais voltar, está tudo bem.

— Mas ela...

— Holly?

— Tia Eve. — Holly pulou do colo do meu irmão e abraçou a senhora baixinha, os cabelos brancos estavam penteados de forma elegante e ela sorriu mesmo seus olhos estando preocupados. — Olha meu papai, e o tio Gu.

— É um prazer conhecer o tão famoso papai Gael. — Ela estendeu a mão, e eu a apertei mesmo estando com as mãos suadas. — Que tal irmos a minha sala enquanto Holly e o Tio Gu vão a máquina de doces? Me acompanhe senhor Mitchell.

Acompanhei a doutora até uma sala, me sentei e comecei a suar novamente.

— Eu não sei se sabe mais o caso da Annie é complicado. — Ela começou me fazendo arregaçar os olhos. — Ela chegou pra mim com sintomas de pré-eclâmpsia, ao qual eu venho tratando de forma delicada...

Eu ouvia todas as informações em silêncio apenas concordando com a cabeça, meu coração parecia que ia saltar pela boca. Ela está passando por

tudo isso sozinha.

— Felizmente o senhor a trouxe a tempo, a pressão arterial dela estava realmente muito alta, peço que tenha calma, estamos estudando a possibilidade de uma cesariana, para não pôr nem seu filho e nem sua mulher em risco, porém isso é assunto para outra hora. Quero que fique de olho em tudo isso. Mas por enquanto ela está apenas sob observação.

Ela me estendeu uma lista enorme de limitações e alimentos. Peguei o papel.

— Ela acordará quando o corpo entender que ela está bem, os remédios faram com que ela acorde mais calma.

— Obrigada doutora.

— Annie me falou de você querido e em minha experiência não como médica obstetra e nutricionista, mas sim como mulher e mãe, vá com calma. Ela te ama, porém é teimosa e obstinada demais. — Afirmei saindo da sala.

— E então? — Meu irmão me bombardeou de perguntas. — Pré-eclâmpsia? Que diabos é isso?

— Olha a boca, *porra*. — Falei o palavrão baixo.

— Ela e o bebê podem morrer? Oh merda.

— Quer parar de falar merda e me ouvir? Ela está estável, a doutora disse que ela está se cuidando. — Sorri orgulhoso da pequena maluca, ela jamais iria colocar nossa bebê em risco. — Ela me deu outra lista diferente de que a Annie está seguindo, mais restrita ainda. Ela permanecerá tomando os mesmos remédios. Eu preciso levá-la para o meu apartamento. Como eu vou tirar os olhos dela?

— Senhor Mitchell? Já pode entrar. — A enfermeira me indicou o apartamento onde ela estava, provavelmente Annie iria tentar me bater quando visse que eu assumi as dispensas do hospital, e a coloquei no quarto mais caro do edifício. O plano médico dela não cobria quase nada, apenas o básico, já o meu, agora seu e dos meus bebês cobriria todos os exames e daria a ela o conforto necessário.

— Papai Gael. — Olhei pra ela e pro meu irmão.

— Que tal irmos dar uma volta eu, você e Carson. — Meu irmão sorriu grande como se tivesse tido a melhor ideia do mundo. — Eu nunca fui a Disney Store, Gael seu cartão Black. — Estendeu a mão oferecido,

como se não tivesse no mínimo uns três igual ao meu.

Abri minha carteira tirando o cartão. Estendendo para ele.

— Só não me afunde. — Beije o cabelinho de Holly.

— Dá um beijinho doce na mamãe papai? — Ela pediu receosa sem realmente querer ir com o tio desmiolado. Afirmei.

— Tome cuidado. — Olhei pra Carson que se mantinha na porta da recepção.

— Leve duas escoltas com você e deixe outra pelo prédio. — Ele concordou. Ele parecia não querer me deixar sozinho, mas nunca ia contra uma ordem minha.

Entrei no quarto, vendo Annie deitada sobre os lençóis, os cabelos loiros estavam espalhados pelo travesseiro e ela parecia lindamente como anjo, diabolicamente maluquinha, mas um anjo.

Depois de algumas várias horas sentado na poltrona apenas a olhando de longe eu criei coragem e me aproximei da cama.

Tocando seus dedos gelados, ela parecia cansada. Vi quando meu filho ondulou pela sua barriga, coloquei a mão e ele se agitou ainda mais.

— Ei filho, deixe a mamãe descansar.

— Meu Deus. — Olhei pra cima e Annie tinha os olhos azuis cansados cheios de lágrimas. — Ele está bem? Por favor Gael. Eu sou uma péssima mãe. Droga. — Sem a permissão dela eu a abracei, meio sem jeito pelo fios e pela posição que ela estava deitada.

Ela fechou os olhos, e soluçou, me apressei em dizer.

— Ei, querida, abra os olhos. Olhei para mim. — Ela fez o que eu pedi e meu coração pareceu levar uma facada, os olhos estavam vermelhos e ela respirava com dificuldade. — Você é a mulher mais incrível do mundo, nosso menino está bem.

— Jura. — Ela me olhou cheia de emoção que se eu não soubesse a pequena maluca que habitava dentro dela, diria que ela a mulher mais doce do mundo. — *Ethan*.

Ela disse o nome baixinho e meu filho se esticou em sua barriga.

— Ethan. — repeti baixinho — Ele gostou do nome.

— Onde está a minha bebê? Oh meu Deus você deixou Holly sozinha?

Seu creti... — Eu ri. Fazendo ela me olhar feio.

— Esta nesse momento estourando meu cartão com o bastardo do Gustave. — Ela arregalou os olhos.

— Você deu um cartão pra Holly?

— Vejo que acordou querida...

— Doc. — Annie chamou a doutora pelo apelido engraçado.

— Bom querida, seus exames continuam bons dentro do possível. — Ela suspirou. — Mas hoje foi um susto e tanto. Esse menino é forte, e logo poderá sair daí em segurança.

— Já posso voltar pra casa? — Annie pediu, não conseguiu e rosnei em advertência.

— Sim, pode. Porém você ficará sobre repouso absoluto, nada de ficar andando por aí, quero que você mantenha está estabilidade daqui para a frente, se não teremos problemas.

Foi imensamente pavoroso, mas comemorei internamente, ela ficaria em casa, longe do emprego. Em minhas vistas, em segurança.

Annie suspirou e desviou o olhar do meu.

— Sim, Ethan é minha prioridade.

— Oh, temos um nome, Ethan. — A doutora riu. E deu mais umas informações.

A doutora saiu me deixando sozinho com Annie. Ela não ficou contente em saber que vai ter que passar a noite aqui, mas para ter certeza eu insisti que a doutora a deixasse por mais um tempo.

— Pense no nosso filho. — Pedi.

Ela ficou quieta, apenas me olhando. Em silêncio, me senti constrangido. Ela nunca ficava tanto tempo de boca fechado, ou ela estava estudando como me torturar ou me torturando em pensamentos.

— Nós vamos ficar bem. — Ela disse baixinho. — Não precisa ter medo.

Eu sabia do que ela estava falando.

— Eu sei, eu só...

— Tem medo que eu faça como ela. — Ela disse magoada.

— Não, porra. Eu... Você nunca seria como ela. — Me referi a Julyn

e ela olhou pra enorme janela do quarto. — Eu só não quero que vocês se machuquem, ou sintam dor. Eu disse a verdade quando falei que você é a mulher mais incrível do mundo. Eu sei que você não colocaria em hipótese alguma a vida do nosso bebê em risco.

— Eu daria a minha vida pela dele. — Feito uma leoa brava defendendo.

— Não, eu não estou disposto a perder nenhum dos dois. — Me aproximei dela. — Isso não está em discussão.

Antes que ela disse algo.

Meus lábios tocaram os dela.

CAPÍTULO 33

“OH, ELA É U DOCE, MAS É UMA
DOIDA.”

ANNIE

Meu corpo todo afoito arrepiou quando as mãos dele entraram em meu cabelo.

Toda a tensão que eu senti durante todos os meses desapareceu, a língua dele explorou cada canto da minha boca, mandando choques diretos para o meio das minhas pernas, gemi.

Ele sorriu entre o beijo e se afastou devagar dando pequenos selinhos nos meus lábios.

Fraca.

Gemi, frustrada.

— Me beije de novo e você nunca mais vai sentir isso que chama de pau. — Ele riu de forma maliciosa e sua voz grossa e sensual saiu baixa e ritmada.

— Holly me pediu pra te dar um beijinho. — Ele me olhou de forma maliciosa passando a mão pelo maldito cabelo. — Não o ameace querida. — Ele se sentou na poltrona. Esticando o corpo de forma sensual, sua calça jeans marcou todo o volume do seu pau.

— Você está sem cueca? — Mordi a língua no mesmo instante. Olhei para o lado ao vê-lo dar uma gargalhada pachorrenta.

Meu corpo se agitou de forma nada boa.

— Nós sabemos que sim querida, não precisa corar. — Piscou. Bufei, sentindo meu pequeno Ethan se mexer, o nome brilhou em minha mente assim que eu acordei desesperada. Eu sabia que não podia brincar com minha saúde, mas de forma involuntária, os acontecimentos de ontem e hoje me levaram quase ao limite.

Respirei fundo, ele é minha prioridade, ele e Holly sempre em primeiro lugar.

— Vá para o in...

— O meu Deus, Gabriel. — A porta foi aberta por uma pequena mulher e logo atrás dela um enorme conhecido por mim. — O que eu preciso fazer para que você não faça mais merda? Onde eu errei?

Ela me abraçou e começou a falar depressa sobre a irresponsabilidade do filho por não os avisar. Enquanto tocava minha barriga e se certificar que está tudo bem.

— Como? — Ele nem sequer pode terminar de falar com ela. Ela o puxou literalmente pela orelha. — Porra mãe, me solte caralho.

— Olá querida. — Joshua se abaixou e me abraçou, colocou a mão sobre minha barriga, e me olhou de forma intensa.

"Obrigado" li seus lábios, e sorri fraco. Gael continuava em uma discussão infantil com a mãe, era engraçado ver uma mulher de menos de 1,65 meter medo em uma monstro de quase 2,0. Seu pai se sentou na beirada da minha cama folgado como o filho.

— Como está se sentindo. Gustave não nos disse muito. — Revirei os olhos para o fofoqueiro de plantão.

— Fofoqueiro. — Ele riu. — Pareço que vou explodir.

Susane se sentou no colo do filho, parecia que éramos uma família, engoli seco. Gael contou a eles detalhadinho o que Eve havia dito e também sobre a nova dieta que ele será responsável.

Aham, sonhe com isso seu gostoso miserável.

— Você precisa de todo o cuidado possível querida. Não podemos de forma alguma deixar essa pré-eclâmpsia virar uma eclâmpsia. — Me olhou amorosa, assenti. Gael continuou na mesma posição com o corpo relaxado tendo a mãe minúscula em seu colo. Olhei para ele querendo fazer com que seu corpo delicioso voasse pela janela.

— Como vocês entraram? — Perguntei curiosa. Afinal o horário de visita já havia passado.

— Sou um Mitchell querida, se eu quero eu posso. — Joshua esbanjou a característica arrogância dos Mitchell. Me fazendo revirar os olhos. — Aliás se Gabriel não tivesse te colocado no melhor quarto eu mesmo o faria parar em um.

Respirei fundo me sentindo sufocada, pela forma banal que eles

tratavam gastos e dinheiro. Me senti péssima sabendo que ele havia pegado a suíte do hospital, nem se eu quisesse poderia pagar os luxos.

Eles queriam, eles tinham.

Não podiam, eles tinham, sufocada eu precisei deixar claro que eu não queria o dinheiro.

— Vou pagá-lo assim que possível e...

— Não se atreva a terminar essa maldita sentença. — Ele rosnou me fazendo crisar meus olhos, devolvi o olhar na mesma média. Se ele se acha louco eu fundei o hospício.

— Gael. — O pai o chamou de forma repressiva. — Vamos.

— Não adianta discutir com eles querida. Acredite, você passa deixar eles pensarem que mandam, quando não mandam nem em si próprios.

— Amor.

— Mãe.

Revirei meus olhos. Respirei fundo. Eu não podia simplesmente mandá-los embora. Meu filho querendo eu ou não era um Mitchell. A o coração idiota que queria essa criatura desgrenhenta comigo.

— Está se sentindo bem querida? — Susane veio em minha direção. Gael se levantou no mesmo instante.

— Vou chamar a médica. — Aquele cuidado todo dele estava me sufocando. Ele não é assim.

— Só estou cansada e sufocada. — Admiti sentindo meus olhos marejaram.

Hormônios.

— Saíam, os dois. — Ela deu um beijinho no marido. — Vou paparicar a Annie e meu neto agora.

— Ethan. — Sussurrei.

Ela abriu um sorriso brilhante. E Joshua sorriu arrastando o filho intrometido para fora. Que renunciou algo que eu não entendi.

— Quero mata-lo e beija-lo ao mesmo tempo. — Admiti desabando em lágrimas, eu estava sufocando. — Eu o amo tanto. Mas estou tão magoada.

Funguei.

Ela subiu na enorme cama que caberiam mais duas de nós facilmente, e me puxou para o seu colo.

— Eu sei meu bem, eu podia dizer que não os quero juntos, mas seria mentira mais vil que eu contaria. — Ela começou a tocar meu cabelo de forma materna.

Meus olhos se encheram com mais lágrimas, silenciosas elas desceram. Colo de mãe.

Aquela pequena mulher estava me acolhendo e me consolando de uma forma que eu nunca tive em toda minha vida.

Funguei.

— Quando eu conheci Joshua, eu era apenas a garçonete do restaurante meia boca que sempre tinha fuzileiros e francos todos os dias. Mais um dia aquele homem imponente de dois metros passou pela porta e se sentou em minha frente dando o sorriso mais lindo e cafajeste que eu já havia visto. Minha primeira reação foi defensiva, mas quando ele abriu a boca, eu nunca havia sido tratada com tanto respeito e atenção durante todos os cinco anos servindo aqueles caras.

Ela sorriu. Eu me sentei com dificuldades, ela se ajeitou e eu coloquei sem vergonha alguma a cabeça em seu ombro.

— Ele era lindo, passou a ir todos os dias, e me defendia dos francos e fuzileiros atirados que tentavam se aproximar. Fico emotiva toda vez que lembro. — Ela riu animada e graciosa. — Aquele cachorro. — Eu não pude aguentar e ri. — Mentiu pra mim, era noivo e era Tenente-Coronel do exército. Eu já estava grávida e desiludida.

Olhei chocada para ela.

— Meu Deus. — Ela riu.

— Sim, está no sangue desses homens, fazer merda. — Ri, da forma ao qual ela falava as palavras sujas. — Eu me mudei de Londres para o país de Gales. Quando ele soube foi atrás de mim e com toda aquela arrogância me fez odiá-lo. Ele me seguia por cada canto, virou minha sombra, onde eu ia, qualquer homem que tentasse se aproximar, lá estava ele, a parede de músculo dando ordens e fazendo ameaças. — Ri, Gael era o pai cuspidor e escarrado. — Sim, meu Gabriel é o pai todo, Gustave mesmo sendo mandão e arrogante é espevitado e animado.

— E você o perdoou por ter mentido? — Mordi minha unha ansiosa, meu corpo traíra tinha saudades dele. Foram tantos meses juntos. Merda.

— Claro. Querida não sofra, faça o sofrer. Ver e não poder tocar. Ouvir e não poder ser ouvido. Desafie essa maldita arrogância dos Mitchell, leve-o ao limite. Aí sim você dá a cartada final.

— Não sei. Eu não sei se o que...

Eu estava confusa e com medo. Meu coração estava cansado de receber migalhas, e os maridos pomposos vivam e tomavam dessas migalhas.

— Mesmo magoada você o ama. Vocês são perfeitos juntos, ao mesmo tempo que são água e óleo, são mel. — Suspirei e passei a mão por minha barriga.

— Você afasta-lo não vai funcionar. Deixe-o perto. Enlouqueça-o. Eu sou mãe daquele teimoso, e quando ele quer ele tem. O que ele fez jamais será justificado, descontar em você suas frustrações e medos, porém eu o conheço e ele se arrepende e a ama. Julyn nunca me agradou, ela nunca foi a favor de ajudar o próximo e ser gentil. Eu nunca vi Gael ter esse brilho malicioso e amoroso com nenhuma outra mulher.

Em um silêncio confortável, ela ficou ao meu lado, tocando minha barriga, rindo a cada vez que meu pequeno Ethan a reconhecia e deixava-a senti-lo.

Suspirei.

Eu queria poder acreditar, confiar nele mais a maldita pulga insistia em morder minha orelha.

— Holly... — Preocupada com meu bebê, não suportando a ideia de ter que ficar longe dela. — Eu preciso ir pra casa, por favor.

Implorei para a enfermeira, que veio ministrar os remédios da hipertensão.

— Ela está bem querida, mesmo aqueles três sendo insanos aquela pequena fadinha tem os três enrolados no dedo mindinho. — Susane riu enquanto a enfermeira sequer respondeu a minha súplica, dizendo que eu precisava de cuidados e que se o pai de Holly for o homem amoroso e desesperado que estava mais cedo lá fora ela estaria em boas mãos.

Suspirei. Encarando o prato com a comida sem sal. Mesmo parecendo delicioso a falta de sal me deixou frustrada, mas pelo meu menino, qualquer

esforço vale a pena.

Já era quase sete da noite quando Susane me ajudou a tomar banho. Ela não me deixava fazer ou contestar suas ordens, toda feliz ela ensaboou minhas pernas e costas. Quando eu voltei para o quarto com ela me segurando de forma protetora, havia uma mala, me sentei na cama tomando cuidado com o acesso e ela tirou de lá uma camisola preta confortável.

A meio metro era pura arrogância e ordens como uma general.



Me deitei na cama e ela me cobriu. Ela se sentou na enorme poltrona abrindo um livro. Meus olhos pesaram e eu deixei o sono me levar.

G A E L

Olhei incrédulo para a enorme casa de boneca no meio da minha sala, havia várias bonecas de vários modelos diferente. Inferno, aquilo era uma astronauta?

— Papai Gael. — Holly se jogou em minhas pernas, e tentou me escalar. Ergui ela para cima e dei um beijinho em seu narizinho fazendo ela rir. — Cadê a mamãe e meu irmãozinho? — Perguntou triste.

— Ela vai ficar bem quietinha lá no hospital até amanhã, e aí vamos buscá-la. — Ela concordou. — Que merda Gustave, isso é um foguete? — Havia uma réplica perfeita de um foguete a gás.

— Nós ainda não montamos a montanha russa, e não fale palavras feias, homem. — Revirei os olhos quando ele terminou de montar boneco do super Mário, que tinha o tamanho da Holly.

Assim que Annie visse tudo aquilo ela ia me comer vivo, sem direito a acompanhamento.

Respirei fundo.

— Que tal o pai te dar um banho enquanto, o vovô e o desmiolado e inútil do seu tio pedem comida. — Ela concordou. Fui com ela até meu banheiro enquanto ela tirava a roupa com o logo da escolinha primária, eu

enchia a banheira. Eu a coloquei na água quentinha e rasa molhando seus cabelinhos.

— Papai?

— O que foi? — Abri o armário pegando um vidro de shampoo de morango.

— Por que você foi embora? — Ela perguntou enquanto eu colocava shampoo em seus cabelinhos e ela mexia as perninhas de forma com se formassem bolhas na água. — A mamãe ficou triste e a Holly também. A tia Hannah disse que o senhor ia voltar, mas você demorou. — Engoli em seco pela quantidade de tristeza em sua voz.

— Filha...

— A bruxa disse pra mamãe, que disse pra tia Hannah que o senhor não ama a gente e que você não é meu papai, que meu papai vai vir me buscar da mamãe e eu nunca mais vou ver ela. Eu não quero ir. Meu papai é você, mamãe me ama muito.

Meu sangue ferveu a cada palavra enroladinha que ela fala. Respirei fundo.

— Me perdoe querida. — Tirei os cabelinhos molhados do rosto dela. Ela me olhava de forma amorosa. — O papai foi um bobão e ficou com medo.

— Mas agora você não tem mais medo? — Sim, eu tinha de perdê-los.

— Não, você, a mamãe e o Ethan vão ficar pertinho do papai.

— Eth...an? — Ela testou o nome do irmão.

— Sim, você gostou? — Ela firmou com a cabeça. Tirei o rumo da conversa falando sobre os brinquedos que nunca caberiam na casa de Annie.

Terminei de dar banho nela e quando sai com ela enrolada em uma enorme toalha meu pai nos esperava na porta do quarto com uma mochila rosa.

— Mande Carson ir buscar. — Ele estendeu a mochila e piscou pra Holly que esticou os bracinhos animada. — Teremos pizza.

A vesti com um pijama de bolinhas sem jeito sequei e pentei seus cabelinhos.

— Ficou ótimo. — Ela pediu colo manhosa já com a carinha cheia de sono. — Ela comeu Gu?

— Nós batemos uma pração no Mac, essa menina sabe apreciar um Strogonoff de carne com batatinha e um suco de laranja. E depois um sorvete de baunilha.

Ela engatinhou sobre o sofá agarrando o ursinho fedido. Entre todos os brinquedos o ursinho continuava vivo...

— Ela ameaçou contar pra você que eu queria jogar esse fedido fora. — Ri. Meu pai entrou com várias caixas de pizza.

Depois de Holly ter comido dois pedaços de pizza de queijo

Fui para a cozinha e abri a enorme geladeira, tirei a garrafa de leite e coloquei no enorme copo, esquentei no micro-ondas.

Ela sonolenta agarrou o copo fazendo meu pai e meu irmão riem. Uni os dois sofás deixando-a no meio, enquanto eu não fosse dormir ela ficaria sobre minhas vistas.

— Nunca te imaginei deixando de comer pra alimentar um monstrinho desse.

— Não chame minha filha de monstrinho, seu imbecil. — Olhei pra eles e suspirei. — Preciso de ajuda.

Meu pai me olhou apreensivo.

— Vou matar aquela velha cheia de Botox e plástica. — Cuspi bebendo um gole de cerveja.

— O que aquele couro de urubu fez? — Olhei pro meu irmão. Eles sabiam da maldita velha e da ratazana drogada do filho dela. O desgraçado estava se afundando novamente na droga, e a velha imbecil sustentando os vícios do desgraçado.

— Ele telefonou pra Annie, Holly não soube explicar. Vou matar aquela miserável. Qual é o problema daquela maluca? — Tentei falar baixo mesmo com Holly dormindo ela tinha o hábito de ouvir a conversa alheias se acordasse.

Sorri da pequena fofoqueira.

— Mande Carson atrás daquele desgraçado, ele deve estar em alguma viela de Londres drogado. A velha vira atrás de mim. — Olhei pro meu pai.

— Eu vou depenar aquele urubu.

CAPÍTULO 34

“NÃO PODE CONTRAELE? JUNTE-SE A ELE!”

G A E L

Ela bufava feito uma vaca brava, enquanto eu a carregava para fora do quarto. Minha mãe tinha um sorrisinho diabólico nos lábios. Como o combinado, após deixar Holly em segurança na escola e cinco homens com ela, eu fui até a pequena diaba loira furiosa.

— Me coloque no chão seu insuportável. — Ela socou meu ombro.

— Você se recusou a ir de cadeira, bonequinha. — Tentei argumentar tentando soar sério.

— Eu tenho duas pernas e sei usá-las muito bem. E você pode apostar que eu irei acertar o meio das suas seu cretino. — Quando eu entrei no elevador, ela me olhou com ódio.

— Precisamos conversar sobre você ficar ameaçando meu menino. — Cheirei seus cabelos.

— Crianças. — Minha mãe nos chamou.

Enquanto minha mãe assinava a saída do hospital, eu e ela trocamos farpas enquanto o elevador descia.

— Por que você fica agindo feito um paspalho? Fingindo que estamos bem quando, não estamos? Qual a parte de que eu não quero ter que dividir o meu oxigênio com você, que você não compreendeu? — Ela falou entre dentes ficando lindamente vermelhinha.

Dei um sorrisinho cínico.

— Eu compreendi tudo querida, porém você carrega um filho meu, e Holly é minha filha. Você não vai se livrar de mim, a não ser que me mate.
— Ela deu um sorrisinho diabólico fazendo um arrepio subir por minha espinha e ir direto para meu pau.

— Ótimo sempre quis saber como é perder o réu primário. — Ela riu.
— Me coloque no chão Gabriel eu sou pesada, por favor. — Olhei em seus olhos.

— Você não pesa nem metade do que deveria para uma grávida. — Comentei, quando o elevador abriu no subsolo Carson abriu a porta do carro.

— Ei, Carson? Como vai? — Ela perguntou sorrindo brilhante para ele como nunca havia sorriso pra mim. Megera. Meus músculos se contraíram e eu senti a veia em meu pescoço pular.

— Senhorita Annie. — Ela revirou os olhos enquanto colocava o cinto.

Me sentei ao seu lado batendo a porta com uma força desnecessária.

— *Nah!* — Ela sorriu mais ainda. — Annie, continuo a mesma de sempre só que agora maior.

Ele sorriu discreto.

Minha mãe entrou no banco do carona toda feliz, com a mão cheia de papéis.

— Sua ultra será amanhã consegui no primeiro horário a tarde. — Balançou o papel. Enquanto Carson manobrava o carro na garagem.

— Mas eu não posso pagar outra... Esquece. — Sorriu pra minha mãe que sorriu ainda mais, vitoriosa. — Me leve pra casa Carson, por favor.

— Não, você vai ficar comigo, no meu apartamento. — Ela arqueou a sobrancelha.

— Sonhe. Para minha casa Carson. — Minha mãe olhou cúmplice com Annie. Estreitei meus olhos.

— Ótimo. Vamos para a casa dela Carson.

— Chefe?

— Se Maomé não vai até a montanha, montanha vai até Maomé. — Ela me olhou incrédula.

— Você não vai pra minha casa.

— Carson, mande arrumar minhas roupas e levar para casa de Annie.
— Estranhamente ela ficou silenciosa, fazendo meu ciúmes recém adquiridos do meu braço direito triplicarem.

No caminho para a casa dela, se é que aquele minúsculo espaço pode

ser chamado de casa, ela se manteve em silêncio. Minha mãe falava aos ventos sobre o enxoval, roupas, brinquedos os tipos de chupetas existentes. Olhei pra Annie que concordava boazinha demais.

Estreitei meus olhos passando a mão no cabelo, desconfiado. Essa diaba loira iria explodir a qualquer momento. E eu seria o alvo de toda essa fúria.

— Você vai repousar, as meninas irão vir até nos, trazendo tudo. Os modelos de carrinho. As roupinhas você só vai precisar escolher.

— Ethan já tem muitas coisas Suse. — Ela disse calma demais chamando minha mãe pelo apelido, deixando minha mãe radiante.

— Nunca é demais querida. — E ela voltou a tagarelar.

Quando chegamos na casa dela meu corpo ficou tenso.

— Porque tantos guarda-costas Carson? — Perguntou enquanto eu ajudava ela a sair do carro.

— Ainda sou um ex-militar para título de conhecimento. — Resmunguei puto respondendo à pergunta pelo desgraçado que me olhava de forma firme. Antes que ela pudesse reclamar a carreguei.

Isso bufe mesmo sua pequena megera.

— Sua casa é pequena demais. — Disse incomodado ao passarmos pela porta, mesmo sendo charmosa era muito pequena.

— Sofá por favor. É só sair pela mesma porta que entrou. — Resmungou quando eu a coloquei no sofá. — Se for ficar me olhando com essa cara de bunda seca, o aviso anterior também serve, *peludinho*.

— Peludinho? — Ela me chamou por um dos apelidos horrorosos que ela me deu. — Você e Carson...

Comecei como quem não quer nada, tirando minha camiseta. Vi o olhar dela sobre meu corpo ainda mais definido que antes, passou a pontinha da língua umedecendo os lábios de forma lasciva.

— Essa cara de bunda é por isso? — Ela riu debochada colocando os pés inchados sobre a mesinha.

Me sentei no chão em cima do tapete peludo. Puxei um dos seus pés para o meu colo.

— O que... Ah... — Ela soltou um gemido satisfeito quando meus

dedos fizeram os movimentos indicados no livro que eu li durante a madrugada.

Coloquei a sola do pé dela contra meu peito como o indicado no livro e comecei a massagem nas juntas dela.

— Vocês são amigos?

— Você realmente quer ir por esse caminho? Quer saber se fodemos é isso? Não, infelizmente minha última foda me estragou definitivamente para outros homens. — Ela disse fechando os olhos.

Sorri olhando para o seu rosto enquanto meus lábios beijaram suas juntas.

— Desculpe. — Ela abriu os olhos e me olhou surpresa.

— Preciso de um banho. Coloca a merda da camisa, inferno. — Sorri ainda mais, ela me olhava com os olhos dilatados de forma lasciva, com fome.

— Vou te ajudar. — Ela me olhou e respirou fundo.

— Um caralho que você vai. Eu estou grávida não invalida seu cretino. — Uma grávida explodindo de tesão.

— Não quero que se machuque...

— Eu passei seis meses e meio sozinha, você acha mesmo que eu preciso da sua ajuda? — Aquilo doeu como um inferno.

Respeitei fundo, não. Não podia dar motivos para ela me jogar da sua vida.

— Isso de me atacar para me afastar não vai funcionar querida. Eu não vou embora.

— O único a ter ido embora como um rato medíocre foi você. Não teste a paciência e a bondade que eu não tenho. — Ela se levantou e eu fiz o mesmo, a fazendo me olhar assustada pelo fato de estar a segundo com rapidez. — Como você...?

— Militar querida, nunca duvide das minhas habilidades. — Ela deu de ombros tentando não parecer afetada, mas eu vi os pelinhos loiros se arrepiarem, quando eu a segui para o quarto devagar ela entrou no cômodo, o maior da casa provavelmente. Havia uma cama que nem se me encolhe-se eu caberia nela, um guarda roupa, um aparador de janela de veludo e uma

pequena penteadeira com alguns produtos.

Ela abriu o guarda roupas e tirou de lá um moletom confortável.

— Merda. — Ela se virou de pressa tentando se esconder. Preocupado caminhei em sua direção.

— Está tudo ... — A camiseta rosa estava molhada, aquilo podia ser imensamente cretino da minha parte mas me deu um puta tesão. Ela ficou vermelha. — Isso... Isso... Sempre acontece?

Como um adolescente gaguejei.

— Às vezes. Eu tenho muito leite. — Ela deu de ombros, tentando soar indiferente, salivei. Os seios dela estavam muito grandes. Maiores do que eram e aquilo era fantástico.

— Doem? — Perguntei me sentando na cama dela. Meu filho terá muita sorte.

— Muito. — Ela disse constrangida.

Ela pegou a toalha e saiu do quarto deixei que ela fosse mesmo o meu monstro querendo ir atrás, para cuidar dela e dele. Olhei para o meio das minhas pernas.

— Inferno. — Eu nem sequer sabia se podia aliviar esse maldito tesão, me recuso a bater uma punheta.

Ouvi o barulho do chuveiro, olhei para a porta em frente ao quarto, fechada e me imaginei com ela debaixo da água.

Nem sequer ia caber eu e ela dentro daquele minúsculo espaço.

Queria poder entrar lá e descarregar todo esse maldito tesão acumulado. Merda precisava falar com a médica.

Mas segundo os artigos que li durante a madrugada, eu manteria meu celibato por longos meses. Merda.

Meu telefone começou a tocar, a foto do meu irmão apareceu na tela.

— Urubu na gaiola. — Deu uma risada alta me fazendo revirar os olhos. — Chega em meia hora, arrumei um galpão afastado da cidade. Estou adorando esse seu lado poderoso chefe.

— Não fode. — Me sentei na cama. Quando Annie entrou no quarto nua. — Me ligue quando a encomenda estiver pronta.

Nem esperei ele desligar joguei o celular no criado mudo ao lado da

cama.

— Me ajuda com o creme? — A megera me olhava de forma lasciva, esticou um pote pra mim e veio andando com cuidado até a cama.



Havia algumas linhas em suas cochas, sua barriga estava redondinha. E meu pau?

Duro feito rocha.

ANNIE

Enquanto a água escorria por meu corpo, eu respirei fundo. Meus hormônios estavam na borda e aquele homem estava entrando em meu coração sem pedir.

Se eu me apaixonei pelo peludinho cretino, imagina se eu não iria me apaixonar por aquele peludinho lá fora. Meu coração dizia para me jogar de pernas abertas e de preferência com o rosto dele no meio delas, mas minha consciência dizia para mim afoga-lo na privada, dar descarga e deixar a grande bosta que ele é rodar.

Cuidar de Holly ontem e levá-la a escola hoje havia derrubado metade dos cadeados que eu havia colocado em meu coração.

Merda, eu queria entender como era possível.

"Enlouqueça-o" a palavrinha da diabólica da mãe dele piscou em minha mente.

Vou me foder? Vou. Pode piorar? Pode! Se piorar pelo menos minha periquita vai ter tido o consolo.

Seria uma puta hipocrisia se eu dissesse que eu não queria aquele homem nu para mim. Eu o queria inteiro.

Mas eu sabia se tinha o mais importante o coração.

Me sequei olhando para meus pés inchados e meu corpo agora todo modificado, engoli em seco. As estrias faziam-se presentes, eu sempre as tive, porém agora elas estavam mais intensas, Ethan se mexeu.

— O cretino do seu pai merece uma chance filho? Aquela imundície.
— Minha barriga se esticou ao máximo. — Vou fazê-lo sofrer.

Loucura. Mas meu menino parecia me entender.

Me olhei no espelho e passei um pouco de perfume, peguei o pote de creme para massagem e sai do quarto ouvido vozes, ele disse algo no telefone e o jogou na cama a foto de Gustave picou e sumiu deixando apenas um protetor de tela... Meu e de Holly?

Reconheci a foto do meu Instagram. Suspirei.

— Me ajuda com o creme? — Pedi tentando não soar ridícula. — Me ajuda a relaxar, só que eu não consigo alcançar meus pés mais e esquece... — Quando eu me virei pra sair senti a mão forte em minha cintura.

— Deita. — A voz grossa ecoou no quarto, como uma ordem, arrepiando todo meu corpo.

Constrangida me deitei na cama, ele passou o corpo sobre o meu. Arrumou os travesseiros e olhou para meus seios com os olhos brilhantes.

Ele pegou o creme e abriu o tubo. O gel gelado tocou meus seios e eu me contraí.

Ele continuou espalhando o creme, passando em círculo pela minha barriga e depois despejando duas fileiras em ambas as minhas pernas.

Ele se levantou e tirou a calça.

Ficando apenas de boxer preta. O volume em sua cueca era enorme, antes dele voltar para cima de mim ele ajeitou o amigo dentro da cueca.

— Isso vai me matar. — Comentou tocando os meus seios. Meu corpo relaxou quando as mãos dele espalhavam o creme de forma suave, meus seios estavam doendo muito, e quando ele tocou, minhas meninas pareceram entender o recado e simplesmente pararam de doer.

— Obrigada. — Tentei não parecer desesperada, ainda era dez da manhã de uma terça feira e estava eu aqui, sendo massageada por um monstrinho gigante.

Aliviada ele desceu as mãos pela minha barriga onde meu filho resolveu se apoiar nas minhas costelas.

— Ei Ethan, relaxe filho. — Ele espalmou a mão em minha barriga

de forma que meu filho se mexeu preguiçoso. — Que tal tirar um cochilo enquanto papai cuida da mamãe?

Conversou com ele como se eu não estivesse ali, beijou minha barriga trazendo uma sensação gostosa, seus lábios quentes em contato com minha pele gelada pelo gel.

— Está melhor? — Ao mesmo tempo que aquilo era totalmente sexual e lascivo, era relaxante e carinhoso. A mão grande era grossa, mas delicada. Quando seus dedos tocaram o interior da minha coxa eu estremeci. — Parecem um mapa.

Abri meus olhos.

— Estão horríveis. — Rebatu, ele desenhava as estrias com os dedos.

— Não, não estão. — Revirei os olhos. — É meu filho mudando seu corpo e acredite, não há tesão maior que esse.

Piscou.

Ele voltou a se concentrar e eu fechei meus olhos.

Quando ele tocou minhas pernas inchadas eu gemi de prazer com a sensação de prazer e relaxamento.



Meu corpo relaxou como nunca havia feito antes.

Merda.

G A E L

Continuei trabalhando suas pernas mesmo depois dela ter cochilado, meu tesão estava presente, mas meu amor e sensação de posse estavam também.

O corpo da diabinha havia relaxado totalmente, ela suspirava em seu sono. Era visível o ganho de peso em seu corpo, mas aquilo me dá um puta tesão, porém ao olhar as pernas inchadas tremi de medo.

Eu sabia a que não podia arriscar ter uma trepada sacana com ela, mas

quando meu filho saísse, eu treparia com ela até de ponta cabeça.

Me levantei com cuidado, olhando a tela do meu celular. Havia duas ligações e sete mensagens da minha mãe. Ela tecia ordens de como eu devia tratar Annie, uma lista de comidas.

Fui para a cozinha preparar o almoço, Holly não ficava o dia todo na escola como na antiga.

Abri a geladeira e vi cheia de coisas novas, sorri. Minha mãe pensava em tudo.

Me movi na cozinha e coloquei tudo no forno, a carne para grelhar e temperei o arroz, tentando não esquecer nada.

Meu WhatsApp apitou e eu coloquei o pano no ombro desbloqueando o mesmo.

Voltei a colocar o celular na banca e voltei para o meu arroz, desliguei o forno e ouvi passo no corredor.

— Boa tarde. — Disse sorrindo ao ver o rosto dela marcado pelo sono vestindo uma enorme camisa escrito "uma puta mulher bem resolvida".

— Só pra você, seu filho resolveu chutar minha bexiga, quase fiz xixi na cama. — Gargalhei fazendo ela bufar. — Quero um ovo frito com mostarda.

Fiz uma careta.

— Que tal carne grelhada? — Ofereci.

— Ovo frito com mostarda e depois a carne grelhada. — Sentenciou.

Revirei os olhos e fiz o que ela pediu. Se levantou e encheu o prato de arroz, sorri da enorme serra que ela fez. Coloquei o ovo em sua frente e o vidro de mostarda.

— Só não exagere. — Ela colocou mostarda sobre o ovo.

Fiz meu prato e me sentei na bancada.

— Tem alguma coisa que você não saiba fazer?

Ela perguntou bebendo um gole de suco de uva.

Dei de ombros.

— Fazer com que me perdoe. — Ela revirou os olhos.

— Por que?

— Porque eu te amo. — Imittei seu jeito e dei de ombros.

— Grande coisa. — Desdenhou. Não vou dizer que não doeu, pois doeu pra caralho. — Eu fiz o mesmo e olha onde eu parei, grávida, sozinha e com dois filhos pra criar.

— Você não está sozinha. — Argumentei. Era estranho a forma com que ela falava, desdenhosa comendo como se estivéssemos falando de um assunto banal.

Ela ficou em silêncio, me olhando de forma avaliativa.

Era estranho, pois eu não sabia se ela estava tentando me matar em pensamentos ou planejando me bater na vida real.

Ela havia perdido parte da espontaneidade de sempre, as frases doidas e descabidas, ela parecia cautelosa e me olhava desconfiada. Eu havia afastado dela a moleca maluca. E deixado uma mulher madura e desconfiada.

Suspirei.

Ela encheu a colher de mostarda e mexeu o arroz.

— Se vamos morar juntos saiba que o lado esquerdo da cama é meu.

CAPÍTULO 35

“PROBLEMAS A VISTA.”

ANNIE

Ele tinha um sorriso vitorioso no rosto, que foi murchando aos poucos, minha diaba interior recém descoberta deu pulinhos de alegria.

— Olha meu tamanho. — Apontou pra si mesmo, eu como sou uma relés mortal dei uma boa conferida. — Nem fodendo que eu vou caber naquela cama.

Vitoriosa dei de ombros.

— Problema seu. — Ele me olhou incrédulo. — Durma no sofá, a porta da rua sempre abre com a chave que fica na mesinha.

Ele me olhou com um brilho desafiador no olhar.

Claramente ele não iria desistir e eu também não. Sorri maléfica, internamente. Por fora eu fiz uma cara de paisagem. Lindamente plena peguei um pedaço de carne grelhada e levei aos lábios.

Ah, o maldito sabia cozinhar. Desgraçado estava me ganhado pelo *bucho*, a comida estava sem quase nada de sal, mas o gostinho de alho e cebola me fez salivar.

— MAMÃEEEE. — A cozinha foi invadida por uma Holly tirando o casaco toda atrapalhada.

Carson surgiu logo atrás trazendo a mochila e a lancheira.

— Oi querida. — Gael a pegou no colo entrando na frente de Carson propositalmente impossibilitando ele de ver minhas pernas nuas. Revirei os olhos o fazendo bufar. Beije seu rostinho. — Mamãe sentiu saudades.

— Dei o papelzinho pro papai, mamãe. — Disse cheia de si. Olhei pra ela orgulhosa.

Respirei fundo, Gael me olhou com uma cara de quem queria respostas. Não iria pensar nesse assunto nesse momento.

— Obrigada querida. — Gael a colocou de frente pra mim na bancada. Coloquei o prato de lado.

— Mamãe, o papai disse que vamos comprar mais coisas pro meu irmãozinho. E o papai disse que é Ethan. — Ela falou toda fofoqueira, demorando um pouco pra falar o nome do irmão.

— Disse é? — Olhei pra Gael que conversava baixo com Carson no corredor que afirmava.

— Tio Gu me deu um montão de presente. — Respirei fundo. Ela começou a me contar que tinha feito novos amigos. Paul e Jason.

— Seguranças. — Gael explicou voltando pra cozinha pegando o final da conversa. — Não tente discordar.

— Eu não disse nada. — E nem iria dizer. Com o medo que passei nos últimos meses ter aqueles armários perto de nós seria como ter quatro olhos a mais principalmente em Holly.

De alguma forma, eu sabia que ele sabia. Ele me olhava com o olhar cheio de preocupação.

Ele colocou a louça na lavadora de pratos, vindo em nossa direção com o pratinho roxo de Holly. Ela continuou tagarelando, ele se sentou do meu lado na banquetta e Holly dobrou as pernas em posição de índio.

Sorri, parecíamos uma família de verdade. Enquanto Gael esfriava a comida pra Holly, eu descii com cuidado colocando um pouco de suco no copinho para ela.

— Vá deitar. Seus pés podem inchar, eu cuido dessa fadinha. — Disse sem olhar pra mim. Respirei fundo. Tentando não bater nele por ser tão insensível.

— Vai mamãe, o Ethan precisa dormir. — Holly tocou minha barriga fazendo Ethan pular.

— Claro querida. — Beijei seu testa e sai da cozinha voltando pro quarto.

Me deitei na cama, tirando a camiseta ficando apenas de calcinha e com o top confortável.

Minhas costas doíam um pouco, ajeitei os travesseiros e me apoiei na cama deitando-se.

Talvez mais tarde eu poderia ir ao mercado. Pedir demissão. Ethan é minha prioridade e com os pés inchados e dolorida, nunca que eu conseguiria subir em uma escada para repor as prateleiras.

Nada de imprudência, embora isso fosse alimentar o ego daquele insuportável, eu o faria.

Ethan em primeiro lugar.



— Você não vai a lugar nenhum. — Ele disse sem olhar pra sentado na banqueta olhando atentamente pro notebook na ilha da cozinha.

Ele usa óculos? Porra. Minha periquita bateu palma.

— Não estou pedindo. — Dei de ombros.

— Não quero que saia, você acabou de sair do hospital. — Dei de ombros. Não sou uma invalida. Esses monólogos estavam me matando.

Era uma sensação de distância, nós não tínhamos nada mais do que atração, a insana vontade de trepar.

Mesmo eu o amando, era só isso.

— Preciso resolver uma coisas. — Disse vaga e irritada.

— Que coisas? Diga e Carson vai fazer por você. — Continuou digitando no notebook.

Ah pronto.

— Porra mulher! Ficou maluca? — Fechei o notebook com força fazendo ele me olhar assustado.

— Vai ou não me olhar nos olhos seu merda. — Rosnei. Fazendo ele me olhar assustado.

Mesmo estando ofegante eu tentei manter a calma. Ele se levantou e eu olhei para cima encarando a enorme parede de músculo sem camisa em

minha frente.

Salivei, feito uma cadela olhando um frango gordo de padaria.

— Vou ao mercado pedir para sair. — Seu Helbert merecia uma satisfação minha, mesmo indo apenas três vezes na semana, o senhorzinho havia me dado uma oportunidade.

— Já o fiz.

— VOCÊ FEZ O QUE? — Eu atirei a bolsa que eu tinha no ombro em sua direção com toda força.

— O senhor Helbert gostou de saber que você ia se dedicar apenas ao pequeno Ethan e ficou preocupado com sua condição no hospital.

— Vá se foder, com que direito você acha que pode ir lá e tomar decisões por mim seu morfético?

Espumei de ódio, e a pia da cozinha me pareceu um ótimo lugar para afoga-lo. Eu tremia descontroladamente feito um pinscher.

— Se acalme querida.

— QUERIDA O MEU RABO. — Apontei o dedo no seu peito. — Não me mande ficar calma. Eu estou calma.

— Me desculpe.

— Qual é o seu problema? Agir feito um babaca e vir se desculpar depois? — Fui em direção a sala sentindo meus olhos lacrimejarem. Já estava anoitecendo, e Holly assistia mundo Bitá no celular do pai deitada no tapete felpudo.

O que seu Helbert vai pensar de mim? Uma ingrata! Merda. Funguei.

Me deitei com dificuldade no chão. Vi ele na porta me olhando com o olhar culpado de vira-lata que caiu da mudança.

— Bonequinha... — Ele se aproximou. Deitei-me ao lado de Holly que se jogou em meus braços deitando a cabeça em meu ombro, segurou o celular caro em uma mãozinha e a outra enrolou no meu cabelo alheia ao clima entre mim e seu pai.

Prestei atenção no celular. Ele bufou e deu as costas voltando para a cozinha.

Ouvi ele fazendo barulho e depois o cheiro de legumes cozidos ao vapor.

Não vou mentir, o morfético estava me dobrando.

Ele voltou para a sala e ao me ver ignorando-o, bufou e foi em direção ao meu quarto, como euzinha tenho uma audição aguçada ouvi o barulho do chuveiro.

Holly, mudou o mundo Bitá para patrulha canina.

— Que tal irmos ver o que seu papai fez na cozinha. — Me levantei com dificuldade, ela deixou o celular no chão e tentou me ajudar toda fofa. Ela grudou na minha camiseta e me "ergueu" para cima. Ri do seu jeitinho ofegante.

— *Vamo* mamãe. — Ela pegou o celular caro do pai e apertou o botão do lado. Minhas suspeitas se confirmaram quando eu vi nossa foto no celular do pai.

Alheia aquilo ela deslizou o dedinho e digitou quatro zeros e a tela desbloqueou. Olhei para ela perplexa, ela tocou a tela no YouTube e voltou ao seu desenho.

— Papai que te ensinou filha? — Perguntei como quem não quer nada.

— Aham... — Ela nem se quer me olhou.

Na cozinha abri as travessas em cima da bancada, o peixe grelhado cheirou, destampeei os legumes colocando num prato.

Coloquei pra Holly e ela largou o celular e olhou esfregando as mãozinhas uma na outra.

— Cenourin. — Enfiou o garfinho na cenoura e riu enfiando na boca.

— Cenourinha, filha. — Ela concordou. Meu olhos foram para a porta da cozinha.

O homem parado em minha frente era de outro mundo. Vestido com uma roupa preta esportiva Gael passou a mão no cabelo.

Ele nos olhou e veio em direção a Holly.

— Papai vai precisar do celular querida. — Holly afirmou.

Mordi minha língua.

— Onde vai papai? — Minha deusa interior bateu palma pra Holly. Minha filha o olhava com os olhinhos brilhantes.

— Papai precisa resolver umas coisas. — Beijou os cabelinhos dela.

— Coma direito. — Bufeí quando ele me olhou.

Se aproximou rápido beijando minha barriga sem pedir permissão. Quando ele endireitou o pescoço meu mundo rodou.

— Está tudo bem? — Perguntei preocupada, seus olhos sem brilho me olharam de forma intensa.

— Prometo que vai ficar bonequinha. Vai ficar. — Sem que eu esperasse ele saiu deixando um beijo em meu rosto.

Levei a mão ao rosto onde ele havia deixado um beijo, meu coração apertou com uma sensação ruim.



GAEL

Entrei no galpão acompanhado de Carson. O lugar era sujo e cheirava a peixe morto. O vagabundo estava amarrado sentado em uma cadeira, e berrou ao me ver.

— Me tira daqui seu porra. — Cuspiu, meu irmão revirou os olhos e se levantou da poltrona de couro.

— Olá irmão. — Meu irmão cumprimentou ignorando o rato medíocre sentado na cadeira.

— A princesa da mamãe tem dado trabalho. — Eu puxei uma cadeira me sentando de pernas abertas e me apoiando no encosto da cadeira. — Se você fosse inteligente o suficiente teria ficado no esgoto onde estava e não tivesse mexido com a minha mulher e minha filha.

Eu disse tranquilamente, meu sangue fervia. Annie estava na defensiva, o maldito assunto do emprego a deixou puta e ela me ignorou o resto da tarde, o que piorou meu maldito estado.

— Sua filha? Holly é minha. E o bastardo que ela carrega também. — Meu corpo se projetou pra frente e meu punho acertou seu rosto em cheio fazendo sangue jorrar em mim e em Gustave.

— *Poh...* Esse blusa era da Gucci cara. — Meu irmão resmungou vendo a blusa cheio de respingos de sangue.

— Levantem esse fodido. — Os dois seguranças fizeram o que eu mandei. O maldito mesmo magro, e acabado pelas drogas era bonito. O típico vagabundo, londrino e loiro. — Você é apenas um doador de esperma, é a mim que Holly chama de pai. — Vi seus olhos verdes ganharem um tom escuro, de ódio. — É meu filho que cresce no ventre dela. É meu sangue que corre nas veias dele e é meu amor que Holly recebe.

Ele me olhou com ódio e cuspiu novamente.

— Foda-se, aquela vadia me deve. — Eu gargalhei.

— O único aqui que deve a ela é você e nós sabemos que você vai pagar. Você é um rato covarde, onde estava a maldita da sua mãe quando ela teve que ficar na rua porque você trocou tudo que ela tinha por pó? —

Meu irmão me estendeu os papéis de forma debochada, porém eu via em seu rosto a sua vontade de pôr as mãos nele. Mesmo que olho roxo do maldito que Gustave já tinha socado a cara dele. — Giuliano Martinez, filho de Tamara Thompson Martinez. — Folhei umas páginas e uma me chamou atenção, me fazendo sorrir. No exato momento em que a porta do Galpão foi aberta.

— MacGyver.

— Vejo que começou a festa sem mim Major. — Ele parou ao meu lado debochando, fazendo o rato de esgoto perder a cor.

Ele havia mudado muito desde a última vez que eu o vi, havia novos rabiscos em seus braços. Ele cumprimentou meu irmão com o típico aperto.

— Essa folha me diz que você teve um pequeno problema em um dos seus negócios Mac. — Me levantei da cadeira. Parando ao lado dele.

— Que tal eu explodir seu rabo agora florzinha. — Mac o pegou pela camisa, o levantando com a cadeira. — Você mexeu com o vagabundo errado palavras suas não.

Vi quando Mac tirou o canivete suíço do bolso fazendo o rato arregalar os olhos.

— Você tem até o amanhecer, cobre sua dívida, não o mate.

— Não me deixe aqui cara, eu... Me solte porra. Eu vou sumir. Nunca mais vai me ver. — O rato implorou, sim ele estava implorando.

— Desamarrem ele. — Meu amigo, jogou ele no chão.

— Dom.

Ele me olhou e eu vi raiva em seus olhos, mas emoção o suficiente por eu ter o chamado pelo nome. Dominic Maldonado, conhecido por nós e no mundo do crime por MacGyver, não tinha esse apelido atoa, ex-franco do exército e agora chefe dos Hell's Angels. Eu não me orgulhava do que meu amigo havia se tornado e o resto do pessoal também. Porém o que ele fazia pelas pessoas da pequena cidade era inquestionável.

— Não Gael. Esse maldito quase matou minha mulher. Aquele era o maldito sonho dela. E ele Destruiu. Você terá os papéis até amanhã no apartamento da loirona.

Mac girou o canivete nos dedos.

— Eu não sabia porra, eu juro. Me mandaram lá. Iam me dar o pó. Era só eu jogar a gasolina e taca... — Antes que ele se termina a sentença Dom enfiou a ponta do canivete suíço em seu olho. Ele gritou e se contorceu.

Os gritos seguintes e as palavras debochadas e frias de Dom me fizeram dar as costas.

— A velha vai vir irmão. — Eu sorri. Sim, ela viria e traria a cavalaria com ela, porém eu estaria pronto com os tanques de guerra.

Eu sabia que Dom não o mataria, mas o faria implorar para morrer. Se eu colocasse a mão nele ela jamais me perdoaria, ela se quer mata uma formiga. Mas ela não podia questionar a terceirização do serviço.

— SEU FODIDO DE MERDA, ELA NUNCA VAI TE AMA... — Fechei a porta do Galpão antes que ele terminasse. Não queria voltar lá e arrancar o couro dele.

— Obrigado. — Meu irmão disse.

— Por?

Subi na minha moto.

— Não tê-lo matado, como eu imaginei que o faria. — Concordei.

— Eu não faço mais isso Gustave. Eu queria você não imagina o quanto. — Suspirei sentindo a raiva passar pelo meu corpo. — Ela não ia me perdoar. E esse maldito vai ter o que merece.

Eu saí de lá com uma insana vontade voltar, porém eu sabia que era um caminho sem volta se eu fosse responsável pelo gritos vindos do Galpão, Dom tinha mais motivos que eu com aquele rato imundo. Mas a velha maldita era minha. Aquela carcaça de urubuzinho ia me pagar por cada lágrima e noite mal dormida que Annie tinha passado.

Dela eu ia fazer questão de fazer de penar até a última penugem.



ANNIE

Já passava dá uma da manhã, eu estava no sofá embolada no meio das cobertas. Meu sexto sentido parecia relutante em ir para a cama.

Nem “*Como eu era antes de você*” prendia minha atenção na televisão. De cinco em cinco minutos eu ia verificar Holly.

A porta abriu e meu coração quase saiu pela boca.

— Gael? — Me levantei o mais rápido que minha barriga permitiu, sua camisa estava suja de sangue. — Você está machucado? Oh meu Deus... Você levou um tiro?

— Oi bonequinha. — Ele tirou a camisa mostrando o corpo em perfeito estado.

Suspirei aliviada.

— Não me diga que matou alguém? Oh meu Deus! Você matou alguém? — Abracei ele com força. — E se a polícia te pegar. Merda, você precisa fugir. Oh meu...

A gargalhada baixa e sensual me fez soltar dele e olhar seria.

— Você está rindo de mim seu imundo?

Ele segurou no meu queixo fazendo nossos olhares de encontrarem e se prenderem.

— Jamais. Fico lisonjeado pela preocupação, linda. Mas não, eu não matei ninguém. — Suspirei aliviada.

Ele me arrastou até o sofá. Sua mão direita estava vermelha e inchada.

— Você bateu em alguém? — Sem sua resposta eu corri para o banheiro pegando a caixa de primeiro socorros e voltei pra sala. Ele estava sentado com o corpo esticado e os pés na mesinha de centro.

— Talvez quebrado um nariz. — Coloquei o álcool séptico na gaze e toquei o ferimento com cuidado. — Estava preocupada comigo?

— Alguém tem que ficar. — Resmunguei sem olha-lo, antes que eu pudesse pensar eu estava em seu colo, tentei me livrar.

— Me deixa te segurar. — Ele passou uma perna minha de cada lado do seu corpo e me abraçou.

Colocou o queixo em cima da minha cabeça, e suspirou.

— Eu não quero te perder. — Meu coração se apertou.

— Aconteceu alguma coisa? — Perguntei baixinho.

— Promete que vai me ouvir e não vai tentar me bater e nem jogar nada em mim?

Me afastei dele, apoiando minha mão em seu peito.

— Que merda você fez Gabriel?

Rosnei.

CAPÍTULO 36

“DOMINIC MALDONADO”

*"Eu me lembro do dia em que você me disse que estava partindo
Eu me lembro da maquiagem escorrendo pelo seu rosto
E os sonhos que você deixou para trás, você não precisa deles
Como cada desejo que já fizemos
Eu queria poder acordar com amnésia
E esquecer as pequenas coisas estúpidas
Como a sensação de adormecer ao seu lado
E as lembranças que eu nunca consigo esquecer"*

**Amnesia
5SOS**



A N N I E

Eu olhava para ele incrédula. Um tremor passou por todo meu corpo me fazendo levantar e me afastar.

— Eu poderia dizer que sinto muito, mas eu estaria mentindo, querida.
— Me levantei e me sentei ao lado dele no sofá apoiei meu rosto nas mãos e me senti enjoada. Tentando assimilar o que ele falou.

Ele havia sequestrado o maldito saco de merda, aquele raquítico de merda.

— Você vai matá-lo? — Perguntei cautelosa. Ele tocou minha coxa me fazendo olhá-lo.

— Não. Eu o entregarei para os federais assim que amanhecer. — Assenti me sentindo ainda mais enjoada.

Olhei para ele procurando um olhar debochado e mentiroso, mas só encontrei verdade e um brilho amoroso em seu olhar.

— Por que você o sequestrou? — Perguntei direta.

Quando ele me disse que tinha aquele saco de dejetos preso no galpão eu me senti como se tivesse ido ao inferno e voltado.

— Ele e aquela velha queriam chegar até você. — Ele se justificou tocando meu rosto. — Eu jamais permitiria que eles te machucassem ainda mais, eu moveria o céu e a terra pra manter vocês longe deles.

Olhei para ele e o olhar amoroso dele me fez derreter mais um pouco. O descarado estava invadindo direitinho meu espaço.

— Ele te disse algo? — Perguntei cautelosa. Aquele desgraçado podia mentir facilmente e se eu tivesse a merda arrancada para fora de mim por culpa dele eu mesma o mandaria para o inferno somente com passagem de ida.

— Nada que você precise se preocupar. — Piscou. — Não está brava ou tentando calcular o que jogar em mim?

— Obrigada. — Eu disse baixo, sentindo todo meu corpo traíra querer as mãos dele em mim.

Ele me puxou para o seu colo novamente. Me olhou com um olhar de que esperava uma resposta pelo agradecimento.

— Por ter mantido ele longe. — Desviei o olhar dele. — Ninguém nunca se preocupou comigo assim... Ah você sabe o lance lá de proteção, cara.

— Odeio quando me chama de *cara*. — Fez uma careta me fazendo rir baixo. — Sobre o lance de proteção, eu fui um merda com você... — Me segurei pra não concordar o quão bosta seca ele foi comigo. — Eu posso passar o resto dos meus dias tentando, mas eu vou provar que te amo.

Meu coração quase saiu pela boca quando os lábios dele encontram os meus. A sensação ansiedade me fez puxar o cabelo da sua nuca com força fazendo-o gemer.

— Nós não podemos. — Eu rebolei em seu colo, fazendo uma fricção gostosa entre nós dois.

— Não, não podemos. — Ele se afastou e riu. — Mas vamos poder em breve, assim que Ethan sair daí.

Ele tocou em minha barriga de forma protetora.

— Ele me roubou. — Admiti. — Trocou tudo que eu tinha por drogas. — Ele me olhou de forma curiosa e amorosa. — Quando ele foi

preso da primeira vez, eu tentei juro que tentei. Mas quando ele saiu de lá aquele vagabundo de merda, ele levou tudo, varreu o inferno para fora de mim, deixando apenas Holly. Eu não consegui manter minha casa, a herança de vovó. — Suspirei tentando não chorar. — O pouco que me restou eu usei para me reerguer e fugir de Londres, Tamara queria Holly.

Ele tirou o cabelo do meu rosto, e beijou minha mão.

— Ela colocou drogas em minhas coisas, alegando serem minhas. — Confidenciei a ele um segredo que eu nunca disse a ninguém. — Quando a polícia chegou eu já tinha jogado toda a droga no ralo. Eles reviraram o que sobrou, o que o maldito resto de placebo do filho dela não consegui vender.

— Sinto muito. — A voz ele saiu grossa e mesmo com a voz calma as palavras tinham raiva.

— Eu não, ele me deu Holly. Foi por ela que eu não cai em depressão, foi ela minha luz no final do túnel, ela foi o que me tirou do fundo do poço e me levou a Hereford, eu estava desesperada quando aceitei o emprego. Você acha mesmo que eu ia engolir toda aquela merda fodida sua se eu tivesse outra opção? Eu te bateria até a morte se eu não fosse caçada por aquela maldita pelancuda da Tamara.

Ele riu e revirou os olhos.

— Foi graças a pelancuda que eu consegui, minha *redenção*... — Olhei pra ele, as palavras dele fizeram meu coração disparar. — Quando eu saí do exército eu tentei suicídio.

Ok, isso foi... Nossa.

— Eu tinha pesadelos, as pessoas implorando por ajuda. Crianças mortas na rua. — Ele fechou os olhos como se a lembrança doesse nele. — Quando eu fui acertado... Minha perna ficou presa, tive múltiplas fraturas na perna, patela esmagada, eu fiquei propenso a doenças, tive várias pneumonias. Eu sou manco. — Eu já havia reparado. Mordi o lábio, imaginado sua bundinha dura pender para o lado. — Por que essa cara de tarada?

Eu ri quando ele beijou meu pescoço.

— É sexy...

— O que é sexy? — Ele me olhou com a cara de ordinário.

— Você todo sexy... Quer dizer o pender da sua perna. Ah você

entendeu. — Ele riu.

— Você acha sexy eu mancar? — Afirmei umedecendo meus lábios que ficaram secos. — Você não existe.

— Suas marcas...? — Perguntei cautelosa e ele me olhou de forma firme.

— Estilhaços, as tatuagens as cobriram, mas é perceptível ao toque. — Suspirei. — Julyn se recusou a me ver no Hospital, ela me mandou apenas um papel me dizendo que havia tirado meu bebê. Ela me mandou fotos da primeira ultrassom e o papel da confirmação do aborto.

Cadela desgraçada, se eu pego aquela salsicha vencida eu a viro do avesso e ainda faço purê de salsicha.

— Salsicha vencida, vaca. — Indignada senti meu estômago roncar. — Ethan está com fome. Posso comer um boi.

Ele riu.

— Como é possível?

— O que? — Ele riu me ajudando a levantar.

Olhei para a camisa no chão com sangue e meu corpo se arrepiou. Em pé eu ajeitei minha camisa e ele se levantou. Ele segurou meu queixo.

— Ir de um extremo a outro? Louca para me dar e agora com fome quase comendo um boi. — Dei de ombros quando entrei na cozinha e abri a geladeira. — Amanhã quero que conheça uma pessoa.

Olhei para ele tirando o pão integral e o peito de peru da geladeira. Susane tinha enchido a geladeira de coisas saudáveis e extremamente caras.

— Quem seria? — Coloquei uma fatia de peito de peru na boca e voltei pra geladeira pegando a caixa de suco natural.

— Dominic Maldonado, nós o chamamos de MacGyver desde a época do exército.

— Não me diga que ele tem um canivete suíço e sabe fazer bomba com bicarbonato de sódio?

Ele riu pachorrento confirmando minha teoria. Fiz meu lanche sobre o olhar silencioso dele.

— E nós? — Sentada desgastando meu sanduíche, eu olhei pra ele e pela primeira vez na vida eu me vi sem resposta e constrangida.

— Não sei, tá legal? — Bebi um gole do suco. — Antes nunca existiu um nós para eu poder colocar em pauta. — Respondi cautelosa. Ele rosnou e antes que eu pudesse pensar direito eu estava presa na bancada.

— Você vai me enlouquecer, mulher.

Antes que ele me beijasse eu respondi baixinho.

— Você já é louco, *peludinho*.



G A E L

Minhas costas doíam eu havia dormido todo torto na cama, Annie se mexia demais e em dado momento da noite ela havia deitado praticamente em cima de mim.

Ela estava me provocando, tendo me fazer desistir com aquele maldito papo de que não nos conhecemos, a maldita megera me conhecia mais que eu mesmo.

Levantei-me da cama, deixando-a deitada de lado, colocando um travesseiro no pé na sua barriga para apoiar onde eu estava.

Puxei o cordão do shorts que eu vestia, a maldita ereção matinal dolorida me fez ranger os dentes. A megera estava vestindo um enorme camiseta escrito em letras gritantes "*fuck me or run*"¹ estavam fodendo meu psicológico, mordi os lábios quando ela abriu as pernas mostrando a pequena calcinha de algodão branca. Minha boca salivou.

Para a maioria dos homens aquela calcinha seria broxante, mas porra aquela merda está fodendo meu psicológico, balancei a cabeça saindo do quarto.

Entrei no quartinho de Holly e ela estava de braços na pequena caminha, toda enroladinha no lençol. Puxei a cortina deixando o quartinho mais escuro. Sai do quartinho dela indo em direção a cozinha para fazer o café e logo chamar Holly.

Que porra é essa?

Dominic estava deitado no sofá, sem camisa e descalço com o pés cruzados e o braço sobre os olhos o folgado babava de boca aberta.

— Porra Gael. — O corpo grande foi ao chão quando eu empurrei o corpo do sofá da minha mulher.

— Como você entrou seu fodido? — Ele continuou deitado no chão, imitando a posição que estava no sofá.

— Carson me deixou subir e *vamo* combinar, até um bebê abre essa fechadura.

— Gael?

Annie estava em pé no corredor coçando os olhos, com a cara vermelha e amassada de sono, linda.

— Caso vocês estejam nus, eu estou com os olhos fechados, embora sua mulher seja um tesão não quero ver seu pau e ficar traumatizado pelo resto dos meus míseros dias. — Chutei o pé dele com força fazendo ele gemer.

— Querida, esse fodido deitado na nossa sala é Dominic Maldonado, MacGyver. — Ele fez uma careta.

— Pode me chamar de Dom, *gracinha*. *Vamo* evitar o codinome de bandidão — O fodido nem se mexeu.

— Gracinha o meu rabo.

— Calma aí *Vito Corleone*. — Revirei os olhos. Ele se levantou e Annie olhou para ele atentamente cautelosa. — Prazer, *gracinha*.

— *Dom...*

— Deixe de ser um cachorro mijando no poste e vá fazer um café, seu filho quer comer panquecas. — Ela sorriu para ele e ele a mediu de cima a baixo.

— Um colírio para os olhos. — Rosnei quando ele se sentou no sofá e calçou o coturno.

Fui para a cozinha com Annie em meu enlaço, ela estava uma gracinha vestindo meu shorts que estava no chão do quarto. Ficou quase na canela. Lindo.

Annie abriu o armário onde tinha guardado a caixa de primeiros

socorros ontem à noite.

— Nem a pau você vai cuidar desse fodido. — Tomei o álcool da sua mão e joguei na direção dele. — Se vira.

Ele revirou os olhos, molhou o algodão com álcool e passou nos ferimentos da mão.

— Sinto muito por invadir sua casa, madame. — Annie abriu a geladeira, pegando o limão ela fez a sua água. Fiz careta, aquilo deveria ser o cão. Ela fez uma carinha de satisfação ao beber o suco de limão sem açúcar.

— Não esquentar *cara*, já me acostumei com homens invadindo meu espaço sem permissão. — Me alfinetou.

Estreitei os olhos para ela.

— Você me deixou morar com você. — Me defendi.

— Só comentei o lado da cama que eu queria, sorte a sua que eu não te deixei no sofá.

— Por falar em sofá, gracinha, concreto é mais macio.

Ela revirou os olhos.

— Deixe de ser folgado, Dom.

Annie colocou as tudo sobre o balcão e Dom pegou um pão e enfiou na boca.

— A quanto tempo você não come direito? — Afrontosa Annie se sentou na bancada quando eu coloquei o café fresco em sua caneca.

— A algumas semanas. — Ela olhou pra ele de forma avaliativa.

— Como é o nome dela? — Ele se engasgou com o pão e olhou pra mim perplexo. Dei de ombros.

— Não me pergunte como. — Abracei Annie por trás colocando minha mão em sua barriga, fazendo Ethan se mexer.

— Boo, Bonnie Portman.

CAPÍTULO 37

“MEGERINHA”

G A E L

Terminei as panquecas enquanto Annie olhava seriamente para o fodido sentado em sua frente.

— E ela não é sua mulher, pelo menos não mais. — Ele olhou vidrado em Annie, ela deu de ombros como se soubesse que ele queria uma conclusão do pensamento. — Você homens pensam com o pinto e você Gabriel é o primeiro da lista a pensar com a cabeça sem cerebro.

Ela estava me olhando com o mesmo maldito fogo, o fogo de meses atrás. A forma como meu nome saiu dos seus lábios fez meu pau pulsar dentro da bermuda.

— Eu não disse nada do contrário mulher maluca. — Me defendi, sorrindo mesmo que houvesse verdade nas palavras dela. Me sentei colocando o potinho de mel em sua frente, coloquei o café fresco em uma xícara.

— É bom mesmo. Vamos, me diga gibi, não me diga que cagou e se sentou em cima? — Sim. Dom riu, ao ser comparado com um gibi, mesmo não chegando aos olhos eu podia ver admiração ao olhar pra Annie.

— Você é a segunda mulher a me desafiar em toda minha vida. — Annie revirou os olhos.

— Vocês homens com esse maldito complexo de Deus¹ irritante me parte o saco. — Ela riu enrolando a panqueca. — Não me enrole, me conte o que você fez e assim podemos pautar se você vai ser perdoado ou não.

— Eu... Eu... Achei que ela tinha me traído. E que Leon não era meu bebê. — Olhei pra ele sem saber o que dizer. — Porra. — Ela realmente deu um tapa na orelha dele? — Que merda mulher, ficou louca?

Sorri maldoso, Annie realmente era pequena em comparação mim e a Dominic, eu era apenas uns centímetros maior que ele, porém ele com essa

cara de chave de cadeia malfeita poderia intimidar qualquer um.

Ela jogou as mãos para o alto.

— Qual é o problema de vocês homens? Deus olha e se arrepende amargamente de ter deixado espermatozoides como vocês dois subirem. — Fiquei quieto.

Já estava sendo esculhambado suficiente, se eu abrisse a boca a megera ia me fazer comer até às migalhas do pão que o diabo amassou.

— Bonequinha... Deixe esse fodido falar, aí você pensa no que você vai jogar nele. — Ela concordou mordendo a panqueca.

— Que apelido mais tosco. — Ele riu pachorrento.

— Pelo menos eu não chamo minha mulher nem de docinho e nem de marrom bombom. — Annie revirou os olhos e eu gargalhei.

Ele suspirou.

— Ela sempre me odiou e me afastou, ou melhor eu a fiz me odiar e se afastar, ficamos juntos uma única vez. Na confeitaria. Onde meu filho foi feito. — Annie concordou, eu já sabia toda a história, porém eu não irei julgá-lo, o mal lavado falando do sujo. — Eu fiz coisas que a afastaram e quando ela me contou que esperava um filho meu, eu não suportei, a achei que ela tinha estado com outro. Aquele maldito xerife de viela, ele insinuou coisas, meu filho nasceu ao um mês. De sete meses. Saiu a quatro dias do neo natal. O *muleque* tem até minha maldita pinta na bunda. — Ele passou a mão nos cabelos.

— Ela te deu motivos pra desconfiar dela? — Annie perguntou, tenho plena certeza que o veneno em sua voz, me fazia crer que ela acreditava em Bonnie e não em Dominic. Ele negou abaixando a cabeça visivelmente envergonhado. — O que aquele rato desprezível fez a você Dom? — Ela perguntou baixo sem o corriqueiro tom ácido de humor.

— Ele incendiou o La Carmen. — Annie colocou a mão nos lábios. — A confeitaria dela. Ela e meu filho estavam lá.

Antes que eu pudesse falar algo, Annie virou o corpo e pulou da cadeira colocando todo café da manhã na pia. Segurei seu cabelo.

— Pega um pano pra mim, merda. — Dom abriu as gavetas procurando o pano. — Segunda a direita. — Eu rosnei, Annie continuo jogando tudo fora. Ela ligou a torneira tremendo e limpou a boca.

A peguei nos braços colocando-a sentada na bancada. Ela me abraçou forte e soluçou.

Coloquei o pano úmido na sua testa tirando o suor. Dom olhava preocupado. Entrei entre suas pernas, puxei a minha bermuda que ela vestia para cima.

— Ei gracinha, a culpa não é sua. Nunca foi e nunca vai ser ouviu. — Ela se acalmou e eu dei um beijo na sua testa. Ela colocou a cabeça em meu peito.

— Ela se machu...cou...cou? — Ela tinha o rosto vermelho. E totalmente molhado pelo suor do redentor vomito e pelas lágrimas.

Me senti impotente sem saber o que fazer, a abracei esfregando minhas mãos na suas costas.

Era fodido, mas eu estava tirando uma casquinha, ela estava com o barrigão contra o meu abdômen causando uma sensação deliciosa.

— Por muito pouco, se eu não tivesse chegado a tempo, ela entrou em trabalho de parto e tinha enjerido muita fumaça. A culpa foi minha, ela me ligou.... Implorou por ajuda. E eu quase não fui, por puro despeito, ela e meu filho quase morrem porque eu estava fodendo uma vadia, tentando me convencer que não a amava.



ANNIE

Eu olhava pra Dominic sem saber o que dizer. Abracei o meu peludinho com força, droga, meu peludinho... Senti o cheirinho do perfume amadeirado dele. Eu havia dormido como nunca havia dormido nos últimos meses, minha costas não doíam. Eu amava esse morfético, sem medida. Merda.

Bonnie Portman, eu não sou capaz de imaginar, o quanto ela deve estar sofrendo, se sentindo humilhada. Gael podia ser um morfético, mas em momento algum duvidou que Ethan fosse seu, chegou aqui latindo ordens, falando aos quatro ventos que meu monstrinho era seu.

Eu não sei como eu suportaria ser quebrada dessa forma. E algo me diz que Bonnie ama esse miserável na minha frente, ao contrário do que ele pensa.

Ele tirou o celular do bolso, digitando algo, e virou o celular.

Meus olhos pousaram em uma negra, baixinha e cheia de curvas, ela tinha um cabelo todo cacheado, e sorria para a câmera.

— Por que vocês tem essa mania de roubar fotos do Instagram? — Gael que estava quieto até o momento, riu beijando meus cabelos.

Me fiz de difícil e o afastei.

— Já melhorei, desencosta. — Ele resmungou e eu me levantei disfarçando um sorrisinho. — Você quer um conselho? De verdade? Eu no lugar dela arrumaria algo bem melhor que você bandidão, porém você é o que tem. Então corra atrás, mostre para ela, que ela pode contar com você sem ter você berrando para todo mundo que ela é sua e que quer arrastá-la pelo cabelo como um Neandertal.

— Ela é minha.

Ele rosnou.

— Não rosne pra mim bandidão, já basta essa criatura rosnando e latindo ordens pra mim em tempo integral. — Aponte o dedo pra ele. — Ela não é sua, ela não é uma posse. E se você continuar agindo assim você não vai conseguir nada, aliás no mínimo é você sair rosnando para o mundo que você, gíbi de araque é dela.

— Como você a suporta? — Ele perguntou, dei de ombros.

— A pergunta é como euzinha o suporte, Bonnie precisa de uma conversa séria com sua mãe Gabriel. — Debochei.

— O que minha mãe te disse? — Me arrependi no mesmo instante em ter dado com a língua nos dentes.

— Nada que seu cerebro de *eu sou o fodão, macho alfa* entenderia, querido peludinho. — Toquei seu rosto de forma esnobe.

— Obrigado gracinha. — Dom abraçou meus ombros e Gael rosnou. Gael me puxou dos braços dele.

— Deixa de ser cavalo homem.

— Mamãe... — Olhei pro corredor e um pontinho loiro apareceu toda enrolada em um cobertor vestindo o jaleco e arrastando a maleta de primeiros socorros dela. Quando ela viu Dominic ela arregalou os olhos e se encolheu toda quando Gael a pegou no colo, seu rostinho parecia uma cereja de tão vermelho.

— Então esse lindo tomatinho loiro é a famosa doutora Holly. — Holly espiou por um olho. — Doutora, eu estou péssimo, dói tudo.

Dominic se aproximou e colocou a mão na cabeça fingindo dor. Ela na hora se afastou de Gael.

Ela se sentou na bancada com ajuda do pai e abriu a maleta, tirou o estetoscópio e colocou nos ouvidos.

Dominic se aproximou e se abaixou na altura dela. Peguei o celular do Gabriel e tirei a foto no exato momento em que ela colocou o aparelho no peito dele. Resmungando coisinhas baixas e dando risinhos ela fez Dom disfarçar um sorrisinho.

— Vou sobreviver doc?

Ela afirmou freneticamente tirando um band-aid rosa neon com glitter

da maleta, ela colocou em cima do nariz dele.

— Tem que somar dois desse. — Ela estendeu a ele a caixinha de TIC TAC dos Minions. Ele tirou dois da caixinha e engoliu. — Toma é seu.

Ela deu a ele a caixinha quase cheia, apontando que tinha mais quando ele quis negar. Em sua maleta havia uma caixinha com vários potinhos de TIC TAC, cada um de uma cor, para um "doença" específica.

— Vou sobreviver, brother. — Gael me abraçou por trás colocando a cabeça em meu ombro. — Já está na minha hora. Gracinha, meu número de telefone está salvo no seu celular, Dom gostoso. Me ligue a qualquer hora.

— Você invadiu o celular da minha mulher? — Revirei os olhos enquanto íamos em direção a porta com Holly no colo de dom brincando com a dog tag.

— Ela devolveu? — Gael perguntou.

— Jogou na minha cara mais precisamente, no dia em que... Você sabe... Gravidez... Certo. — Ele estalou um beijinho no rosto de Holly. — Seus papéis estão na mesinha, todos assinados. Qualquer coisa me ligue. Se ele te magoar gracinha, ligue-me e eu virei correndo chutar o traseiro dele.

— Não pode chutar o bumbum do papai tio Dom. — Holly olhou feio pra ele que emitiu um som de fofura.

— Certo. Sem chutar seu papai.

— Eu mesmo o chuto se ele fizer mais merda. — Ele fez uma falsa cara de dor.

— Serei um anjo querida. Um anjo.

Um anjo que caiu do céu.



E quebrou a cabeça.

— Que papéis são esses? — Perguntei assim que Holly saiu com Carson, toda agasalhada com o uniforme da escola. Com quem não quer nada

me sentei, no sofá onde havia um envelope pardo em cima da mesinha.

— Abra.



G A E L

Ela lia o papel, e começou a tremer.

— Ele abriu mão da guarda dela? — Ela perguntou tão baixo que eu quase nem ouvi. — Nunca pensei que ele se importasse tão pouco, merda. Dói mais ainda ter a confirmação.

Me sentei do lado dela. Mesmo meu ciúmes latejante feito calo me incomodando pelo fato dela ter esperança na ratazana eu me mantive em silêncio enquanto ela lia as diversas folhas.

— É isso o que você quer? — Ela me olhou ao pegar a última folha que continha minha assinatura e o espaço pra dela.

— Você ainda tem dúvidas? — Ela ficou em silêncio pegando na folha de forma firme.

A megerinha tinha lágrimas nos olhos.

— Eu não posso Gael. Holly te ama demais eu não suportaria te ver partir outra vez. Eu não suportaria ser deixada de lado novamente. Ethan me deu forças e Holly foi minha pilastra. Eu deitava toda a noite no travesseiro, imaginando o porquê de você não me aceitar como eu era. Não confiar em mim. — Ela soluçou, colocando as folhas na mesinha de centro, ela apoiou o rosto entre as mãos e continuou falando de forma abafada. — Nem o que aquele rato desprezível fez comigo, se igualou a dor que você me causou com aquelas palavras.

Aquilo me doeu tanto, ela não estava gritando ou me xingando, ela falava de forma magoada e soluçada. Peguei seu rosto entre as mãos.

— Eu não posso te dar mais nada, a não ser meu amor. — Minha voz saiu grossa. — Uma casa, carro ou o dinheiro jamais vão fazê-la me

perdoar, você é assim! Uma maluca incrível, que entrou no meu maldito coração fodido, eu te observei durante meses, eu me apaixonei por cada música maluca que você cantava, por cada camisa careta ou ofensiva que você vestia, por cada palavrão que você me ofendia. É assim. Eu não posso garantir que não vou errar, sou homem, mas eu sou a porra de um homem apaixonado, que te ama tanto que dói, eu passei cada noite e dia pensando em você, tentando te achar. — Fechei meus olhos sentindo o molhar quando eu os apertei. As lágrimas grossas escorriam pelo meu rosto, a fazendo chorar mais. — Eu podia dizer que se você me negar isso, me negar, eu vou sair por aquela porta e nunca mais voltar, mas seria a maior mentira, eu não vou a lugar nenhum.

— Você está chorando... — Ela tocou meu rosto, eu coloquei minha mão em cima da dela.

— Eu quero que acredite em mim. Eu quero minha Annie maluca de volta. Quero olhar para os seus olhos e ver o fogo neles, o brilho. Quero que me ame. — Eu pedi tão baixo que nem eu mesmo soube se ela ouviu. — Eu não sou merecedor de nada. Muito menos do seu amor. Você me amou de graça enquanto eu me preendi no passado, deixei me levar pelo veneno da amargura, pela arrogância e pelo meu egoísmo, eu fui o único a errar. Você me deu a mão, seu coração e eu o quebrei... — Eu chorava feito um bebê, as lágrimas desciam sem permissão. — Me deixa te amar, te proteger. Eu não sou o Gael que você conheceu. Me deixa ser o seu Gael. O seu peludinho.

Supliquei, no auge da minha última tentativa, se ela não me perdoasse depois disso eu não tinha ideia do que fazer. Talvez ela nem me amasse mais

— Você... Você... Nunca foi tão falador e sério a-assim. — Ela soluçou me dando um sorrisinho.

— Você faz isso, é por você mulher maluca. — Eu beijei seus dedos que dançaram sobre meus lábios.

— Eu não quero que você faça por mim Gael, mas por você seu morfético. — Ela sentenciou encostando a testa na minha. Limpei os resquícios de lágrimas dos seus olhos — Eu te amo. Cometi o erro de deixar você entrar no meu coração, mas não cometerei o erro de deixar você sair.

Os lábios dela encontram o meus de forma quase que celestial, ela

nunca havia me beijado de livre e espontânea vontade.

Sem que eu me desse conta ela estava sentada em meu colo, agarrando meu cabelo e tirando tudo que eu podia dar a ela.

Ela gemeu e rebolou no meu colo fazendo meu pau latejar contra ela.

— Merda, eu quero sentar em você e não sair mais. — Ela rebolou com força fazendo meu shorts descer e ela olhou entre nós dois e gemeu manhosa. — Eu quero você dentro de mim.

Ela pediu como uma criança mimada.

Ri de forma sensual e ela gemeu mais ainda.

— Nós não podemos. — Ela fez um muxoxo com os lábios, preendi seu lábios inferior entre os dentes.

— A doutora disse o contrário. — Resmunguei. Ela se afastou e bateu em meu peito.

— Você falou da nossa intimidade com ela seu retardado?

— E você acha que ela não sabe como esse bebezão foi feito, querida? Você não caiu no meu pau e ficou grávida, muito pelo contrário, você se sentou por livre e espontânea vontade.

— Deixe de ser canalha Gabriel. — Dei um selinho de leve em seus lábios.

— Você adora. — Beijei seu pescoço fazendo ela rebolar. — Casa comigo megerinha, me deixa te dar meu nome. Casa comigo?

Os olhos dela brilharam de forma intensa, sorri enfiando a mão dentro da sua bermuda.

— Não.

CAPÍTULO 38

“BELLA ANNIE”

ANNIE

— Não? — Ele perguntou e mordeu meu pescoço.

Eu sabia que ele não ia colocar rosas no chão se ajoelhar e me pedir em casamento, porém ele falando tudo aquilo, desejando ser pai da Holly, de fato. Valia mais que qualquer coisa que ele fizesse.

— Não. — Respondi tentando ser forte. — Talvez... — Respondi baixinho quando a camiseta passou pelos meus braços.

— Podemos você sabe, Las Vegas... Eu, você e Holly. Pegamos um estanho na rua como testemunha e nos casamos. — Eu ri quando ele beijou o topo do meus seios. — Vou cuidar deles...

— Sua mãe ia te bater. — Fiz o mesmo tirando a sua camiseta, quando meus dedos trêmulos e gelados tocaram seu peito duro.

— Estamos mesmo bem? — Ele perguntou cauteloso, seus olhos claros me fitaram com intensidade.

— Não me faça mudar de ideia. — Dei um tapa de leve em seu peito fazendo ele gargalhar. — Ah. — Um grito mudo saiu dos meus lábios quando ele me levantou do sofá, cruzei minhas pernas nas suas costas. — Estou pes...

— Eu não seria homem se não aguentasse te carregar, querida. — Ele beijou meus lábios me calando e me fazendo revirar os olhos. — Não revire os olhos pra mim mulher.

— Deixe de ser machista com complexo de Deus. — Ele riu abrindo a porta do meu quarto.

— Vamos por favor comprar uma cama maior? — Estreitei os olhos.

— Minha cama é ótima, você que é grande demais. Não precisamos de uma cama nova. — Ele rosnou quando me deitou nos travesseiros. — Não rosne.

— Você fala demais.

Ele resmungou atacando meus seios, fazendo eles doloridos, de prazer. Mordi os lábios quando eu o senti chupar meus seios fazendo com que tivesse possíveis marcas mais tarde. Me contorcia de baixo dele.

— Eu te amo mulher maluca.

Antes que eu pudesse responder os dedos dele entravam em mim de forma afoita.

— Casa comigo.

— Assim... Não vale... Meses de tesão acumulado. Inferno.

Fechei meus olhos com tanta força, senti o short descer pelas minhas pernas.

— Vale sim.



A última coisa que eu lembro antes de perder o juízo foi prendê-lo entre minhas pernas .

G A E L

Mordi o interior da coxa dela tirando meus dedos de dentro dela. Levando aos lábios dela.

Ri quando ela tentou fechar as pernas, com cuidado eu as levantei deixando sua barriga em um ângulo confortável, colocando em meus ombros, sentado sobre minhas pernas ,inclinei meu corpo para a frente. Quando minha língua tocou o clitóris inchado, ela simplesmente gozou.

— Já querida?

Me afastei minimamente, ela estava ofegante e suave com o rosto todo vermelho sem eu mal ter a tocado.

— Vá... Vá... Se foder. — Espalhei toda a umidade misturando com o gozo dela, soprei seu sexo fazendo ela tentar se afastar.

— Vou te foder, com carinho mas vou. — ela revirou os olhos

agarrando lençóis com força quando minha língua passou sobre o clitóris dela. — Quietinha e curta a viagem, querida. — Chupei ela de forma gulosa com meses de tesão acumulado a vontade insana que eu estava dela me fez enfiar meus dedos novamente.

Ela gritou virando o rosto e mordendo a franha, ela estava vermelhinha e inchada, extremamente sensível, quando o novo orgasmo atingiu o corpo dela, eu a segurei enfiando minha língua nela e tirando o máximo que eu podia.

Desci as pernas dela com cuidado, colocando um travesseiro sobre sua bunda gostosa, abri as pernas dela. Ela tremia e suspirava suando de forma selvagem.

Eu nunca tinha visto uma mulher tão linda quanto ela. Tirei minha bermuda e entrei entre suas pernas.

— Es... estou cansada... Quero mais. — Ri, rocei meu pau na sua entrada num vai e vem gostoso, inchada e molhada.

— Tem certeza? — Antes que ela me ofende-se eu entrei nela de forma lenta e vagarosa, vi quando ela mordeu os lábios. — Não.

Me inclinei o máximo que sua barriga permitiu sem soltar o peso do meu corpo.

— Ah...

Ela gemeu satisfeita fechando os olhos e me puxando contra ela. Sai de dentro dela e entrei de volta lento e gostoso.

— Assim? — Perguntei baixinho mordendo sua orelha.

— Assim...

— Senti sua falta, megerinha.



— E eu do seu pau peludinho.

Ela estava deitada de lado escancarada em cima da minha perna se esfregando na minha perna.

— Quer me dar de novo é safada? — Perguntei tirando o cabelo suado da sua testa.

— Quero. — Beijou meu peito tocando algumas cicatrizes aleatórias, traçando o desenho tribal em meu peito. — Ela é linda.

Beijou as linhas do desenho toda mansinha. O que uma boa trepada sacana não faz a uma mulher raivosa?

— A resposta ainda é não? — Perguntei. Ela afirmou. — Você sabe que não vai resistir por muito tempo não é?

Deu de ombros.

— Usarei o resto da dignidade que me resta, me deixe me fazer de difícil homem insuportável. — Beije a pontinha do seu nariz.

— Onde quer passar a lua de mel? — Gargalhei quando ela me estapeou. — Te amo.

Os olhos dela brilharam de forma intensa.

— Onde você estiver, pelado de preferência será maravilhoso. — Ela tocou meu rosto. — Não faça mais isso.

— Isso o que? — Beije sua mão, puxando o lençol fino sobre nós dois.

— Cortar o cabelo e a barba só por que eu fui cretina em querer te ver com essa pose de CEO fodão. — Ri.

— Você adora essa posse de CEO fodão que fode bem, querida. — Ela balançou a cabeça. — Vamos deixar crescer se a madame gosta do meu estilo lenhador fodão.

Passei a mão pelo cabelo.

— Toda vez que sorri assim e passa a mão no cabelo tenho vontade de sentar na sua cara e desidratar de tanto gozar. — Gargalhei. Minha Annie estava de volta.

— Assim que esse bebezão sair daí, você pode sentar em mim quantas vezes quiser querida. — Seus olhos brilharam.

— Jura? Amarrar você também?

Olhei perplexo para ela.

— Você tem vontade de me amarrar?

Ela afirmou fazendo carinha de anjinho, toda dengosa.

— Imagina só. — Ela se sentou com certa dificuldade apoiando a mão em meu peito. — Você, o poderoso Mitchell amarrado, amordaçado e vendado ao meu bel-prazer. Muitas possibilidades, chicotes, algemas, óleos de massagem.

Gemi só com o pensamento. Ela olhou para o meu pau de forma lasciva ao vê-lo levantar bater continência como um bom menino.

— Achei que ia reclamar. — Ela pegou meu pau na mão e acariciou a cabeça espalhado o pré-goço. — Quero chupar sorvete.

— Porra mulher, uma hora dessa caral... — Antes que eu terminasse engoli em seco ao sentir a boca molhadinha quente chupar meu pau como um sorvete.

— Eu disse queria chupar sorvete, só não disse qual...

Ter uma grávida deliciosa entre minhas pernas me fez urrar de prazer, ela agarrou minhas bolas me fazendo pegar com força na cabeceira da cama. Olhei pra baixo e gemi, ao vê-la tentar tirar o cabelo do rosto, catei tudo com a mão fazendo um rabo de cavalo e ela deu um sorrisinho contra meu pau.

Posso morrer em paz. Ela soltou um gemidinho satisfeito.

— Vou gozar, sai... — Tentei tirar ela de mim, mas ela puxou minhas bolas e me engoliu até onde deu. Meu corpo estremeceu e eu gozei feito um adolescente com a primeira chupada.

— Refrescante. — Puxei ela e revirei os olhos diante do absurdo que ela disse. — Farei mais vezes.



— Sou todo seu querida. Todo seu.

A N N I E

Olhei para ele apenas de cueca e avental na cozinha, sentada na banqueta apoiei meus braços na pedra fria do mármore.

— Pare de olhar pra minha bunda mulher safada. — Ele nem se quer

virou, a perna dele pendeu, talvez eu fosse a única a reparar que ele é manco, porém eram tão sexy que enviava choques diretos para o meio das minhas pernas. — Você precisa comer, está a horas sem comer, e seu almoço está atrasado.

Resmungou.

— Eu estou com fome de outra coisa, peludinho. — Ele se virou o avental impediu que eu visse o peitoral definido e suculento dele.

— Comida. E depois vamos dar um passeio. — Fiz um muxoxo.

— Tenho cara de quem gosta de sair por aí passeando com essa melancia na barriga? — Reclamei.

— Você mal vai dar vinte passos querida. — Ele colocou o prato todo colorido, com legumes e frango grelhado, minha boca salvou, tirei o cabelo molhado do rosto.

Nós havíamos tomado um banho juntos, no caso ele me deu um banho, destruindo o resto das barreiras em meu coração.

Ele se serviu e tirou o avental se sentando na bancada.

— Parecemos um casal. — Pontuei.

— Somos um casal. — Revirei os olhos. — Nem um pouco normal e convencionais, mas somos um casal foda pra caralho. — Ele afirmou tomando um gole de suco.

— Onde vamos? — Mudei o foco, não queria começar mais uma discussão boba e sem sentido apenas pra ele afirmar algo que nós dois sabemos e eu estou negando apenas para irritá-lo.

— Quero que conheça um lugar. — Ele disse vago. — Coma.

Terminei, e depois de ajudá-lo a arrumar a louça, fomos para o quarto e nos trocamos juntos. Ele colocou um terno? Ele olhou para a gravata e balançou a cabeça.

— Preciso ir a caráter? — Minha roupa era simples comparada ao terno caro, dele, uma saia longa confortável, um cropped de crochê bege, e uma rasteirinha de tirinhas. Soltei meus cabelos e peguei minha bolsa de cipó.

— Mais linda impossível.

— Deixe de ser bajulador, estou parecendo uma mendiga perto desse

terno Armani. — Coloquei o celular e os documentos na bolsa. Ele me abraçou e fez uma carreta.

— Tira essa merda, você não é assim, isso te incomoda. — me afastei e dei a volta nele, tirando terno caro, puxei ele pelos braços jogando em cima da cama toda bagunçada. Fui para a frente dele e dobrei as mangas da camisa social, abri os dois primeiros botões e baguncei seu cabelo, colocando-o para trás tirando todo o gel que ele usou para colocar no lugar. Ele ficou quietinho enquanto eu levantei os pés e beijei seus lábios de leve. — Assim está melhor.

— Você não existe.

Peguei minha mão e a minha bolsa e saímos pela porta da casa, vendo Carson e mais dois carros parados em frente à minha casa.

— Ei Carson. — Cumprimentei.

— Carro dois, eu dirijo. — Carson jogou a chave do carro revirando os olhos.

— Annie.

Entre no carro, colocando sinto Gael deu a volta assim que fechou minha porta, e se sentou ajustando banco.

— Ansiosa?

Neguei me fazendo de difícil.

Ele ligou o carro o colocando em movimento e deu o balão na rua indo em direção a times Square.

— Sei... Quero que conheça um lugar. — Ele fez mistério. Mordi minha unha do dedo mindinho o fazendo rir.

Ele fez mistério o caminho todo. Ele parou em frente a um prédio todo conceitual em branco e preto com uma fachada coberta e as portas todas de vidro tapadas com papel marrom.

Ele tirou a chave do bolso e desativou o alarme, antes de sairmos do carro.

— Pronta?

— Vamos logo, antes que eu tenha um treco! — Desci do carro o mais rápido que Ethan permitiu. — Uau.

Ele pegou minha mão.

— Fecha os olhos. — Fiz o que ele pediu desconfiada. Ouvi o click da porta e ele me guiou todo o tempo ficando na minhas costas. Ele me abraçou assim que eu parei no que eu imaginei ser o meio do lugar. — Abra os olhos. Bem-vinda a galeria de arte *BellaAnnie Art*.

Coloquei a mão sobre os lábios, me afastei dando um giro de trezentos e sessenta graus, meus olhos se encheram de lágrimas.

— Oh meu Deus. — Foi tudo que saiu dos meus lábios. Ao ver os diversos quadros que eu tanto admirei expostos na parede. O lugar era todo branco com formas geométricas como pilastras que sustentam o lugar. Meu olhos foram para o teto, havia luzes parecendo um lindo Céu estrelado, meus olhos foram para o chão todo marmorizado.

Eu pulei no pescoço dele o abraçando com tanta força que eu me imaginei sufocando, um soluço saiu dos meus lábios.

Me afastei dele pegando seu rosto entre minhas mãos com ele ainda abraçando minha cintura.

— Estou tão, tão orgulhosa de você homem irritante. — Beije seus lábios de forma doce.

— Você ficará brava se eu disser que a inauguração é hoje a noite? — Olhei pra ele. — E todas essas pessoas nos olhando com cara de encantados e idiotas apaixonados são meus funcionários?

Me virei vendo um grupo de quase vinte pessoas espiando por uma enorme porta de vidro preto que foi aberta sem eu sequer perceber.

Eles bateram palmas e assobiaram quando eu voltei meus olhos para o Gael?

Ele estava ajoelhado, com uma caixinha de veludo branca aberta com anel delicado e discreto.

Culpem os hormônios, mas as lágrimas saíram quando ele me olhou com os olhos brilhantes.

— Se você disser que não novamente, eu juro que te coloco no jatinho e vamos pra Las Vegas e você casa amarrada a mim sem direito a vestido de noiva.

Os funcionários dele riam enquanto filmavam e tiravam fotos. Feito um chafariz chorei, foi por isso o terno?

— Querida meu joelho está doendo. — Olhei pra ele, saindo do meu

estado de choque, me aproximei dele e ele se levantou, fiquei na pontinha dos pés apenas o suficiente para meus lábios encostarem os dele.

— Eu aceitei seu pedido mais cedo, quando me fez gozar, porém adorei te ver ajoelhado. — Falei bem baixinho somente pra ele ouvir. Beije seus lábios e ele riu pachorrento contra minha boca.

— Só me ajoelharei de novo se for pra enfiar a cabeça entre suas pernas. — Gemi contra seus lábios e quantos todos batiam palmas. Ouvi gritos de Gustave e de Dominic, revirei os olhos. Sem saber de onde os malucos saíram.

A única coisa que me importava agora é o homem rendido que me abraçava e me beijava, me prometendo que eu nunca iria sair daqui, dos braços do meu monstrinho peludinho.

CAPÍTULO 39

“ENQUANTO A GENTE SONHAR A ESTRADA PERMANECERÁ VIVA.”

G A E L

Olhei para os dois panacas na minha frente e revirei os olhos, abracei minha bonequinha que se apoiou em mim. Enquanto íamos ao meu escritório.

Abri a porta a Annie entrou olhando tudo encantada, os quadros dela e de Holly fizeram seus olhos brilhar, os dois idiotas se empurram para passar na porta.

— Me diga que você aceitou cunhada, não aguento mais esse cara chorando no meu ombro. — Meu irmão puxou Annie dos meus braços passando os seus pelo ombro dela. Dominic fez o mesmo do outro lado, deixando minha mulher minúscula perto dos dois inúteis, eles se sentaram no sofá colocando Annie no meio. Me apoiei na mesa de vidro. Me segurando para não socar os dois idiotas.

— Você não trabalha mais não seu inútil? — Questionei puto.

— Você pinta suas telas, vai ganhar dinheiro feito água e euzinho administro a fortuna da família. — Eu sabia que meu irmão cuidava de tudo e ainda administrativa os investimentos do meu pai, porém eu não perderia a oportunidade de chamá-lo de vagabundo. — Fale com o desocupado que chamamos de irmão.

— Nunca neguei que fosse vagabundo e ao contrário de vocês eu ralo pra ter o meu, não nasci em berço de ouro e tive mamadeira de cristais feito vocês dois.

— Você tem um clube de luta clandestino e duas boates de stripper em Las Vegas fora "investimentos" — Meu irmão fez as aspas com os dedos — que não sabemos, guerreiro. — Meu irmão debochou fazendo Dom

sorrir de forma estranha e maldosa.

Gustave colocou a mão na barriga de Annie.

— Fala monstrinho do tio. — Meu irmão ficou branco feito papel.
— Ele mexeu, coloca a mão aqui Dom.

— Porra, esse *muleque* é forte. — Annie riu olhando pra mim com os olhos suplicantes, ajudei ela a se levantar quando ela me estendeu a mão. Ela estava desconfortável no sofá de quatro lugares, os dois não eram nenhum pouco pequenos.

— Tirem a mão da minha mulher e vão atrás da de vocês. — Eles riram olhei pro meu irmão. — Se eu te soco, você fica sem dentes seu panaca.

Virei a cadeira de estofado preto e me sentei colocando-a no meu colo. Meu irmão me ignorou.

— Papai e o furacão Susane chegam em uma hora. — Meu irmão comentou. Sabendo que minha mãe já deveria ter visto a live que o escandaloso do meu irmão fez no Instagram, meu irmão não tinha pouco seguidores, uns quinhentos mil, provavelmente a hora que eu abrisse a merda do aplicativo site de fofocas fariam menções e alardes sobre o casamento, que eu queria que fosse hoje, em Las Vegas.

Porém Annie não precisava saber disso.

— Ela sabe do pedido? — Annie perguntou incrédula.

— Querida? — Meu irmão fez uma voz fina e irritante. — Esse será o casamento do século metade do mundo já deve ter visto esse homem delicioso ajoelhado aos seus pés. Precisamos pensar na despedida de solteiro.
— Ele soltou venoso.

— Não. — Eu e Annie dissemos ao mesmo tempo fazendo Dominic revirar os olhos.

Ouve dois toques na porta e um com licença, tentei lembrar o nome da secretária que minha mãe contratou, porém foi em vão. Ela entrou constrangida, vendo a forma como os dois patetas estavam largados sobre o sofá, Dom tinha os pés na mesinha de centro e meu irmão havia deitado e colocado os pés no encosto do sofá. Ela ficou aguardando minhas instruções imediatas.

— Eu e minha mulher temos uma consulta as quatro horas. — Toquei

a barriga da Annie. — Quero tudo pronto antes da minha volta. Verifique o bufê e as bebidas e certifique-se de que haverá bebidas sem álcool e que o bufê tenha as informações que te passei ontem.

— Sim senhor. — Ela pediu licença e saiu. Annie socou meu ombro.

— Cadê o homem amoroso? Precisa quase rosnar para a moça? Ela quase desmaiou de tão pálida que ficou. — Dei de ombros.

— Só com você querida. — Beijeí seu queixo fazendo ela revirar os olhos. — Você queria o que? Falei normal com ela.

— Você nem sequer deixou ela falar. — Ela pontuou, meu irmão prendia o riso enquanto Dominic explodiu dando uma risada asquerosa.



Revirei os olhos beijando seus lábios.

— Vocês querem parar pelo amor de Deus? Estão me deixando nervosa. Quer para de bater essa merda Dom? — Annie resmungou segurando minha mão. Estávamos nós quatro no consultório esperando meus pais. Annie estava sentada no sofá entre mim e Gustave enquanto Dom estava sentando-se na poltrona em frente a nós. Ignorando os olhares lascivos das outras grávidas, eu voltei a bater o pé no chão.

— Estou nervoso. — Confessei quanto meu irmão voltou a roer a unha. Dom pegou uma revista que falava das posições sexuais confortáveis para uma mulher grávida.

— Quer guardar essa merda? Antes que essas mulheres pulem em você? — Annie tentou pegar a revista, mas meu irmão foi mais rápido e tomou a revista dele folheando.

— Querem pelo amor de Deus parar! — Annie tomou a revista do meu irmão e fechou colocando em cima da mesinha.

As mulheres deram risadinhas.

— Esses brutamontes estão te estressando querida? — a voz acusadora da minha mãe me fez olhar para porta, onde a madame vestia um

vestido florido até os pés e meu pai vestia uma bermuda e camiseta azul. Ela tirou os óculos de sol. — Saia daí filho ingrato.

Gustave saiu do lugar dando espaço para minha mãe, ele beijou o rosto dela fazendo ela suspirar.

— Pai. — Cumprimentei.

Minha mãe começou a falar baixinho com Annie e dando risadinhas. Me ignorando totalmente.

— Ela está putíssima por você não ter nos esperado para fazer o pedido. — Meu pai esclareceu. Revirei os olhos.

— Annie? — A moça chamou. Annie se apoiou em mim e se levantou. Eu e os dois patetas nos levantamos. A enfermeira riu. — Desculpe indiscrição, mas qual de vocês é o famoso papai Gael?

Antes que Annie pudesse responder eu me apressei em dizer.

— Eu. — Respondi todo orgulhoso.

— Eu. — Dominic disse.

— Eu. — Meu irmão gargalhou.

As mulheres da sala fizeram sons de espanto, me virei para os dois, puto de raiva.

— Meninos. — Minha mãe nos repreendeu. Meu pai riu pegando a bolsa da minha mãe. Peguei na mão de Annie que estava toda vermelha.

— Deixem de ser uns fodidos. Eu sou o pai.

— Holly não veio Annie? — A moça perguntou parecendo conhecer minha princesinha.

— Foi toda animada pra aula hoje. — Annie disse e quantos todos nós íamos pra sala da doutora — Ela já faltou bastante nos últimos dias. Por conta do resfriado.

— Temos uma família e tanto aqui hoje. — Entramos todos na sala, Dom e meu irmão ficaram em pé na parede enquanto mamãe e Annie se sentavam, fiquei atrás de Annie e papai fez o mesmo com mamãe.

— Bom querida, devido às fortes emoções dos últimos dias, vamos repetir todos os exames que normalmente eu pediria na próxima consulta. — Annie e minha mãe entraram em uma conversa com ela, as restrições se mantêm. — Como o papai Gael falou comigo vocês ainda não tem

restrições sexuais, porém não vamos abusar quero que você faça caminhadas leves de dez a quinze minutos. Vamos manter nosso antigo cronograma. Prontos?

Annie ganhou vários tons de vermelho. Apertei seu ombro, sabendo que os dois atrás de mim estavam prontos para soltar alguma piadinha.

— Nem tentem. — Rosnei em aviso. A doutora riu.



— Prontos pra ver o pequeno Ethan?

Meu coração disparou.

ANNIE

Minhas mãos tremiam e suavam, depois de Susane me ajudar com a roupa proibindo Gael de vir me ajudar, eu saí por outra porta dando na sala de ultrassom, onde os quatros homens gigantes mal cabiam, Gael me ajudou a subir na cama, praticamente me erguendo com força.

Toda vez era assim, tremer, suar e chorar. Meu coração parecia que ia sair pela garganta, Gael se sentou na cadeira ao meu lado, quando a doutora espalhou o gel sobre minha barriga estremei. Apertei a mão de Gael.

— Prontos?

— Sim. — Respondi baixinho enquanto ela passava o parêntese em minha barriga, minha barriga endureceu.

— Temos um menininho afoito aqui. Sempre de perninhas abertas. — Sorri sentindo lágrimas nos olhos.

— Porra, meu sobrinho tem um saco e tanto. — Ri entre as lágrimas, Gael tinha os olhos preso na tela vidrado, a ultrassom 3D caríssima ao qual ele exigiu, mostrou o rostinho gordinho de forma perfeita. Nas últimas ultrassons eram borrões.

— Isso é o coração? — Dom fez a pergunta por Gael, que tinha sua mão presa entre a minha e os olhos cheios de lágrimas, aquilo era importante pra ele. A confirmação de um sonho que foi interrompido.

Julyn sabia o quão grande era o sonho dele de ser pai e tirar aquilo dele na pior fazer da sua vida o fez duro, quase como uma muralha impenetrável. Sorri, vitoriosa consegui derreter a geleira a transformando num mar tranquilo as vezes surtado, mas tranquilo.

— Um coraçãozinho forte e muito saudável. — Ele fechou os olhos se concentrando no som, eu houve um click na porta e Dom me olhou com os olhos cheio de dor e culpa, ele balançou a cabeça e fechou a porta.

Suse e Josh estavam abraçados, enquanto os olhos dela brilhavam e tinha um sorriso doce, o homem gigante tinha os olhos marejados.

Gustave estava vidrado na tela sem piscar, todos alheios enquanto eu os observava.

Fechei meus olhos ainda ouvindo o coraçãozinho de Ethan.

Com o coração cheio de amor, em algum lugar lá no céu minha família tinha dado uma forcinha e colocado um pouco de senso no meu destino maluco.



Sorri, a vida podia ter sido uma cadela desgraçada comigo, porém como dizia Mia Couto, *enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva*.

— Isso foi foda. — Assim que saímos da sala com um Gabriel cheio de papel e pedidos de exames, encontramos Dom do lado de fora fumando feito uma chaminé.

Pelas bitucas de cigarros no chão, ele já havia fumado uma caixa. Torci o nariz para o cheiro e pelas bitucas no chão. Ele tinha um olhar distante e triste. Mesmo com uma enorme carranca de bunda eu consegui ver apenas um homem arrependido, ele merecia sofrer não nego, minha diaba inteiro verá e escutará esse homem jogado no chão e se arrastando, porém vê-lo ali daquela forma tão crua, me fez realmente pensar se ele e Bonnie teriam uma segunda chance.

Para acabar com o clima tenso que se instalou assim que ele me viu

olhando vidrado para minha barriga. Eu disse.

— Você vai abaixar com um bom menino e pegar cada bitucas dessa no chão, colocar essas merdas no chão e me prometer que nunca mais vai por essa merda na boca. — Ele me olhou debochado. Coloquei a mão na cintura.

— Se ferrou bundão. — Gael gargalhou cruzando os braços e encostando no carro enquanto Susane e a Josh iam pegar o carro que eles vieram.

— Essa eu quero ver. — Gustave fez igual ao irmão encostando no carro.

— Estou esperando, MacGyver. — Ele torceu o nariz quando eu o chamei pelo apelido. Ele abaixou e pegou uma por uma, contabilizei doze. — Escuta aqui Dominic! — Coloquei o dedo em riste em seu peito. — Você tem um filho recém-nascido e uma mulher que acabou de passar pelo que eu aposto ter sido o pior trauma da vida dela. Você acha que fumando feito uma chaminé vai ajudar? No mínimo causar um problema respiratório no seu filho. — Tentou me interromper. — Não terminei, eu não tenho medo de você, pode até ser chefe de uma gangue de motoqueiros, mas eu já lidei com coisa mais cabulosa que você então me estenda a porcaria da caixa de cigarros e o maldito isqueiro.

Ele me olhou com os olhos brilhando, enfiou a mão no bolso tirando a carteira de cigarros e o isqueiro.

Me estendeu e eu peguei jogando no chão.

— Pisa. — Mandei. Ele fez o que eu mandei, amassando a caixa de cigarros e estourando o isqueiro fazendo líquido molhar o asfalto do estacionamento. — Agora abaixe pegue essa sujeira e jogue no lixo e me prometa que você nunca mais vai fumar essa merda.

— Prometo.

Satisfeitíssima me virei vendo minha família me olhando com admiração, dei de ombros quando Gael abaixou beijando meu lábios.

— Você tem muita sorte, brother. — Dom subiu na Harley Davidson preta e sorriu pra mim. — Vejo você a noite, gracinha. Preciso voltar para a casa ainda hoje.

Concordei, Gael me abraçou e beijou meu pescoço.

— Você enfrentou o diabo mulher maluca. — Gustave brincou assim que entrou no banco de trás todo folgado. Me sentei no carona enquanto Gael entrava e ligava o carro afivelava o sinto, o pai dele deu sinal com mão indicando que seguiria Gael.

— E você acha que eu tenho um santo em casa né? — Gael me olhou de soslaio e rosnou feito um pinscher. — Tô mentindo peludinho?

— PELUDINHO? Puta merda! — Revirei os olhos enquanto Gael avisa Carson que estava atrás em um volvo preto atrás do pai de Gael que iríamos pegar Holly na escolinha.

— Você ainda vai ter um apelido ridículo e eu vou usar isso pro resto da vida, aguarde seu merda. — Gael fez uma cara de maldoso.

— O que vocês não me contaram?

— Cala boca Gael.

— Gabriel. — O alertei.

— Se você contar eu nunca mais te ajudo com merda nenhuma.

— Se você não contar Gabriel Mitchell, você vai dormir no sofá e ficará por tempo indeterminado usando apenas as mãozinhas que Deus te deu. — Gael me olhou ultrajado, fiz uma cara vitoriosa.

— Ele tem alguém que está prestes a se casar e que prefere ver o capeta ao vê-lo nu e pintado de ouro. — Gargalhou. Gustave estava vermelho pela primeira vez na vida. — Eu ou você conta a parte que você se ofereceu para o cargo de amante, irmãozinho?

— Que diabos homem! Qual é o problema dos homens dessa família e agregados, primeiro esse morfético do Gabriel, depois o César aquele paspalho, Dominic se sentou bonito na merda e agora você criatura? Deus, oh Deus!

Sai do carro assim que Gael parou.

— Annie. — Gustave suplicou.

— O furacão Annie chega pra todo mundo irmãozinho. — Gael debochou.

— Cala a boca, que não tô boa com você. — Apontei o dedo pra ele.

— O que eu fiz, bonequinha? — Perguntou.

— Me escondeu que isso. — Apontei pro seu irmão. — Está na merda.

— MAMÃE, PAPAI. — Assim que o portão eletrônico abriu Holly saiu correndo sem nem dar tchau a professora. Ela me viu e acenou.

Gael a pegou no colo.

— Olá monstrinha. — Gustave fez com ela um aperto de mão complicado e engraçado. — Vamos ter festa hoje.

— Jura papai? Verdade? — Ela olhou para o pai. — Vai ter docinho?

— Vai, dos que você mais gosta. Com todos aqueles quadros que o papai pintou.

— Gabriel? — Me virei quando a voz melosa chamou meu peludinho. — Meu Deus. Não sabia que ia te encontrar antes da festa, vim dar uma volta e te vi tive que vir dar um oi, que mundo pequeno. — Cínica.

Ele convidou está tripa? Claro que convidou, a "amiga" que estava pelada vestindo a camiseta dele.

— Felícia? — Ele respondeu surpreso. Desgraçado.

— Vamos Gabriel? Seu filho quer comer e meus pés estão doendo. — Reclamei sem nem olhar pra ela.

— Annie? Não sabia que Gael tinha trazido a empregada junto. — Maldita desgraçada.

— Eu não sabia que o diabo tinha aberto a porta do inferno e você havia escapado.

— Annie! — Não. Gabriel não havia me repreendido? Sim, tinha.

— Vem Holly, vamos esperar no carro enquanto o seu pai conversa com a amiga dele. — Debochei.

— Vem, vamos esperar no carro. Felícia. — Gustave cumprimentou e pegou Holly no colo. Me virei entrando no carro e batendo a porta com força. Gustave afivelou Holly na cadeirinha quieto.

Gael se despediu da cadela, que me deu um tchauzinho e voltou para o carro dela.

Ele entrou no carro e me olhou com uma cara nada boa.

— E melhor você nem abrir a porra da boca. — Rosnei só pra ele

ouvir. — Porque você vai ficar banguela e vai casar com a maldita daquela cadela que você chama de amiga.

Não, eu não ia aguentar merda dessa cínica.

No caminho deixamos Gustave no Central Park e eu me despedi de Suse prometendo usar a roupa que ela havia mandado entregar em casa. Eles ficariam no apartamento que Gael comprou. Em silêncio eu entrei em casa enquanto Holly e Gael mantinham uma conversa sobre como foi o dia dela.

Fui direto para a cozinha e peguei um pacotinho de biscoito integral.

— Vai me falar que merda foi aquela? — Ele entrou rosnando.

— Você é que vai me falar até quando eu vou ter que encontrar suas fudas e lidar com a merda delas. — Falei calma o que o irritou mais ainda.

— De onde você tirou isso?

— Da minha cabeça é que não foi, pergunte pra sua amiga. — Dei de ombros.

— Felícia é irritante, mas é uma boa pessoa. Não precisa ter ciúmes.
— Boa pessoa?

O meu rabo!

Dei uma risada debochada.

— Se você acha. — Deixei no ar.

— Nós estávamos bem, você pre... — Antes que ele terminasse eu o cortei, minha mão coçou pra jogar o pacote de biscoito.

Não.

— Se você terminar essa merda de sentença, eu juro que toda a merda que eu relevei, eu não vou relevar de novo. Pergunte a ela o que ela me disse no dia em que ela estava nua após a foda de vocês. Na verdade, você deve se lembrar a final foi você que disse a ela, não é? Grande merda você é!

Sai da cozinha sentindo minha pele formigar de raiva.

Eu ia desmarcar esse cobra em pele de lagarto seco.

Ah mais vou!

CAPÍTULO 40

“É A MINHA MAMÃE.”

G A E L

— Gabriel? — A voz irritante me chamou, Annie parecia que ia soltar uma enxurrada de palavras.

— Meu Deus. Não sabia que ia te encontrar antes da festa, vim dar uma volta e te vi, tive que vir dar um oi, que mundo pequeno. — Ela cumprimentou, me mantive no mesmo lugar, ela saberia reconhecer que eu não queria aproximação dela.

Annie olhava para ela com raiva, seus olhos azuis ficaram meios esverdeados, de raiva. Ela suspirou.

— Felícia? — perguntei pra ter certeza de que não era uma alucinação minha.

— Vamos Gabriel? Seu filho quer comer e meus pés estão doendo. — Ela praticamente rosnou.

— Annie? Não sabia que Gael tinha trazido a empregada junto. — Porra! Meu sangue gelou.

— Eu não sabia que o diabo tinha aberto a porta do inferno e você havia escapado.

— Annie! — Rosnei puto da vida, Felícia tinha passado dos limites, ela sabia da minha história com Annie. Porra.

— Vem Holly, vamos esperar no carro enquanto o seu pai conversa com a amiga dele. — Ela se virou me ignorando e indo diretamente para o carro. Sabia que ela estava puta e com ciúmes.

— Vem, vamos esperar no carro. Felícia. — Meu irmão me fulminou com olhar.

Eles entram no carro e eu encarrei Felícia.

— Eu não preciso nem te dizer que ela não é a porra da empregada, ela é minha mulher. — Rosnei.

— Tá bom, eu conheci ela como sua empregada é difícil se acostumar. — Resmungou me deixando mais puto ainda.

Dei as costas para ela indo em direção ao carro.

— E melhor você nem abrir a porra da boca. — Ela sussurrou cuspidando fogo. — Porque você vai ficar banguela e vai casar com a maldita daquela cadela que você chama de amiga.

Ela tinha o rosto vermelho de raiva e olhava para a janela bufando a cada dois minutos.

Enquanto deixamos minha família em casa ela era toda sorrisos, mas quando olhou para mim novamente vi raiva brilhar em seu olhar. Suspirei cansado.

Quando entramos em casa ela praticamente entrou correndo e foi direto para a cozinha.

— Vai me falar que merda foi aquela? — Eu rosnei puto ao ver que ela estava ofegante e cansada encostada na bancada.

— Você é que vai me falar até quando eu vou ter que encontrar suas fodas e lidar com a merda delas. — Mas que porra?

— De onde você tirou isso? — Olhei pra ela incrédulo.

— Da minha cabeça é que não foi, pergunte pra sua amiga. — Deu de ombros de uma forma estúpida e arrogante.

— Felícia é irritante, mas é uma boa pessoa. Não precisa ter ciúmes. — Tentei não sorrir do ciúmes bobo dela.

A risada debochada dela me fez estreitar os olhos, ela estava na defensiva novamente.

— Se você acha. — Arrogante ela me fuzilou com o olhar.

— Nós estávamos bem, você pre... — *cisa se acalmar...* Eu nem quer pude terminar a frase que ela praticamente tirou palavras da minha boca.

Se aquela maluca não tivesse brotado do chão estaríamos bem e no mínimo ela estaria mansinha e calma.

— Se você terminar essa merda de sentença, eu juro que toda a merda que eu relevei, eu não vou relevar de novo. Pergunte a ela o que ela me disse no dia em que ela estava nua após a foda de vocês. Na verdade, você deve se lembrar, a final foi você que disse a ela, não é? Grande merda você é!

Ela me deu as costas saindo da cozinha praticamente voando e me deixando feito um idiota sem entender uma palavra se quer do que ela havia

dito.

Maluca! Porra, mesmo puto da vida vi quando ela inclinou o corpo para pegar o celular na mesinha e segui bufando para o quarto, maldita maluca gostosa.



Arrumei minha roupa, sabia que se eu colocasse uma gravata eu tiraria e amaria essa maluca e a foderia até o meu último suor.

Depois de comermos silêncio Annie e Holly se trancaram no quarto, me deixando para fora, Holly disse que era "noite das meninas" como se aquele meio metro tivesse o poder de me dar ordens.

Inferno, ela tinha.

Annie nem sequer olhou para mim, ser ignorado e rejeitado estava me corroendo por dentro. Mande mensagens para o inútil do meu irmão e ele só me disse: "você é uma anta de tão cego." E provavelmente me silenciou no WhatsApp.

Puto, minha vontade era de dar uma surra de pica nessa coisinha desequilibrada.

Sentando-se no sofá cor de abóbora, fui obrigado ir ao apartamento tomar um banho, fechei o notebook depois de conferir todos os últimos detalhes da organização do evento.

— Papai? — Olhei por corredor e meu meio metro estava linda em um vestindo branco todo rodadinho, com os cabelos cheios de cachinhos, a peguei no colo e o cheirinho de bebê invadiu o ambiente.

— Cadê sua mamãe? — Perguntei com quem não quer nada.

— Estava passando brilho assim. — Apontou para lábios vermelhinhos de gloss infantil um cheirinho de morango, dei um cheirinho nela.

— Você está linda demais. — Enfiei meu rosto no cabelinho dela.

— Papai também está lindão. — Riu se mexendo que nem

pipoquinha.

— Estou pronta amor. — Puta merda!

Eu vi quando o veneno escorreu das palavras amoras que ela disse.

A voz sensual entrou nos meus ouvidos me levando ao céus e ao inferno em questão de segundos a malícia em seu olhar fez um filete de suor escorrer por minha testa.



Se eu não morresse hoje eu mato um!

A N N I E

Olhei para ele pensando seriamente, meu sub consciente queria bater nesse imundícia até sair o coró, mas minha libido queria tirar essa maldita roupa no dente.

Holly falava com ele enquanto ele me olhava como um cachorro babando por um frango de padaria suculento.

Passei a língua nos lábios e ele acompanhou o movimento com os olhos.

— Vamos? — Eu ia enlouquecer esse cretino! Com meia dúzia de palavras eu sabia como desmontar esse monte de testosterona sem cérebro.

— Então vai ser isso? — Ele cochichou no meu ouvido assim que entramos no carro. Carson falava animado com Holly enquanto ela mostra os brilhos do vestido.

— Tem brilho. — Ela agarrou a própria perninha e levantou fazendo Carson olhar pelo espelho para o glitter dourado em seu sapato.

— É muito lindo. — Senti a mão entrar pela fenda do meu vestido e tocar diretamente a cinta liga da lingerie.

Meu corpo todo tremeu quando ele rosnou no pé do meu ouvido.

— Tire as patas de mim, *peludinho*. — Disse entre dentes, me fazendo de difícil. Eu era uma grávida em ebulição, prestes a explodir.

— Pare de me ignorar. — Ele rosnou. — Somos adultos porra.

Certo, me desculpe por mais cedo, fui impulsivo e não devia ter falado daquela forma. Desculpe. — Ele suspirou apertando minha coxa.

Antes que eu pudesse responder uma enxurrada de flash e mais flash invadiu o carro fazendo Holly se assuntar.

Ela se agitou na cadeirinha fazendo Gael a tirar, ela veio para o meu colo e me abraçou de forma apertada.

— Entraremos por trás chefe. — Carson informou virando numa viela como carro.

— Já passou querida. — Afaguei suas costas de forma calma.

— Vem com o papai. — Gael pediu. — Não vamos apertar o Ethan.

Ela arregalou os olhos passando para o colo do pai.

— Desculpa mamãe.

— Ei, não me machucou meu bem. — Pisquei pra ela. — Seu pai é exagerado.

Ri, fazendo ela dar um sorrisinho fofo para o pai.

— Vamos? — Saímos do carro e Holly se ajeitou no colo do pai. Gael passou a mão em minha cintura fazendo um arrepio subir minha espinha.

Quando entramos no prédio, passamos por um corredor cheio de quadros.

Me soltei de Gael e parei em frente a um enorme quadro meu onde todo meu corpo era apenas um esboço branco na enorme tela, eu estava sentada no balanço do labirinto.

— Você não vem? — Ele tinha um brilho extremamente convencido no olhar e me olhava arrogante, o cretino sabia que era bom.

Revirei os olhos e ele entrou por uma porta que dava ao enorme salão, o ambiente de mais cedo estava agora praticamente no estilo industrial, *Yosemite* do Travis Scott invadiu meus ouvidos.

Não sei como mas várias pessoas nos cumprimentavam e ele sorria de orelha a orelha, nos apresentando como sua família, Holly parecia encantada com a atenção que recebia, os elogios a ela me faziam uma mãe babona, perdi as contas de quantas pessoas colocaram a mão em minha barriga me dando uma sensação horrível porém me mantive sorrindo.

— Querida. Olá bebês da vovó — Olhei a pequena mulher encantadora que me abraçou. — Gael seu sem juízo, venha querida vamos nos sentar.

Cumprimentei Suse com um abraço apertado.

— Mamãe. — Gael gemeu com a repreensão da mãe. — Preciso circular querida. — Fechei os olhos sentindo o lábios macios dele me darem um beijo doce. — Estaremos de olho não é filha? — Holly fez uma carrinha de: missão dada é missão cumprida.

Fomos em direção a uma mesa maior que as demais com o nome dos Mitchell. Sorri.

— Olá querida.

— Oi Josh. — Ele todo enorme me abraçou me fazendo sorri emotiva.

— Onde estão os meninos? — Perguntei olhando ao redor.

— Gusta está atrás do seu rabo de saia e Dominic o impedindo de matar o noivo da minha nora.

— Deixe de ser arrogante querido. Você sabe que Sam irá casar-se.

— Com o nosso filho...

Ri. Ele me olhou desafiante.

— Ela não quer vê-lo nem pintado de ouro Josh. — Eu sabia um pouco dessa merda toda, precisa averiguar mais.

— Boa noite família.

— Falou no Diabo...

— Que veneno todo é esse cunhadinha buchudinha e lindinha? — Revirei os olhos quando ele beijou meu rosto, arrastando a cadeira fazendo com que várias pessoas nos olhassem.

— Boa noite.

— Ei achei que você tinha voltado para o seu calabouço Dominic. — Soquei seu braço.

De repente uma voz grossa me chamou atenção.

— Boa noite.... Bem-vindos ao Bella Annie. — Meus olhos foram para o enorme palco. Meu corpo tremeu quando eu o vi no palco, Holly estava ao lado dele no chão segurando sua mão, enquanto a outra segurava

uma flor. Ela estava toda fofa lá em cima. Ele parecia nervoso e todo sem jeito. — Hoje, eu Gabriel Mitchell iniciei uma nova vida, quando anos atrás eu quase desisti de lutar, algo me fez ficar, porque haviam duas mulheres que precisam de mim. Hoje, pai e futuro homem casado. — Meus olhos estavam molhados pelas lágrimas. Ele olhava diretamente para mim. — Eu vejo o quão abençoado eu sou. A meses atrás, uma loira maluca disse que eu tinha talento, toda simples e amorosa ela me mostrou como a arte pode curar. Hoje, todos esses quadros são dedicados a uma única mulher.

— É MINHA MAMÃE. — Holly gritou toda fofa pulando feito pipoca, apontando a rosa em minha direção, fazendo todos rirem.

— Sim. É a mamãe. Essa mulher deu dois filhos maravilhosos e hoje eu ainda vejo o mesmo brilho quando ela viu um quadro meu pela primeira vez. Talvez as vezes ela surte e queira me matar, ou me bater. — Todos riram e eu chorei mais. — Mas é com ela que eu quero passar o resto dos meus dias, envelhecer juntos e pintar cada pé de galinha que aparecer nesse rosto lindo. — Olhei indignada entre as lágrimas. — Quero te amar todos os dias, ver você surtar quando eu esquecer a tolha em cima da cama ou quando eu te irritar apenas pra te ver me olhar com o fogo do ódio e tentar me matar de amor. — A gargalhada dos dois idiotas puxou todos que riam dos absurdos do Gabriel. — Eu te amo mulher maluca e tudo isso aqui é seu, eu sou todo seu...

— Vai lá porque se você não for, eu vou abraçar aquele merda. — Dom me ajudou a levar e eu caminhei até o palco, o segurança me deu a mão me ajudando a subir os degraus.

Holly veio correndo e pulou em mim, me abraçando.

— Tudo isso é pra você amor, nunca duvide disso. — Apontou pro próprio coração. Ele me beijou fazendo diversos assobios soarem juntos com os gritos escandalosos do Gustave.

Senti todo meu corpo flutuante quando ele me soltou devagar.

— Aproveitem a noite, senhoras e senhores. — Ele piscou, pegando Holly no colo descemos do palco.

— É disso que eu gosto.

— Cala a boca. — Gael socou o irmão.

— Parabéns querido. Mamãe estava orgulhosa de você. — Susane

beijou o rosto de Gael.

Uma música eletrônica começou a tocar. Fazendo Josh e Holly irem em direção a enorme pista. Eu me sentei fazendo Gael sentar e colocar o ombro por trás da minha cadeira.

— Senhor? Precisamos do senhor, dois compradores estão disputando o quadro Hereford. — Gael ameaçou se levantar mas Suse o impediu.

— A mamãe resolve meu bem.

Josh e Holly começaram a dançar, Holly balançando o bumbum e o Josh todo atrapalhado balançado animado com ela. A risada foi geral.

— Eu quero aquele quadro. — Dominic apontou para o enorme quadro negro com auroras boreais, em tom de verde e vermelho.

— Meio milhão de doletas, Domzinho. — Gusta se manifestou e fazendo o Dom engasgar.

— Tudo isso?

— Querida cunhada, irmandade... Irmandade, negócios a parte. — Ele piscou.

— Vem comigo amor. — Gael cochichou no meu ouvido.

Nos levantamos. E eu me engasguei com palavras do meu futuro cunhado.

— Cuidado com as cutucadas no meu sobrinho.



— Pelo amor de Deus Gustave...

G A E L

Annie se engasgou ficando vermelha, olhei para o meu irmão que tinha uma cara deturpada. Dominic se levantou dando um tapa na nuca do infeliz.

— Vamos circular idiota.

— Seu retardado. — Dei as costas antes que eu voltasse e desse um murro na cara dele.

— Cuidado com meu sobrinho.

— Eu ainda mato esse infeliz.

— Eu te ajudo... — Ela riu. Levei ela em direção a mesma porta por onde viemos e mudei a direção indo para o meu escritório. — Onde estamos indo?

— Quero que conhecia um lugar. — O que eu realmente queria que ela visse, ela já havia visto.

Entrei no meu escritório, acendo a luz.

— Eu não disse lá em baixo mas eu te amo peludinho. — Ela passou os braços pelo meu pescoço embora meu pacotinho impedisse que ela ficasse colada em mim. Senti o movimento em meu abdômen quando ela me beijou, meu filho meteu o pé em mim me fazendo rir entre o beijo.

— Papai ama você também filho, mais que qualquer coisa. — Caminhei entre o beijo em direção a minha mesa. Me apoiei no tampo de madeira maciça, colocando-a entre minhas pernas.

Sem que ela esperasse puxei a cinta liga fazendo um estalo ecoar em meu escritório.

— Filho da pu... — Antes que ela pudesse me ofender invadi sua boca feito um louco, ela puxou meu cabelo me fazendo gemer.

Virei nos dois colocando-a sentada em cima da mesa.

— Eu queria te foder, mas por hora uma bela chupada resolve nosso problema.

Sem que ela se espera me ajoelhei entre suas pernas, arrebatando a cinta liga. Delícia.

CAPÍTULO 41

“UMA BARATA VOADORA.”

G A E L

Ela soltou um gemido alto.

— Era novinha seu... Ahh — Meus dedos passaram pela calcinha rendada.

— Imagina só, hummm... Essa calcinha meladinha... Você andando pela multidão, um fico duro só de pensar...

— Por que diabos... Você fica falante toda vez... — Lambi a calcinha fazer ela se contorcer. — Que merda homem.

Afastei a calcinha do lado, fazendo ela se contorcer, trilhei meus dedos nas dobras rosadas fazendo ela melar meus dedos.

— Você vai ficar olhando ou vai me chupar? Estou assim desde que te vi nessa maldita roupa. — Soprei os lábios vermelhinhos dela e ri antes que ela soltasse um palavrão, chupei seu clitóris com força fazendo ela gritar. — Por que você escolheu essas músicas?

Eu sabia que a música que tocava lá embaixo deixava tudo mais gostoso.

Antes que ela resmungasse novamente meus dedos fizeram mágica fazendo ela gritar, mesmo de pau duro, só o fato de a ter ali já me satisfazia.

Inferno, era como ter minha própria obra de arte, ela estava descabelada, o vestido todo embalado na cintura, a barriga saliente fazendo dela a porra da mulher mais sexy que eu vi em toda a minha vida fodida.

— Que tal se você pedir com carinho, amor? — Ela levantou a cabeça, que estava jogada pra trás e me olhou como uma leoa brava, olhos azuis pareciam labaredas, ela suave e temia enquanto meus dedos não perderam o ritmo.

— Ou você me faz gozar ou eu mesma faço, seu... — Antes ela soltasse um insulto eu acelerei o ritmo dos meus dedos, trabalhando com minha língua, seus lábios me apertaram e ela estremeceu, gozando trêmula em meus dedos.

Satisfeito, limpei ela não deixando nada para trás, sorrindo satisfeito ajeitei sua calcinha e dei um beijinho no pano agora todo melado.

Subi, devagar apertando todo o corpo volumoso.

— Você está chorando? Eu te machuquei, amor? Fala comigo amor... Porra. — Ela sorriu fazendo uma lágrima escorrer. Ela me puxou me beijando com força.

— É intenso demais. — Ela disse baixinho.

Peguei ela no colo me sentando na poltrona, tirei meu lenço do terno e limpei o suor do seu rosto.

— Vai ser sempre assim? — Ela perguntou lânguida, beijei seu pescoço.

— Assim como bonequinha?

— Assim, sabe... Ter a sensação de ter sido atropelada por um caminhão.

— Caminhão de rola do seu homem, não é amor? — Ela me bateu rindo.

— Você é muito idiota.

— O seu idiota. — Beijei seus lábios. —

— Você deveria estar lá em baixo... — Ela resmungou.

— Eu deveria estar bem onde eu estou. — Coloquei a mão sobre seu ventre e Ethan me chutou, se fazendo presente, fechei meus olhos sorrindo, Annie colocou a mão sobre a minha.

— Amo vocês. — Ela disse. — Mas vamos antes que Holly enlouqueça o vovô Josh.



— Queria ficar aqui pra sempre, mas já que temos que ir que tal mais um beijo?

— Estava bolinando a cunhadinha buchudinha né irmão. — Prendi fundo a respiração, Annie agora vestia uma vestido solto florido e uma rasteirinha que eu a obriguei vestir, seus pés estavam inchados e ela já estava cansada.

Holly estava no colo de Dominic na mesa de doces, vi quando eles foram em direção aos quadros da Holly, havia uma sessão só com os pequenos quadros, das mãozinhas de Holly e outros desenhos dela.

— Eu estava fazendo o que você se não fosse esse quadrúpede, estaria fazendo se você não tivesse se oferecido a ser o pau substituto.

— Pelo amor de Deus Gabriel. — Annie me bateu fazendo meu pai gargalhar alto, algumas mulheres cheias de frescura nos olharam céticas.

Minha mãe se engasgou.

— Onde foi que eu errei meu Deus? — Minha mãe se lamentou enquanto meu pai olhava pra ela de forma maliciosa.

— Você não reclamou do que fizemos enquanto vínhamos pra cá querida.

— Cale a boca, Joshua Mitchell.

— Amor eu preciso fazer xixi. — Annie disse baixinho, só para que eu escutasse.

— Vou com você....

— Não, não vai... — Ela resmungou. — Vou ao banheiro, com licença.

Ela saiu sorrindo para algumas pessoas que a cumprimentava em seu caminho.

— Felícia veio te parabenizar filho. — Meu pai disse contra gosto.

— E o senhor?

— Queria que eu fizesse o que? Ela parece uma cadela no cio atrás de você. — Minha mãe estreitou os olhos.

— Se eu descobrir que ela estava arrastando asas para você Gabriel, eu depeno aquela galinha e você ainda vai sentir o poder dessa mão munido uma cinta.

— Porra mãe tá maluca? — Olhei incrédulo pra eles, de onde eles tiraram isso?

— Só um cego não vê a inveja nos olhos dela Gabriel. — Minha mãe soltou. — Não se faça de inocente filho.

Olhei para o relógio notando que já fazia uns dez minutos que ela havia saído da mesa.

— Annie está demorando demais. Com licença mamãe... Pai. — Ouvi minha mãe resmungando algo sobre fugir como um covarde.

Merda, Felícia era louca mais não a esse ponto.

— Parabéns Gael, suas obras são um sucesso. — Alguém disse enquanto eu ia ao banheiro feminino.

— Obrigado. — Respondi sem olhar realmente para alguém.

O banheiro da galeria era duplo, tanto o feminino quanto o masculino, duas pessoas poderiam usar ao mesmo tempo.

— Não... Fale... Do meu filho sua cadela. — Ouvi a voz de Annie assim que entrei no corredor mesmo com barulho da música eu podia ouvir vozes vindo do banheiro.

— Julyn me contou tudo, você não passa de uma morta de fome, Gael sabe que a ratinha é filha de um drogado? Oh claro que não, o que ele vai fazer quando souber que a ratinha é filha de um presidiário e que provavelmente esse bastardinho também é. Gael só quer seus filhos pois Julyn tirou o bebê deles... Você é uma porca...

Eu ouvi um estalo e um grito, tentei força a porta, mas ela não abria.

— Nunca mais fale dos meus filhos sua dissimulada, Gael pode não acreditar em mim mas...

— Mas o que? Ele jamais vai acreditar numa empregada medíocre como você! Eu o ajudei, foi comigo que ele passou as noites e você? Ele está com você por pena e culpa.

Eu ouvi a risada trêmula de Annie, tentei forçar mais a porta.

— Você podia ter tudo, é uma mulher linda, tem uma carreira linda mas não, você perde o seu tempo me atacando gratuitamente, sim eu fui a empregada e quer saber? Eu me orgulho disso, pois eu nunca precisei dormir com meu chefe por dinheiro ou para esfregar na cara de outra mulher, como se fosse um título ou um troféu, agora sai da porra da minha frente e vai para o inferno porque a porta inda está aberta.

— Annie? Amor? Felícia abra a porra da porta!

A porta abriu e Annie saiu do banheiro com os olhos cheios de lágrimas. E ela me olhou decepcionada, eu vi a barreira que eu demorei a quebrar subir novamente apenas com um olhar.

— Conver... samos... em casa. — Ela disse baixinho.

— Amor... — Tentei me aproximar mas ela esticou a mão me impedindo.

Porra! Ela achava que eu tinha transado com aquela maluca.

"Você é que vai me falar até quando eu vou ter que encontrar suas

fodas e lidar com a merda delas"

As palavras dela se acenderam em minha mente, o olhar dolorido que ela me lançou me gelou até a alma.

— Você realmente acredita na bondade dela? Que ela não é uma má pessoa? — Ela suspirou e saiu andando com se quisesse ficar o mais longe possível de mim.

— Que porra foi essa? — Eu entrei no banheiro e Felícia estava sentada no chão abraçando as pernas e chorando baixinho, com a cabeça encostada na parede. Os cinco dedos de Annie estavam desenhados no rosto dela.

Antes que ela respondesse eu me dei conta que a mulher que precisava de mim estava cada vez mais longe. Me virei saindo do banheiro ouvindo meu nome ser chamado de forma soluçada.

— Tire essa mulher maluca daqui. — O segurança nada respondeu apenas cumpriu minhas ordens.

As pessoas entravam na minha frente tentando falar comigo. Vi os cabelos loiros irem em direção a nossa mesa.

Meu corpo todo ficou em alerta, não sei como, mas eu voei entre as pessoas, vi vermelho quando Dominic a segurou antes que ela atingisse o chão.

As pessoas se aglomeraram em nossa volta, eu não via mais nada.

A única coisa que eu via era o sangue manchando o vestido dela.

Meu filho...



ANNIE

Sai da mesa sentindo que Ethan resolveu dançar samba bem na minha bexiga .

Entreí no banheiro subindo o vestido, a sensação de alívio foi imediata,

sorri satisfeita pelo recém xixi feito.

Arrumei minha roupa, tento certeza que todos os convidados notaram o fato de eu ter subido com um vestido dourado e voltado com um vestido pelo joelhos florido.

Feito boba abri a cabine indo em direção a pia, lavei minha mão e quando eu me virei para secar as mãos no secador, um corpo entrou na minha frente.

— Boa noite, como vai a vaga de fachada de amante do Gael? — A voz enjoativa entrou falou de forma debochada.

— Sai da frente belzebu. — Ela arqueou a sobrancelha e eu quis socar o rosto perfeitamente maquiado dela.

— Claro, sempre sem um pingo de educação. Se Gael...

— Gael o meu rabo sua rata, Gabriel, Gabriel! Ele não está aqui agora para passar pano para a vadia falsificada e venenosa que você é, então sai da porra da minha frente.

— Meu Deus, tenho pena dessa criança! Porém não é de se esperar muito de um bastardinho fei...

Antes que ela terminasse a maldita frase eu desenhei meu cinco dedos no rosto dela.

— Não... Fale... Do meu filho sua cadela. — Eu tremia, senti uma dorzinha no pé da minha barriga.

— Julyn me contou tudo, você não passa de uma morta de fome, Gael sabe que a ratinha é filha de um drogado? Oh claro que não, o que ele vai fazer quando souber que a ratinha é filha de um presidiário, e que provavelmente esse bastardinho também é. Gael só quer seus filhos pois Julyn tirou o bebê deles... Você é uma porca...

Foi o tempo de ela apenas tirar a mão do rosto, meus dedos estalaram novamente no rosto dela, antes que ela voasse em minha feito uma barata suja. Meu punho foi em direção ao estômago dela.

Ela se contorceu e se apoiou na parede. Ela ofegou.

— Nunca mais fale dos meus filhos sua dissimulada, Gael pode não acreditar em mim mas...

— Mas o que? Ele jamais vai acreditar numa empregada medíocre

como você! Eu o ajudei, foi comigo que ele passou as noites, e você? Ele está com você por pena e culpa.

Aquilo me doeu como o inferno, as palavras cheias de ódio voaram da minha boca, levei a mão ao pé da barriga quando senti uma pontada forte.

— Você podia ter tudo, é uma mulher linda, tem uma carreira linda mas não, você perde o seu tempo me atacando gratuitamente, sim eu fui a empregada e quer saber? Eu me orgulho disso, pois eu nunca precisei dormir com meu chefe por dinheiro ou para esfregar na cara de outra mulher, como se fosse um título ou um troféu, agora sai da porra da minha frente e vai para o inferno porque a porta ainda está aberta.

Eu cuspi as palavras cheias de ódio, a empurrei fazendo ela cambalear. A barata de esgoto era forte. Meu corpo todo ficou trêmulo comigo ouvi a voz rouca gritar e socar a porta, destravei e sai me sentindo sufocada e tonta, minha nuca doía como um inferno, a dor de cabeça começou a pesar fazendo minha vista ficar totalmente turva.

— Annie? Amor? Felícia abra a porra da porta!

Eu via dois Gael.

— Conver... samos... em casa. — Eu disse me sentindo magoada demais, era bem provável da vadia falar que eu a bati quase a morte, embora fosse minha vontade, eu sabia que ele ia acreditar nela.

— Amor... — Eu estendi minha mão, minha nuca doía como um inferno, a dor parecia fazer meu cérebro balançar.

Eu caminhei em direção a saída me sentindo sufocada, eu só queria minha filha!

— Eu... Não... Consigo respira... — Foi a única coisa que eu disse antes de me apoiar no braço tatuado, eu senti meu corpo amolecer e minha cabeça pesar toneladas. Cravei minhas unhas na palma da minha mão quando eu senti uma pontada enorme na minha barriga.



E tudo ficou preto.

Especial
DOMINIC MALDONADO

Olhei para cima pedindo para a porra do Deus que minha docinho acredita fazer alguma coisa. Já estávamos a mais de meia hora sentados no chão, Gabriel no meio, eu de um lado e o panaca do Gustave de outro. Os Mitchell estavam sentados na cadeiras em nossa frente. Dona Susane estava com um terço na mão apoiada pelo marido que mantinha os olhos fechado assim como Gael.

O inferno da maldita sensação que eu senti a meses atrás se fez presente. Porra, a mulher maluca não merecia nada disso.

Ela podia ser uma doida, mas era uma mãe incrivelmente maravilhosa, ela havia colocado uma coleira de ouro no bundão do meu amigo. Merda, esse cara merecia ser feliz, desde que saímos do exército a vida fodida fez questão de foder com tudo.

Só sabíamos de uma coisa, que ela tinha entrado em eclampsia. Ela havia tido uma maldita convulsão enquanto vínhamos para cá e sua bolsa rompeu fazendo a médica iniciar uma cesariana logo após estabiliza-la, a *gracinha* precisava sair dessa.

Não sabíamos quantas horas ficaríamos aqui.

Meu celular apitou, indicando uma mensagem do meu melhor amigo.

Havia uma foto do meu filho peladinho no peito do meu melhor amigo, ele era pequenininho e todo vermelhinho.

Senti meus olhos molharem, era para ser eu ali. Mas eu perdi esse direito.

Ouvi um soluço baixo do meu amigo, com os olhos atentos no celular.

Eu havia perdido tudo e não queria que Gael perdesse também.

Mas eu sabia que ele voltaria para a casa, com a maluquinha e com seus filhos, já eu?

Não tenho mais nada, além do desprezo da única mulher que eu amei e um filho que ela nunca vai me deixar sentir.

CAPÍTULO 42

“ETHAN”

G A E L

Tic... Tac... Tic... Tac... Tic... Tac...

Eu queria quebrar o maldito relógio na parede. Minha mãe e meu pai haviam ido para a casa, Holly precisava dela. Ela chamava desesperada por mim e por Annie. Depois de tirar a roupa suja de sangue e trocar pelas limpezas que Carson trouxe, eu me sentei no chão ao lado de Gustave e Dominic, que permaneceram ali comigo.

As horas pareciam infundáveis, nos três estávamos feito três sacos de lixo em frente a porta pela qual a doutora havia entrado.

Meu desespero havia passado, dando lugar a uma raiva e um medo insuportável.

Minhas têmeoras doíam e me deu uma dor de cabeça insuportável.

Olhei para parede branca sentindo do meu corpo amortecido, eu não sentia nada além da maldita dor de cabeça e culpa. Quando a doutora chegou, disse que eu podia ver meu filho, eu era incapaz de ouvir, depois de duas horas e meia no chão do hospital a doutora pareceu brilhar feito a luz no final do túnel.

— Vamos conhecer o Ethan depois conversamos com calma. — Antes que eu comesse a fazer perguntas sem fim, ela se adiantou. — Annie está bem querido, ela é a mulher mais forte que eu conheci. Pelo que eu a conheço ela iria querer que você visse o pequenino primeiro.

Vestido com uma roupa verde vômito, com touca e com luvas eu fui ansioso em direção a sala.

Eu não prestava atenção em mais nada a não ser no choro fraquinho que vinha da caixa de vidro, meu corpo todo tremeu.

Me aproximei da caixa.

— Oi moleque. — Me abaixei na altura da incubadora, e no mesmo

instante o chorinho baixo parou. Ele pareceu olhar diretamente para mim. Os olhos ainda sem cor definida, fizeram os meus se encher de água. Toquei a caixa de vidro. — Oi... Filho. — Suspirei sentindo as lágrimas grossas descerem. — É o papai campeão.

Ele pareceu entender, meu coração parecia que ia sair do peito, eu nunca havia visto algo tão pequeno, havia alguns fios loirinhos na pequena carequinha. Poderia ser loucura da minha cabeça, mas ele parecia ter o mesmo brilho sapeca e desafiador da mãe no olhar.

Afastei as lágrimas dos meus olhos, aquela coisinha mexia a boquinha de forma devagar. As perninhas pequenas cheias de dobrinhas.

Porra, ele é perfeito.

— Senhor? Ei papai, eu sinto muito, mas já está na hora de você ir. — Afirmei concordando com a enfermeira, tirei toda a roupa e joguei a máscara e luvas descartáveis no lixo, me liberei dos sapatos descartáveis. Quando eu saí da UTI neonatal meu corpo travou, encostei na parede e meu corpo foi escorregando pela parede.

Senti um toque no meu braço, olhei para a doutora. Ela se abaixou e se sentou ao meu lado no chão frio.

— Ela vai ficar bem não vai? — Eu soluzei, encostei minha cabeça na parede fria e fechei meus olhos.

— Infelizmente Annie teve duas convulsões durante o trabalho de parto, a sulfatação¹ nos ajudou a manter a paciente estabilizada. — A voz estava distante. — Ethan está sendo encaminhado para a UTI neonatal, infelizmente os pulmões estão insuficiente maduros para que ele possa respirar sozinho, vamos monitorar seu filho durante as próximas 24 horas, elas vão ser cruciais para o futuro do seu filho. Infelizmente Annie já é outra história, a hemorragia causou alguns danos, agora ela está recebendo sangue, graças aos céus ela tem o tipo receptor universal, AB+ no momento ela está sendo encaminhada para a UTI para acompanharmos as também próximas 24 horas. — Eu senti ela pegar em minha mãos que eu nem dei conta que estavam tapando meus olhos cheio de lágrimas. — Em todos esses anos, eu já sentei com vários pais, já perdi várias mães, porque a missão delas aqui na terra estava cumprida mas Annie tem muito o que aprender e ensinar. A mulher que eu salvei hoje me disse um dia que sonhava um dia entrar pela

mesma porta que eu e salvar vidas. Várias vidas. Aquela mulher! A sua mulher, ela jamais vai desistir de tentar.

— Eu não sei o que fazer... — Mal ouvi minha voz.

— Use sua fé, independentemente de onde ela esteja ou acredite, use sua fé. Não como médica, mas como uma amiga que viu essa mãe sozinha nos primeiros meses, lutar sozinha, use sua fé, mas por hora vá para casa tome um banho, esfrie essa cabeça e volte. Você vai precisar estar lá quando ela acordar.

Ela se levantou.

Eu me levantei, sem muita vontade. Empurrei a porta e meu irmão me olhou de forma preocupada, mas não disse nada.

— Ele é lindo! Porra! — Falei alto fazendo a moça da recepção rir. — Pequeninho. — Eles riram e me levantaram do chão.

— Eu sabia que ele não ia puxar você irmãozinho. — Assim que eles me colocaram no chão eu soquei meu irmão.

— Idiota.

Olhei no maldito relógio da parede que bateu três da manhã em ponto.

— Vá... Vá... pra casa. — Minha voz saiu baixa e rouca. — Seu filho precisa de você.

Ele me abraçou e eu suspirei cansado.

Dominic não deveria estar aqui.

— Vá pra casa amigo, Bonnie precisa de você, mesmo que ela diga que não. Vá, insista, nem que ela queria te queimar vivo, não perca a chance de ver seu filho crescer. — Dei um sorriso triste. — Quero ver sua cara só no dia do seu casamento, ou do meu... Pra quem não queria ser amarrado, estamos perdidos com essas mulheres.

— Você vai ficar bem, brother? — Afirmei.

— Eu preciso ficar. — Apertei sua mão. — Meus filhos e minha mulher precisam de mim.

— Me mande fotos do seu moleque brother. Eu volto assim que ela acordar. — Saímos os três do hospital, afirmei vendo ele subir na moto. Em direção opostas, cada um para o seu caminho...

Eu cheguei em meu apartamento, eu e meu irmão cada um perdido em seus pensamentos.

— Vai dar tudo certo irmão. — Meu irmão me abraçou, devolvi o abraço com força. — Você precisa de um banho.

Afirmar, assim que o elevador abriu meu pai tirou os olhos do livro e se levantou.

— Ele é perfeito pai. — Depois de anos eu vi olhos do meu pai brilhar com lágrimas de alegria.

— Eu estou orgulhoso. — Ele me abraçou. — Mas você precisa de um banho. As meninas estão dormindo no nosso quarto.

Eu subi as escadas, antes de seguir para o meu quarto e de Annie eu parei na porta do quarto dos meus pais. Abri devagar a porta e minha mãe estava abraçada a Holly.

Encostei a porta.

Fui direto para o chuveiro, tirei toda roupa, sorri me abaixando e colocando no balde, imaginei Annie me fuzilando pelo olhar.

— Você vai sair dessa minha bonequinha maluquinha. — Encostei a testa na água fria. — Annie precisava saber de tudo.

A água fria bateu em minhas cicatrizes me fazendo ter certeza que minha agora era com ela...



Toda minha história seria com eles. Apenas com eles.

ANNIE

Algumas semanas depois.

— Ela não acorda porra, faça alguma coisa caralho! — Ouvi um rosnado distante. Ouvi mais algumas vozes. E uma porta ser aberta.

— Filho!

— Já era pra ela ter acordado pai! São duas semana, inferno! Eu pago essa merda eles tem que fazer alguma coisa!

E mais rosnados.

— Pare de rosnar... cof... cof... Feito um cachorro... cof... cof. — Abri meus olhos mas a claridade me fez fechar novamente.

— Amor? Annie, merda chama a médica sua incom...

— Não seja... cof... — Me faltou um pouquinho de ar. — Cof... uma imundície amor.

Ele se aproximou e eu abri meus olhos. A barba dele estava maior e cabelo também. Quase tocando o ombro.

— Oi... Cof... Água... Por...

Ri, antes que eu terminasse de falar ele pegou todo afobado pegou a água para mim.

— Bebê devagar querida. O que você está sentindo?

— Só um pouco de cansaço. — Menti, parecia que eu havia sido atropelada por um bitrem cheio de carga. — Ethan? Cadê a Holly? Meu Deus!

Minha menina, oh meu Deus! Tentei me sentar, precisa sair dessa cama! Droga! Holly... Ethan?

— Annie? querida... Vejo que a minha mamãe já está acordada. Tinha um papai desesperado, quase colocando esse hospital abaixo. — Olhei feio pra Gael. — Que tal eu te avaliar e você ir conhecer seu pequeno?

— Tem certeza doutora? E se ela ficar deitada mais um tempo e...

— Meu rabo! Você vai me colocar em uma cadeira e vai me levar lá... cof ... — Tossi ainda sem fôlego. — Ou eu vou andando até lá. Nem que eu chegue amanhã me ouviu?

— Ela está ótima doutora. — Ele derrubou o beijo, fazendo um bico enorme de descontentamento, sorri vitoriosa.

Ela fez todos aqueles testes, tentei fechar meus olhos quando ela colocou a luz, mas ela impediu, Gael segurou a minha mão o tempo todo mesmo beijado.

Depois dela verificar minha pressão e minha diabetes ela saiu do quarto prometendo voltar mais a noite.

— Quanto tempo eu dormi? — Perguntei sem jeito.

— Tempo demais. Duas semana, eu quase fiquei louco. — Gael veio me beijar. Virei o rosto.

Ele rosnou feito um vira lata.

— Amor? — Ele me olhou puto da vida.

— Preciso tomar um banho e escovar os dentes. — Disse tímida. — Você pode chamar uma enfermeira.

Ele rosnou.

— Você acha que eu não sou capaz de cuidar da minha própria mulher? — Ele me ajudou virando meu corpo. Desci a escada meia mole, ele me segurou. E antes que eu esperasse ele roubou um selinho. Revirei os olhos.

Ele apertou o botão, e a enfermeira entrou, Gael perguntou as restrições e ela explicou como eu deveria tomar banho.

— Aqui querida, todo o kit de higiene, se precisarem de mim e só apertar o botão. — Foi aí que eu me dei conta, minha cama era enorme, e no canto havia uma outra cama de solteiro, havia uma mochila nos pés da cama e um vaso de flores na mesa, a televisão está a ligada no canal Discovery Channel com o som mudo.

— Você assistia no mudo? — Eu ri enquanto ele tirava a bata do hospital. Ele se baixou e eu senti meu rosto corar.

— Linda. — Ele beijou minha barriga mole e cheia de estrias. — Não queria perturbar. Sei lá. Tentei me afastar, mas ele se levantou me segurando. — Você está perfeita. Não quero que tenha vergonha de mim, somos noivos não somos?

— Somos mas...

— Mas o caralho! Porra vão ser longos vinte seis dias de celibato. — Mesmo com vergonha eu ri.

— Você está contando?

— Não ria. — Entrei debaixo da água quentinha e ele me ajudou, tomei todo cuidado do mundo para não molha-lo.

— Amor?

— Hum? — Ele tirou o sabão das minhas pernas.

— Como está minha gafanhotinha... Holly? — Ele sorriu de forma convencida.

— Vem te ver todos os dias as seis da tarde. — Arregalei os olhos.
— O que? Ela quer? Eu dou! — Disse convencido.

Ele me secou e passou o shampoo a seco no meu cabelo, torci o nariz, mas eu ainda não poderia lavar o cabelo. A doutora achou muito cedo e seria um esforço maior, já que eu havia acabado de acordar.

Vesti uma camisola, não queria usar mais aquela droga de bata verde vômito, a enfermeira fez o curativo e passou remédio nos pontos, ardeu como inferno. Ela colocou um soro novo no acesso e trouxe uma cadeira de rodas.

— Pronto amor? — Sorri pra ele.

— Mais que pronta.

O corredor parecia enorme, nunca chegava. Gael parecia conhecer o caminho.

— Ele já não está mais na incubadora amor. — Ele sorriu e apontou para um bercinho e meu coração disparou.

Antes de entramos nos limpamos com álcool em gel.

— Oi filho? Olha que veio te conhecer. — Ele tirou a camiseta, e a roupinha do pequeno pacotinho no bercinho. Ele o colocou sobre seu peito. Olhei aquilo hipnotizada.

Ele se sentou na poltrona. Ele virou o pequeno que resmungou. Ethan olhou para mim e aquilo foi como mágica, meus seios doeram e a camisola molhou.

Gael inclinou para a frente colocando Ethan no meu colo, ele mexeu os lábios e deu um sorrisinho de bebê, parecia como a cinco anos atrás, mas agora, havia uma conexão, entre ele, eu e o pai. A mesma conexão que houve com Holly.

— Ele é lindo. — Gael me ajudou e eu sentei na poltrona. Gael se afastou um pouco e eu pude ver meu bebê.

Ele era loirinho e bem pequeno, porém gordinho, havia dobrinhas deliciosas por toda a parte, Gael vestiu a camisa, e se aproximou abrindo linha camisola. Coloquei Ethan contra minha pele e ele parou de resmungar.

— Como você sabe tudo isso? — Perguntei bem baixo.

— Foram duas semanas que deixaram sua Doc quase louca. — Ele riu.

Ethan fez barulhinhos com a boca.

Sorri e olhei pra Gael.

— Eu espero para o seu bem que você não tenha ficado sem camisa perto de nenhuma enfermeira. — Ele engasgou e eu ri. — Eu te amo.

— Olá! — Antes que Gael me respondesse uma enfermeira entrou pela porta de vidro. Havia outros bebês, mas eram todos separados por quatinhos de vidro. — Que tal eu e a mamãe preparamos o pequeno Ethan para o mama?

— Vou poder amamentar? — Tremi.

— Sim, esse pequeno ganhou peso muito rápido, é forte como um touro. — Ela riu. — Que tal você e o papai voltarem para o quarto e logo em seguida Ethan ir encontrar vocês? Uma enfermeira irá orientar vocês quanto a amamentação.

Meio receosa eu entreguei meu pequeno para ela.

— Que tal um beijo de verdade agora? — Gael pediu assim que a enfermeira saiu com Ethan, para que ele fizesse uma última avaliação.

Meu coração disparou.

Eu estava em casa, onde eles estivessem, seria o meu lar.

CAPÍTULO 43

“HISTÓRIAS QUE PRECISAM SER ESQUECIDAS E OUTRAS DE UM FIM.”

G A E L

Olhei para a mulher atravessando a rua rapidamente.

— Tem certeza chefe? — Olhei pra Carson.

— Eu vou ser rápido. — Desci do carro e vi quando os demais seguranças assumiram a posição.

Entrei no prédio passando diretamente pelo porteiro, apenas balançando a cabeça. Os quinhentos dólares em sua mão foram o suficiente para que eu tivesse acesso direto ao apartamento.

Eu sabia muito bem que Felícia não seria capaz de bancar sozinha um apartamento desses.

Apertei a campainha encostei o ombros na paredes, ela deu um grito e cinco minutos depois ela abriu a porta usando um robe de seda verde. Olhei ela de cima a baixo sentindo um arrepio na espinha.

Senti vontade revirar os olhos diante da mulher seminua na minha frente.

— Não vai me convidar pra entrar? — Eu perguntei. Ela deu um sorriso estranho e seus olhos brilharam. — Pretende ficar em nova York?

— Não sei, talvez... — Ela disse manhosa se sentando no sofá.

Que Deus me proteja dessa maluca, ela me olhava de forma "sensual" fazendo Annie se projetar em minha mente revirando os olhos.

— Fiquei sabendo que você pretende voltar a Londres e abrir uma nova filial da galeria. — Concordei. Aquilo era uma bela mentira. Só voltaria a Londres buscar meu pulguento.

Minha vida seria aqui agora, ao lado da minha família.

— E então Gael... O que te traz aqui? — Sorri me desencostando da parede e tirei o envelope. Eu não sabia que porra Dominic havia descoberto.

Joguei o envelope sua direção. Ela sorriu de forma sensual, mas o maldito sorriso nojento se desfez quando ela abriu o envelope.

Seu rosto perdeu a cor.

— Como você...? — Ela se levantou feito uma louca. — Como você pode!

Ela jogou as fotos no chão, gargalhei quando ela tentou me socar.

Ela estava nua, amarrada e presa a Julyn e quanto Wolfgang aparecia nu fazendo coisas nojentas com as duas.

— Eu confiei minha vida a você! — Peguei ela pelo braço. — E o que você fez? — Os olhos dela se encheram de água.

— Eu não...

— Não me importo a porra que você disse pra minha mulher, mas você está com passagem de ida para a Londres!

Ela arregalou os olhos.

— Você não pode!

— Sua licença nas forças armadas acabam de acabar! Foda-se o que você acha, mas você tem até amanhã para se apresentar. — Ela tentou se soltar e eu a soltei ela caiu no sofá.

— VOCÊ NÃO PODE! EU TE AJUDEI, EU TE SALVEI ENQUANTO JULYN TINHA NOJO DE VOCÊ, EU CUIDEI DE ENQUANTO VOCÊ ERA UMA ABERRAÇÃO, EU CUIDEI DE VOCÊ. EU TE AMEI!

— Não grite, eu não sou surdo. Eu não estou perguntou se você cuidou de mim ou não, mas na primeira oportunidade fodeu minha ex maluca e o maldito do amante dela ou você acha que eu não sei que aquele desgraçado a comia antes mesmo de eu ir para o exército?

Talvez se eu tivesse descoberto isso antes de conhecer Annie, eu não sei dizer quais seriam meus atos. Mais agora olhando para as malditas fotos espalhadas pelo chão eu tive a plena certeza de que Annie era tudo que eu sempre precisei. Não havia nada que passasse por Dominic, nada.

Ela estava pálida, me olhando de forma medrosa. Ainda com os dedos de Annie desenhados em seu rosto em forma de um enorme roxo, coberto de forma péssima com maquiagem.

Fui em direção a porta.

— Diga a sua amiga e ao maldito amante dela que se eles pensarem em se aproximar da minha mulher e dos meus filhos, eles vão conhecer o verdadeiro inferno que eu e você vimos a anos atrás.

— Seus filhos? — Ela perguntou de forma debochada limpando as lágrimas dos olhos. — Aquela coisinha...

Antes que ela terminasse o corpo dela estava preso entre o meu e o sofá, não encostei ela, mas a maldita ia entender o recado.

— Filho de um presidiário? Drogado e vagabundo? Não, ela não é, Holly é minha filha, ela e Ethan são meus filhos. E se algum maldito site de fofoca chegar a descobrir algo a respeito, você e sua vadia e o amante dela vão ver o diabo mais cedo.

— Você... Você não é assim... Você não teria coragem... — Peguei ela pelo braço.

— Sim, eu teria. E vocês não vão querer descobrir como isso vai acontecer. — Joguei ela no sofá.

Fui em direção a porta.

— Você tem meia hora pra deixar Nova York, porque se no inferno eu descobrir que vocês e aqueles desgraçados estão tentando foder minha vida, não vai ser Dominic que vai dar o recado.

Sai dela o mais rápido que eu pude.

Lembranças e mais lembranças se fizeram presentes na minha cabeça.

— Está tudo bem chefe? — Entrei no carro fazendo Carson tirar os olhos escuros e me encarar.

— Casa. Eu preciso de um maldito banho.

L Í B I A, 2011

Algumas horas antes do ataque

Digitei o número de Julyn pela décima vez.

"Sua chamada está sendo encaminhada para a caixa de recado, após o sinal grave sua mensagem..."

— Major! Senhor! — Me virei jogando o celular sobre os papéis. — Foram contabilizados mais de trinta corpos a cerca de trinta quilômetros

daqui. O senhor precisa....



O corpo do garoto caiu na minha frente antes mesmo que ele terminasse de falar, antes que eu pudesse pegar a arma em cima da mesa o estrondo me derrubou no chão.

Arrastei meu corpo pelo chão, minha perna estava presa ao concreto da instalação militar. Ouvia meu nome ser chamado ao longe.

Só pensava em uma coisa. Julyn... Sua voz decepcionada me dizendo para não ir. Senti mais escombros cair em cima de mim, olhei pelos escombros e vi meu sangue manchar em volta de mim, sentia os vidros cortarem minhas costas ao meu afastar dos escombros.

Eu a pediria em casamento assim que voltasse. Fechei meus olhos e imaginei seus cabelos ruivos e por algum motivo tive força para me arrastar mais.

Minha mente projetava as malditas imagens de Julyn chorando a meu ver entrar no avião. A farda e as medalhas em meu peito não valiam mais nada...

Senti algo rasgar todo meu corpo, todo meu corpo parecia tremer, a dor era enorme.

— MAJOR? GABRIEL?

Aqui.

Eu tentei gritar.

Mas a porra da dor me levou de volta para a escuridão.



Nova York, dias atuais.

Meu punho se chocou contra a parede do banheiro, era por aquela maldita que eu quase morri, porra! Na primeira oportunidade ela estava na cama do maldito.

Respirei fundo. Liguei a água gelada deixando-a levar esses malditos pensamentos ruins, o cheiro de perfume enjoativo foi ralo abaixo. Sai do box nu, abri o armário onde havia o shampoo que Annie usava, da mesma marca e cheiro.

Abri o vidro virando sobre meus cabelos. O cheiro de flores e doces se fez presente no banheiro, suspirei.

Não havia ninguém no apartamento quando eu saí em direção a moto na garagem, minha mãe e Holly estavam provavelmente torrando o cartão do meu pai, fazendo Holly de boneca, minha mãe tentava mantê-la com a atenção em outro lugar, das mais de dez perguntas, nove eram quando a mãe ia acordar e ia pra casa.

Meu irmão com certeza estava envolvido em algum negócio sujo de Dominic, com as boates. Porém eu não iria me envolver, se esse idiota fosse parar no xilindró¹ eu o manteria lá, mesmo sendo das forças armadas meu irmão era inclinado a fazer merda e eu não duvido da capacidade dele e de Dominic.

Quando eu entrei no quarto de hospital e Annie estava na mesma posição, dispensei os dois seguranças da porta e me sentei na poltrona peguei o livro portátil dela. E ri dos títulos absurdos dos livros listados em uma pastas como:

"De molhar a calcinha."

"Cafajestes gostosos."

"Livros que eu choro, mas por outro lugar".

Mas o que mais me chamou atenção foi *"desgraçados que eu afogaria mais sentaria antes."*

Revirei os olhos, da mulher incrivelmente maluca e gostosa.

Abri a pasta de terror e suspense, e não havia um livro se quer.

Abri a página de romances e um livro me chamou a atenção. *Tentação ao pôr do sol*², abri o livro e me concentrei no casal.

Em meia hora de leitura eu queria dar um murro na cara do maldito Harry Rutledge e dar uns tapas na tal de Poppy.

Já estava na hora de ver meu filho quando paguei o maldito Kindle indignado com os dois personagens do livro. Annie provavelmente ama esse casal, já que estava na pasta de favoritos dela.

Me levantei indo até a cama e sorri ao chegar perto dela. Peguei o hidratante labial e com cuidado passei nos lábios dela. Suspirei e deixei um beijo nos lábios com gosto de morango.

— Precisa acordar meu amor, vamos lá minha maluquinha. — fechei os olhos, sentindo eles se encherem de lágrimas.

Sai do quarto deixando dois homens no corredor silencioso indo em direção ao neonatal.

Ela precisa acordar, não vou conseguir criar dois filhos sozinhos.



Uma semana depois

Depois de quase entrar em guerra com o maldito hospital, Holly estava deitada ao lado da mãe segundo um livro de contos de fadas

Sentado na poltrona eu a olhava para que não caísse da cama ou fizesse algum movimento brusco que machucasse a mãe.

Ela contava a história tão baixinho e devagar que eu mal conseguia ouvir. A médica havia dado meia hora de visita a Holly, depois de se certificar que ela não corria nenhum risco de contrair alguma doença, Holly tinha todas as vacinas em dia e estava com a saúde de um touro.

Mesmo assim entrar e sair ela passava álcool nas mãos como uma pequena coisinha adulta.

Minha mãe estava com meu pai na neo, enquanto meu irmão estava à frente da galeria. Meus últimos dias eram aqui. Só saía para ver Holly e ver meu gordinho.

Ele parecia muito maior, ganhava peso e estava mais espertinho do que antes, acompanhava minha voz com os olhinhos ainda sem cor definida, ele ficava vidrado me olhando.

— Era uma vez... Uma princesa que morava muito longe... Longe...
— ri quando ela empurrou a mãozinha pra frente. — Ai ela foi morar com o papai Gael... Não. O monstro. O monstro fazia ela limpar e limpar, tinha que tirar toda a sujeira, assim ó... — Ela imitou a mãe, e colocou as mãos no ar e esfregou como se estivesse limpando algo. Eu olhava prendendo o sorriso.
— O monstro era triste e sozinho, mas ele gostava da mam... Da princesa.
— ela se enrolava toda confundindo os personagens. — Ele tinha um coração grandão...

— Querida? Infelizmente acabou o tempo senhor... — a enfermeira falou, eu nem havia notado que ela tinha entrado no quarto. Porra, eu queria

saber o final da história.

— Qual é o final da história? — Ela me olhou com uma carinha fofa.

— *Ainda não tem...* — Beije seus cabelinhos arrumados com trancinhas e a peguei da cama.

— Vai contar pro papai quando tiver o fim? — Ela balançou a cabeça concordando.

— Vamos querida? — Minha mãe a pegou assim que eu saí do quarto. Ela afirmou.

— Posso voltar amanhã? Ver se a mamãe já acordou? — afirmei, ela sorriu e beijou meu rosto ainda no colo da minha mãe, meu pai estava encostado na parede, ele me deu um olhar de "tenha forças" e eles foram embora. Voltei para o quarto olhando a mulher que colocou meus pés no chão.

Coloquei a mão no rosto e pedi a Deus que ela acordasse.

Eu não ia suportar vê-la dormir por muito mais tempo. Meu subconsciente estava começando a me pregar peças.



E em todas elas Annie não abria mais os olhos.

— Ela não acorda porra, faça alguma coisa caralho! — Rosnei pra enfermeira, minha mãe me olhou de forma repreensível.

— Filho! — meu pai falou no mesmo tom que o meu.

— Já era pra ela ter acordado pai! São duas semanas, inferno! Eu pago essa merda eles tem que fazer alguma coisa!

— Quer ficar calmo Gabriel? — olhei puto pra ele.

— A médica explicou que tudo é no tempo dela. Ela passou por um grande trauma físico filho. — Minha mãe resmungou me deixando mais puto ainda, a enfermeira continuava me olhando com cara de idiota.

— Pare de rosar... cof... cof... Feito um cachorro... cof... cof. — olhei pra cama e corri pro lado dela, ela fechou os olhos.

Porra.

— Amor? Annie, merda chama a médica sua incom...

— Não seja... cof... — ela me ofendeu. Sorri. — Cof... uma imundície amor.



Minha maluquinha estava de volta.

ANNIE

— Quer parar de me olhar assim? — Gael me olhava penetrado enquanto Ethan sugava meu seio com força. Fiz uma careta.

— Dói? — Ele perguntou tocando o cabelinho clarinho do meu bebê.

— É uma sensação diferente, mas nenhum pouco dolorida.

Suspirei e olhei para ele. Nós precisávamos conversar, mesmo que eu estivesse bem, ainda não era a hora.

Mas eu realmente queria dar uns tapas nesse imundície por ser tão idiota.

— Que cara de doida é essa? — Ele beijou minha bochecha e pegou Ethan o colocando em posição de arrote.

— Você não vai querer saber peludinho.

Sorri.

Os dias naquele hospital foram quase me deixando maluca, mesmo tento visitas toda hora, eu queria minha casa e meus filhos comigo o tempo todo.

— Amo você mamãe e o Tata muito — Gael proibiu Holly de empurrar a cadeira de rodas, não que ela conseguisse. Coloquei ela na cadeira comigo forma que Ethan não ficasse espremido, ela ia em pé, com os pezinhos apoiados no apoio de pé da cadeira de roda segundo firme em meus joelhos, as enfermeiras a achavam uma graça toda exibida cumprimentando todo mundo.

Ethan resmungou em seu sono.

— Tata vai acordar mamãe? — Perguntou assim que saímos do hospital.

Carson estava parado encostado no carro.

— Ei Chefe como vai?

— Você já me viu hoje Carson.

— Não falei com o senhor chefe. — Ele riu abusado.

— Bem melhor agora, cuidou bem dessas crianças?

— Fiquei de olho...

Gael pegou Ethan e o colocou na cadeirinha e Holly se sentou sozinha afivelando o cintinho da sua cadeira. O carro já não era mais de cinco lugares e sim de sete, Holly e Ethan foram nos brancos da frente enquanto eu e Gael nos sentamos no último banco com dois lugares. Me apoiei nele e ele me abraçou.

— Você sabe que vamos para o meu apartamento né? E que todas as suas coisas estão lá. — concordei. — Não vai surtar?

— E vai adiantar?

Beijei os lábios dele.

— Você está uma delícia assim, cabeludo e barbudo. — disse bem baixinho só pra ele ouvir.

Ele rosnou no meu ouvido mordendo minha orelha, fazendo meu corpo todo se arrepiar.

— Senti sua falta peludinho. — Ele riu. — Mas o meu sofá abóbora vem pro apartamento.

Ele resmungou algo sobre ser cafona e eu ignorei, Holly contava animada sobre as coisas que o irmão já fazia pra Carson.

Resmungar, arrotar e dar risadinhas cafajestes iguais a do pai.

Quando chegamos no prédio em frente ao central Park eu fiquei de boca aberta.

Ele tem um elevador privado! Revirei os olhos. A vista era incrível, Carson ajudou com as malas enquanto Holly tentava carregar a bolsa de Ethan.

Ethan era a coisinha mais minúscula e lindinha no colo do pai.

Quando ele abriu a porta meus olhos se encheram de lágrimas!

— SURPRESA!

A enorme e escandalosa faixa de boas-vindas para mim e para Ethan estava colocada na enorme sala. Meu coração disparou ao ver todos ali.

Mas porque diabos Gustave está vestido de enfermeiro?

Gael olhou possesso para o irmão.

— Eu vou matar esse loiro de farmácia, desgraçado!

CAPÍTULO 44

“É SÓ DISSO QUE EU PRECISO.”

G A E L

Enquanto todos abraçavam Annie e a parabenizaram, eu fuzilava o meu irmão com o olhar.

— Serei seu enfermeiro, empregado e escravo querida ama. — Meu irmão fez uma reverência ridícula, catei o paninho do meu filho e atirei nele, acertando em cheio em sua cara.

— Seel, Ed. — Annie os abraçou ela soltou um suspiro, César e a mulher dele paparicavam minha filha. Ele balançou a cabeça, embora eu não fosse com a cara do bundão do sobrinho da Seel, o bundão era um ótimo advogado e havia ajudado Annie.

A mulher dele olhava meu filho com os olhos brilhando, Annie soltou Ed e Seel, abraçando o casal, Annie fez uma dancinha e resmungou vitoriosa.

— Não acredito que logo Tata vai ter uma amiguinha. — Olhei pra barriga dela vendo indícios de gravidez. Olhei malicioso para o bundão que imediatamente apontou o dedo para mim.

— Em hipótese alguma pense nisso, eu morro mas minha filha vai pro convento. — Meu irmão olhou debochado pra ele.

— Vai pagar todos os seus pecados seu maldito! — Sorri.

Meu pai pegou Ethan e meu filho abriu apenas um olho, fazendo todos rirem.

— Obrigada, por tudo. — nos sentamos no sofá e eu abracei Annie, minha mãe tinha os olhos marejados. Holly se sentou na outra perna do meu pai. — Vocês são minha família agora e mesmo que um dia eu mate essa

criatura afogada em alguma privada, eu sempre vou amar, vocês.

— Ela me ama! Assim eu choro cunhada. — Olhei pro meu irmão. Holly se sentou no colo dele, colocou o estetoscópio no ouvido e colocou no coração do meu irmão.

— Temos uma médica na família. — Minha mãe disse toda orgulha.

— Duas. — olhei pra Annie. — Logo terei minha médica particular.

— E o Dom? — Ela perguntou. Suspirei cansado.

— Foi correr atrás do prejuízo. — Meu irmão falou.

— Como se você tivesse alguma moral não é maninho. — Ele me olhou e deu de ombros.

Percebendo o clima tenso Annie puxou conversa e logo todos carregavam meu pequeno homenzinho. Mesmo César tendo medo Annie colocou ele no colo dele. O entendi, olhei para ele e sorri vendo o quão bom pai o bundão ia ser.

Annie era o tipo de mãe coruja, depois de meia hora, todos foram embora, restando somente eu e Annie e meus filhos.

Mamãe e papai praticamente haviam se mudado pra NY e meu irmão embarcou pra Las Vegas, fazer o que? Não faço a mínima ideia.

Minha mãe como uma boa dondoca comprou uma casa um pouco afastada do movimento de NY, mas disse que estaria no telefone caso precisássemos.

Olhei para o meu celular havia algumas mensagens de Dominic, o ignorei, não eu não ia apoiar a loucura de um bêbado.

Pela dor esse idiota não ia conseguir nada, porra custava esse merda pedir perdão e se redimir? Ao invés de fazer mais merda.

É várias notícias em meu Instagram, uma delas chamou atenção.

Filho de artista, empresário, e ex militar Gabriel saiu do hospital, acompanhado da mãe e do pai, o casal sustentava um enorme sorriso e ostentava a beleza dos filhos do casal.

Fica a dúvida a quanto tempo eles estavam juntos? Como se chama a filha do jovem casal? Quem é Annie Mitchell?

Revirei os olhos para a postagem. Annie e Holly davam banho em Tata, o apelido de Holly havia pegado e meu filho dava risadinha quando a irmã ria

baixinho e beijava os dedinhos dele. Me sentei na cama, vendo Holly ajudar a mãe, entregando a fralda e a pomada, quando Annie foi passar o álcool no umbigo do irmão ele resmungou, fazendo Holly conversar com ele.

Ela entregou cada peça de roupa fazendo com que eu me sentisse o homem mais sortudo do mundo.

Annie, deu o peito, ele todo esfomeado mamou ávido, com uma Holly atenta e curiosa a cada detalhe.

Annie me entregou ele e eu o fiz arrotar.

Quando entramos no quarto dele Annie suspirou e seus olhos se encheram de lágrimas. O quartinho dele era todo decorado com o tema selva. Chamando atenção.

Holly já conhecida o quarto pegou a mão da mãe e ela fizeram um tour enquanto eu colocava meu menino no pequeno bercinho.

— Aqui tem um montão de fralda mamãe. — No armário havia todas as fraldas que Annie comprou mais as que eu estoquei, talvez fosse um pouco de exagero, cem pacotes de fralda, mas é bom sempre estar precavido, afinal eram de tamanhos variados e marcas que garantiam conforto e diziam não causar alergia no bebê.

A camareira que eu contratei arrumou todas as roupas de Ethan por tamanho e cor, Annie limpou as lágrimas enquanto Holly baixinho falava pelos cotovelos.

— Você não existe. — Ela me beijou e eu sorri.

— Existo e estou bem aqui, pra vocês. Só para vocês.

— Como você sabia que era selva? — Annie de forma simples havia comprado várias coisinhas pra Ethan, que ainda estavam fechadas, nos dias que ela estava lá no hospital eu planejei e organizei tudo com base no que ela tinha.

— Foi ideia sua, só trouxe pra cá e completei.

— Você comprou um elefante, dois leões e uma girafa em tamanho grande amor, esses quarto é maior que do que eu jamais poderia imaginar e ainda tem um pôr do sol pintado na parede.

— É que você ainda não viu o da Holly. — Pisquei. Peguei Holly no colo e ela me abraçou e abraçou Annie nos unindo.

— Amo muito o papai Gael e a mamãe.

Olhei para os olhos azuis das duas, uma cópia da outra e olhei para o berço.

Olhei para a mulher responsável pela minha *redenção*, elas haviam me resgatado e me libertado.

Beijei seu lábios, e saímos do quarto, liguei a babá eletrônica e a câmera conectando meu celular no Wi-Fi da casa. Tirei minha camisa e os sapatos.

Entramos no quarto de Holly e Annie praticamente me matou com o olhar pela quantidade de brinquedos e bonecas no quarto, mas logo o olhar mudou para um amoroso e ela se sentou na poltrona, me sentei no chão. Holly abriu o baú tirando de lá uma armadura e um escudo.

Sorri, baguncei meu cabelo e joguei o celular pra Annie fazendo ela gargalhar.

— IRA! Eu prendo o monstro e mamãe beija para virar o papai Gael.
— Ela pulou em cima da cama e eu rolei pelo chão.

Annie me olhava com os olhos brilhante.

Eu não precisava de mais nada.



ANNIE

— Já disse que não Gabriel. — Ele se emburrou. Terminei de temperar a salada.

O mês passou tão rápido que eu mal vi meu gordinho fazer um mês e logo depois dois.

Holly agora havia voltado para a escola, combinamos de manter ela lá por mais um bom tempo, afinal ela havia feito amigos e todos gostavam dela.

Ethan estava com os olhinhos abertos olhando para nós da cadeira de

apoio, ele olha para cima enfiando os dedinhos gordos na boca.

— Por que não porra? — Catatau entrou na cozinha batendo as unhas no chão, aquele minúsculo cachorrinho não era mais um pequeno filhote, e sim praticamente um bezerro, com uma ida ao Veterinário Gael descobriu que o pulguento era nada mais nada menos que um Cane Corso.

Ele parou sentando-se ao lado de Ethan. Ethan se agitou e riu quando viu o cão. Tirei a enorme tigela de ração.

— Aqui pulguento. E não fale palavrão. — Catatau lambeu minha mão.

Lavei a mão e coloquei a salada na enorme bancada fechando o vasilhame de vidro, eu ainda não estava acostumada com o luxo daquele lugar. Me virei colocando o arroz fresco em cima da bancada. Depois de retirar os pontos, eu dispensei ajuda. Embora uma vez por semana a camareira viesse limpar o mais pesado por exigência do peludinho eu me virava e fazia ele me ajudar.

— Me dê um bom motivo, só um!

— Me de você! Saímos escondidos com duas crianças e um bezerro para nos casarmos em Vegas! Pelo amor de Deus Gabriel!

— Pare de me chamar de Gabriel! Por que você não quer casar comigo? Você tinha aceitado Annie e por causa daquela merda toda não?

Suspirei e me sentei na bancada. Desde o nascimento de Ethan eu não toquei no assunto ex malucas e surtadas do Gael.

Nos últimos dois meses eu me senti tão esgotada e cansada, que eu não tive se quer nenhuma vontade de contestar qualquer coisa que ele disse.

— O que você quer que eu diga? Que eu fui humilhada por uma ex maluca sua e você ainda acha que ela tem um bom coração? Que se eu falar que eu quero passar por cima dela com um tanque de guerra por ela ter falado dos meus filhos? E correr o risco de magoar o bom coração da sua flor do campo? — Ele suspirou e tirou o cabelo do rosto. O cabelo já está no ombro dele e ele mantinha a barba sempre parada, fazendo estragos com meu psicológico.

Não, eu ainda não tinha sequer ficado nua perto dele. Eu me sentia extremamente desconfortável, agora, eu tinha uma barriguinha irritante, com uma cicatriz, algumas estrias, e meus seios pareciam maiores e desajeitados.

— Amor!

Me levantei e peguei Tata da cadeira, ele havia dormindo apenas com o balançar leve da cadeira, o pulguento se levantou no mesmo instante.

— Quer parar e me ouvir? — Fui em direção às escadas.

— Realmente? Não! Não quero ouvir o quão boa a alma da flor do campo é.

Coloquei Ethan em seu berço checando a fralda. Sequinha.

Fechei a porta me certificando de deixar o quartinho meia luz, verifiquei o ar condicionado e deixei a porta entre aberta. Fui para o meu quarto. Catatau se deitou no tapete.

No quarto havia uma mesa perto da sacada com meus materiais, de estudo, assim que Ethan completar um ano eu iria me matricular em um universidade, por hora eu estudava e lia livros e artigos de medicina.

— Amor?

Me sentei na sacada em uma das cadeiras, olhando para o Central Park.

Ele se sentou do meu lado, continuei a olhar para a frente, não eu não queria chorar na frente dele e admitir que eu estava horrorosa e tinha medo que ele me largasse para ficar com a maldita amiga de bom coração.

— Quando eu fui pra Líbia em 2011, depois de vários ataques, no dia 21 de abril, Otan bombardeou o quartel-general de Kadafi e um aeroporto em Trípoli, matando milhares de pessoas, eu estava pronto pra desistir de toda aquela carnificina. — Me mantive em silêncio, olhei pra ele e ele estava de olhos fechados como se aquilo doesse nele. Por puro instinto segurei suas mãos. — Porém eu não estava mais seguro, na verdade eu nunca estive, quando meu quartel foi invadido, vários inocentes haviam morrido a poucos km dali, por uma bomba de retaliação a morte do maldito, noventa por cento das merdas daquele maldito lugar, não são divulgadas. Eu matei muita gente apenas com uma ordem, pessoas que não pensariam duas vezes em me matar ou matar mais gente. Mas nesse maldito processo milhares de inocentes morreram, vi mães chorarem em cima de corpinhos pequenos de crianças e crianças chorarem por suas mães. Quando a maldita granada atingiu meu quartel, um jovem foi morto na minha frente. Uma maldita bala que era para ter atravessado meu crânio.

Ele começou a chorar.

— Todos os dias recebíamos fotos de crianças mortas, mulheres que eram violentadas, tudo por poder. — Quando eu me dei conta eu já estava no colo dele abraçando ele. — Felícia me ajudou, quando eu voltei pra Londres e soube de tudo que Julyn havia feito, eu tentei suicídio, afinal eu não tinha mais nada e estava morto por dentro. — Ele voltou a tocar na história, eu sabia que aquilo doía demais nele.

— Amor...

— Julyn nunca me amou. — Olhei pra ele sem entender.

— Aquele maldito Sebastian Wolfgang já era amante dela. — me lembrei do maldito lixo radioativo, o casal atômico era realmente real. — E de quebra e era enganado por Felícia, por isso Julyn sempre soube de tudo. Me perdoe — Ele abriu os olhos e beijou meus lábios — Nunca mais duvido de você. Me perdoe.

Eu sabia que não precisava ele falar mais nada.

— Eu te perdoou, mas se mais alguma de suas ex's malucas tentarem algo quem vai ficar solteiro e castrado vai ser você! — Beije seu lábios.

— Felícia nunca foi minha ex.

— Então por que diabos ela estava nua usando uma camiseta sua e você estava pelado? — Joguei na cara dele o episódio fatídico.

— Mas que porra? Eu nunca encostei um dedo nela, mulher, aquela maluca pediu uma camiseta emprestada e dormiu bem longe de mim. — ele se explicou. — Acredite em mim.

Beije os lábios dele, calando a boca dele.

— Eu acredito em você, vamos esquecer essa merda toda.

— Casa comigo em Vegas? — Beije os lábios dele, quando ele insistiu no assunto.

— Se você me prometer me levar pra conhecer o bar do Dom e levarmos todo mundo. — Pedi manhosa, rebolei no colo dele, sentei se frente pra ele. Empurrando-o contra a cadeira. — E me deixar te amarrar e vender você.

— Porque diabos você quer me vender e amarrar? — suspirei.

— você só vai descobrir se deixar...

CAPÍTULO 45

“E ELES NÃO VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE.”

Nunca devemos julgar as pessoas pela aparência, pois elas podem nos surpreender.

A bela e a fera

G A E L

Olhei pela décima vez para o meu irmão, imaginei o corpinho dele descendo janela abaixo.

— Por favor.

Peguei a cerveja, talvez tivesse sido uma péssima ideia trazer a família Addams em peso pra Las Vegas, agora estava nos seis deitados no chão do quarto do hotel, Dominic com cara de bunda sentando na varanda ouvindo os conselhos amorosos de César, que descobrimos também ser um bundão que faz merda, meu pai e Edgar bêbados assistindo os Lakers na televisão, comentando o jogo de basquete sem entender porra nenhuma, meu cachorro deitado de barriga pra cima com a língua de fora e meu irmão tentando arrebentar o último fio de paciência que me resta.

— Já disse que não porra!

— Mas eu comprei a fantasia porra!

— Problema seu, você não vai no meu casamento vestido de Elvis Presley. — Meu pai nos mandou calar a boca e eu olhei no relógio, já fazia meia hora que minha mãe decretou estado de afastamento, até o casamento.

Segundo ela dava azar ver a noiva antes do casamento. No fim fiquei trancado em uma suíte sem meus filhos e sem minha mulher, já que minha mãe falou que mais tarde viram buscar o meu pulguento para o banho.

Estávamos todos hospedados no cassino de Dominic, o cara era realmente um motoqueiro safado, ele praticamente era dono de no mínimo uns sete cassinos em Vegas, umas três ou quatro boates de stripper e uns dois

hotéis de luxo.

Meu irmão se jogou no sofá, emburrado, começou a prestar atenção no jogo, indo contra os Lakers só para ouvir palavrões do meu pai e de Ed.

Fui em direção a sacada e me sentei na borda da jacuzzi , olhei para o rosto de Dominic e bufei.

— Você quer que eu faça o que porra? — ele resmungou pra César, que deve ter falado algo pra ele.

— Peça perdão, se arraste no chão se for preciso, lamba o chão, sei lá. — Dei de ombros me intrometendo, César me olhou como se eu fosse um retardado. — Comigo funcionou.

Mentira, funcionou merda nenhuma. Mas ele não precisa saber disso. Afinal Annie estava quase me matando quando eu resolvi ser homem e pedir perdão.

— Peça perdão mais sem lambar o chão cara, é muito difícil? — César olhou pra ele e eu também.

— Ela me deixou de olho roxo e vovó Carmem me bateu com a frigideira.

— Por que você invadiu a casa delas as duas da manhã bêbado e cantando sertanejo. — César respondeu o óbvio.

Porra!

— Que merda cara, precisa cuspir a cerveja? — Olhei pra César, a cara de nojo dele foi impagável.

— Foi mal. — dei de ombros.

— Precisamos da Annie, ela sabe o que fazer. — O bundão tem razão, aquela cabecinha maquiavélica sabe o que fazer.

— Duvido que ela vá ajudar. — Meu pai apareceu na varanda, meu irmão sentou na borda da jacuzzi. Ed, nos olhou lançando a cabeça. — Minha nora é capaz de sentar com um baldinho de pipoca e ver o inferno pegar fogo.

O velho conhece a nora que tem.

— já tentou flores e chocolate filho?

— Já, ela jogou na minha cara e bateu a porta na minha cara, quando eu tentei uma serenata, ela ameaçou chamar o maldito xerife biscoito por

perturbar a ordem e a paz e blá, blá, blá. — Ele desdenhou.

— Matar o xerife? — Meu pai gargalhou e Ed me olhou horrorizado, bebi mais cerveja.

— Ficar pelado? — o retardado do meu irmão relinchou. — O que? Vocês gênios tem uma ideia melhor que não seja matar e nem ficar pelado ?

— Que tal abrir a boca e pedir perdão? — falei o óbvio — Admitir que você sabotou a vida da mulher a vida toda e se arrepende.

— Mas eu não me arrependo, se eu não tivesse feito ela teria ficado com aquele biscoito falsificado da Bauducco.

— Aí é problema seu, vamos focar. Pelo menos finja. — Meu irmão deu de ombro fazendo meu pai jogar a tampinha da cerveja nele.

— Cara, seja sincero. — César tentou amenizar as merdas que saíam da boca do meu irmão.

— Filho seja sincero, admita que errou, peça perdão. Aí se ela não te quiser mais, pensamos em um plano B. — Meu pai deu de ombros e esticando as pernas.

Las Vegas já começava a acender os enormes letreiros dando indícios da noite, o movimento lá embaixo no cassino começou a aumentar.

— Que tal uma despedida de solteiro?

— NÃO!

Em uníssono gritamos fazendo meu irmão gargalhar. Ed e meu pai voltaram para dentro para assistir ao jogo.

Porra! Vai ser uma longa noite.



ANNIE

Olhei meu filho dormindo no bercinho, estávamos todos assistindo *Sexy and the City*, depois de comer muita besteira e fofocar e sobre os homens, Holly estava deitada na varanda em uma barraca de campo, que ela

fez Gael trazer. Verifiquei se ela estava coberta e se não tinha possibilidade de chover.

Olhei para o vestido pendurado no cabide e sorri. Deixei as meninas no chão e fui me sentar lá na sacada. Já passava das duas da manhã, Seel estava deitada no sofá roncando.

Hannah havia ido deitar-se na cama cedo, os hormônios estavam a deixando maluca e de quebra César também.

Seel e Ed estavam orgulhosos do casal ter voltado e eu também. Ah oh amor.

Minha sogra tinha escapado pensando que eu não tinha visto, afinal o plano de abstinência deveria ser justo não só para mim e para ela.

Meu celular apitou me sentei na cadeira de forma confortável, me cobri com a manta que tinha dobrada nos pés dela, e ouvi Holly suspirar da cabana. Gael estava me chamando no WhatsApp todos manhoso.

Acordada bonequinha? 😈

Estou sem sono e você? 😴

Com saudades 😭

Sua mãe foi farnicar

com seu pai 😂🤔

Eu vi o velho da no pé, todo animado me deixando com esses porcos.

Porcos?

Meu irmão parece que comeu carniça com esses peidos 🤢

O bundão do César está dormindo lá fora, na varanda por não aguentar o fedor desgraçado de bosta.



Eu olhava para o celular prendendo o riso, mordi o interior da boca para não dar risada alta.

Não ria, eu estou sofrendo.

Você é um cara de pau e por sinal muito dramático também, meu peludinho. 🤔

Não sou dramático e sim um homem apaixonado de pau duro com saudades da minha mulher.

Quer ver?



Ver o que, homem? 🤔🤔

Meu pau, ué! 😞😞

Vai dormir, homem safado.

Te amo, meu peludinho.

Boa noite, monstrinho.

Tem certeza?

Também te amo querida, até amanhã futura senhora Mitchell.

Desliguei o celular, sorri, esse homem ainda ia me deixar maluca.

Voltei para dentro e Tata estava acordado olhando para cima fazendo barulhinhos com a boquinha.

Peguei ele do berço, dei a ele seu lanchinho da madrugada e logo após arrotar ele voltou a dormir.

Me deitei ao lado de Hannah na enorme cama e cobri meus pés frios.

Fechei meus olhos.



Meu Deus, eu vou me casar!

Eu olhava pra Ethan de terninho e Holly vestida todinha de branco cheia de brilho e com os cabelinhos bem arrumadinhos. Hannah terminou de passar a bruma em meu rosto e me entregou o espelho.

— Você está perfeita.

Meu rosto tinha um brilho natural, com pouca maquiagem, meus olhos estavam brilhando de forma sutil, meus lábios tinham um gloss brilhante.

Meu coração disparou.

Ed e Seel entraram no quarto, trazendo um Catatau usando uma gravata borboleta. E um carrinho com uma cordinha amarrada.

Meus olhos se encheram de lágrimas, quando Ed colocou Tata sentadinho no carinho com as alianças.

O pulguinto se sentou ao lado do carrinho, atento.

Olhei pra Holly, quando terminei de me vestir. Saímos do quarto e ela me estendeu a mãozinha.

Sorri.

Estava na hora.

Quando eu parei em frente a porta segurei firme sua mãozinha.

Quando catatau entrou puxando o carrinho, meus olhos se encheram de lágrima, meus olhos foram direto para o homem vestido de terno, sorri ao

perceber quando ele estava sem gravata.

Como um flashback, nossos momentos juntos passaram por minha cabeça.

" — *Hakuna matata...*

— *Deus... — Meu dedo foi direto nos espinhos. Fechei meus olhos para o sangue... Quando fui enfiar o dedo nos lábios uma mão máscula me impediu.*

— *Não faça isso. — Abri meu olhos e meu chefe, vestido com o terno caríssimo estava abaixado ao meu lado, ajoelhado na Calçadinha de tijolos que ficava ao redor do jardim.*

Ele tirou um lenço e colocou sobre o corte.

— *Acho que eu só te caso ferimentos não é? — Se referiu ao incidente do roxo em meu braço, neguei.*

— *Não foi nada... O senhor vai se sujar...*

— *Não me importo."*

Eu não sei em qual momento eu percebi que o monstro do castelo nunca foi um monstro e sim uma fera que sempre teve bondade e amor dentro dela.

" *Ele sorriu, ele sorriu... vi uma leve fileira de dentes brancos e reluzentes sorrirem. O sorriso de lado me fez pensar em meus sórdidos sonhos pecaminosos da meia noite. Que sonhos, que sonhos minhas amigas, Deus me dê plenitude porque se der força, gozo. Por um breve momento me imaginei sentada no rosto desse deus grego e ele me mandando gozar, porém meninas nós voltamos a realidade e nos lembramos que a única coisa que ele me manda e esfregar a privada com escova de dentes. "*

Ri, ao lembrar das memórias malucas, balancei minha cabeça fazendo lágrimas descerem.

Eu nunca ameí um monstro e sim uma fera que precisa apenas de um amor.

" — *Aceita? — Bondoso demais pro meu gosto ele ofereceu o sanduíche enorme dele. Neguei. Ele deu de ombros e com maestria empilhou os vidros de maionese e ketchup no braço e abriu a geladeira. — Eu sei que as coisas são das melhores entre nós porém eu gostaria que você não ficasse brava com minha presença na vida de voc... De Holly."*

A presença dele mudou minha vida, quando ele se abaixou e pegou Ethan meu coração disparou.

Não aquele não era um caimento convencional. Quando eu e Holly entramos, eu tive certeza que aquele amor era meu.

" — *Oh querida... Você o ama meu bem. — Fechei meus olhos com força contando mentalmente até dez para que um palavrão não saísse.*

— *Acabei apaixonada por um bêbado com problemas psicológicos e que dê quebra está me deixando louca. — Não que eu seja uma mulher desprovida de problemas mentais."*

Quando eu cheguei no altar improvisado no bar do cassino. Meu coração disparou.

— MAMÃE VAI CASAR COM O PAPAI. — Holly gritou nos fazendo rir.

Eu não ouvia nada do que o juiz de paz falava , fechei meus olhos, quando Gael começou a falar.

— Eu podia ler o que passei a madrugada escrevendo, mas pra que? A maior sorte do mundo foi ter descobrindo o quão foda é o amor. O que muitos chamam de sorte eu chamo de redenção. De segunda chance. Pelas paredes eu vi uma mulher maluca cantar, vestindo camisetas absurdas e me desejar uma morte lenta todos os dias. Eu vi uma mãe maravilhosa me deixar entrar na vida da filha dela. Me fazer pai, me resgatar de um mar de remorso e pesadelos. Eu amei e amo uma mulher que foi contra todas as regras e boas maneiras, com pensamentos e frases absurdas, que fizeram dela única. Foi para essa mulher que eu digo sim, e para você Annie Lavelly que eu prometo fidelidade, amor e segurança enquanto meu coração bater.

— É... É... Para esse homem em minha frente que eu prometo fidelidade, amor e companheirismo, até o último dia da minha vida, até meu último suspiro, eu podia dizer o quão puta eu fiquei por perecer que você era o espírito zombeteiro na parede. Eu podia dizer que a partir de hoje que lustra a prata do castelo é você, você me fez e faz ir do ódio ao amor em segundos, me faz querer te bater e te encher de beijos... É pra esse homem que eu digo sim, é pro papai Gael, é pro meu peludinho que eu digo sim. É para você Gael que meu coração escolheu amar.

Abri meus olhos. E percebi que todos até o juiz de paz tinham lágrimas

nos olhos.

— Eu os declaro marido e mulher pode beijar a noiva!

Quando ele me beijou, eu percebi que os humilhados foram exaltados. Demorou, mas eu tombei a vida ordinária que tirou com a minha cara por tanto tempo.



G A E L

Annie ainda olhava o bar de motoqueiros encantada. A mesa repleta de bebidas e comidas faziam uma Holly muito feliz ela tinha a boquinha toda suja de bolo, balancei Ethan em sua cadeirinha enquanto Annie deitava a cabeça em meu ombro.

Todos riam e conversavam animados, a essa altura meu irmão estava só de calça sem os sapatos sendo carregado por um bando de motoqueiros ao som de Lady Gaga.

César e Hannah cantavam desafinados no karaokê enquanto meu pai disputava uma queda de braço com os motoqueiros de Dominic.

Minha mãe pegou Tata no colo, vi quando Ed e Seel se abraçaram do outro lado do bar, ele piscou para mim e eu sorri.

— Vão se divertir. — Minha mãe piscou. Holly correu em direção a Dom, meu amigo tinha uma cara triste e cansado, ele a pegou e a jogou no ar.

— Tem certeza?

Annie perguntou apreensiva.



— Vão lá e me deem mais netinhos.

ANNIE

Quando entramos na suíte do hotel, minha barriga começou a tremer. Respirei fundo. Depois de uma conversa com Seel e Suse percebi que talvez fosse a hora de sentar-se com força nesse homem e não deixar nada me tirar de cima dele.

Preparada, eu deixei leite o suficiente para Ethan tomar à vontade. Holly agora era uma mocinha linda e não precisava tanto da minha atenção, embora eu ficasse em cima dela feito uma mãe coruja.

— Posso me trocar? — Gael piscou e se jogou na cama colocando as mãos na cabeça.

Depois de quase uma hora no banheiro tomando coragem. De sair vestida assim eu respirei fundo.

Abri a porta devagar, preendi o riso quando percebi que Gael havia cansado de esperar e estava cochilando, com certeza a bebida ajudou no processo.

Andei devagar para que meu salto não fizesse barulho nenhum, peguei as algemas da minha cintura. Subi na cama com o maior cuidado do mundo. Ele suspirou.

Ri, hoje peludinho eu te mostro como se comanda um exército.

— Mas que porra é es... Puta merda mulher! — Me afastei dele e ele puxou os braços com força.

— Se você for um bom soldado talvez eu lhe mantenha de olhos descobertos, fui clara?

— Sim... Sim senhora general.

Ri, animada, indo até o som.

— Porra de bunda gostosa.

— Disse algo soldado?

— Não, senhora.

Me olhei no espelho e sorri, a fantasia era realmente muito linda, não deixava nada a mostra, deixando a imaginação a vontade, a saia e camisa Militar.

Eu não usava nada por baixo, apenas a meia calça cheia de furinhos,

apertei minhas pernas, queria ser fodida apenas com a meia e a gravatinha em meu pescoço, mas antes eu ia enlouquecer esse homem.

Fui até o aparelho de som deixando a playlist do Spotify tocar. Ouvi um gemido e me virei arqueando as sobrancelhas.

— Algum problemas soldado?

— Nen.. Nenhum senhora. — Ele praticamente gemeu.

Deixei a música da Selena Gomes me levar.

Ele me olhava enquanto eu abria cada botão da camiseta, antes mesmo de eu abrir, o último botão eu desisti.

Ele rosnou, fui em sua direção, subindo em cima dele, e abrindo a calça, ele gemeu alto sem eu mal tocar nele.

Ri.

— Vai rindo. — Ele rosnou.

— Disse algo soldado?

Antes que ele soltasse um palavrão, minha boca fez todo o trabalho, ouvia o barulho das algemas serem forçadas, enquanto eu descia e subia a língua.

Esfreguei uma perna na outra e ele gemeu alto. A essa altura, não sabia onde o chapéu da fantasia havia ido parar.

Coloquei a mão sobre sua coxa o engolindo, fazendo ele gemer alto.

— Porra! Me solta mulher maluca.

Gargalhei, quando ele soltou o peso do corpo na cama respirando com força.

Me levantei passando a língua nos lábios. Terminei de tirar a camisa e a saia.

— Gravata, meias e saltos ficam. — Ele rosnou. Obedeci. — Agora me solta.

Fiz o que ele mandou subindo em cima dele. Assim que eu o soltei uma mão foi para minha cintura e a outra para o meio das minhas pernas rasgando a meia calça.

— Ah.

Foi a única coisa que saiu dos meus lábios quando ele entrou com força dentro de mim. Ele mordeu meu seio me fazendo gemer alto.

— Esse soldado é todo seu general!

Apoiei minhas mãos na cabeceira da cama e deixando me levar pelas estocadas fortes dele, ele parecia seguir o ritmo da música.

Ele deu um tapa tão forte em minha bunda que o orgasmo foi imediato, como um gatilho meu corpo todo estremeceu. Rebolei com mais força sentindo nossos orgasmos se misturarem.

Meu corpo desabou suado sobre o dele.

— Senti falta disso. — Ele disse respirando com dificuldade.

— Senti falta do seu pau.

Ele gargalhou e beijou minha testa.

O sol raiou no exato momento que ele disse que me amava. As cores laranjas encheram o céu. Olhei nos olhos do meu peludinho e sorri.

Beijei os lábios dele.

— Eu estou só começando. — Ele me virou, sem quer sair de dentro de mim.



— Nunca duvidei disso.

G A E L

Olhei para o corpo nu de Annie e vesti uma samba canção, fui para o banheiro lavei minha mão e preendi os cabelos.

Hoje tínhamos feito um ano de casados. Antes de sair do quarto, olhei para o pescoço dela todo cheia de chupões, , minhas costas arderam.

Desde que Annie começou a estudar moça rotina era corrida, levar as crianças para a escola, deixá-la na faculdade e correr para a galeria. Eu estava planejando uma nova exposição que seria lançada mês que vem.

Destranquei a porta e fui para o quarto do Ethan, ele resmungou na babá eletrônica há uns dois minutos e como eu não tinha pegado no sono, eu me levantei para verificar. Sorri ao perceber que Holly agora minha mocinha

da casa, estava sentado no chão do quartinho de Ethan segurando sua mãozinha gorda pela grade do berço e ele a olhava atentamente enquanto ela lhe contava uma história que eu conhecia muito bem, mas não sabia o final!

— Era uma vez... Uma princesa que morava muito longe... Longe... aí ela foi morar com o papai Gael... Não. O monstro. E eu fui junto. O monstro fazia mamãe limpar e limpar, tinha que tirar toda a sujeira, o monstro era triste e sozinho, mas ele gostava da mam... Da princesa. Ele tinha um coração grandão... Mas ele magoou muito a princesa e fez ela ir embora, foi o que a mamãe contou. Aí o monstro foi atrás, mas aí ele tirou a fantasia de monstro, e ficou só o papai Gael, ele afastou a bruxa má e cuidou da mamãe, mas a mamãe não queria ele, porque o titio Gu disse que ele só fazia cocô igual ao do catatau, mas aí a mamãe perdoou ele porque a vovó disse que o amor vence tudo, aí ele foi lá e casou com ela, ela vestiu de princesa e ele de príncipe e ela disse sim. Tata? O papai não virou príncipe, porque a mamãe disse que pau que nasce torto morre torto, mas o papai virou um monstrinho bonitinho e com o coração grandão e a mamãe disse que ela nunca ia amar um príncipe porquê um príncipe ia ser bonzinho demais e o papai é o monstro mais lindo do mundo... Ah eles não viraram felizes pra sempre, porque a mamãe ameaçou jogar a panela no papai se ele não levasse o catatau passear, e a mamãe disse que pra sempre é muito tempo e metade do papai é amor e a outra é extressa... Não é ex-tres-san-te.

EPÍLOGO

G A E L

Dez anos depois

Já era a quinta vez aquela só aquela semana que eu estava ali. Estava tudo apagado quando eu bati na porta.

— Sua mulher sabe que você está aqui? — Gargalhei entrando na sala, abrindo minha camisa, eu parecia um cachorro no cio.

— Não e nem vai ficar sabendo. — A mulher sentada com os olhos cansados e com um sorriso no rosto me olhou com amor. — Estou muito doente doutora Mitchell, acho que vou morrer.

— De carência?

— De bolas roxas. — resmunguei, ela afastou a cadeira, entrei entre ela e a mesa, ela encostou a cabeça no meu abdômen.

Ela suspirou cansada, Carson, como o bom cachorro de guarda que é me avisou que ela saiu do plantão e veio direto para a clínica. Saí da galeria, peguei as crianças na escola e deixei com mamãe.

Holly precisa urgentemente parar de crescer, ela e Tata já estavam bem maiores do que eu queria. Prestes a fazer onze anos, tata estava na fase que se considerava o naturalista veterinário, pois o menino era o próprio tatu, vivia arrumando um bicho de rua para levarmos ao veterinário e depois arrumarmos um dono.

Sempre com Catatau arrastando sua caretinha vermelha de tralhas, ele havia ensinado o pulguinto a obedecê-lo. Já Holly com quinze anos, mesmo falando pelos cotovelos é extremamente tímida com desconhecidos e sempre precisa de mim para encorajá-la ou da mãe para um colo de apoio com as questões da adolescência.

Mantê-la afastada dos urubuzinhos que ela chamava de meninos com pau era minha função. Não que Annie precise saber que eu assustei dois semana passada, eu prezo pelo meu pau.

Nós não morávamos mais no apartamento, agora tínhamos uma casa afastada do movimento de NY perto dos meus pais. Sempre íamos a Hereford nas férias, visitar o castelo e passar as férias lá.

Annie ainda se assustava comigo andando pelas paredes ou agarrando ela para foder em um canto escuro.

— Como se você não tivesse me desmontado antes que eu saísse de casa.

— Isso foi a doze horas atrás. Meu pau precisa da menina dele. — Brinquei, ela beijou meu abdômen, esperei ela dar a notícia, embora eu já soubesse por Carson, ela precisava desabafar.

— Eu a perdi, a eclampsia a levou, não conseguiram chegar a tempo no hospital, infelizmente só consegui salvar o bebê. — Ela abraçou minha cintura.

Eu sabia o quão difícil era para ela perder um paciente. Em anos de carreira, ela perdeu apenas um paciente, agora dois, um na emergência no início de sua residência e agora a moça pela qual ela falou com carinho nos últimos meses.

O rapaz havia chegado praticamente moído ao hospital, resistiu até chegar no hospital, mas morreu na sala de triagem.

Ela chorou por dois dias. Mas superamos isso juntos. Não vou dizer, que quase onze anos de casados não brigamos, porque seria mentira.

Mas a foda de reconciliação é a melhor! Sempre brigamos, no caso ela briga comigo por fazer merda. E eu como bom marido que sou peço perdão.

— Você conseguiu, fez o que pode, amor. Que tal irmos para a casa, e você tomar um banho, receber uma massagem e depois um amor gostosinho?

— Massagem e amor gostosinho? — Ela me soltou se levantando. Os anos haviam feito muito bem para ela. As curvas se acentuaram com o tempo, os peitos sempre enormes para a minha felicidade. Ela continuou com o mesmo rostinho de moça nova, enquanto eu apenas deixei a barba crescer e o cabelo também.

Ela pegou a bolsa e as chaves do consultório.

— Aliás, marquei sua vasectomia.

— Minha o que? Tá louca? Não vai cortar o meu pau não, mulher.



— Vai sim, por que essa vai ser a última vez que você vai ser papai querido...

ANNIE

Olhei para o corpo na maca do hospital enquanto, Gustave fazia selfies com o irmão desmaiado na maca.

— Quem te avisou? — Perguntei sabendo que tinha sido Carson, ele sequer me deu atenção e continuou a tirar fotos do irmão.

— Dominic precisa ver isso, cunhadinha. — Em dez anos nada havia mudado. Já fazia meia hora que Gael estava desacordado. Minha clínica ficava praticamente na esquina do hospital. Então só uni o útil ao agradável. Ele só havia tido uma queda de pressão brusca, mas era melhor trazê-lo, foi necessário Carson e mais dois seguranças para conseguirmos trazê-lo ao hospital.

— Papai vai ter um ataque do coração quando descobrir que sua irmã está namorando filho. — Toquei minha barriga, porém mordi a língua ao perceber que Gustave me olhava com uma cara de que ia falar merda.

Gael acordou, devagar. Embora tivesse a saúde de um touro era sensível feito uma flor, nada relacionado a adolescência de Holly envolvendo garotos fazia bem ao sistema cardíaco do meu marido.

— Mas que porra... — Ele se sentou, me levantei e o abracei. Tentando não rir da situação.

— Então quer dizer que você acabou de virar o primeiro sogrão da família irmãozinho? Quero conhecer seu genro ainda hoje! Agiliza aí irmãozinho.

Gael perdeu a cor e desabou na maca fazendo um barulho enorme.

É lá vamos nós de novo.

Em anos juntos eu aprendi que não existe um feliz para sempre e muito menos príncipes encantados.

Apenas um peludinho irritante que testava minha paciência diariamente.

— Que tal abandonamos ele aí? — Empurrei Gustave pra fora do quarto de triagem.

Para sempre era tempo demais e tudo que eu precisava era o agora.

Um homem com uma fantasia de monstinho peludinho que provavelmente ia ter um ataque do coração antes dos sessenta ou rosnar para um adolescente de quinze anos que estava apaixonado por sua filha.

Olhei para ele e ri sozinha.



Nada que uma greve de sexo não resolva e muito amor não resolva!

É o monstro nunca foi monstro, e a princesa bem... Nunca existiu.
Os contos de fadas são apenas as melhores versões de nós mesmo!



A magia está em cada palavra, em cada riso de amor e lágrima de emoção.

Fim?

BÔNUS ESPECIAL

“ FAMÍLIA BUSCAPÉ E AGREGADOS ”

Gael

O dia estava quente como o inferno, minha pressão já tinha baixo umas cinco vezes apenas só de olhar para o maldito sogro da minha filha.

Abençoado seja o estrupício do meu irmão, que teve a brilhante ideia fazer um jogo de basebol, em família, para selar a paz mundial. Eu tive o prazer de enfiar a bola no olho do pai do pequeno ladrão de filhas. O maldito ficou com o olho roxo.

Eu como o bom pai de família que sou, montei o guarda som para minha doce e linda megerinha barriguinha. Meu filho ainda é só um pequeno tolete de bosta, como Annie insiste em chamar nosso bebê.

Nossa menina. Não, ainda não sabemos se é uma princesinha, porém meu sexto sentindo de macho alfa diz que dessa vez, vamos ter mais uma linda princesa na família.

Mas voltando ao meu desafeto que nesse momento essa sorrindo para mim. Eu vou matar esse maldito.

Depois de três rodadas de basebol, acabamos todos suados no quintal do meu irmão, com a tropa de diabinhos correndo para lá e para cá.

— Eu vou quebrar os dentes desse filho da puta. — Cuspi, ajeitando meu boné.

Eu vi o desmilinguido do filho dele, sorrir para minha princesa. Sim, o desnutrido do filho dele está sorrindo para o meu bebê.

Marchei em direção a eles e entrei no meio dos dois.

— Um metro e meio, bactéria. — Resmunguei. — Mantenha as mãos longe da minha filha.

— Papai. — Holly resmungou e me abraçou. — Ele late mais não

morde. — Ela teve a audácia de beijar meu rosto.

— Volto a dizer que é uma honra conhecer o senhor, senhor Mitchell. Meus pais têm três coleções suas e... — Esse moleque não me desce, tem algo errado nesse menino.

— Está bom, está bom garoto. Se mantenha longe da minha filha até que eu considere que você é no mínimo digno de respirar o ar da minha princesa. — Olhei o pivô do inferno do meu futuro gênero e sorri. — Com licença.

Fui em direção a mesa onde o quarteto infernal conversava, minha megerinha estava conversando com a animada Bonnie Maldonado, Solange Sarnov e o diabo mor, Samantha Mitchell barriguda que está quase explodindo.

O capetinha do meu melhor amigo estava deitado no chão lendo alguma coisa.

Me aproximei delas e abracei minhas meninas.

— Boa tarde senhoras. — Beije os lábios de Annie.

— Boa tarde Gael. — Elas responderam em uníssono.

— Pare de assustar o garoto, peludinho. E pelo amor de Deus, pare de encarar o pai do menino, ele vai cair duro. — Eu ri.

— Amo vocês. Ei diablete... — O menino tirou os olhos da revista e me encarou. Fui ao inferno e voltei, o criança catigento, só no olhar desse menino já me gela até o último cabelo que meu rabo não tem, porém o diabinho arteiro é gente fina, um doce de limão, mas é um doce. — Vamos procurar seu pai e seus tios.

Ele me olhou desconfiando e eu mexi a cabeça.

— Vamos.

Ele se levantou, diferente do meu Ethan, o menino é todo estiloso e está na fase dos quadrinhos e jogos de ação.

— Fala, seja o que for tio... — Ele parou na minha frente e me olhou com cara de diablete. — Cem dólares se eu não precisar de material e negociamos o valor caso eu precise fazer algo.

— Oh menino? Você não é normal não. Seu pai, Lilian e Junior estão vindo. — Olhei para atrás e Maldonado estava afagando as costas do filho mais novo. E a filha Lilian de cinco anos estava com uma carinha triste, os pestinhas do Sarnov estavam logo atrás correndo feito dois bois bravos, os gêmeos eram pior que o furacão Catrina.

— Sua mulher pode dar uma olhada no joelho do Junior? Ele praticamente arrancou um bife. Que caras são essas? Calma filho.

— Tio Gael vai me pagar trezentos dólares para explodir o riquinho.

— Oh muleque, eu não disse para você explodir ninguém, diabinho. Não que não seja uma má ideia, mas eu só quero que você de um susto nele.

— Que tal pó de mico? — Dom sugeriu.

— Vocês vão explodir quem? — O russo chegou mordendo uma coxinha de frango.

Pelo menos uma vez por mês, todos nós nos reuníamos na casa de um de nós e o sorteado da vez foi o animal do meu irmão.

Minha amizade com Ivan, Cobra e Vallen se enraizou durante esses anos. Acabou que viramos inseparáveis. O clube dos calcinhas. Vallen e cobra não puderam vir, o filho deles ia participar de um teste para tentar vaga na escolinha de futebol.

— Pai? — O diabinho número um trepou na perna do russo. — Quem vamos explodir?

— Ninguém Apollo, deixa de ser fofoqueiro. — O diabinho dois empurrou o irmão.

— Pai, olha o Adônis. Eu não sou fofoqueiro. — Eu ri. Acabamos sentando-se todos no chão.

— O que eu faço? — Perguntei.

— Deixe-a namorar. — O russo deu de ombros.

— Fale por você, vai chegar sua hora, não se esqueça que Rosita tem a mesma idade de Holly. — Quando eu me dei conta só estava eu e o russo na grama, já que os diabinhos foram atrás de Annie. — E então? — Perguntei assim que Maldonado se jogou no chão.

— Não fale da minha rosa, ela está bem quietinha no acampamento só para meninas.

— Sei acampamento só de meninas... — Debochei.

— A loirona disse que só vai precisar de um antisséptico e um band-aid. Eu vou ficar louco. — Maldonado se jogou no chão.

— Você já é louco, doçura. — Meu irmão se jogou no chão caindo nas minhas pernas.

— Qual é o esquema? Pera? Aquilo ali é o seu filho? — Eu olhei para trás e o filho do Dom estava enchendo o ladrão de filha de espuma.

Onde esse moleque arranhou um extintor de incêndio?

— Puta merda, a Boo vai arrancar meu saco. — Maldonado pulou do chão e todos nós fizemos o mesmo.

O menino caiu no chão tossindo e o filho do Dom olhou para mim e piscou.

— Quinhentas pratas, tio. — O diabinho simplesmente começou a rir.

— Você é um retardado mental, eu não estava pegando fogo seu idiota, era apenas...

— Fumando escondido? — O filho do Dom gargalhou e passou a mão no nariz, embora a cara dos pais dele não fosse das melhores eu podia ver a o orgulho de Dom em seus olhos de bandido redimido. — Se vocês entrarem lá dentro no banheiro vão sentir a catinga, eu fui dar um mijão e senti o cheiro, eu não estou mentindo. Sem contar que ele ainda espirrou perfume.

Esse menino tem mesmo onze anos?

— Você estava fumando Derick? — Holly perguntou com olhar de choro. Na mesma hora voei na direção do mosquito. O pai dele largou a conversa que estava tentando com meu pai e entrou na minha frente. — Você disse que ia ao banheiro.

O menino se levantou e tirou a espuma do rosto.

— Mas eu fui e eu não estava fumando, esse moleque intrometido, sem educação, você esperava o que? Olhe para a cor da mãe dele, essa ma...— Antes que o menino terminasse a sentença o punho de Holly atingiu em cheio

o rosto dele fazendo ele cair no chão com a força do soco que ela deu no rosto dele.

— Filho? Seus animais, olhem o que essa selvagem fez ao meu filho!
— A dondoca da mãe do menino falou histérica, quem convidou esse povo. Que eu não me esqueça de socar a mão na cara de Gustave que teve a brilhante ideia de selar a paz mundial com uma tarde em família. Porra! Annie vai virar essa mulher do avesso.

— Holly...

— Eu quero vocês fora da propriedade do meu cunhado, antes que eu precise me exaltar e eu mesma tenha de indicar a saída. — Holly simplesmente saiu correndo.

— Mete o pau, doido! — Dominic beliscou o filho.

— Leon!

Olhei pra Annie, eu não sabia se ria de alegria ou se chorava de desespero.

— Vá atrás dela. Eu cuido dessa loucura. — Annie me empurrou e eu saí em disparada atrás dela.

Ela estava sentada na grama jogando pedrinhas no lago do meu irmão.

— Eu sou uma tola não é papai? — Me sentei ao lado dela me sentindo um péssimo pai. Ela soluçou.

— Não meu amor, por favor. Você é minha princesa Holly. — Eu a abracei pelos ombros.

— Eu bati nele. — Mordi a língua para não soltar um palavrão em comemoração.

— Bateu. — Confirmei, embora eu tenha certeza que eu e Dominic vamos ter o rabo quente por ter ensinado Holly a socar, em nossa defesa Ivan deu a ideia e eu e Dominc apenas executamos! Orgulhoso do meu pequeno monstrinho, porra eu ensinei bem.

— Ele foi racista com a tia Boo e ofendeu o Leon. — Beije seus cabelos.

— Você não precisa se justificar.

— Eu acho que não gostava dele papai. — Ela admitiu.

— Não? — Como o belo cretino que sou eu sorri.

— Eu nem o beijei. — Eu quase soltei fogos de artifício. — Eu nunca beijei papai, só disse que aceitava namorar com ele para as meninas do colégio largarem do meu pé e disse que beijaria ele hoje, antes dele ir embora.

Meu coração disparou de felicidade, porém eu lembrei do sabão que eu levei da minha mãe ontem por telefone, ela e o velho estavam novamente em lua de mel, eu parei de contar na decima viagem, virou um rito de amor, eles irem todos os anos ao país de Gales.

— Ainda não é a hora querida, quando a hora certa chegar, você vai saber, papai e mamãe vão estar aqui para te apoiar. — E o papai para ameaçar meu futuro desafeto. Abracei ela.

— O que é aquilo? — Holly apontou para entre as árvores, de onde um pequeno barco saiu. Meu filho estava cheio de lama e folhas de árvores. E eu só conseguia ver os olhos de Catatau.

— PAI? — Ethan deu um grito. — Eu achei um ornitorrinco machucado.

Revirei os olhos.

— Ele já soltou a coruja? — Perguntei a Holly, ela afirmou se levantando e entrando na água para ajudar o irmão. Fiz o mesmo e ajudei ela a puxar o barco.

— Onde você arranjou um barco? — Holly riu. — Não acredito que perdi uma aventura assim.

— Moleque você disse que ia dar uma volta, não que ia praticar camuflagem. — Eu ri e ajudei ele a sair do barco. — Camuflagem russa, tio Ivan ensinou.

Peguei o bicho e ele parecia um filhote, tinha uma das pernas quebradas, mas a fratura parecia antiga. Talvez explicasse a magreza do animal e o fato dele estar mole e quase morto.

— Catatau o achou. — Ele afagou o amigo orgulhoso. — Você chorou

Holly?

Ele perguntou e sem que a irmã esperasse ele a abraçou. Ela retribui o abraço sem se importar em ser suja.

— Está tudo bem, Tata.

— Vamos ajudar o bicho, filho.

Voltamos para o meio do vuco-vuco e eu só pude ver a creche correndo para lá e para cá. Minha mulher estava plena sentadinha em sua cadeira acompanhada das deusas da vingança.

Engoli em seco.

Pela cara dela Leon havia dado com as língua nos dentes.

Olhei para o garoto. E ele deu de ombros.

— Ela me ofereceu seiscentas verdinhas, foi mal tio. — O pai do meliante sorriu orgulhoso. — Ei o que é isso? — Cara se juntarmos o meu dinheiro e o seu vamos poder fazer o nosso jogo.

Olhei para Dom e sorri, talvez ali estivesse o começo de uma grande parceria.

— Zoo Motor Club irado. — Meu filho bateu nas mãos de Leon. — Cara podemos criar gráficos e...

— Crianças? — Bonnie os chamou. — Que tal deixar o jogo para mais tarde e ajudarmos esse animalzinho?

Olhei pra Annie.

Ela vai arrancar meu coro.



ANNIE

Olhei para o meu peludinho e revirei os olhos de prazer, depois do dia de hoje, meus pés só queriam a massagem que o ordinário estava fazendo.

Depois de conversar com Holly sobre a questão de garotos, era hora de dar uma lição no meu amado marido peludinho por se deixar ser subornado pela creche.

— Eu sei, eu sei. Eu fui um tremendo filho da puta. Me desculpe amor, mas eu não confiava naquele garoto. — Ele fez um muxoxo todo tristonho. — Holly é meu bebê, amor

Ele fungou?

— Você está chorando peludinho? — Ele parou a massagem, chamei ele com a mão, ele se deitou ao meu lado colocando a cabeça nos meus seios nus.

Não nego, estar pelada e com meu homem todo manhoso fez estragos na minha libido de grávida assanhada.

Passei a mão nos músculos duro. Gael já começava a ficar mais maduro fisicamente e muito mais gostoso que o normal. Seu cabelo abaixo dos ombros é sua marca registrada. Toquei os fios sedosos.

— Você sabe que uma hora isso vai acontecer não é, peludinho? — Perguntei beijando seus cabelos. — Ela já tem quinze anos e quando menos esperamos, ela irá para a faculdade.

— Eu não quero que eles cresçam amor. — Ele tocou minha barriga e beijou meus seios. — Eu vou ficar louco.

Peguei o queixo dele e olhei dentro dos olhos claros, apaixonada. Podiam se passar dias, meses e anos. Será sempre o mesmo olhar. O mesmo sentimento, que me orgulho em dizer que fica cada vez maior.

Do homem que me conquistou e me conquista todos os dias, espalhafatoso, barulhento e amoroso. Que talvez seja mais criança que os próprios filhos, mas que é um herói. Nosso, super-herói. Que tem medo de barata, mas que enfrenta um exército pela família e pelos amigos.

O papai Gael, que ainda brinca de contos de fadas, lê histórias e é o melhor pai do mundo.

— Você já é louco, peludinho. — Os olhos dele brilharam.

— Eu te amo, querida. — Beije os lábios dele. — Mas eu vou acabar

infartando.

Eu ri, beijei seus lábios devagar, com carinho, amor e devoção e uma vontade insana de dar para esse homem maluco.

— Eu serei sua médica particular. — Ele riu de forma sensual, passando a língua nos lábios.

— Você é obstetra querida, não cardiologista. — Gargalhei enfiando a mão dentro da cueca dele. Ele me olhou malicioso e riu rouco abaixando a cabeça e olhando para minhas mãos.

Levei a outra mão ao queixo dele e segurei fazendo ele olhar para os meus olhos.

Antes que eu pudesse abaixar a cueca dele ouve uma batida na porta.

— Papai? Mamãe? Os ovos da pata Gertrudes chocaram! — Holly falou empolgada do outro lado da porta — Vou acordar Tio Guga, tio Ivan e o tio Dom.

— Eu vou chamar o Leon e o resto do clube. — Ouvi eles correrem pelo corredor.

Olhei para Gael.

— Vocês trouxeram a Gertrudes? Clube? Que clube Gabriel. — Olhei para Gael e para o relógio na mesa de cabeceira ao lado da cama.

— São uma da manhã, pelo amor de Deus! — O cavalo do meu marido relinchou. — O clube dos batinhas, oras. — Falou como se fosse a coisa mais normal do mundo nossos filhos e o resto das crianças terem um clube chamado o clube dos batatinhas.

— Anda seu animal, vamos lá ver nossos novos netos. — Vestido o hobby de cobertor peludo e calcei os chinelos abri a porta esperando pelo meu digníssimo marido. — Anda Gabriel, vamos ver a pata.

— E nós? — Apontou para o pau dele, duro feito rocha, passei a língua nos lábios salivando feito uma cadela no cio.

— Quem mandou você trazer a pata Gertrudes?

— Ele me olhou com os olhos brilhantes, amor. — Se justificou colocando a camiseta e o shorts. — Sem contar que ele não queria perder o

nascimento dos patinhos.

Revirei os olhos, ele me abraçou e fomos em direção ao quarto das crianças. Os meninos estavam todos quietinhos olhando os cinco patinhos. Os gêmeos da Sol olhavam os bichinhos com curiosidade, já Leon segurava a lanterna na direção dos dois ovos que ainda não tinham aberto.

— Estão saindo. — Leon falou baixo passando a lanterna para Ethan.
— Olha, ali Tata. Rachou.

— Meu Deus!

— Você está chorando Gustave? — A voz de Sam nos fez olhar para trás.

— Eu estou emotivo querida! — Ele abraçou minha cunhada.

Depois de anos juntos, de viajarem o mundo, conhecerem tudo e fazerem várias loucuras juntos, Gustave e Sam vão ser pais. Olhei para trás e Ivan e Dom estavam encostados um no outro dormindo em pé. Eu ri.

Olhei para os meus sogros e percebi que eu não podia querer mais nada.

Porque tudo que eu precisava estava aqui. Boo piscou para mim e eu pisquei de volta.

Sol ajudou os meninos a colocar os patinhos dentro de uma caixa maior.

Olhei para a enorme tropa, eu comecei meu conto de falhas, desesperada por uma chance para ter meu final feliz. Mas na verdade, nunca foi um conto de falhas, na verdade só foi um conto de fadas, onde fatidicamente eu tive uma bruxa que enfeitiçou meu príncipe que só precisou de uma paulada na cara para quebrar o feitiço.

Meu monstrinho nunca virou um príncipe e eu? Bom! Nunca fui uma princesa, sempre fui e vou continuar sendo a filha de um casal desconhecido apaixonada por livros que escreveu seu próprio conto de fadas.

— Alguém peidou! — Leon reclamou.

— Quem comeu ovo? — Meu pequeno aventureiro perguntou. E me olhou, ri. — Mamãe!

Todos olharam para mim e eu gargalhei.

— Deem um desconto eu estou grávida, emocionada e com desejo por ovo cozidos. — Eu ri, saindo do quarto. No final do corredor havia uma enorme janela, dando vista para o céu estrelado. Sorri quando uma estrela cortou o céu.

Agradecendo seja qual tenha sido o pedido que o peludinho fez na fonte.

— Eu pedi por você, peidoreira. — Ele me abraçou por atrás e riu. — Eu pedi um final feliz e por uma megerinha com desejo por ovos cozidos.

Sorri para céu estrelado. Colocando um ponto final nesse capítulo e virando a página. Deixando as páginas futuras em branco, afinal para sempre é muito tempo.

E nós temos todo o tempo do mundo!

— Amor? Será que sobraram ovos do jantar?



E no fim? A Bela beijou a Fera e bem, a Fera não se tornou um príncipe, só virou o monstrinho peludinho, nosso eterno papai “Gaeu”!